

Diego Moschkovich • Luiz Pimentel  
Bela Moschkovich • Lucas Oliveira

# MUNDO DE EXPLORAÇÕES ARTE

**Categoria 2:** Obras didáticas  
por componente ou especialidade  
**Componente:** Arte

**3**<sup>o</sup>  
ano

Anos Iniciais do  
Ensino Fundamental

**MANUAL DO  
PROFESSOR**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.  
PNLD 2023 - Objeto 1  
Código da coleção:  
**0029 P23 01 02 000 060**

 MODERNA



**MODERNA**

### **Diego Moschkovich**

Mestre em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bacharel em Artes Cênicas pelo Instituto Estatal Russo de Artes Performativas, São Petersburgo, Rússia (revalidado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Bacharelado em Atuação Cênica). Diretor de teatro, tradutor, pesquisador em Artes Cênicas. Professor.

### **Luiz Pimentel**

Mestre em Educação (Área de concentração: Educação – Opção: Filosofia da Educação) pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Bacharel em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Ator, dramaturgo, pesquisador em Artes Cênicas. Professor.

### **Bela Moschkovich**

Bacharela em Letras – Inglês pela Universidade de São Paulo. Especialista em Canção Popular pela Faculdade Santa Marcelina (SP). Cantora, compositora, tradutora e revisora. Professora de Música e canto.

### **Lucas Oliveira**

Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Bacharel em filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bacharel e licenciado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Pesquisador e mediador cultural. Professor.

# **MUNDO** DE **EXPLORAÇÕES** **ARTE**

## **3**<sup>o</sup> ano

**Anos Iniciais do Ensino Fundamental**

**Categoria 2: Obras didáticas por componente ou especialidade**

**Componente: Arte**

# **MANUAL DO PROFESSOR**

1ª edição

São Paulo, 2021

**Coordenação geral de produção:** Maria do Carmo Fernandes Branco

**Edição de texto:** Cristiane Schlecht

**Assistência editorial:** Raphael Henrique de Souza Freitas

**Assessoria pedagógica:** Regina Averoldi

**Gerência de design e produção gráfica:** Everson de Paula

**Coordenação de produção:** Patrícia Costa

**Gerência de planejamento editorial:** Maria de Lourdes Rodrigues

**Coordenação de design e projetos visuais:** Marta Cerqueira Leite

**Projeto gráfico:** Megalo/Narjara Lara

**Capa:** Daniela Cunha

*Ilustração:* Marcos de Mello

**Coordenação de arte:** Aderson Assis Oliveira

**Edição de arte:** Felipe Borba

**Editoração eletrônica:** Narjara Lara

**Edição de infografia:** Giselle Hirata, Priscilla Boffo

**Coordenação de revisão:** Camila Christi Gazzani

**Revisão:** Ana Marson, Elza Doring, Lilian Xavier, Miriam Santos, Sirlene Prignolato

**Coordenação de pesquisa iconográfica:** Sônia Oddi

**Pesquisa iconográfica:** Angelita Cardoso, Vanessa Trindade

**Suporte administrativo editorial:** Flávia Bosqueiro

**Coordenação de bureau:** Rubens M. Rodrigues

**Tratamento de imagens:** Ademir Francisco Baptista, Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro, Vânia Aparecida M. de Oliveira

**Pré-impressão:** Alexandre Petreca, Andréa Medeiros da Silva, Everton L. de Oliveira, Fabio Roldan, Marcio H. Kamoto, Ricardo Rodrigues, Vitória Sousa

**Coordenação de produção industrial:** Wendell Monteiro

**Impressão e acabamento:**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Mundo de explorações arte : manual do professor / Diego Moschkovich ... [et al.]. -- 1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2021.

Outros autores: Luiz Pimentel, Bela Moschkovich, Lucas Oliveira

3º ano : ensino fundamental : anos iniciais  
Categoria 2: Obras didáticas por componente ou especialidade

Componente: Arte  
ISBN 978-65-57797-36-5

1. Arte (Ensino fundamental) I. Moschkovich, Diego. II. Pimentel, Luiz. III. Moschkovich, Bela. IV. Oliveira, Lucas.

21-66964

CDD-372.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

**EDITORA MODERNA LTDA.**

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Vendas e Atendimento: Tel. (0\_\_11) 2602-5510

Fax (0\_\_11) 2790-1501

www.moderna.com.br

2021

Impresso no Brasil

# SUMÁRIO

Carta ao professor .....	MP004
<b>SEÇÃO INTRODUTÓRIA.....</b>	<b>MP005</b>
<b>I. A ARTE NA ÁREA DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS.....</b>	<b>MP005</b>
O ensino e a aprendizagem da Arte.....	MP005
O ensino de Arte na Educação Básica: um breve histórico .....	MP005
<b>II. ORGANIZAÇÃO DA OBRA DIDÁTICA .....</b>	<b>MP006</b>
Organização dos Livros do Estudante .....	MP007
Índice de conteúdos e sugestão de planejamento para uso do Volume 3.....	MP008
<b>III. REFERENCIAIS NORMATIVOS .....</b>	<b>MP012</b>
Documentos orientadores.....	MP012
<b>Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular.....</b>	<b>MP013</b>
<b>Competências Específicas e Habilidades</b>	
<b>de Arte para o Ensino Fundamental.....</b>	<b>MP013</b>
Aprendizagem e avaliação formativa .....	MP016
<i>Avaliação diagnóstica.....</i>	MP017
<i>Avaliações durante o processo.....</i>	MP017
<i>Avaliação somativa ou de resultado .....</i>	MP018
<i>Sugestões de instrumentos de registro das aprendizagens dos estudantes.....</i>	MP018
<b>IV. PRÁTICAS EM ARTE .....</b>	<b>MP018</b>
Pesquisar em diferentes fontes.....	MP019
Promover exposições .....	MP019
Realizar visitas culturais.....	MP019
Promover encontros com artistas .....	MP019
Entrevistar .....	MP019
Realizar rodas de conversa.....	MP020
<b>V. ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO, DO TEMPO E DOS MATERIAIS .....</b>	<b>MP020</b>
O espaço .....	MP020
O tempo .....	MP020
Os materiais: disponibilidade e cuidados .....	MP020
<b>VI. O TRABALHO COM SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS.....</b>	<b>MP021</b>
<b>VII. TECNOLOGIAS DIGITAIS, APRENDIZAGEM E ARTE .....</b>	<b>MP021</b>
<b>VIII. A FAMÍLIA E A APRENDIZAGEM ESCOLAR .....</b>	<b>MP021</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS .....</b>	<b>MP022</b>
<b>SEÇÃO DE REFERÊNCIA DO LIVRO DO ESTUDANTE .....</b>	<b>MP024</b>

## Prezada professora, prezado professor,

Esta coleção se destina ao ensino de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A Arte é componente curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias, e o foco dos estudos artísticos no Ensino Fundamental está centrado nas linguagens: Música, Teatro, Dança, e Artes Visuais. Dada a complexidade dos saberes e fazeres artísticos geralmente presentes em conexões interlinguagens, um dos objetivos do componente curricular Arte é convidar os estudantes a compreender a criação artística com base na integração entre as linguagens da arte. Assim, dado que a Arte é um conjunto de linguagens e, portanto, um sistema simbólico de representação, nossa intenção é oferecer subsídios de apoio didático que vão além do conhecimento específico, contribuindo também com as demais áreas do conhecimento para o desenvolvimento e a consolidação das competências gerais propostas na Base Nacional Comum Curricular e dos diferentes eixos do Plano Nacional de Alfabetização pelos estudantes, bem como de seu potencial criativo, empático e comunicativo.

É nosso desejo que este material, teoricamente fundamentado, corresponda às suas necessidades e práticas e atenda às demandas educacionais dos estudantes e familiares das diferentes regiões brasileiras. Por isso, a coleção dá especial atenção à diversidade de artistas, obras e proposições artísticas, buscando apresentar ao estudante modos de criar e de pensar a arte em diferentes contextos sociais e geográficos. Além disso, destaca exemplos de artistas contemporâneos brasileiros de modo a, sempre que possível, aproximar do cotidiano do estudante os temas desenvolvidos.

Elaborada por professores especialistas nas linguagens artísticas, a coleção oferece possibilidades de organização de percursos formativos que podem ser adaptados, repensados, reorganizados com base em sua experiência e realidade.

O trabalho nos anos iniciais requer um professor com competências polivalentes que abrangem desde cuidados básicos educacionais, como acolher e cuidar, a conhecimentos específicos das diferentes linguagens da Arte. A coleção pretende contribuir para o aperfeiçoamento dessas competências oferecendo propostas para o preparo das aulas, o estabelecimento de rotinas e a seleção de estratégias e atividades, considerando, sempre, sua participação em um projeto educacional em construção.

Os autores

# SEÇÃO INTRODUTÓRIA

## I. A ARTE NA ÁREA DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

*Ao ingressar no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, os alunos vivenciam a transição de uma orientação curricular estruturada por campos de experiências da Educação Infantil, em que as interações, os jogos e as brincadeiras norteiam o processo de aprendizagem e desenvolvimento, para uma organização curricular estruturada por áreas de conhecimento e componentes curriculares.*

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. p. 199.

No Ensino Fundamental, anos iniciais, assim como em toda a Educação Básica, a Arte é componente curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias e está centrada nas linguagens Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, também articuladas em Artes Integradas. Cada linguagem artística mantém suas especificidades e, ao mesmo tempo, se articula com as demais.

Nesta coleção, cada uma das unidades que compõem os volumes do Livro do Estudante reúne objetos de conhecimento – aqui entendidos como conteúdos, conceitos e processos – e habilidades das respectivas linguagens, mantendo a articulação entre elas.

### O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA ARTE

Os princípios didáticos que caracterizam a abordagem dos objetos de conhecimento e o encaminhamento metodológico adotado se concretizam na estrutura e na organização de cada volume, com seus temas, tópicos de conteúdo e seções. Há ênfase na proposta de abordagem interativa pelos estudantes, por meio de práticas, com a intenção de favorecer o papel ativo deles, de forma que possam coordenar, assimilar e reconstruir o conhecimento, valorizando e exercitando seu poder de pensar.

Dessa forma, considerando o estudante o centro da aprendizagem e as diversas formas de expressão, o processo de ensino e aprendizagem da educação artística está baseado em três eixos interligados – produção, apreciação e contextualização/reflexão –, conforme a proposição artístico-pedagógica da abordagem triangular, idealizada pela pesquisadora Ana Mae Barbosa:

- a **produção** artística – diz respeito ao próprio ato de criar, construir, produzir. São momentos em que o estudante desenha, pinta, esculpe, modela, recorta, cola, canta, toca um instrumento, compõe, atua, dança, representa, constrói personagens, enfim, simboliza. Envolve técnicas e procedimentos de cada linguagem artística;
- a **apreciação** estética – é o momento da fruição, do ato de perceber, ler, analisar, interpretar, criticar, refletir sobre

um texto sonoro, pictórico, visual, corporal, decodificando seus elementos, apreciando uma obra. Envolve a intuição, a imaginação, os sentimentos;

- a **contextualização/reflexão** sobre a arte – é o momento de pensar a arte como objeto de conhecimento, a contextualização da obra de arte, o panorama social, político, histórico e cultural em que se insere sua produção e como esse momento se reflete nela.

Em que pese essa divisão teórica em eixos, não deve haver uma ordem rígida ou uma priorização desses momentos, que podem ser integrados e concomitantes.

Ao cuidar dos aspectos metodológicos e didáticos, especial atenção foi dada às características, potencialidades e necessidades educacionais da faixa etária em que se encontram os estudantes. Nos dois primeiros anos, além dos conhecimentos pertinentes ao componente Arte, estão apresentados elementos para estimular a linguagem oral, a escrita e a leitura, de forma a contribuir para a apropriação progressiva do sistema alfabético pelos estudantes.

### O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM BREVE HISTÓRICO

Os debates e as iniciativas sobre a inserção das linguagens artísticas na Educação Básica nacional passaram a se intensificar em meados da década de 1940. Até então, no âmbito escolar, as linguagens artísticas eram geralmente mobilizadas mediante a realização de eventos comunitários e das comemorações de festividades e efemérides, com ênfase nas linguagens das artes visuais e da música, sendo a dança e o teatro, bem como as artes integradas, negligenciadas.

Com o surgimento do movimento escolanovista, as linguagens artísticas passam a ser consideradas e valorizadas em seu protagonismo nos processos pedagógicos. As Escolas de Arte que se difundiram pelo país desde o fim da década de 1940 possibilitaram o desenvolvimento de inter-relações entre arte e educação, mesmo que de maneira informal ou extracurricular.

A pesquisadora e arte-educadora Ana Mae Barbosa (2014; 2012) compreende essa etapa moderna da inter-relação entre arte e educação como um momento em que predominaram práticas que tinham como objetivo incentivar a livre expressão dos estudantes, bem como sua exploração subjetiva e sensível.

Com a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação número 4024, no ano de 1961, inaugurou-se o período em que a prática artística na escola básica passava a ser incentivada pelo Estado. Uma década depois, em 1971, a implantação do ensino de Educação Artística no ensino básico criou uma demanda inédita de profissionais licenciados

nas linguagens artísticas, o que gerou impactos visíveis, com a proliferação de cursos de licenciatura em Arte no país. No entanto, a entrada do componente curricular Arte no contexto escolar geraria uma série de debates tanto a respeito de seus fins nos processos pedagógicos como em relação à formação dos professores aptos a lecionar a disciplina:

O que se assistiu, portanto, foi à improvisação de professores, de enfoques pedagógicos, técnicas e materiais didáticos, sem que o conhecimento inerente às linguagens da arte pudesse contribuir para a construção da cidadania através de uma educação de qualidade. Contudo, em decorrência da obrigatoriedade desse componente curricular na escola formal apresentou-se o problema da formação docente, originando um modelo híbrido de currículo para a licenciatura em educação artística, em dois níveis progressivos: a parte comum, de caráter generalista, estabelecida em termos da licenciatura curta, voltada para o ensino de 1º grau; a parte diversificada, complementar à primeira, possibilitava a formação plena, no esquema de habilitações opcionais em Música, Artes Plásticas, Desenho ou Artes Cênicas, e visava ao ensino de 1º e 2º graus [...]. A ênfase na formação de professores de educação artística colaborou decisivamente para a expansão do ensino das artes em nível superior e ocasionou a emergência da pesquisa acadêmica num campo até então inexplorado. Assim, se em 1970 não existiam mais de trinta cursos superiores nas diversas áreas artísticas – quase todos em âmbito de bacharelado, sendo a maioria de artes plásticas – hoje, há cerca de três centenas, em várias regiões brasileiras, incluindo moda, decoração, cinema e *design*, além de música, artes visuais, dança e teatro, sendo metade deles voltados para a formação de professores.

(KOUDELA; SANTANA, 2013, p. 450).

Apesar dos problemas, no momento em que há a inserção de aulas de Arte no ensino básico, observamos uma intensa produção de estudos, pesquisas, debates, análises e reorientações da presença da arte na escola. Somadas ao acúmulo de experiências dos professores – muitos deles desenvolvendo pesquisas paralelas em instituições universitárias – não somente consolidaram a presença da arte no espaço escolar, como também transformaram qualitativamente as estratégias de ensino. Uma das transformações históricas mais positivas desse cenário foi a demanda de formação de um profissional que não se identificasse com a polivalência, mas com a especialização em alguma linguagem, de modo a garantir um processo de estudo aprofundado na autonomia e singularidade das linguagens artísticas. Isso não quer dizer que um professor especializado em teatro não possa planejar e conduzir aulas com base em outras linguagens. Ao contrário, como vimos ao longo dos últimos anos, fica cada vez mais evidente a crescente necessidade do estabelecimento de diálogos entre as linguagens e disciplinas na Educação Básica. Assim, a crítica à polivalência incide mais como recusa a um conhecimento superficial de cada uma das

linguagens artísticas do que como interdição ao trabalho orientado para a integração entre as linguagens.

Nos anos 1980, o movimento Arte/Educação ganha destaque em relação à valorização do professor de arte, bem como ao aprimoramento e à difusão de metodologias que pudessem orientar o trabalho baseado no currículo de arte. Também nesses anos, emerge a “abordagem triangular”, formalizada pela pesquisadora e arte-educadora Ana Mae Barbosa. Fundamentada na tríade composta dos verbos “ler”, “fazer” e “contextualizar”, essa proposição pedagógica tem como objetivo convidar o professor a instaurar processos criativos em sala de aula com base na autonomia do estudo da arte, sem necessariamente submeter as linguagens artísticas a outros fins pedagógicos. O impacto da metodologia criada por Barbosa foi tal que a abordagem triangular foi incorporada à concepção pedagógica do componente Arte, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), publicados em 1997.

É importante destacar que a formulação da abordagem triangular se deu em diálogo com arrojadas e revolucionárias teorias e práticas educacionais que ocorriam ao redor do mundo. Assim, Barbosa valeu-se principalmente dos estudos críticos e de vertentes teóricas dos Estados Unidos e da Inglaterra, que valorizavam o estudo de história da arte, estética e filosofia, bem como a aprendizagem do patrimônio cultural e, por fim, experiências de educação revolucionária e comunitária mexicanas que aproximavam o aprendizado artístico de tradições, culturas populares e comunitárias.

Como vemos, atualmente, o aspecto espontaneísta presente nas proposições pedagógicas de ensino de arte das décadas de 1960 e 1970 cedeu lugar às práticas de investigação, contextualização, fruição e produção a partir das linguagens artísticas, por meio de procedimentos de criação.

Além disso, outra grande transformação no ensino de arte na escola foi a mudança de ênfase: já não se tem como objetivo instaurar processos de criação tendo em vista um produto final a ser apresentado, mas o próprio processo de criação e aprendizado passa a ser o espaço privilegiado. Tal mudança de posição em relação às funções do ensino de arte serve para destacar uma série de elementos e competências do aprendizado individual e coletivo em prol do uso meramente produtivo das linguagens artísticas.

## II. ORGANIZAÇÃO DA OBRA DIDÁTICA

Esta coleção integra uma obra didática de Arte para os cinco anos iniciais do Ensino Fundamental, composta dos seguintes recursos (um para cada ano):

*Livro do Estudante – Impresso*

*Livro do Estudante – Digital*

*Manual do Professor – Impresso*

*Manual do Professor – Digital*

## ORGANIZAÇÃO DOS LIVROS DO ESTUDANTE

Os Livros do Estudante estão organizados em quatro unidades. Cada unidade aborda preferencialmente uma das linguagens artísticas – Música, Artes Visuais, Teatro e Dança –, além de trabalhar as Artes Integradas, em seção específica.

A elaboração de cada um dos cinco volumes que compõem a coleção desenvolveu-se em torno de eixos temáticos e de questões disparadoras, ambos com a função de oferecer convergência e unidade no tratamento dos objetos de conhecimento em cada livro.

### VOLUME 1 – Tema: **BRINCAR É APRENDER**

**Questões disparadoras:** *Como posso identificar a presença da arte e das quatro principais linguagens artísticas na minha vida e em meu cotidiano? Como, por meio das brincadeiras e do brincar, posso conhecer e produzir arte?*

### VOLUME 2 – Tema: **A ARTE É NOSSA**

**Questões disparadoras:** *Como, por meio da arte, eu posso conhecer a mim mesmo e aos outros, de modo a criar formas para representar as pessoas e o mundo ao meu redor (amigos, família, comunidade, escola)?*

### VOLUME 3 – Tema: **A ARTE É UMA FESTA**

**Questões disparadoras:** *O que é festa? Como a arte está presente nas festas populares e tradicionais? Como as linguagens artísticas se encontram integradas nas festividades e em outras produções culturais?*

### VOLUME 4 – Tema: **A ARTE CONTA HISTÓRIAS**

**Questões disparadoras:** *O que é uma história? Quem pode contar e registrar suas histórias por meio da arte?*

### VOLUME 5 – Tema: **O MUNDO INTEIRO FAZ ARTE**

**Questões disparadoras:** *Onde está a arte no mundo? Existe um mundo da arte? Como a arte dialoga com e transforma a sociedade? Como a arte é transformada pela tecnologia?*

Com a intenção de garantir a dinamicidade e a efetividade do processo de ensino e aprendizagem, cada Unidade está organizada em dois capítulos, divididos em seções com características e funções específicas, como segue:

- **AQUECIMENTO** – seção presente no início de cada volume. Traz questões de múltipla escolha e/ou resposta aberta cujas resoluções possibilitam ao professor a realização de uma **avaliação diagnóstica**. A finalidade é identificar níveis de aprendizagem, conhecimentos anteriores e lacunas de aprendizagem dos estudantes que permitam ao professor validar intervenções de seu plano de trabalho, ajustar sua atuação e levar os estudantes a avançar nos estudos, no ano que inicia.

- **ABERTURA DE UNIDADE** – sempre em página dupla, apresenta os assuntos a serem abordados nos capítulos. Por meio de imagem atrativa, cuidadosamente selecionada quanto aos elementos artísticos, tem a função de problematizar e despertar o interesse em relação aos estudos a serem realizados. Os elementos da imagem são explorados por meio de questões que também estimulam a exposição dos conhecimentos prévios, favorecendo o reconhecimento ou diagnóstico da bagagem do estudante.

- **CAPÍTULO** – apresentando artistas, obras, temas, técnicas e práticas, trabalha os principais conceitos e habilidades de forma arrojada, lúdica e criativa. Cada capítulo aborda um dos aspectos da problematização inicial. Inicia com uma leitura de imagem e organiza-se nas seções didáticas listadas a seguir.

- **O QUE É ESSA IMAGEM?** – seção presente no capítulo sempre que há necessidade de leitura de imagem. Acompanhada de questionamentos, tem como objetivo desenvolver a compreensão de texto e a oralidade. Também é oportunidade para avaliar os conhecimentos e as experiências que os estudantes trazem sobre o tema a ser estudado.

- **ZAZ** – propõe atividades curtas, simples e lúdicas com a intenção de motivar o estudante e aproximá-lo das práticas específicas das diferentes linguagens artísticas.

- **ZUM!** – seção dedicada ao enfoque de artistas, obras ou movimentos artísticos, tem o objetivo de ampliar o repertório do estudante.

- **A ARTE FAZ PENSAR** – apresenta situações, no contexto da arte, vinculadas a aspectos culturais – políticos, sociais, econômicos –, que levem ao debate e à reflexão.

- **TÉCNICAS DA ARTE** – traz propostas de oficinas para exercitar conceitos e técnicas específicos das linguagens artísticas. Sua função é levar o estudante a vivenciar e aprofundar conhecimentos pertinentes às linguagens artísticas em estudo.

- **PESQUISA EM ARTE** – a partir do Volume 3 da coleção, a seção parte do material proposto e experimentado no capítulo para apresentar ao estudante diferentes práticas de pesquisa em arte, sempre observando o processo de preparação, pesquisa e apresentação de resultados.

- **EXPERIMENTE EM CASA** – propõe ao estudante que estenda as reflexões oriundas da seção **A arte faz pensar** para o espaço de sua casa, ao realizar atividades de reflexão e escrita com seus familiares. Além disso, a seção busca desenvolver habilidades relacionadas à leitura, como o reconto e a leitura em voz alta.

- **VAMOS EXPERIMENTAR** – propõe práticas específicas de cada linguagem, com a finalidade de mobilizar conhecimentos elaborados com os estudos do capítulo.

- **DICAS** – sugere a ampliação e o aprofundamento de referências por meio de sugestão de *links* ou indicações bibliográficas comentadas.

Finalizam cada Unidade as seções:

- **ARTES INTEGRADAS** – explora as relações entre as diferentes linguagens e práticas abordadas na Unidade, incluindo especialmente o uso de tecnologias e a articulação com as habilidades de Artes Integradas, como dispõe a BNCC.
- **PROCESSO DE CRIAÇÃO** – sempre depois da seção **Artes Integradas** e imediatamente antes de **Criar e Refletir** a seção propõe a criação individual ou coletiva com base na relação entre as linguagens artísticas, com o objetivo de propiciar ao estudante uma compreensão prática da integração entre as linguagens artísticas, bem como da complexidade presente nessa relação.
- **CRIAR E REFLETIR** – em um processo dialógico, propõe a aglutinação dos temas dos dois capítulos e a avaliação dos estudos realizados na Unidade. O professor terá a oportunidade de avaliar o desempenho dos estudantes e, por meio de uma conversa coletiva, estes poderão explicitar seus conhecimentos de forma que uns ajudem os outros. Ao mesmo tempo que o estudante faz a autoavaliação, o grupo revê e consolida suas aprendizagens.

E, finalizando o volume, encontra-se a seção:

- **O QUE EU APRENDI** – presente no final de cada volume, esse conjunto de atividades de **avaliação final**, ou de re-

**sultado**, presta-se à sistematização das aprendizagens realizadas em relação aos objetos de conhecimento, ao longo do ano, por meio de questões de múltipla escolha ou abertas. A ideia é que o professor, ao final do percurso com o volume, possa identificar o aproveitamento das diferentes habilidades pela turma, identificando lacunas e reorientando o planejamento acerca do trabalho realizado. No Manual do Professor, há sugestões de revisão, caso o professor observe que o estudante não desenvolveu as habilidades necessárias.

## ÍNDICE DE CONTEÚDOS E SUGESTÃO DE PLANEJAMENTO PARA USO DO VOLUME 3

O quadro de conteúdos a seguir oferece uma visão geral de conteúdos do Livro do Estudante destinado ao 3º ano, a serem desenvolvidos ao longo do ano letivo. Traz, também, uma sugestão de planejamento semanal para uso do volume.

À esquerda estão as seções da obra, citadas anteriormente; ao centro, os objetos de conhecimento; e à direita, as páginas do Livro do Estudante em que as seções se encontram.

### 1º BIMESTRE

UNIDADE 1 – SOLTA O SOM!			
SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
1ª	AQUECIMENTO	Avaliação de entrada – atividades para avaliação diagnóstica dos níveis de aprendizagem dos estudantes nas linguagens artísticas Teatro, Artes Visuais, Música e Dança.	8-11
	ABERTURA DE UNIDADE	Leitura de imagem, atividade oral e leitura de texto: fotografia de apresentação da orquestra de frevo Arruando, no marco zero de Recife (PE).	12-13
CAPÍTULO 1 – O SOM DE QUE A GENTE GOSTA			
2ª	O QUE É ESSA IMAGEM? (abertura de capítulo)	Leitura de imagens e atividades escritas sobre fotografias de pessoas interpretando diferentes gêneros musicais: <i>rock</i> , <i>sertanejo</i> , <i>rap</i> , <i>samba</i> . Leitura de texto sobre gênero musical como parte da expressão da identidade pessoal e cultural. <b>Experimente em casa</b> Entrevista com adultos conhecidos ou familiares sobre preferências relacionadas a gêneros musicais.	14-15
	O QUE É ESSA IMAGEM?	Leitura de imagem, atividade escrita sobre pintura de Carybé: <i>Roda de samba</i> . Serigrafia. Leitura de texto sobre as origens dos gêneros musicais: o samba, de origem africana, como símbolo da identidade da comunidade de negros no Brasil.	16-17
	ZAZ	<b>O ziriguidum do samba</b> Leitura de texto sobre pulso e ritmo no samba. Atividades de escuta, percepção e marcação do pulso e do ritmo de um samba com palmas, batida de pés ou tambores e com a voz.	17
3ª	TÉCNICAS DA ARTE	<b>Escrevendo o pulso</b> Leitura de texto sobre a divisão dos tempos do pulso em compassos e elementos da escrita musical: barras de compasso, figuras de som. Escuta de áudios com compassos quaternário, ternário e binário. <b>Fórmula de compasso</b> Símbolo da fórmula de compasso. Escuta de áudio para identificação e registro da fórmula de compasso. Escuta de áudio para percepção do pulso e da intensidade dos sons e o símbolo utilizado nos registros. Atividades de notação musical: fórmula de compassos, pulso e uso do símbolo na marcação da intensidade.	18-19

UNIDADE 1 – SOLTA O SOM!			
SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
4 <sup>a</sup>	A ARTE FAZ PENSAR	<b>O som de cada um</b> Apresentação do livro <i>O som de cada um</i> , que traz a história de um <i>show</i> de talentos em que dois alunos se apresentam com composições musicais de gêneros diferentes – <i>rap</i> e música sertaneja. Atividade escrita sobre preferências musicais a partir da leitura das letras – <i>rap</i> e música sertaneja. Roda de conversa sobre preferências pessoais de gêneros musicais.	20-21
	VAMOS EXPERIMENTAR	<b>Da marchinha ao coco</b> Leitura de texto e imagem: estudo de dois ritmos brasileiros – marchinha e coco. Imagem: Dança do coco, em Pirapora do Bom Jesus (SP). <b>Experimente dançando!</b> Atividades coletivas de escuta e dança, para percepção e marcação do ritmo e dos acentos da marchinha e do coco. Atividade de escrita para apreciação das danças realizadas.	22-23
<b>CAPÍTULO 2 - MÚSICA, MEMÓRIA E TRADIÇÃO</b>			
5 <sup>a</sup>	O QUE É ESSA IMAGEM? (abertura de capítulo)	Leitura de imagem, atividade oral: afresco da tumba de Nebamun mostrando um banquete (1370 a.C., pintura em gesso) – a presença da música e da dança nas diversas atividades humanas. Leitura de texto e escuta de músicas tradicionais de regiões do Brasil: região Norte – carimbó; regiões Sudeste e Centro-Oeste – catira ou cateretê.	24-25
	O QUE É ESSA IMAGEM?	<b>Os cânticos guaranis</b> Leitura de texto e imagens, atividade oral, escuta de áudios relativos à cultura musical do povo guarani: cânticos, instrumentos musicais e danças.	26-27
6 <sup>a</sup>	ZAZ	<b>Música para três momentos do dia</b> Criação e apresentação de música relacionada a atividades cotidianas, a partir de escuta de áudio com base musical.	27-28
	ZUM!	<b>Movimento mangubeat</b> Leitura de textos e imagens sobre o movimento <b>mangubeat</b> e artistas relacionados a seu surgimento: Chico Science (1966-1997), Fred Zero Quatro (1965-) e Renato L (1963-).	29
7 <sup>a</sup>	VAMOS EXPERIMENTAR	<b>O baque virado do maracatu</b> Escuta de áudios com músicas de origem africana e indígena: maracatu de baque virado e maracatu de baque solto. Escuta do baque virado do maracatu e reprodução dos seus toques com instrumentos ou uso do corpo. Atividade escrita sobre a apreciação do samba, das marchinhas, do coco e do maracatu, e sobre a relação dos gêneros musicais com a identidade cultural de um povo.	30-31
	ARTES INTEGRADAS	<b>Um baile de tradições</b> Leitura de texto e escuta de áudios sobre músicas e danças tradicionais das regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul: região Nordeste – baião; região Centro-Oeste – siriri; região Sul – fandango.	32-33
8 <sup>a</sup>	PROCESSO DE CRIAÇÃO	<b>Organizando o baile</b> Organização de baile pelos estudantes divididos em grupos, cada grupo encarregado de dança típica de uma região brasileira. Realização do baile com convite para a participação de amigos e familiares.	34
	CRIAR E REFLETIR	Roda de conversa e atividade escrita sobre as experiências e aprendizagens realizadas com os estudos da unidade.	35

## 2º BIMESTRE

UNIDADE 2 – DANÇAR É UMA FESTA			
SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
9 <sup>a</sup>	ABERTURA DE UNIDADE	Leitura de texto e leitura de imagem, atividade oral: festa tradicional regional junina e apresentação da quadrilha junina Rabo de Palha (PA).	36-37
	<b>CAPÍTULO 3 - DANÇA E ANCESTRALIDADE</b>		
	O QUE É ESSA IMAGEM? (abertura de capítulo)	Leitura de imagem, atividade oral: ritual em festa tradicional indígena do Quarup, em Gaúcha do Norte (MT). Leitura de texto sobre festas comemorativas indígenas com destaque para as realizadas pelos povos do Xingu (Centro-Oeste do Brasil). Leitura de mapa do Brasil para a localização dos povos indígenas nos estados do território brasileiro.	38-40
	O QUE É ESSA IMAGEM?	<b>Tradição quilombola – a umbigada</b> Leitura de imagem, atividade oral: a dança da umbigada (Batuque de umbigada). Leitura de texto sobre a origem da umbigada, dança de tradição quilombola.	41-42

UNIDADE 2 – DANÇAR É UMA FESTA			
SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
9 <sup>a</sup>	ZAZ	<b>1, 2, 3, umbigada!</b> Dança da umbigada a ser realizada pelos alunos ao som de batuque. Inicialmente organizados em fileiras, depois coletivamente. Roda de conversa sobre os movimentos realizados durante a dança.	42
10 <sup>a</sup>	ZUM!	<b>Inaicyra Falcão</b> Leitura de texto sobre a dançarina, cantora, coreógrafa e professora brasileira Inaicyra Falcão, com destaque para suas descobertas relativas à influência dos gestos cotidianos na dança brasileira. Atividade escrita e oral sobre gestos cotidianos dos alunos.	43
	ZAZ	<b>A dança dos gestos cotidianos</b> Transformação de gestos do cotidiano em movimentos de dança, ao som de música.	
11 <sup>a</sup>	<b>A ARTE FAZ PENSAR</b> <b>O QUE É ESSA IMAGEM?</b>	<b>Histórias de festas e danças</b> Comentário sobre o filme de animação <i>Viva – A vida é uma festa</i> e leitura de cena do filme, de 2017, por meio de atividade oral. Leitura de texto sobre o tema do filme: os desafios de um menino para se tornar músico e suas aventuras no Dia dos Mortos, festa mexicana em homenagem aos mortos. <b>Experimente em casa</b> Pesquisa, a ser realizada com a participação da família, sobre festas populares em diferentes países do mundo.	44-46
12 <sup>a</sup>	VAMOS EXPERIMENTAR	<b>Dançar o jongo</b> Dança do jongo, expressão de origem africana, a ser realizada após assistir a vídeo demonstrativo. Dança realizada com os alunos em roda e com revezamento de duplas no centro, para umbigadas. Roda de conversa sobre a realização da dança.	47
<b>CAPÍTULO 4 - DANÇAR HISTÓRIAS</b>			
13 <sup>a</sup>	<b>O QUE É ESSA IMAGEM?</b> <b>(abertura de capítulo)</b>	Leitura de imagem, atividade oral: festa do Bumba Meu Boi em São Luís (MA). Leitura de texto sobre a história da festa popular Bumba Meu Boi, ou Boi-Bumbá, cuja realização envolve dança, música e teatro. A história, os personagens e o enredo envolvido.	48-49
	<b>O QUE É ESSA IMAGEM?</b>	<b>Boi-Bumbá ou Bumba Meu Boi?</b> Comparação de fotografias de festas do Boi-Bumbá com apresentações do Boi Garantido e do Boi Caprichoso, em Parintins (AM). Atividade escrita. Leitura de texto sobre a festa do boi e a competição entre os dois Bois-Bumbás: Boi Garantido e Boi Caprichoso.	50-51
	ZAZ	<b>O auto do Boi-Bumbá</b> Montagem de mural com cartazes com a história do Boi-Bumbá confeccionados pelos alunos em grupos. Atividade oral para avaliação da montagem do mural.	51
14 <sup>a</sup>	PESQUISA EM ARTE	<b>Danças brasileiras de tradição</b> Pesquisa orientada sobre festas populares brasileiras. Atividade em grupos, finalizada com o compartilhamento dos resultados e com entrevista de um convidado com vivência no assunto.	52-53
15 <sup>a</sup>	ARTES INTEGRADAS	<b>O nosso Boi de Mamão</b> Leitura de texto e observação de imagem do Boi de Mamão de Santa Catarina, região Sul do Brasil. <b>Vamos fazer um Boi de Mamão e dançar com ele?</b> Confecção de um boi de mamão a partir de etapas ilustradas e com materiais variados. Dança em roda com o boi no centro. Procissão pela escola com versões do boi de mamão. Roda de conversa sobre a atividade realizada.	54-56
16 <sup>a</sup>	CRIAR E REFLETIR	<b>Criar</b> Desenho do personagem de dança preferido do estudante. Atividade oral para justificar a escolha do personagem desenhado. <b>Refletir</b> Roda de conversa sobre as aprendizagens realizadas durante a unidade e a importância da preservação das danças e festas tradicionais.	57

### 3º BIMESTRE

UNIDADE 3 – DO POPULAR AO POP			
SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
17 <sup>a</sup>	ABERTURA DE UNIDADE	Leitura de imagem, atividade oral: Marc Chagall, <i>O circo</i> . Litografia colorida.	58-59
	<b>O QUE É ESSA IMAGEM?</b> <b>(abertura de capítulo)</b>	<b>CAPÍTULO 5 – A CULTURA POPULAR TAMBÉM É ARTE!</b>	
	<b>O QUE É ESSA IMAGEM?</b> <b>(abertura de capítulo)</b>	Leitura de imagem, atividade escrita: Djanira da Motta e Silva, <i>Folia do Divino</i> . Leitura de texto e atividade escrita: a arte como forma de representação da cultura popular.	60-61

UNIDADE 3 – DO POPULAR AO POP			
SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
17ª	O QUE É ESSA IMAGEM?	<b>Um saber transmitido a cada geração</b> Atividade oral explorando esculturas apresentadas: carrancas modeladas pela artista Ana das Carrancas. Leitura de texto com dados biográficos da artista Ana das Carrancas. Noção de cultura popular como forma de preservação da tradição.	62-63
18ª	ZAZ	<b>Modelagem com argila</b> Modelagem de escultura com argila, orientada por explicações ilustradas sobre a realização.	63
	A ARTE FAZ PENSAR	<b>Patrimônio cultural material e imaterial</b> Leitura de texto com definições de <b>patrimônio cultural</b> e de <b>patrimônio material e imaterial</b> . <b>Experimente em casa</b> Conversa, a ser realizada com familiares, a respeito do patrimônio cultural da região em que moram e a importância de sua preservação.	64-65
19ª	ZUM!	<b>Bonecões de Carnaval</b> Observação de imagens com bonecos presentes em festejos de Carnaval: bonecos gigantes no Carnaval de Olinda (PE). Leitura de texto que aborda a participação dos bonecões no Carnaval: sua função nos desfiles e a técnica de construção.	66-67
20ª	VAMOS EXPERIMENTAR	<b>Balões de papel machê</b> Confecção de balões com a técnica da <b>papietagem</b> . Atividade orientada por explicações ilustradas sobre a realização.	68-69
<b>CAPÍTULO 6 – ARTE POP: UMA EXPLOÇÃO DE CORES!</b>			
21ª	O QUE É ESSA IMAGEM? (abertura de capítulo)	Leitura de imagem, atividade oral: Nelson Leirner, <i>Figuratismo abstrato</i> , colagem como exemplo da arte <i>pop</i> (adesivos sobre madeira). Leitura de texto sobre as características da arte <i>pop</i> , como o uso de figuras com imagens popularmente conhecidas, as cores vibrantes e intensas.	70-71
	O QUE É ESSA IMAGEM?	<b>Repetir e reproduzir as imagens</b> Leitura de imagem, atividade oral: Andy Warhol, <i>Flores</i> . Polímero sintético e tintas <i>silkscreen</i> sobre tela. Leitura de texto e atividade escrita sobre técnicas de reprodução usada pelos artistas <i>pop</i> , como a serigrafia. Noção de <b>matriz</b> .	72-73
	ZAZ	<b>Estamparia de carimbos</b> Criação de carimbo com estampa a ser escolhida pelo estudante. Uso do carimbo para criar padrão visual para uma estampa.	73-74
22ª	TÉCNICAS DA ARTE	<b>Instalação</b> Leitura de texto sobre o que é <b>instalação</b> e suas características interativas.	75
	VAMOS EXPERIMENTAR	<b>Uma instalação na sua escola!</b> Criação de instalação em um espaço da escola a ser escolhido, com a participação de todos os colegas. Atividade oral e escrita sobre a vivência da técnica de instalação.	76-77
23ª	ARTES INTEGRADAS O QUE É ESSA IMAGEM?	<b>Arte em movimento!</b> Leitura de imagem, atividade oral: Jesus Rafael Soto, <i>Sphère Lutétia</i> . Pintura em metal. Leitura de texto sobre a produção de imagens que dão a sensação de movimento ou que realmente se movem, criadas por artistas cinéticos. O artista Abraham Palatnik (1928-2020).	78
24ª	PROCESSO DE CRIAÇÃO	<b>Pratos do malabarista</b> Confecção de imagens cinestésicas: pratos de malabaristas.	79
	CRIAR E REFLETIR	<b>Criar</b> Retomada das técnicas estudadas e escolha de uma delas para descrição. <b>Refletir</b> Conversa sobre as aprendizagens realizadas e atividade escrita sobre conteúdos estudados na unidade.	80-81

#### 4º BIMESTRE

UNIDADE 4 - NO TEATRO SOMOS MUITOS			
SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
25ª	ABERTURA DE UNIDADE	Leitura de texto e imagem, atividade oral: cena do espetáculo <i>O amargo santo da purificação</i> , da Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz, de Porto Alegre (RS).	82-83
	<b>CAPÍTULO 7 – CRIAR COM MÁSCARAS</b>		
	O QUE É ESSA IMAGEM? (abertura de capítulo)	<b>Máscara e ritual</b> Leitura de texto e imagens, atividade oral: diversos tipos de máscaras e suas funções em festividades, rituais religiosos e na arte.	84-85

## UNIDADE 4 - NO TEATRO SOMOS MUITOS

SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
25 <sup>a</sup>	O QUE É ESSA IMAGEM?	<b>Máscaras no teatro</b> Atividade oral para observação e comparação de máscaras usadas nos teatros grego e italiano. Leitura de texto que aborda o uso de máscaras no teatro grego, em tragédias ou comédias, e na <i>commedia dell'arte</i> italiana.	86-87
26 <sup>a</sup>	TÉCNICAS DA ARTE	<b>Criando uma máscara</b> Proposta para elaboração de máscaras individuais, orientada por explicações ilustradas para sua confecção.	87-88
27 <sup>a</sup>	TÉCNICAS DA ARTE	<b>Coro e corifeu</b> Leitura de texto que aborda as figuras do coro e do corifeu em uma representação teatral: função, histórico, composição.	89
	VAMOS EXPERIMENTAR	<b>Coro e corifeu</b> Brincadeira em que os estudantes se revezam na função de coro e corifeu: primeira etapa com movimentos criados pelo corifeu; segunda etapa com imitação dos movimentos e vozes de animais.	90-91
<b>CAPÍTULO 8 – A MÁSCARA DO PALHAÇO</b>			
28 <sup>a</sup>	O QUE É ESSA IMAGEM? (abertura de capítulo)	<b>Palhaços na festa</b> Leitura de texto e imagem, atividade oral e escrita: a máscara de palhaço na linguagem teatral e a presença dos palhaços na Folia de Reis. <b>Palhaços no teatro</b> Leitura de textos e imagens, atividades orais e escritas: a atuação do palhaço em apresentações artísticas e suas singularidades e características humorísticas.	92-94
	ZAZ	<b>Criando um palhaço</b> Criação de um palhaço: imaginar características desse personagem, incluindo roupas, adereços e maquiagem, e transformar-se nesse palhaço.	94-95
29 <sup>a</sup>	ZUM!	<b>Palhaços e palhaços brasileiros</b> Leitura de texto e atividade oral: importantes palhaços e palhaços brasileiros; a escolha do nome desses palhaços.	96-97
	A ARTE FAZ PENSAR	<b>Humor e preconceito</b> O uso do humor como manifestação de preconceito. Leitura de texto, atividade escrita: as consequências do preconceito. <b>Experimente em casa</b> Indicação de leitura, com familiares, de capítulo do livro <i>A terra dos meninos pelados</i> , de Graciliano Ramos.	98-99
30 <sup>a</sup>	VAMOS EXPERIMENTAR	<b>Festa dos emojis</b> Criação de <i>emoji</i> a ser representado pelo estudante por meio de expressão facial, movimentos corporais e sons. Conversa sobre as criações e apresentações realizadas.	100
31 <sup>a</sup>	ARTES INTEGRADAS O QUE É ESSA IMAGEM?	<b>Respeitável público: a arte do circo!</b> Leitura de imagem, atividade oral: cena do espetáculo <i>China esplêndida</i> , Circo da China. Leitura de texto, atividade escrita: o circo como linguagem artística; características da estrutura física, das apresentações, das especialidades dos artistas.	101-102
	PROCESSO DE CRIAÇÃO	<b>Cantando e encenando um coro de bailarinas e bailarinos</b> Leitura de texto: espetáculo musical <i>O grande circo místico</i> – junção de teatro, circo e música. Escuta e acompanhamento de áudio com a canção <i>A ciranda da bailarina</i> , de Edu Lobo e Chico Buarque; representação por meio de coro e corifeu. Roda de conversa sobre a mensagem da canção.	103
32 <sup>a</sup>	CRIAR E REFLETIR	<b>Criar</b> Desenho de um circo imaginário com todos os elementos possíveis. <b>Refletir</b> Roda de conversa e atividade escrita sobre as aprendizagens realizadas durante a unidade.	104-106
	O QUE EU APRENDI	Avaliação de resultado: atividades para avaliação da aprendizagem dos objetos de conhecimento trabalhados no volume.	107

### III. REFERENCIAIS NORMATIVOS

#### DOCUMENTOS ORIENTADORES

A elaboração deste material didático tomou como base as orientações e diretrizes da Base Nacional Comum Curricular – BNCC com o cuidado de contemplar também as orientações da Política Nacional de Alfabetização – PNA, visto tratar-se de documento destinado aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Observamos que o alinhamento entre esses dois documentos está expresso no *Documento Referencial Técnico-Científico – Ministério da Educação* da seguinte forma:

O Decreto nº 9.099 de 2017 faz, também, menção expressa à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) [...] na medida que determina que um de seus objetivos é o apoio à implementação da Base. A PNA dialoga com esse normativo [...], especificando e concretizando diversos

aspectos da BNCC. Nesse sentido é por força do próprio Decreto nº 9.099 de 2017 que a PNA deverá orientar toda a feitura de materiais para essa faixa etária, da mesma forma que a BNCC.

Decreto n. 9.099 de 2017 – dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Programa Nacional do Livro e do Material Didático 2023 – Anos Iniciais do Ensino Fundamental – fevereiro de 2021, tópico 4. MARCO REGULATÓRIO DO PNLD PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Esta coleção está alinhada ao que dispõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino e a aprendizagem da Arte como componente curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias. Nesse sentido, apresenta textos, imagens, atividades e práticas pensados para o desenvolvimento das Competências Gerais da Educação Básica e das Competências Específicas, além de todas as habilidades previstas para estudantes do 1º ao 5º ano, para o ensino do componente Arte.

## Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular

1. *Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural para entender e explicar a realidade (fatos, informações, fenômenos e processos linguísticos, culturais, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos e naturais), colaborando para a construção de uma sociedade solidária.*
2. *Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e inventar soluções com base nos conhecimentos das diferentes áreas.*
3. *Desenvolver o senso estético para reconhecer, valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também para participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.*
4. *Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.*
5. *Utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas.*
6. *Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao seu projeto de vida pessoal, profissional e social, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.*
7. *Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os*

*direitos humanos e a consciência socioambiental em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.*

8. *Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas e com a pressão do grupo.*
9. *Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer.*
10. *Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões, com base nos conhecimentos construídos na escola, segundo princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.*

BRASIL. Ministério da Educação.  
Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. p. 9-10.

## Competências Específicas e Habilidades de Arte para o Ensino Fundamental

1. *Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.*
2. *Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.*
3. *Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.*
4. *Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.*
5. *Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.*
6. *Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.*
7. *Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.*
8. *Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.*

9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

BRASIL. Ministério da Educação.

Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. p. 198.

Para garantir o desenvolvimento das **Competências Específicas de Arte** estão contempladas, no conjunto dos volumes da coleção, **habilidades** que, por sua vez, se relacionam aos **objetos de conhecimento** de cada uma das linguagens artísticas, conforme segue.

	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
UNIDADE TEMÁTICA: ARTES VISUAIS	Contextos e práticas	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.		X	X	X	X
	Elementos da linguagem	(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).	X	X			
	Matrizes estéticas e culturais	(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.	X	X	X	X	
	Materialidades	(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.		X	X	X	X
	Processos de criação	(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.	X	X	X		X
		(EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.			X		X
Sistemas da linguagem	(EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).			X		X	
UNIDADE TEMÁTICA: DANÇA	Contextos e práticas	(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.	X	X	X	X	X
	Elementos da linguagem	(EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado.		X			
		(EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.	X			X	X
Processos de criação	(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.	X	X	X	X	X	
	(EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.	X	X	X	X	X	

	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
UNIDADE TEMÁTICA: MÚSICA	Contextos e práticas	(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.		X	X	X	X
	Elementos da linguagem	(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.	X	X	X	X	
	Materialidades	(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.	X	X			
	Notação e registro musical	(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.			X		X
	Processos de criação	(EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.		X		X	X
UNIDADE TEMÁTICA: TEATRO	Contextos e práticas	(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.	X	X	X	X	X
	Elementos da linguagem	(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).	X	X			X
	Processos de criação	(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais. (EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, resignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva. (EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.	X	X	X	X	X
			X		X		

	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
UNIDADE TEMÁTICA: ARTES INTEGRADAS	Processos de criação	(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.	X	X	X	X	X
	Matrizes estéticas e culturais	(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.	X				
	Patrimônio cultural	(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.			X	X	
	Arte e tecnologia	(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> etc.) nos processos de criação artística.					X

FONTE: BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. p. 200-203.

A observância ao PNA determinou o foco também em práticas que contribuem para o processo de alfabetização a ser privilegiado no 1º e no 2º ano e complementado a partir do 3º ano.

É importante destacar que a **alfabetização** é definida como o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético, como aquele que representa por signos ou caracteres do alfabeto (letras) os sons da fala. O processo de aquisição da leitura e da escrita, porém, vai além do processo de alfabetização em si, e inclui um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que configura o que se define como **literacia**.

### O QUE É LITERACIA

Literacia é o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita, bem como sua prática produtiva. Pode compreender vários níveis: desde o mais básico, como o da literacia emergente, até o mais avançado, em que a pessoa que já é capaz de ler e escrever faz uso produtivo, eficiente e frequente dessas capacidades, empregando-as na aquisição, na transmissão e, por vezes, na produção do conhecimento (MORAIS, 2014).

O conceito de literacia vem-se difundindo desde os anos 1980 e nas políticas públicas se reveste de especial importância como fator para o exercício pleno da cidadania. É termo usado comumente em Portugal e em outros países lusófonos, equivalente a *literacy* do inglês e a *littératie* do francês. A opção por utilizá-lo traz diversas vantagens, pois é uma forma de alinhar-se à terminologia científica consolidada internacionalmente.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNA – Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC: SEALF, 2019. p. 21.

Nesse sentido, o componente curricular Arte no Ensino Fundamental ocupa lugar privilegiado. Quando consideramos a linguagem um dos aspectos mais importantes da Arte, podemos entendê-la como **um sistema de símbolos e signos** em que a comunicação acontece simultaneamente por diversos meios: sons, gestos, cores, linhas, formas, movimentos, textos, palavras. Portanto, quando falamos das aprendizagens em Arte, também estamos falando em produzir e interpretar conhecimento por meio da linguagem, assim como faz a linguagem em outras disciplinas, como Língua Portuguesa, que usa a comunicação verbal – oral e escrita – do sistema alfabético.

Ler, portanto, significa atribuir significados a textos que utilizam a **linguagem, entendida de maneira ampla, para além da dicotomia verbal e não verbal**. Reconhecendo de quais códigos essas linguagens se valem, os estudantes podem manipulá-los com propriedade e ampliar e aprofundar sua capacidade de comunicação.

Dessa forma, na coleção, a relação entre Arte e leitura é transversal, e pode ser trabalhada em três aspectos: na relação entre texto e criação artística (canção, dramaturgia, textos reflexivos, discussões entre arte e sociedade e depoimentos de artistas, por exemplo); leitura de imagens (apreciação, contextualização, fruição, tradução); e modos de expressão verbais e não verbais (cenas, improvisos, dança, desenho, pintura, produção sonora e musical, entre outras possibilidades).

### APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO FORMATIVA

O desenvolvimento de competências e habilidades pelos estudantes, conforme citamos anteriormente, também é o foco do processo de ensino e aprendizagem no ensino e aprendizagem de Arte. Mas como saber se esse processo está

acontecendo com sucesso e o que fazer para reorientá-lo quando necessário?

As singularidades da Arte, componente curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias, tornam a avaliação no âmbito escolar um processo especial. Suas linguagens – Artes Visuais, Dança, Música e Teatro – articulam saberes e práticas que envolvem e mobilizam aspectos subjetivos como a sensibilidade, a intuição, a criatividade e as emoções. Há de se considerar, também, os diferentes contextos temporais, culturais, ambientais, políticos e sociais em que a construção do conhecimento ocorre e que as experiências artísticas são constituídas por expressões verbais e não verbais, físicas, visuais, plásticas e sonoras.

Nesse cenário peculiar e dinâmico, cabe ao educador assegurar aos estudantes o desenvolvimento de competências (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores em um ambiente educacional comprometido com o atendimento das demandas sociais da atualidade.

Nessas circunstâncias o professor deve construir e aplicar procedimentos de avaliação educacional durante todas as etapas da aprendizagem, trabalhando na perspectiva da **avaliação formativa**. São ações avaliativas que implicam considerar a avaliação não de forma isolada, mas parte intrínseca do processo de ensino e aprendizagem. Essa concepção exige do professor adequar a visão tradicional de avaliação a novas formas que valorizam o percurso da aprendizagem, em detrimento da ênfase e da supervalorização dos produtos.

Vale lembrar que a avaliação formativa é preceito legal, já previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que estabelece que a verificação do rendimento escolar deve ser “contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais” (LDB, Art. 23).

No sistema educacional brasileiro, no que diz respeito à sua abrangência, a avaliação acontece de modo interno e formativo – aplicada pela própria instituição escolar – e externo e em larga escala, como aquela aplicada pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Por não participar diretamente das avaliações externas e de larga escala, o componente curricular Arte contribui para o desempenho do estudante na medida que proporciona o domínio de competências e habilidades cognitivas básicas e articula-se às demais áreas de ensino no currículo escolar. Dessa forma, mais que resultados ou classificações, a avaliação no componente Arte deve privilegiar a atenção cuidadosa e detalhada ao percurso da aprendizagem e a regulação de esforços.

## Avaliação diagnóstica

Para ser contínuas e cumulativas, as práticas avaliativas devem ser consideradas em vários momentos. No início de qualquer etapa de curso, aula, atividade ou projeto, como

um movimento inicial e diagnóstico em relação aos saberes dos estudantes. Por meio de estratégias diversificadas, o professor precisa saber o que os estudantes pensam, quais são suas potencialidades, interesses, expectativas, dúvidas, bagagem cultural e educacional e referenciais artísticos e estéticos. Essa sondagem, no início de qualquer etapa, permite ao docente refletir sobre o plano elaborado, observando:

- a adequação da programação proposta;
- as possibilidades de sucesso de estratégias e recursos previstos;
- o potencial para levar ao desenvolvimento de conhecimentos, competências, habilidades e valores previstos, tendo em vista a realidade e as características dos estudantes.

Na coleção, as propostas para avaliação diagnóstica de entrada são apresentadas no início de cada volume, em seção denominada **Aquecimento**. Essa sondagem inicial visa identificar os níveis de aprendizagem dos estudantes, seus conhecimentos anteriores e lacunas de aprendizagem para estabelecer intervenções que lhes possibilitem avançar nos estudos posteriores e para que o professor possa ajustar seus planos e práticas à sua realidade de sala.

## Avaliações durante o processo

As ações avaliativas realizadas durante o processo procuram detectar situações em que há necessidade de intervenção no sentido de aperfeiçoar o trabalho do professor e o aprendizado do estudante. Nesses momentos, quais critérios poderão nortear o trabalho docente? Para orientar essas decisões, citamos, com Perrenoud (2002, p. 25), algumas características consideradas essenciais no processo de avaliação formativa:

- A avaliação só inclui tarefas contextualizadas.
- A avaliação refere-se a problemas complexos.
- A avaliação deve contribuir para que os estudantes desenvolvam mais suas competências.
- A avaliação exige a utilização funcional de conhecimentos disciplinares.
- A tarefa e suas exigências devem ser conhecidas antes da situação de avaliação.
- A avaliação exige uma certa forma de colaboração entre pares.
- A correção leva em conta as estratégias cognitivas e metacognitivas utilizadas pelos alunos.
- A correção considera erros importantes na ótica da construção das competências.
- A autoavaliação faz parte da avaliação.

Na proposta de ensino em que o estudante é considerado sujeito da aprendizagem e que contempla a avaliação formativa em seus princípios, está implícita a reflexão, pelo estudante, do próprio desempenho. Por meio de diálogos, comentários, observações e devolutivas constantes, o profes-

o professor auxilia o estudante a avançar na percepção de sua aprendizagem. A autorreflexão que promove a autoavaliação, além de levar à consciência do percurso da aprendizagem, possibilita o compartilhamento de responsabilidades e leva ao reconhecimento do protagonismo e do compromisso com a própria formação.

Momentos para avaliação do trabalho coletivo são muito importantes, especialmente em Arte, em que esse tipo de trabalho é parte inerente dos objetos de conhecimento. Estratégias que envolvam duplas, grandes ou pequenos grupos e trabalhos em equipe permitem aos estudantes observar como são considerados as diferenças individuais, o respeito mútuo, a colaboração, a empatia, a solidariedade e o compartilhamento de responsabilidades. Cabe ao professor a gestão desses momentos, de forma a deixar claro que os objetivos de uma tarefa e seus resultados só serão alcançados com as trocas pessoais e o trabalho conjunto. Portanto, a discussão permanente de objetivos, atitudes e regras é condição indispensável para a criação de um “espírito de coletividade” pela turma.

Há aspectos relevantes, centrais em Arte, a serem questionados e avaliados, tanto pelo professor como pelos estudantes, durante todo o processo de ensino e aprendizagem, independentemente da faixa etária em que se encontrem. Por exemplo: Está sendo valorizada, desejada e respeitada a liberdade para criar e se expressar? Estão sendo exercidos e acolhidos o diálogo e a participação ativa e espontânea? Há sensibilidade em relação à realidade socioeconômica, individual e coletiva de todos os participantes? Há diversão e prazer na realização das atividades artísticas?

Determinar o produto final a ser avaliado dependerá dos objetivos e das intenções a serem claramente definidos e compreendidos por todos, sempre que uma proposta for iniciada. Esses objetivos e intenções estão indicados por meio das habilidades definidas na BNCC.

Destacamos na coleção, ao final de cada Unidade, a seção **Criar e Refletir**, que, por meio do diálogo, propõe aos estudantes que explicitem as aprendizagens realizadas durante os estudos da Unidade. São questionamentos que estimulam a reflexão individual e coletiva, possibilitando a autoavaliação e a avaliação pelo grupo.

## Avaliação somativa ou de resultado

Embora o fazer artístico não se restrinja ao produto final, a avaliação ao final do percurso, também chamada **avaliação somativa ou de resultado**, representa uma oportunidade para a sistematização do conhecimento. Ao final de cada volume da coleção, a seção **O que eu aprendi** é especialmente dedicada a essa forma de avaliação, proporcionando momentos para a verificação e a reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem como um todo.

Lembramos que uma das formas de garantir a efetividade das ações avaliativas é o registro de seus resultados. A documentação dos momentos significativos do processo e

do produto, pelo estudante, pelo professor, pelo coletivo, é indispensável para respaldar a avaliação em suas funções: diagnóstica, de processo e de resultado. A realização de registros poderá ser feita pelas diferentes linguagens em produções como:

- em artes visuais e audiovisuais, por meio de desenhos, colagens, construções, gravuras, pinturas, fotografias, instalações, meios eletroeletrônicos, vídeo, *design*, artes gráficas;
- em música, pela utilização de vozes ou instrumentos acústicos ou eletrônicos, trabalhando com improvisações, composições e interpretações;
- na dança, pela experimentação de diferentes improvisações e composições coreográficas, partindo de fontes diversas (orientações, jogos, elementos de movimento, sons e silêncio, histórias etc.);
- em teatro, por meio de criações corporais expressivas, improvisação, interpretação de personagens, atuação, adaptação de textos dramáticos etc.

Em suma, a avaliação contemplada nos documentos contemporâneos da literatura especializada supera o caráter de terminalidade e medição de conteúdos aprendidos.

Vale ressaltar que, embora teoricamente sejam descritos momentos determinados para as ações avaliativas, na realidade elas devem ser compreendidas como ações dinâmicas e integradas, inerentes ao processo de ensino e aprendizagem, que não é linear. Nessa concepção, também não há mais espaço para a visão tradicional da existência de erros, fracassos, insucessos, mas para reflexões que reorientem professor e estudante em direção ao desenvolvimento das competências desejadas, em cada momento do processo de ensino e aprendizagem.

Enfim, os procedimentos de avaliação formativa em Arte, no Ensino Fundamental, devem contribuir para a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos que o estudante traz da Educação Infantil e para a agregação de novos saberes, tendo em vista a continuidade dos seus estudos.

## Sugestões de instrumentos de registro das aprendizagens dos estudantes

Ao longo deste manual, distribuídas na **Seção de Referência do Livro do Estudante**, são apresentadas algumas sugestões de fichas de acompanhamento que podem ajudá-lo no registro das aprendizagens dos estudantes. Você poderá reproduzi-las e adequá-las a suas necessidades.

## IV. PRÁTICAS EM ARTE

Destacaremos a seguir algumas estratégias e atividades que se encontram na coleção e são relevantes para as práticas em Arte.

Vale comentar que, embora o fazer artístico seja central em todos os volumes da coleção, ele está sempre inserido

em um contexto em que se encontram procedimentos diversificados para leitura, compreensão e produção de textos, por exemplo, propostas de leitura oral, compartilhada, pelo professor e pelos estudantes.

## PESQUISAR EM DIFERENTES FONTES

A pesquisa é excelente meio para o desenvolvimento de habilidades e para a ampliação de conhecimentos. Pesquisar não é uma estratégia simples e necessita mediação e acompanhamento durante todo o processo. Requer a definição prévia dos assuntos, a seleção de fontes e formas de acessá-las, modos de apresentação do resultado final e avaliação dos resultados.

Aspecto relevante dessa prática é a familiarização com comportamentos e atitudes exigidos nos diferentes espaços em que as fontes de pesquisa se encontram, como biblioteca, sala de leitura, centros de mídia, ambientes domésticos, entre outros. Cuidado especial deve ser tomado com as pesquisas em grupo, que requerem organização especial e definição de responsabilidades entre os seus elementos.

## PROMOVER EXPOSIÇÕES

A organização de exposições em Arte visa à escolha da melhor forma de apresentar as produções dos estudantes. Chamada de “curadoria pedagógica”, essa atividade deve ser realizada com a contribuição dos estudantes.

É o momento de dar visibilidade aos trabalhos realizados, o que terá grande repercussão na autoestima dos autores e na valorização da arte. É também uma excelente oportunidade para uma apresentação envolvendo trabalhos de outras áreas ou componentes curriculares.

A exposição pode ser realizada em espaços da sala de aula ou da escola, considerando o público que a visitará. Se possível, abra a exposição para os familiares e a comunidade, como forma de ampliar e estreitar as relações com esses segmentos.

## REALIZAR VISITAS CULTURAIS

Visitar museus, teatros, centros culturais, galerias, feiras, eventos nas ruas e praças e outros espaços culturais proporciona aos estudantes oportunidade para apreciar a arte em sua expressão genuína e de forma multissensorial.

Consiste em experiência única de desmistificar certos espaços, além de recurso para que o estudante se aproprie dos bens culturais que a região ou a cidade oferecem. É possível levar espetáculos e apresentações à escola, porém as saídas estão imbuídas de outros valores, não apenas culturais, mas também sociais e de lazer.

O planejamento das saídas é fundamental e é desejável que envolva atividades prévias como uma visita antecipada do professor ao local, informações contextualizadas sobre os artistas em sala de aula, combinados sobre o percurso e regras de comportamento para a visita. Após a visita, um momento especial deve ser destinado ao compartilhamento de impressões, opiniões e críticas.

As saídas com estudantes requerem providências especiais quanto à comunicação e autorização tanto pela equipe administrativa e pedagógica quanto pelos pais ou responsáveis.

## PROMOVER ENCONTROS COM ARTISTAS

Encontros com profissionais que trabalham com arte e cultura têm a intenção de levar os estudantes a humanizar a figura do artista ao mesmo tempo que os aproximam do processo de criação. Nem sempre o artista é uma figura distante e inacessível e as produções culturais populares, além das eruditas, precisam ser reconhecidas e valorizadas.

O contato com artistas, em sua diversidade, encoraja a expressão de talentos levando à percepção de que a arte também é fruto de trabalho e dedicação.

Os encontros podem acontecer no espaço de atuação do artista, em sala de aula ou mesmo pela internet. Em diversas localidades há artistas atuantes, e isso pode ser verdade mesmo entre os familiares dos estudantes e na própria escola.

O preparo dos estudantes, do ambiente e do próprio entrevistado proporcionará um rico momento de troca e convívio.

## ENTREVISTAR

O contato pessoal dos estudantes com um artista é uma experiência emocionante e compensa o investimento em sua realização. Destacamos algumas etapas para esse evento.

### Com o artista:

- Pesquisar as possibilidades de contato com ele.
- Entrar em contato para avaliar sua disponibilidade, comentar o interesse pelo seu trabalho, a faixa etária dos estudantes e as questões a serem feitas.

### Com os estudantes:

- Planejar o encontro, elaborando o roteiro da entrevista mediante o registro prévio das perguntas a serem feitas.
- Combinar as atitudes e regras de comportamento durante e após a entrevista.

### Com a escola:

- Negociar com a direção a ida desse profissional para a entrevista.
- Preparar o ambiente da sala, expondo trabalhos dos estudantes relacionados à obra do artista convidado.
- Organizar o espaço de forma a deixar o entrevistado confortável e os estudantes bem colocados para as perguntas.

### Outras providências:

- Registrar o encontro com fotografias, gravações, filmes.
- Expor os resultados e a documentação do encontro em um local espaçoso e com visibilidade.
- Circulação na escola.

## REALIZAR RODAS DE CONVERSA

Destacamos a roda de conversa como estratégia presente em muitos momentos nos livros da coleção de Arte. A roda de conversa é recurso privilegiado para o diálogo coletivo, para o exercício e ampliação das capacidades comunicativas, da fluência para falar, perguntar, expor e validar ideias, explicitar dúvidas e descobertas.

Como forma de iniciar a dinâmica, como na maioria das vezes é preciso provocar a fala por meio de perguntas, há questionamentos propostos no material do estudante. Esses questionamentos podem ser ampliados, adaptados, de forma a estimular a conversa e a fluência na verbalização dos estudantes. É preciso valorizar e acolher todos os enunciados e estar atento para que todos tenham oportunidades de se manifestar.

Os procedimentos aqui expostos constituem sugestões que não precisam ser rigidamente seguidas. O importante é que cada professor encontre os próprios caminhos com sua turma de estudantes.

## V. ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO, DO TEMPO E DOS MATERIAIS

### O ESPAÇO

A organização espacial e temporal é fundamental em situações didáticas, o que se aplica também no caso de situações didáticas que envolvem atividades artísticas. Os estudantes precisam reconhecer que o espaço escolar que ocupam pertence também a eles, e a participação em sua organização contribui para a sensação de pertencimento.

Na falta de espaço físico adequado, como salas-ambiente, a prática artística leva ao trabalho em sala de aula ou ao deslocamento para outros espaços, como pátio, corredores, refeitório ou salas ociosas. Para a realização de pesquisas e consultas, o professor pode recorrer a bibliotecas ou salas de leitura, fototecas, videotecas, centros de mídia ou salas de informática, entre outras opções. É indispensável cuidar dos espaços para interações e trocas, sem descuidar da responsabilidade e do compromisso com a ordem e a limpeza do lugar.

A criação de um clima favorável é outro fator relevante no processo educacional. As atividades em Arte em sua maioria estão orientadas para serem realizadas de forma interativa, e a interação cumpre seu papel quando os estudantes podem e sabem trabalhar juntos. Com essa intenção, sugerimos variações nas dinâmicas de agrupamentos para que todos possam discutir pontos de vista, negociar e trocar ideias de diferentes formas.

A literatura especializada indica que a heterogeneidade na formação de um grupo favorece os resultados para todos os envolvidos. O agrupamento, portanto, requer organização cuidadosa considerando os objetivos

da proposta de trabalho, as características dos estudantes e o combinado de regras para a participação dos componentes. Os estudantes podem ser organizados em duplas, trios, quartetos ou mesmo produzir coletivamente, mas sempre com o acompanhamento do professor e com a combinação prévia de tudo o que estiver implícito em sua dinâmica.

A organização do espaço para exposições das produções dos estudantes é outro aspecto a ser especialmente cuidado. Escolher o melhor espaço e a melhor forma de apresentação é um importante exercício de curadoria pedagógica a ser realizado pelo professor, com a participação dos estudantes. A sala de aula ou outras áreas fora dela são vitrines para dar visibilidade às expressões artísticas, como o uso de varais e de painéis para exposições temporárias ou permanentes. Em se tratando de educação em Arte é preciso pensar também na criação de espaços para as práticas de dança, teatro e música, além de ajustar as dinâmicas às possibilidades dos espaços, sejam eles convencionais, sejam alternativos (como aqueles localizados fora do espaço escolar), sempre observando as questões de segurança e autorização.

### O TEMPO

A administração do tempo é uma aliada preciosa no desenvolvimento das propostas. É preciso saber dimensionar e otimizar o tempo de duração de cada aula, considerando aspectos como a organização do espaço e dos estudantes, o preparo dos recursos materiais, as orientações para as atividades, a realização das práticas que envolvem criação e troca de experiência e a avaliação, indispensável, de fechamento de uma dinâmica.

Com relação especificamente às práticas propostas nos Livros do Estudante da coleção, lembramos que podem ser desdobradas em etapas ou **sequências didáticas**, a serem realizadas em dias diferentes, do modo mais conveniente ao planejamento didático do professor.

Outra forma de otimizar o tempo, sem deixar de atender à grade curricular, é articular as atividades de Arte com as de outro componente curricular, como Língua Portuguesa ou Educação Física.

É importante ressaltar que o livro didático de Arte não é um livro de receitas que limita e engessa processos criativos, principalmente no que diz respeito às relações de tempo e espaço.

### OS MATERIAIS: DISPONIBILIDADE E CUIDADOS

O fazer em Arte requer o uso de materiais apropriados para trilhar um percurso próprio de criação e construção artísticas.

Tendo em vista que há materiais com cujos custos os familiares dos estudantes não poderão arcar, sugerimos o melhor aproveitamento possível dos materiais enviados pelas diversas secretarias de educação. No caso da escassez des-

ses recursos, os professores poderão recorrer, por exemplo, à Associação de Pais e Mestres ou ao Conselho de Escola, fundamentando a importância desses materiais para as atividades em Arte.

Grande parte do material a ser utilizado pode ser coletivo. Alguns aspectos importantes dessa forma de uso, além da economia, são o exercício do compartilhamento, o cuidado responsável com o bem de todos e a promoção da interação social. Vivenciam-se a equidade, o auxílio mútuo e o respeito.

Os materiais específicos para algumas técnicas – por exemplo, escultura, modelagem, gravuras, instalações, em **artes visuais**; instrumentos musicais, materiais sonoros, equipamentos e tecnologias, em **música**; objetos para cenário, figurinos, maquiagem, adereços, aparelhos sonoros, em **teatro**; espelhos, colchonetes, equipamento de som, em **dança** – podem ser obtidos por meio de empréstimos, doações e pelo uso criativo de diferentes materiais.

Assim como em todos os projetos educacionais, os familiares e/ou a comunidade poderão contribuir com materiais ou ideias. Essencial para essas ações é o conhecimento dos objetivos e da importância das iniciativas da escola para a educação dos estudantes.

## VI. O TRABALHO COM SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

As **sequências didáticas** são estratégias metodológicas de grande potencialidade para a abordagem de conteúdos educacionais. Consistem em uma sequência de aulas destinadas a desenvolver determinado objeto de conhecimento e habilidades que constam no plano de um período de ensino.

As ações previstas para seu desenvolvimento são organizadas em etapas em que há relação recíproca entre as situações e continuidade de desafios e diversidade nas atividades. Essas ações estão ligadas à organização dos estudantes para potencializar as aprendizagens. As organizações em grupos possibilitam trocas e debates, as atividades em dupla favorecem uma interação mais focada e a discussão de ideias; as propostas individuais propiciam a mobilização de conhecimentos construídos. Todas as formas de organização precisam levar em conta a inclusão e a participação de estudantes com dificuldades de aprendizagem ou deficiências.

A duração de uma sequência didática leva em conta todo o plano de ensino, a carga horária do componente curricular e o tempo necessário para o processo de ensino e aprendizagem.

O acompanhamento e os registros do desempenho dos estudantes ao longo de todas as etapas propiciarão a avaliação do progresso deles em cada etapa e até a etapa final.

## VII. TECNOLOGIAS DIGITAIS, APRENDIZAGEM E ARTE

Em todos os volumes desta coleção de Arte há, de forma transversal, propostas de práticas a serem realizadas por meio do acesso a tecnologias digitais. O objetivo é estimular a aprendizagem ativa de forma significativa, reflexiva e crítica. Observamos, nos dias atuais, que crianças e jovens com acesso a tecnologias digitais desenvolvem sozinhos, ou em parceria, habilidades para o uso de recursos disponíveis em seus equipamentos eletrônicos. No entanto, é preciso atenção na transição da aprendizagem construída com o uso das tecnologias digitais e para aprendizagem escolar. As exigências implicadas nas experiências em uma ou outra situação são diferentes, especialmente no que diz respeito às exigências cognitivas como atenção, memória, raciocínio lógico, abstração, entre outras.

No processo inicial de alfabetização, por meio de atividades lúdicas e práticas dirigidas, como jogos e brincadeiras, pretendemos que as crianças iniciem o reconhecimento e a compreensão das noções dessa linguagem para sua aprendizagem. A seguir, para continuidade das aprendizagens, as propostas demandarão cada vez mais o desenvolvimento das habilidades para o acesso a informações, processos de produção e criação, tendo em vista o futuro domínio das tecnologias digitais em ambientes virtuais de aprendizagem.

Algumas ponderações são necessárias, porém, tendo em vista a realidade no que se refere à disponibilidade de acesso às tecnologias digitais no ambiente educacional, pois a infraestrutura tecnológica das escolas públicas é, muitas vezes, precária e o acesso à internet não tem requisitos suficientes para atender às demandas dos estudantes e dos professores.

Para enfrentar os problemas e equacionar as dificuldades, lembramos que as possibilidades se ampliam se considerarmos que as soluções são sempre contextuais e podem ter mais êxito quanto maior for o número de pessoas que delas participem, como estudantes, pais, professores, funcionários, gestores, comunidade.

Ressaltamos aqui o protagonismo humano na aprendizagem a ser mediada pelas tecnologias digitais.

## VIII. A FAMÍLIA E A APRENDIZAGEM ESCOLAR

Ao longo desta coleção de Arte há oportunidades e sugestões para a participação dos pais, familiares ou cuidadores na aprendizagem das crianças. Destacamos agora a importância do engajamento dessas pessoas nas práticas de incentivo à leitura e à escrita, que pode acontecer independentemente das condições socioeconômicas ou culturais das famílias. Como afirma em uma entrevista a professora da Universidade de Harvard, Catherine Snow, referência atual para políticas de alfabetização, quando se refere a práticas denominadas **literacia familiar**:

É claro que famílias variam no grau em que podem se comprometer financeiramente para a educação de seus filhos – seja comprando livros, levando eles a museus ou em viagens ou tendo brinquedos educativos em casa. [...] Mas todos os pais têm, sim, recursos que eles podem utilizar em benefício de seus filhos, mesmo famílias com habilidades limitadas de alfabetização. Elas podem contar e recontar histórias sobre seus próprios pais, sua infância, seus amigos e experiências diárias.

Podem também responder às perguntas de seus filhos. Podem recrutar as crianças para ajudá-los a cozinhar – o que envolve trabalhar com medidas e contas. Eles podem criar jogos simples para brincar com seus filhos, como, por exemplo, pensar em coisas que têm rodas, que são vermelhas, que fazem sons, ou em animais que vivem na fazenda.

O ponto da afirmação de que práticas familiares são mais importantes para o sucesso escolar do que renda ou nível de educação da família é para enfatizar que mesmo famílias muito pobres podem fazer muito para promover a curiosidade de suas crianças, suas habilidades linguísticas e atitudes positivas relacionadas ao aprendizado. Assim como famílias muito mais ricas podem não estar engajadas nessas interações importantes.

SNOW, Catherine. Entrevista. Revista **Nova Escola**, 2 mar. 2020.

Para que sejam vivenciadas situações que estimulam o apreço pela leitura, sugerimos algumas práticas para serem realizadas em casa. Por exemplo, conversar com as crianças sobre assuntos de seu interesse e experiências de seu dia a dia, oferecer acesso a livros e revistas infantis, conectar a escrita à comunicação. Algumas sugestões, entre tantas outras, seriam:

- oferecer à criança, sempre que possível, livros de histórias e cadernos para que usem como diário, escrevam poemas ou histórias, desenhem, façam colagens;
- estimular a escrita de bilhetes, cartas, poemas ou um diário;
- partilhar a produção de um pequeno livro com capa desenhada;
- oferecer jogos que usam a escrita, palavras cruzadas, caça-palavras;
- solicitar a anotação de listas, lembretes, recados, receitas, endereços, números de telefone.

Outras pessoas ou todos do grupo de convívio da criança podem organizar esses momentos e participar deles. É um costume que cria laços e lembranças que nunca serão esquecidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

### LIVROS E ARTIGOS

BANNELL, Ralph Ings *et al.* **Educação no século XXI – cognição, tecnologias e aprendizagens.** Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

O livro trata de questões e visões sobre a relação entre tecnologias digitais e cognição e a incorporação de tecnologias nas práticas pedagógicas. Oferece importante contribuição para a busca de novos pressupostos e práticas para orientar a educação no século XXI.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

Neste livro a autora analisa as relações entre arte e educação no Brasil, desde a chegada das Missões Francesas no século XIX até o aparecimento das iniciativas modernistas na primeira metade do século XX.

BARBOSA, Ana Mae (org.) **Ensino da arte: memória e história.** São Paulo: Perspectiva, 2014.

Coletânea que reúne uma série de artigos de pesquisadores sobre as relações históricas entre arte e educação no Brasil, com ênfase na inserção da arte na Educação Básica.

BEE, Helen. **O ciclo vital.** Porto Alegre: Artmed, 1977.

Em um texto claro, acessível e cronologicamente organizado, o livro trata do desenvolvimento humano em seus aspectos físico/cognitivo e social. O equilíbrio entre teoria, pesquisa e realidade faz desta obra uma leitura necessária para o educador.

BEZERRA, Dagmar D. da Silva; RIBEIRO, Luciana G. A história do ensino da dança no Brasil e a Educação Básica. **Incomum Revista**, v. 1, n.1, 2020, p.1-19.

O artigo resulta de pesquisa realizada sobre o ensino de dança no Brasil, a partir de revisão bibliográfica da história do ensino da dança no país e sua inserção como conteúdo das Artes na escolarização básica. Faz um levantamento das concepções de dança, corpo, educação, professor e formação docente, com o objetivo de contribuir para a reflexão sobre o ensino da dança no Brasil.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação.** Volume 1: Psicologia evolutiva. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

O volume trata da psicologia evolutiva situando os conteúdos e as perspectivas no início do século XXI. Combina aspectos científicos com aspectos didáticos. Leitura relevante para os educadores conhecerem o desenvolvimento psicológico dos seres humanos e sua atuação no campo pedagógico, refletindo sobre o tema.

COLL, César *et al.* **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

A obra aborda aspectos a serem considerados no momento de planejamento e desenvolvimento do currículo em relação aos conteúdos. Saber, saber fazer e avaliar são os conteúdos de aprendizagem propostos aos estudantes que devem ser objeto de ensino sistemático, de forma consciente, pelo docente.

COLL, César. **Psicologia e currículo**. São Paulo: Ática, 1996.

A partir de fundamentos psicopedagógicos, a leitura oferece modelos de projeto curricular concebidos para servir de instrumento na elaboração de propostas curriculares para os ciclos e níveis de educação escolar atuais.

KOUDELA, Ingrid Dormien; SANTANA, Arão Paranaguá de. **O teatro na educação**. In: FARIA, João Roberto (dir.). **História do teatro brasileiro**. Volume 2: Do modernismo às tendências contemporâneas. São Paulo: Perspectiva: Edições SESCSP, 2013.

Este capítulo da história do teatro brasileiro apresenta o percurso da inserção da linguagem teatral no ensino formal, além de expor as principais correntes teórico-metodológicas que fundamentam esse ensino.

KOUDELA, Ingrid Dormien; ALMEIDA JUNIOR, José Simões (org.). **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Neste livro, diversos verbetes articulam conceitos referentes à linguagem teatral com o campo das práticas educativas.

PERRENOUD, Philippe *et al.* **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

O livro traz textos das apresentações de autores que participaram de um ciclo de conferências realizado no Brasil em agosto de 2001. Os assuntos abordados subsidiam discussões e tomadas de decisão por aqueles que desejam um trabalho diferenciado e construtivo na escola.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

A obra apresenta perspectivas e limitações para a colocação em prática, na sala de aula, da construção de competências e da transposição prática. A leitura traz informações teóricas relevantes para a compreensão do conceito de competência e suas implicações no ofício docente.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

O livro privilegia as práticas inovadoras e, portanto, as competências emergentes que devem orientar as formações inicial e contínua do professor. Pode ser considerado um guia destinado àqueles que procuram compreender para onde deve se encaminhar o ofício docente.

SILVA, Jansse F. da; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria T. (org.). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

A obra reúne estudiosos de diferentes áreas do currículo para responder a questões sobre avaliação. Embasada em princípios comuns como a defesa do caráter formativo, mediador, ético e democratizado, tem o objetivo de suscitar outros olhares sobre o processo avaliativo.

TOMAZZONI, A.; WOSNIAK, C.; MARINHO, N. **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville: Nova Letra, 2010. Disponível em: <<http://www.ifdj.com.br/site/wp-content/uploads/2015/10/III-Seminarios-de-Danca-Algumas->

[Perguntas-sobre-Danca-e-Educacao.pdf](#)>. Acesso em: 12 nov. 2020.

Apresenta artigos que discutem as relações entre dança e educação, sobretudo no tocante à sua presença na Educação Básica e nos cursos de profissionalização espalhados pelo Brasil.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

O livro consiste em uma seleção cuidadosa dos ensaios mais importantes do autor, editada por estudiosos de sua obra. Vigotski enfatiza as origens sociais da linguagem e do pensamento e sugere os mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza das pessoas, ressaltando o papel da escola no desenvolvimento mental das crianças.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

O livro trata das relações interativas na classe, do papel dos professores e estudantes, da distribuição do tempo e da organização dos conteúdos. As análises sobre a prática educativa constituem pautas e orientações que visam melhorá-la.

## DOCUMENTOS OFICIAIS

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA** (Lei n. 8.069/1990). Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BRASIL. **Estatuto da Igualdade Racial** (Lei n. 12.288/2010). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm)>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BRASIL. **Estatuto da Pessoa com Deficiência** (Lei n. 13.146/2015). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB** (Lei n. 9.394/1996). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 12 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 8 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento referencial técnico-científico**. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/165-editais?download=14532:documento-t%C3%A9cnico-cient%C3%ADfico-do-minist%C3%A9rio-da-educac%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 8 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024** (Lei n.13.005/2014). Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>>. Acesso em: 12 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Alfabetização – PNA**. Brasília: MEC: SEALF, 2019. Disponível em: <<http://alfabetizacao.mec.gov.br/>>. Acesso em: 8 mar. 2021.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte. Brasília: MEC: SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2021.

**SEÇÃO DE REFERÊNCIA  
DO LIVRO DO ESTUDANTE**

MODERNA

### **Diego Moschkovich**

Mestre em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bacharel em Artes Cênicas pelo Instituto Estatal Russo de Artes Performativas, São Petersburgo, Rússia (revalidado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Bacharelado em Atuação Cênica). Diretor de teatro, tradutor, pesquisador em Artes Cênicas. Professor.

### **Luiz Pimentel**

Mestre em Educação (Área de concentração: Educação – Opção: Filosofia da Educação) pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Bacharel em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Ator, dramaturgo, pesquisador em Artes Cênicas. Professor.

### **Bela Moschkovich**

Bacharela em Letras – Inglês pela Universidade de São Paulo. Especialista em Canção Popular pela Faculdade Santa Marcelina (SP). Cantora, compositora, tradutora e revisora. Professora de Música e canto.

### **Lucas Oliveira**

Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Bacharel em filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bacharel e licenciado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Pesquisador e mediador cultural. Professor.

# **MUNDO DE EXPLORAÇÕES ARTE**

# **3<sup>o</sup> ano**

**Anos Iniciais do Ensino Fundamental**

**Categoria 2: Obras didáticas por componente ou especialidade**

**Componente: Arte**

1ª edição

São Paulo, 2021

 **MODERNA**

**Coordenação geral de produção:** Maria do Carmo Fernandes Branco  
**Edição de texto:** Denise Costa Felipe  
**Assistência editorial:** Lygia Roncel, Raphael Henrique de Souza Freitas  
**Assessoria pedagógica:** Regina Averoldi  
**Gerência de design e produção gráfica:** Everson de Paula  
**Coordenação de produção:** Patricia Costa  
**Gerência de planejamento editorial:** Maria de Lourdes Rodrigues  
**Coordenação de design e projetos visuais:** Marta Cerqueira Leite  
**Projeto gráfico:** Megalo/Narjara Lara  
**Capa:** Daniela Cunha  
*Ilustração:* Marcos de Mello  
**Coordenação de arte:** Aderson Assis Oliveira  
**Edição de arte:** Felipe Borba  
**Editoração eletrônica:** Narjara Lara  
**Edição de infografia:** Giselle Hirata, Priscilla Boffo  
**Coordenação de revisão:** Camila Christi Gazzani  
**Revisão:** Ana Marson, Elza Doring, Lilian Xavier, Miriam Santos, Sirlene Prignolato  
**Coordenação de pesquisa iconográfica:** Sônia Oddi  
**Pesquisa iconográfica:** Angelita Cardoso, Vanessa Trindade  
**Suporte administrativo editorial:** Flávia Bosqueiro  
**Coordenação de bureau:** Rubens M. Rodrigues  
**Tratamento de imagens:** Ademir Francisco Baptista, Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro, Vânia Aparecida M. de Oliveira  
**Pré-impressão:** Alexandre Petreca, Andréa Medeiros da Silva, Everton L. de Oliveira, Fabio Roldan, Marcio H. Kamoto, Ricardo Rodrigues, Vitoria Sousa  
**Coordenação de produção industrial:** Wendell Monteiro  
**Impressão e acabamento:**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Mundo de explorações arte / Diego Moschkovich ...  
[et al.]. -- 1. ed. -- São Paulo :  
Moderna, 2021.

Outros autores: Luiz Pimentel, Bela Moschkovich,  
Lucas Oliveira

3º ano : ensino fundamental : anos iniciais  
Categoria 2; Obras didáticas por componente ou  
especialidade

Componente: Arte  
ISBN 978-65-57797-35-8

1. Arte (Ensino fundamental) I. Moschkovich,  
Diego. II. Pimentel, Luiz. III. Moschkovich, Bela.  
IV. Oliveira, Lucas.

21-66962

CDD-372.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

**EDITORA MODERNA LTDA.**

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho  
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904  
Vendas e Atendimento: Tel. (0\_\_11) 2602-5510  
Fax (0\_\_11) 2790-1501  
www.moderna.com.br  
2021

Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2

## APRESENTAÇÃO

Estudante,

Seja bem-vindo ao universo da arte!

Nós, autores deste livro, ficamos muito contentes em convidá-lo a observar que a arte está presente de diversas formas em nosso cotidiano.

Ela está em nossas casas, nas ruas, na escola, na cidade, no campo, nos museus, nos teatros, na internet e em muitos outros países e espaços.

Este livro que você tem em mãos vai ser seu companheiro de percurso ao longo do estudo de diversos artistas, obras, coletivos e manifestações culturais do Brasil e do mundo.

Lembre-se ao longo dos seus estudos: a arte também é uma linguagem que nos permite pensar nossa vida, nosso corpo, nosso mundo e nossa sociedade.

Além disso, você e seus colegas serão convidados a ser artistas, criando cenas, movimentos, sons e obras visuais.

Assim, este livro faz um convite: vamos juntos explorar o mundo da arte?

Desejamos a você um bom percurso criativo!

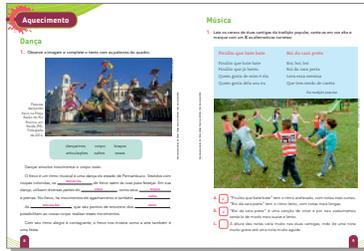
Os autores.

# Conheça seu livro

Veja como está organizado seu livro de Arte.

## Aquecimento

Para iniciar, você irá descobrir o que já sabe sobre arte.



## Abertura de unidade

A cada abertura, você e seus colegas irão analisar obras artísticas e discutir sobre o tema da unidade.



## Abertura de capítulo

A obra artística apresentada no início do capítulo fará você refletir sobre seus conhecimentos e sobre o tópico de arte que será tratado.



## ZUM!

Você irá conhecer vários artistas, obras e movimentos e ampliar seu conhecimento sobre arte.

## O que é essa imagem?

Você aprenderá a fazer a leitura de uma obra artística e discutirá os conhecimentos que tem sobre o tema a ser estudado.



## A arte faz pensar

Esse é o momento de refletir sobre suas experiências com a arte.



## Técnicas da arte

Nessa seção, você colocará em prática as técnicas e os conceitos que aprendeu.

**Uma instalação na sua escola!**  
Como você acha que ficaria a sua escola?



**Objetivos de aprendizagem:**

- 1. Identificar as características das artes visuais.
- 2. Reconhecer as diferentes linguagens artísticas.
- 3. Reconhecer as diferentes linguagens artísticas.

**Como fazer:**

1. Escolha um espaço da escola para a instalação.

2. Escolha um tema para a instalação.

3. Escolha as linguagens artísticas a serem utilizadas.

4. Escolha os materiais a serem utilizados.

5. Escolha o nome da instalação.

6. Escolha o local da instalação.

7. Escolha o horário da instalação.

8. Escolha o público-alvo da instalação.

9. Escolha o tipo de avaliação da instalação.

10. Escolha o tipo de divulgação da instalação.

### Vamos experimentar

Você irá se divertir colocando em prática seus conhecimentos sobre as linguagens da arte!

### Experimente em casa

Você irá experimentar práticas artísticas e aprender com sua família

**Experimente em casa**

1. Escolha um tema para a instalação.

2. Escolha as linguagens artísticas a serem utilizadas.

3. Escolha os materiais a serem utilizados.

4. Escolha o nome da instalação.

5. Escolha o local da instalação.

6. Escolha o horário da instalação.

7. Escolha o público-alvo da instalação.

8. Escolha o tipo de avaliação da instalação.

9. Escolha o tipo de divulgação da instalação.

### Artes integradas

Dança, música, teatro e artes visuais. Você verá que todas essas linguagens podem se complementar.

**Artes integradas**

1. Escolha um tema para a instalação.

2. Escolha as linguagens artísticas a serem utilizadas.

3. Escolha os materiais a serem utilizados.

4. Escolha o nome da instalação.

5. Escolha o local da instalação.

6. Escolha o horário da instalação.

7. Escolha o público-alvo da instalação.

8. Escolha o tipo de avaliação da instalação.

9. Escolha o tipo de divulgação da instalação.

### ZAZ

Em um zaz, você experimentará as linguagens da arte e ao mesmo tempo irá se divertir com os colegas.

**ZAZ**

1. Escolha um tema para a instalação.

2. Escolha as linguagens artísticas a serem utilizadas.

3. Escolha os materiais a serem utilizados.

4. Escolha o nome da instalação.

5. Escolha o local da instalação.

6. Escolha o horário da instalação.

7. Escolha o público-alvo da instalação.

8. Escolha o tipo de avaliação da instalação.

9. Escolha o tipo de divulgação da instalação.

**Processo de criação**

1. Escolha um tema para a instalação.

2. Escolha as linguagens artísticas a serem utilizadas.

3. Escolha os materiais a serem utilizados.

4. Escolha o nome da instalação.

5. Escolha o local da instalação.

6. Escolha o horário da instalação.

7. Escolha o público-alvo da instalação.

8. Escolha o tipo de avaliação da instalação.

9. Escolha o tipo de divulgação da instalação.

### Processo de criação

Você terá a possibilidade de experimentar como é o processo de criação de um artista.

**Processo de criação**

1. Escolha um tema para a instalação.

2. Escolha as linguagens artísticas a serem utilizadas.

3. Escolha os materiais a serem utilizados.

4. Escolha o nome da instalação.

5. Escolha o local da instalação.

6. Escolha o horário da instalação.

7. Escolha o público-alvo da instalação.

8. Escolha o tipo de avaliação da instalação.

9. Escolha o tipo de divulgação da instalação.

**Pesquisa em arte**

1. Escolha um tema para a instalação.

2. Escolha as linguagens artísticas a serem utilizadas.

3. Escolha os materiais a serem utilizados.

4. Escolha o nome da instalação.

5. Escolha o local da instalação.

6. Escolha o horário da instalação.

7. Escolha o público-alvo da instalação.

8. Escolha o tipo de avaliação da instalação.

9. Escolha o tipo de divulgação da instalação.

**Artes integradas**

1. Escolha um tema para a instalação.

2. Escolha as linguagens artísticas a serem utilizadas.

3. Escolha os materiais a serem utilizados.

4. Escolha o nome da instalação.

5. Escolha o local da instalação.

6. Escolha o horário da instalação.

7. Escolha o público-alvo da instalação.

8. Escolha o tipo de avaliação da instalação.

9. Escolha o tipo de divulgação da instalação.

### Criar e refletir

Ao final de cada unidade você irá refletir sobre o que aprendeu para ir construindo seu conhecimento ao longo do ano.

**O que eu aprendi**

1. Escolha um tema para a instalação.

2. Escolha as linguagens artísticas a serem utilizadas.

3. Escolha os materiais a serem utilizados.

4. Escolha o nome da instalação.

5. Escolha o local da instalação.

6. Escolha o horário da instalação.

7. Escolha o público-alvo da instalação.

8. Escolha o tipo de avaliação da instalação.

9. Escolha o tipo de divulgação da instalação.

### O que eu aprendi

Ao final do livro, você será convidado a aplicar o que aprendeu durante um ano cheio de descobertas.

### Dica

Ao longo do livro você encontrará dicas para aprofundar o que aprendeu.

**Dica**

Existem vários modos de trabalhar com moléculas, incluindo os que resultam nos bonecos de Carnaval. Esta reportagem apresenta o trabalho da Embaixada de Bonecos Gigantes, no Recife, em Pernambuco, em que os moléculas são feitos de argila e os cabeçotes, de fibra de vidro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0WFX8PqC2g8>. Acesso em: 23 fev. 2021.

Conheça a técnica do papel machê, uma massa de modelagem feita de papel e cola que é aplicada sobre sacos de lã com jornal amassado para criar detalhes e relevos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0WFX8PqC2g8>. Acesso em: 23 fev. 2021.

### ÍCONES DA COLEÇÃO



Atividade oral



Atividade escrita



Atividade em dupla ou grupo



Leitura com a ajuda do professor



Converse com o colega

# Sumário

**Aquecimento** ..... 8

**Unidade 1 Solta o som!** ..... 12

**Capítulo 1 - O som de que a gente gosta** ..... 14

**O que é essa imagem?**  
Gêneros musicais..... 14

**Experimente em casa** ..... 15

**O que é essa imagem?**  
Carybé. Roda de samba..... 16

**ZAZ**  
O ziriguidum do samba..... 17

**Técnicas da arte**  
Escrevendo o pulso ..... 18  
Fórmula de compasso ..... 18

**A arte faz pensar**  
O som de cada um ..... 20

**Vamos experimentar**  
Da marchinha ao coco ..... 22

**Capítulo 2 - Música, memória e tradição** ..... 24

**O que é essa imagem?**  
Afresco da tumba de Nebamun mostrando um banquete..... 24  
Região Norte - carimbó ..... 25  
Região Sudeste e Centro-Oeste - catira ou cateretê ..... 25  
Os cânticos guaranis..... 26

**O que é essa imagem?**  
Dança tangará da etnia guarani ..... 26

**ZAZ**  
Música para três momentos do dia ..... 27

**ZUM!**  
Movimento manguebeat ..... 29

**Vamos experimentar**  
O baque virado do maracatu ..... 30

**Artes integradas**  
Um baile de tradições ..... 32  
Região Nordeste - baião ..... 32  
Região Centro-Oeste - siriri ..... 32  
Região Sul - fandango ..... 33

**Processo de criação**  
Organizando o baile ..... 34

**Criar e Refletir** ..... 35



**Unidade 2 Dançar é uma festa!** ..... 36

**Capítulo 3 - Dança e ancestralidade** ..... 38

**O que é essa imagem?**  
Luta do huka-huka no ritual Quarup ..... 38

**Tradição quilombola - a umbigada** ..... 41

**O que é essa imagem?**  
Umbigada ..... 41

**ZAZ**  
1, 2, 3, umbigada! ..... 42

**ZUM!**  
Inaicyra Falcão ..... 43

**ZAZ**  
A dança dos gestos cotidianos ..... 43

**A arte faz pensar**  
Histórias de festas e danças ..... 44

**O que é essa imagem?**  
Viva - A vida é uma festa ..... 44

**Experimente em casa** ..... 45

**Vamos experimentar**  
Dançar o jongo ..... 47

**Capítulo 4 - Dançar histórias** ..... 48

**O que é essa imagem?**  
Bumba Meu Boi ..... 48

**Boi-Bumbá ou Bumba Meu Boi?** ..... 50

**O que é essa imagem?**  
Festa do Boi-Bumbá em Parintins..... 50

**ZAZ**  
O auto do Boi-Bumbá ..... 51

**Pesquisa em arte**  
Danças brasileiras de tradição..... 52

**Artes integradas**  
O nosso Boi de mamão..... 54

**Criar e Refletir** ..... 57



**Unidade 3 Do popular ao pop ..... 58**

**Capítulo 5 – A cultura popular também é arte! ..... 60**

**O que é essa imagem?**  
Djanira da Motta e Silva. *Folia do Divino* ..... 60

**Um saber transmitido a cada geração ..... 62**

**O que é essa imagem?**  
As carrancas de Ana das Carrancas ..... 62

**ZAZ**  
Modelagem com argila ..... 63

**A arte faz pensar**  
Patrimônio cultural material e imaterial ..... 64

**Experimente em casa ..... 65**

**ZUM!**  
Boneções de Carnaval ..... 66

**Vamos experimentar**  
Balões de papel machê ..... 68

**Capítulo 6 – Arte pop: uma explosão de cores! ..... 70**

**O que é essa imagem?**  
Nelson Leirner. *Figurativismo abstrato* ..... 70

**Repetir e reproduzir as imagens ..... 72**

**O que é essa imagem?**  
Andy Warhol. *Flores* ..... 72

**ZAZ**  
Estamparia de carimbos ..... 73

**Técnicas da arte**  
Instalação ..... 75

**Vamos experimentar**  
Uma instalação na sua escola! ..... 76

**Artes integradas**  
Arte em movimento! ..... 78

**O que é essa imagem?**  
Jesus Rafael Soto. *Sphère Lutétia* ..... 78

**Processo de criação**  
Pratos do malabarista ..... 79

**Criar e Refletir ..... 80**



**Unidade 4 No teatro somos muitos ..... 82**

**Capítulo 7 – Criar com máscaras ..... 84**

**O que é essa imagem?**  
Festival Internacional de Máscaras e de Artes ..... 84

**Máscaras no teatro ..... 86**

**O que é essa imagem?**  
Máscaras do teatro grego ..... 86

**Técnicas da arte**  
Criando uma máscara ..... 87

**Coro e corifeu ..... 89**

**Vamos experimentar**  
Coro e corifeu ..... 90

**Capítulo 8 – A máscara do palhaço ..... 92**

**O que é essa imagem?**  
Palhaços de Folia de Reis ..... 92

**Palhaços no teatro ..... 93**

**O que é essa imagem?**  
Circo di Sóladies. *Estupenda* ..... 93

**ZAZ**  
Criando um palhaço ..... 94

**ZUM!**  
Palhaços e palhaços brasileiros ..... 96

**A arte faz pensar**  
Humor e preconceito ..... 98

**Experimente em casa ..... 98**

**Vamos experimentar**  
Festa dos emojis ..... 100

**Artes integradas**  
Respeitável público: a arte do circo! ..... 101

**O que é essa imagem?**  
Circo da China. *China esplêndida* ..... 101

**Processo de criação**  
Cantando e encenando um coro de bailarinas e bailarinos ..... 103

**Criar e Refletir ..... 104**

**O que eu aprendi ..... 107**

**Referências bibliográficas comentadas ..... 111**

## Aquecimento

### Avaliação diagnóstica

### Dança

**Habilidade: (EF15AR09)** Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado.

#### Orientações e comentários das atividades

O preenchimento das lacunas do texto orienta o caminho que vai do reconhecimento do sujeito da dança (dançarinos), passa pela identificação de algumas partes de seu corpo (braços, pernas, articulações, até apresentar possibilidades de movimentos que envolvam o todo corporal (agachamentos e saltos). Observe se o estudante reconhece e identifica esse percurso, apresentado anteriormente em nossa coleção. Além disso, é importante observar se o estudante faz relações entre a imagem apresentada e o conteúdo do texto a ser preenchido. Antes do preenchimento do texto, pode-se conversar com a turma a respeito da imagem e o que ela apresenta: dançarinos de frevo com roupas coloridas, realizando saltos, segurando sombrinhas e parecendo se divertir enquanto dançam.

**Reorientação de planejamento:** Caso o estudante tenha dificuldade em compreender a relação entre sujeito, partes do corpo e o todo do movimento dançado, pode-se retomar com ele pontos trabalhados anteriormente, tais como o reconhecimento das articulações, peso e apoios corporais. Pode-se propor uma atividade prática guiada pelo uso de partes específicas do corpo do estudante, de modo a evidenciar a relação entre as partes do corpo e o todo do movimento. Proponha aos estudantes que dancem somente com a cabeça, somente com o tronco ou somente com as pernas. A partir da proposta, instigue-os a reconhecerem as possibilidades de movimento em relação a essas partes do corpo.

## Aquecimento

### Dança

1. Observe a imagem e complete o texto com as palavras do quadro.

Pessoas dançando frevo na Praça Barão do Rio Branco, em Recife (PE). Fotografia de 2016.



dançarinos	corpo	braços
articulações	saltos	ossos

Dançar envolve movimentar o corpo todo.

O frevo é um ritmo musical e uma dança do estado de Pernambuco. Vestidos com roupas coloridas, os dançarinos de frevo saem às ruas para festejar. Em sua dança, utilizam diversas partes do corpo, como seus braços e pernas. No frevo, há movimentos de agachamento e também saltos.

As articulações, que são pontos de encontro dos ossos, possibilitam ao nosso corpo realizar esses movimentos.

Com seu ritmo alegre e contagiante, o frevo nos mostra como a arte também é uma festa.

## Música

1. Leia os versos de duas cantigas da tradição popular, cante-as em voz alta e marque com um **X** as alternativas corretas:

### Pirulito que bate bate

Pirulito que bate bate  
Pirulito que já bateu  
Quem gosta de mim é ela  
Quem gosta dela sou eu

### Boi da cara preta

Boi, boi, boi  
Boi da cara preta  
Leva essa menina  
Que tem medo de careta

Da tradição popular.



FERNANDO FAVORETTO/CHIRIAR IMAGEM

- a.  "Pirulito que bate bate" tem o ritmo acelerado, com notas mais curtas.  
"Boi da cara preta" tem o ritmo lento, com notas mais longas.
- b.  "Boi da cara preta" é uma canção de ninar e por isso costumamos cantá-la de modo mais suave e lento.
- c.  A altura das notas varia muito nas duas cantigas, indo de uma nota muito grave até uma nota muito aguda.

9

## Música

**Habilidade: (EF15AR14)** Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.

### Orientações e comentários da atividade

Para uma melhor compreensão da questão, realize a leitura do enunciado e cante as melodias dos dois versos de cantigas em voz alta junto com a turma. A alternativa A descreve as diferenças de ritmo e melodia das cantigas. "Pirulito que bate bate" é uma cantiga de roda animada e com notas curtas, e "Boi da cara preta" é uma canção de ninar, lenta e com notas alongadas.

A alternativa B se refere ao contexto da canção de ninar, que normalmente precisa ser cantada em uma intensidade menor para fazer uma criança dormir.

Quanto à alternativa C, podemos dizer que nenhuma das cantigas tem uma grande variação de altura (grave/agudo), e as melodias de ambas se mantêm em uma região confortável.

### Reorientação de planejamento:

Caso a turma apresente dificuldade para interpretar os conceitos referentes às propriedades do som (altura, duração, intensidade) e ao ritmo, o professor pode retomar os elementos associados a cada conceito, listando-os na lousa: altura – grave/agudo; duração – curto/longo; intensidade – forte/fraco e ritmo – acelerado/lento.

Para evidenciar a diferença de ritmo citada na alternativa A, releia os versos em voz alta com os estudantes, batendo palmas junto com a letra e observando as diferenças: as palmas mais rápidas e curtas em "Pirulito que bate bate" mostram um ritmo acelerado, e as palmas mais espaçadas em "Boi da cara preta" mostram um ritmo mais lento.

Para evidenciar a diferença de intensidade, experimente cantar um verso em uma intensidade forte e outro em uma intensidade fraca e compare-os, remetendo ao contexto da canção de ninar.

Para evidenciar o que seria uma diferença grande de altura como citado na alternativa C, experimente cantar as cantigas com a turma utilizando notas muito agudas e muito graves, e depois compare com as melodias tradicionais.

Depois, a turma pode experimentar fazer o mesmo com outras cantigas populares ou músicas que eles conheçam, experimentando variar as propriedades do som e o ritmo das músicas, e observando os resultados.

## Artes visuais

**Habilidade: (EF15AR05)** Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

### Orientações e comentários da atividade

Os estudantes devem associar o conteúdo de cada frase com a imagem dos autorretratos. Para isso, o professor deve ler cada uma das frases e explicar como proceder nesta atividade. No volume anterior, os estudantes trabalharam a habilidade de se representar e de reconhecer o outro por meio do gênero do retrato. O retrato deve ser, então, tomado com uma ferramenta que ajuda a conhecer as pessoas e a identificar o papel social que cada pessoa cumpre em sua comunidade. Por isso, a atividade induz os estudantes a repararem em aspectos como a expressão facial, o olhar, os objetos, vestuário e cenário que compõem cada retrato. Esta questão permite ao professor observar se os estudantes conseguem interpretar texto e imagem e se conseguem enunciar a sua leitura sobre os personagens das imagens.

### Reorientação de planejamento:

É possível que os estudantes não consigam responder à questão por não reconhecer este formato de atividade. Neste caso, convém que o professor resolva uma parte da questão na lousa, para exemplificar o procedimento. Caso os estudantes ainda assim não consigam responder, o professor deve retomar o tema do autorretrato, trabalhando com exemplos que permitam aos estudantes desenvolver a sua leitura de imagens, interpretando os diversos elementos objetivos e subjetivos que envolvem a leitura de um retrato: quem é essa pessoa? Em que época viveu? Qual é a sua idade? Em que época essa pessoa deve ter vivido? Como são as suas roupas? Há outros objetos na imagem que nos ajudem a interpretar algo sobre essa pessoa? Como é a sua expressão facial? Como ela parece se sentir? Para onde ela olha? O que o seu olhar nos diz?

## Artes visuais

- Muitos artistas pintaram autorretratos. Alguns deles se representaram como artistas, pintando. Alguns preferiram destacar outras curiosidades sobre eles. Escreva nos quadrinhos a letra da frase que corresponde a cada imagem.



JOÃO MUSA © JOSÉ PANCETTI – MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND, SÃO PAULO (MASP)

Autorretrato de José Pancetti, 1941.



ROMÍLO FALDINI/TEMPO COMPOSTO © ARTHUR TIMÓTHEO DA COSTA – PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO, SÃO PAULO

Autorretrato de Arthur Timótheo da Costa, 1908.



© LASAR SEGALL – MUSEU LASAR SEGALL – IBIRAPUÃ, SÃO PAULO

Autorretrato de Lasar Segall, 1927.



DIANIRA DA MOTA E SILVA © INSTITUTO PINTURA DJANIRA – COLEÇÃO PARTICULAR

Autorretrato de Djanira, 1944.

- Essa pessoa parece ser mais velha. Suas vestes são muito elegantes.
- A pessoa no retrato parece nos observar, como se fosse nos desenhar.
- O seu olhar está distraído, como se estivesse imaginando o que vai pintar.
- Ele deve ser um marceneiro ou pedreiro, por causa da sua ferramenta de trabalho.

## Teatro

### 1. Observe a imagem a seguir.



MARIANA CHAVIA

Cena do espetáculo *Viagem ao centro da Terra*, da Cia. Solas de Vento. Direção de Eric Nowinski. São Paulo (SP). Fotografia de 2015.

- Que elementos na imagem possibilitam afirmar que se trata de uma apresentação teatral? Por quê?

Na imagem, tanto a posição dos atores, que parecem estar no meio de uma ação, como seus

figurinos (que não são roupas comuns, cotidianas, mas roupas de cena) e os elementos de

composição do cenário (tábuas de madeira, fita, telão pintado ao fundo) possibilitam identificar uma

cena teatral.

## Teatro

**Habilidade: (EF15AR18)** Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

### Orientações e comentários da atividade

Esta questão retoma alguns aspectos da linguagem teatral trabalhados no ano anterior. Na imagem, tanto a posição dos atores, que parecem estar no meio de uma ação, quanto seus figurinos (que não são roupas comuns, cotidianas, mas roupas de cena), e os elementos de composição do cenário (tábuas de madeira, fita, telão pintado ao fundo) permitem identificar uma cena teatral. Trata-se, no caso, do espetáculo *Viagem ao centro da terra*, da Cia. Solas de Vento, baseado na obra homônima de Júlio Verne (1828-1905). Espera-se que os estudantes possam lembrar-se, a partir do trabalho realizado no ano anterior, de pelo menos um dos elementos que compõem a cena teatral (cenário, figurinos, elementos de cena, atores). Pode ser, ainda, que citem o aspecto da imaginação, fazendo uma conexão com a imaginada “viagem ao centro da terra”. Todos esses tipos de resposta, e suas variações, mostram que o estudante apropriou-se de maneira satisfatória do conteúdo trabalhado com a habilidade EF15AR18 no 2º ano.

### Reorientação de planejamento:

Caso você perceba que a turma ou alguns estudantes não identificam os elementos citados como partes componentes e identificadoras – no caso – de uma cena de teatro, lembre com eles os exercícios trabalhados no ano anterior, especialmente os presentes no Capítulo 7 do volume 2, no qual incentivava-se a turma a criar mundos fantásticos pela ressignificação de objetos cotidianos, presentes na sala de aula.

## APRESENTAÇÃO DO VOLUME

### Volume 3 – Tema: A ARTE É UMA FESTA

O terceiro volume da coleção apresenta ao estudante o caráter lúdico, multicultural e também festivo presente na arte. Por meio da apresentação dos conceitos de patrimônio material e imaterial, assim como de artistas e obras que dialogam com os temas da tradição e da transformação cultural, propomos que, nas quatro linguagens artísticas, o estudante reconheça a presença da arte na diversidade cultural de partes diferentes do planeta, tanto no presente quanto no passado. Assim, o volume se dedica à localização de manifestações artísticas que não se restringem a apenas uma das quatro principais linguagens artísticas, acabando por se configurar em exemplos evidentes de Artes integradas. Nessa direção, aproveitamos o ensejo temático do volume para dar destaque a outras linguagens artísticas, como a circense.

#### Perguntas disparadoras transversais

---

- O que é festa?
- Como a arte está presente nas festas populares e tradicionais?
- Como as linguagens artísticas se encontram integradas nas festividades e em outras produções culturais?

**Competências gerais:** 1, 2, 3, 4, 7, 8 e 10

## UNIDADE 1: SOLTA O SOM!

### Introdução à Unidade 1

Pensando nas perguntas motivadoras deste volume, a proposta da linguagem de música é trabalhar seu papel em diferentes âmbitos da vida cotidiana e das sociedades, abordando as noções de tradições, festas populares e a preservação do patrimônio cultural.

No primeiro capítulo, o trabalho se concentra na exploração de diferentes gêneros musicais do cotidiano, introduzindo noções básicas da leitura musical com a prática lúdica de alguns ritmos brasileiros.

No segundo capítulo, são abordadas tradições e a preservação da arte tradicional de diferentes povos, continuando o trabalho com ritmos brasileiros e propondo a escuta de diferentes músicas tradicionais do mundo. Em ambos os capítulos, bem como no projeto de Artes Integradas, está presente o tema condutor do papel de diferentes gêneros musicais (tradicionais ou contemporâneos) na constituição e afirmação da identidade coletiva e individual.

#### Objetivos pedagógicos

---

- Apresentar o conceito de gênero musical;
- Trabalhar a escuta e a percepção de gêneros variados, como a música popular contemporânea, a música popular tradicional brasileira e de outros povos.
- Discutir a importância da preservação do patrimônio cultural e o papel da música na formação da identidade, por meio do trabalho com os gêneros e ritmos musicais variados;
- Introduzir a leitura de sinais básicos da escrita musical: figuras de som e marcação de acentos.

## Competências específicas e como são trabalhadas

---

- **Competência específica 1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.**

No primeiro capítulo, são apresentadas reflexões e a escuta de diferentes gêneros musicais, enfatizando a importância da música e do respeito às diferenças na vida cotidiana, tanto para o coletivo quanto para o indivíduo.

No segundo capítulo, exploramos músicas tradicionais de diferentes povos do mundo, e também as tradições da música e dança das diferentes regiões do Brasil, culminando no projeto de Arte Integrada.

- **Competência específica 3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.**

Desde o primeiro capítulo, a relação entre música e identidade – cultural e individual – serve como fio condutor para a exploração dos gêneros tradicionais e contemporâneos, motivando os estudantes a refletirem sobre o impacto de diversas manifestações culturais na construção da identidade coletiva e individual.

## Habilidades e como são trabalhadas

---

- **(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.**

No primeiro capítulo, propõe-se a escuta e apreciação de gêneros musicais contemporâneos, bem como o trabalho de percepção rítmica com base em ritmos tradicionais brasileiros. No segundo capítulo, a proposta de trabalhar com músicas tradicionais de diversas culturas é aprofundada. Em ambos os capítulos se aborda o papel da música na vida cotidiana.

- **(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.**

Nas atividades práticas propostas em cada capítulo, esta habilidade é trabalhada, em articulação com a habilidade EF15AR13, por meio da exploração dos elementos musicais de diferentes gêneros brasileiros: samba, marchinha e coco, os cânticos da etnia indígena Guarani e o maracatu. Além disso, o projeto de *Artes integradas* propõe a apresentação de danças associadas a ritmos tradicionais de cada região do Brasil.

- **(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.**

No primeiro capítulo, noções básicas de leitura musical são apresentadas e exploradas ao longo do livro. O registro como forma de preservação do patrimônio cultural de diferentes povos é abordado no segundo capítulo.

## UNIDADE 1: SOLTA O SOM!

### Abertura

#### Atividades preparatórias

Professor, o objetivo desta unidade inicial é trabalhar a ideia de “festa” e de manifestações culturais, refletindo sobre a importância de ambos os elementos para a preservação do patrimônio cultural e para a construção da identidade coletiva e individual.

Explore com os estudantes a imagem de abertura, com uma conversa para que eles respondam às perguntas coletivamente.

UNIDADE

1

Solta o som!



Apresentação da orquestra de frevo Arruando no marco zero de Recife (PE). Fotografia de 2015.

O frevo é um gênero musical e de dança criado em Pernambuco e levado para todo o Brasil e o mundo!

Esse gênero anima as folias de Carnaval e é celebrado em Pernambuco no dia 9 de fevereiro, conhecido como o Dia do Frevo.

Respostas pessoais.



1. Você já participou de alguma festa de rua como o Carnaval? Qual?
2. Você gosta de ir a outros tipos de festa? Quais?
3. Qual é seu tipo de festa favorito? Que **gênero musical** você ouve nele?



VEETIMANO/REUTERS/PHOTODISC

13

### Orientações e comentários das atividades preparatórias

1. Incentive-os a dar exemplos de festas de rua, que podem incluir festas juninas e quermesses, cortejos festivos de cunho religioso, comemorações em feriados específicos da região dos estudantes etc.
2. Deixe que os estudantes especifiquem as festas (festas da igreja, festas de aniversário, festas da escola, rodas de música ou outras atividades coletivas).
3. Pergunte a eles se conhecem a expressão “gênero musical” e explique que se refere a estilos de música. Apresente o assunto no Capítulo 1.

## Capítulo 1 – O som de que a gente gosta

### Habilidade: (EF15AR13)

Neste capítulo, será abordada a diversidade de gêneros musicais contemporâneos e seu papel na vida cotidiana, no senso de identidade e no respeito às diferenças de opinião. Serão explorados também alguns ritmos tradicionais brasileiros, a fim de trabalhar a percepção de acento rítmico e de apresentar noções básicas de escrita musical.

### O que é essa imagem?

Ao interpretar as imagens com os estudantes, chame a atenção para os detalhes de cada pessoa representada: a maneira como se veste, a postura, os instrumentos que podem ou não estar segurando. Depois, incentive-os a responder às perguntas. Peça aos estudantes que pensem em músicas de cada um dos gêneros citados e busquem justificar por que cada imagem se associaria melhor a um gênero do que a outro.

## CAPÍTULO

# 1

## O som de que a gente gosta

Estas fotografias são de artistas realizando apresentações musicais. Observe como estão vestidos, se estão com instrumentos musicais e qual é a atitude deles no palco.



1

DAVID REPERE/REUTERS/GETTY IMAGES



2

ELIZABETH PANK/FUTURA PRESS



3

GUSTAVO ANTERIO/FUTURA PRESS



4

FABINHO ISHIO

Observe as imagens. Cada uma dessas pessoas se identifica com um gênero musical, com um estilo de música.

### O que é essa imagem?



1. Relacione cada imagem a um gênero musical.

1

Rock

3

Sertanejo

2

Rap

4

Samba

2. Você gosta de algum desses gêneros musicais? Por quê?

Resposta pessoal. Encoraje os estudantes a dar suas opiniões sobre os exemplos.

3. Você conhece gêneros musicais diferentes desses? Quais?

Resposta pessoal. Alguns gêneros possíveis podem ser: *forró, reggae, funk, música erudita* ("clássica"), *gospel, pop, brega*.

**Gênero musical** é uma maneira de nomear estilos de música diferentes. Eles podem ter várias origens.

Na música brasileira, há gêneros influenciados por músicas estrangeiras, como o *rock* e o *rap*, e também pela música africana, como o samba, entre muitos outros.

Para muitas pessoas, o tipo de música de que alguém gosta também faz parte da **identidade**.

Essa identidade é formada ainda pelo jeito de se expressar: pela música, pelas roupas e pelo jeito de falar. E ela também pode estar relacionada com o lugar onde a pessoa vive ou de onde sua família veio.

O **rap**, por exemplo, é um gênero que surgiu nas periferias das cidades, em comunidades de negros dos Estados Unidos. Suas letras, cantadas com um ritmo marcado de percussão, falam sobre o cotidiano e a vida dessas comunidades.

O **sertanejo**, por sua vez, é um gênero que surgiu no interior do país, no campo. Ele vem da música caipira e geralmente as canções contam histórias que dizem muito sobre sentimentos como o amor, a alegria e a tristeza.

Professor, este questionário pode ser aplicado como lição de casa, incentivando os estudantes a entrevistar pessoas de outras idades, da família ou não, e a refletir sobre a música e a identidade individual.

### Experimente em casa

Conheça mais sobre música e identidade! Você conversará com uma pessoa sobre o gosto musical dela. Use o questionário a seguir e anote as respostas no seu caderno.

1. Qual é o seu nome e a sua idade?
2. Qual é o seu gênero musical favorito?
3. O que esse gênero musical representa para você?
4. Existe algum gênero musical de que você não gosta? Por quê?
5. Você costuma cantar ou dançar as músicas desse gênero? Em que momentos?
6. Alguém o influenciou na escolha do seu gênero preferido?
7. Qual é o gênero de música preferido por seus amigos?
8. Qual é o gênero de música preferido por seus familiares?

### Experimente em casa

O questionário proposto pode ser aplicado como lição de casa, incentivando os estudantes a entrevistar pessoas de outras idades, sejam da família ou não, e refletir sobre a música e a identidade individual.

Em preparação para a atividade, leia as perguntas em voz alta com a turma e esclareça possíveis dúvidas. Explique aos estudantes que o objetivo dessa pesquisa é investigar como o gosto musical de alguém pode ser influenciado pelo estilo de vida e pelas pessoas que o cercam. Peça a eles que registrem as respostas em seu caderno e diga que, na próxima aula, vocês irão comparar as respostas.

Na aula seguinte, retome o questionário e incentive os estudantes a compartilharem suas respostas com a turma. Durante o compartilhamento dos resultados, anote na lousa os gêneros musicais e outras respostas obtidas na pesquisa para que a turma tenha uma representação visual dos resultados como qual é o gênero mais popular (se houver), como as pessoas foram influenciadas a ouvir seus gêneros musicais favoritos etc. A partir daí, convide a turma a refletir sobre os resultados obtidos e o papel da música para alguém definir sua identidade.

## O que é essa imagem?

### Habilidade: (EF15AR13)

Professor, a proposta a seguir explora o samba como gênero musical para introduzir a seção ZAZ, em que os elementos rítmicos do samba serão explorados. Conduza a observação da pintura *Roda de samba*, de Carybé, pedindo aos estudantes que observem os diferentes elementos contidos nela, como os instrumentos (pergunte se eles conhecem os instrumentos e, se não conhecerem algum, qual) e os movimentos que os personagens da pintura parecem estar fazendo. Depois de responderem às perguntas, leia com os estudantes o texto sobre as origens africanas do samba. Pergunte a eles se conhecem ou frequentam rodas de samba, e também se conhecem as origens de outros gêneros musicais.

A pintura reproduzida abaixo se chama *Roda de samba*. Observe as pessoas representadas na cena e os instrumentos que estão sendo tocados.



Carybé. *Roda de samba*. Serigrafia, 50 cm × 70 cm. Coleção particular. Data desconhecida.

## O que é essa imagem?

1. Você reconhece os instrumentos que aparecem na pintura? Quais são eles?

Violão, pandeiro, xequerê e atabaque.

2. O que as duas mulheres parecem estar fazendo?

Elas parecem estar dançando.

3. Você conhece o samba? Como?

Resposta pessoal. Os estudantes podem ter acesso a rodas de samba, ou então ter ouvido por influência da família, em algum filme, no Carnaval etc.

Muitas vezes, as origens de um gênero musical se misturam, como é o caso do **samba**, que traz o batuque do *semba*, ritmo típico do povo bantu trazido por pessoas escravizadas de Angola, e o violão, que veio da viola, instrumento trazido para cá pelos colonos portugueses.

A origem africana do samba faz dele um símbolo da identidade da comunidade negra no Brasil, nas escolas de samba, ensaiando para o Carnaval, ou em rodas de samba entre amigos. O samba é um dos gêneros musicais brasileiros mais conhecidos internacionalmente.

## ZAZ

## O ziriguidum do samba

Que tal entender como o **pulso** e o **ritmo** do samba estão organizados?

O pulso do samba geralmente é marcado por um tambor grave, como o bumbo. Ele é contado em dois tempos fortes, ou seja: um, dois, um, dois, e assim por diante.

O ritmo do samba surge quando juntamos o bumbo e o pandeiro, que dá toques mais leves e rápidos.

Fica fácil de perceber esse ritmo se colocamos sílabas nele: a palavra é ZIRIGUIDUM! Os toques fortes serão cantados com a sílaba DUM, e os mais leves, com as sílabas ZI-RI-GUI. Ficará assim:

ZI-RI-GUI-DUM-ZI-RI-GUI-DUM...

### Experimente o ZIRIGUIDUM do samba!

- 1 Organizem-se em roda e escutem o samba que o professor colocará para tocar.
- 2 Comecem a marcar o pulso, batendo pés, palmas ou utilizando tambores.
- 3 Depois, marquem o ZI-RI-GUI-DUM com a voz. Lembrem-se de que o **DUM** deve ser falado com a batida do pulso, ou seja, junto com pés, palmas ou tambores!
- 4 Quando estiver fácil para todos, dividiremos!
  - Ainda batendo pés, palmas ou tambores, metade da sala marcará somente o pulso, e a outra metade fará ZI-RI-GUI-DUM.

17

### Sugestões de links

Professor, os *links* sugeridos a seguir contêm exemplos da percussão do samba que podem ser usados para essa prática. A primeira sugestão é uma videoaula sobre o pandeiro do samba que pode ser usada para exemplificar o “Ziriguidum”.

- Videoaula de Pandeiro – Jeferson Fontana. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=40myPgS0fKY>>.

- Batucada 80 bpm *Playback*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UdeRerkZ8w>>.

- Instrumental Samba – Batucada Samba. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GfoWB0NEjD4>>.

(Acessos em: 20 jul. 2021.)

## ZAZ – O ziriguidum do samba

### Habilidade: (EF15AR14)

Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.

### Roteiro de aula

**Objetivo:** Desenvolver a percepção do acento rítmico do samba, de forma lúdica.

**Duração:** 30 min

**Materiais necessários:** Músicas selecionadas pelo professor (ver sugestões), aparelho de som, instrumentos de percussão (opcional).

**Observação:** A proposta desta atividade é fazer uma roda; portanto, é necessário preparar com antecedência o espaço da sala de aula ou outro espaço onde seja possível formar a roda. É recomendável escutar as faixas sugeridas com antecedência, também procurando perceber o acento rítmico conforme explicado no texto, tornando a exposição aos estudantes mais fácil.

**Desenvolvimento:** Organize os estudantes em roda e coloque a faixa escolhida para tocar. Comece a marcar o pulso com os pés, batendo palmas ou com instrumentos de percussão e peça aos estudantes que façam o mesmo. Quando perceber que a turma se acostumou ao ritmo, exemplifique o ZIRIGUIDUM, repetindo as sílabas junto com as batidas da música. Para a segunda etapa, divida a turma em dois grupos e determine qual dos dois vai tocar o pulso (“DUM”) e qual vai tocar o ritmo (“ZI-RI-GUI”). Caso esteja usando instrumentos de percussão, procure deixar tambores graves para a marcação do pulso e pandeiros e chocalhos para a marcação do ritmo. Coloque um trecho da música para tocar e encontre o pulso da canção com a turma toda. Depois, avise-os de que você irá tocar a canção do começo e então cada grupo deve tocar sua parte separadamente.

**Avaliação:** Depois da prática, ainda sentados em roda, peça aos estudantes que compartilhem suas impressões: O que eles acharam do samba? Qual parte foi mais fácil e qual foi mais difícil?

## Técnicas da arte – Escrevendo o pulso

### Habilidade: (EF15AR16)

Nesta seção, há uma introdução a alguns conceitos da escrita musical. Essa atividade pode ser trabalhada ao longo de mais de uma aula, conforme necessário. O objetivo é apresentar aos estudantes a noção de que a música pode ser escrita, desenvolvendo esse entendimento a partir de conceitos já apresentados anteriormente e que continuam a ser explorados, como o pulso e os compassos.

A seguir, são expostos alguns dos conceitos trabalhados na seção.

O **pulso** é o ritmo constante que podemos perceber ao escutarmos uma música (seja ela cantada ou instrumental). Quando batemos palmas cantando “Parabéns pra você”, por exemplo, estamos marcando o pulso dessa música. Ao longo dos volumes 1 e 2, diversos exercícios trabalhando a percepção do pulso foram propostos.

O **compasso** é uma forma de dividir esse pulso em grupos, facilitando sua contagem. Em preparação a esta seção, escute as canções e músicas sugeridas na página MP045 e pratique as contagens nos diferentes compassos: quaternário (quatro tempos), ternário (três tempos) e binário (dois tempos). Esses compassos são os mais comuns dentro do universo musical brasileiro.

## Técnicas da arte

### Escrevendo o pulso

Vamos relembrar o que conhecemos sobre **pulso** e **compasso**? De acordo com a música, dividimos os tempos do pulso em pequenos grupos, chamados compassos. O compasso quaternário, ou seja, de quatro tempos, é um dos mais comuns, e você já o conhece!

- Enquanto escuta uma música, tente contar 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4...

Para escrever o que ouvimos, utilizaremos dois elementos importantes: as **barras de compasso** e as **figuras de som**. As barras de compasso dividem os compassos, e cada figura de som representa uma das batidas que escutamos.

- Ouça a batida novamente e acompanhe a contagem apontando para as figuras de som na imagem.

Podemos fazer o mesmo com outros compassos.

- Ouça as batidas com os compassos binário (de dois tempos) e ternário (de três tempos) e tente acompanhar a contagem apontando para as figuras de som.

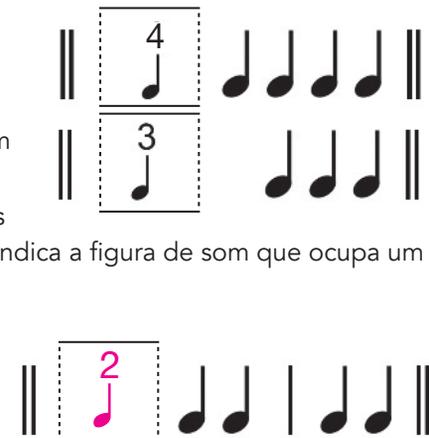


### Fórmula de compasso

Escrever os sons utilizando só as figuras de som e as barras de compasso pode ficar um pouco confuso. Para nos ajudar, utilizamos um símbolo chamado **fórmula de compasso**.

O número de cima nos diz quantos tempos há em cada compasso. O desenho de baixo indica a figura de som que ocupa um tempo nesse compasso.

- Os compassos ao lado são binários, ou seja, têm dois tempos. Como você escreveria essa fórmula de compasso? Escute a batida novamente e preencha a fórmula no espaço pontilhado.



18

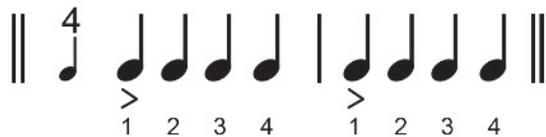
### Atividade complementar

#### Compasso geométrico

Para fixar o conceito de compasso e contagem, pode-se utilizar, em associação ao conteúdo de Matemática e Artes Visuais, figuras geométricas para representar compassos com diferentes tempos. Cada lado representará um tempo do compasso. Além de figuras como o triângulo e o quadrado ou retângulo (compassos de 3 e 4 tempos), você pode explorar compassos irregulares com figuras como o pentágono e o heptágono, apesar de esses compassos serem menos comuns.

- Agora, explore a **intensidade** diferente dos sons: contando em quatro tempos, tente bater uma palma mais forte no tempo 1 e deixar os tempos restantes mais fracos.

Para identificar o tempo mais forte, utilizaremos o símbolo **>**. Ele será colocado embaixo da batida mais forte. Tente manter essa batida acompanhando uma música, apontando para as figuras de som.



Agora, vejamos o que você aprendeu!

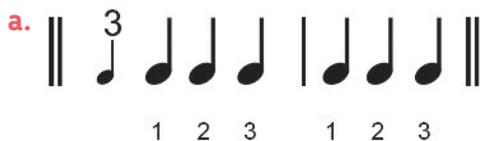
1. Escreva a fórmula de compasso correta no espaço pontilhado:



2. Escreva o pulso correspondente à seguinte fórmula de compasso:



3. Em grupos, experimentem colocar o símbolo **>** em diferentes posições e reproduzir o que escreveram em cada compasso.



Professor, divida os estudantes em pequenos grupos e deixe que explorem os diferentes acentos batendo palmas. Você pode tocar as músicas que utilizou de exemplo para os diferentes compassos anteriormente como base para essa experimentação.

→ Em grupos, os estudantes devem escolher formas geométricas e construir painéis utilizando cartolinas e materiais de desenho. Traçando as figuras, eles devem praticar as contagens seguindo os contornos geométricos. Proponha um desafio aos estudantes: qual figura usariam para representar um compasso de dois tempos? Um semicírculo é uma das respostas possíveis, mas permita que explorem as possibilidades em outras figuras geométricas.

↑ A fórmula de compasso, explicada nesta seção, é a forma utilizada na escrita musical para sinalizar os compassos. O número de cima indica quantos tempos há em cada compasso, e o símbolo de baixo representa a figura de som que ocupa um tempo nesse compasso – o nome da figura utilizada nesta seção é **semínima**, e ela é a base da maioria dos compassos utilizados na música que conhecemos. Existem outras figuras de som que podem durar mais ou menos tempo do que a semínima, mas não é necessário conhecê-las para compreender o conceito apresentado.

Esta é uma forma simplificada da fórmula de compasso, uma maneira de tornar o conceito mais claro. Na representação oficial da fórmula de compasso, em vez de utilizarmos a própria figura, utilizamos um número que corresponde a ela. Os compassos aqui representados seriam escritos da seguinte maneira: 4/4 (quatro por quatro), 3/4 (três por quatro) e 2/4 (dois por quatro).

### Sugestões de links

Professor, recomendamos o uso de músicas em um andamento moderado para exemplificar os compassos. Confira algumas sugestões:

- Compasso quaternário – Eu só quero um xodó – Dominginhos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TPm6YnDNyj0>>.
- Compasso binário – Taí (Pra você gostar de mim) – interpretado por Carmen Miranda. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wEvhEtfiU5M>>.
- Compasso ternário – Pela luz dos olhos teus – Tom Jobim e Miúcha. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5pyk-DmkBsA>>.

(Acessos em: 20 jul. 2021.)

## A arte faz pensar – O som de cada um

### Habilidade: (EF15AR13)

Esta seção usa a história do livro *O som de cada um*, de Telma Guimarães, como disparador para discutir a individualidade de cada um, seus gostos e a importância de respeitar, escutar e experimentar coisas diferentes antes de julgá-las.

A discussão final, uma roda de conversa sobre “música e identidade”, objetiva levar os estudantes a refletir sobre o papel da música e de seus interesses na formação de suas identidades, após trabalhar o tema com o questionário e o samba nas atividades anteriores. Na conversa, levante os aspectos que surgiram durante essas atividades, fazendo a ligação entre os assuntos.

O livro pode ser trabalhado como material de leitura complementar em conjunto com a área de Língua Portuguesa.

## A arte faz pensar

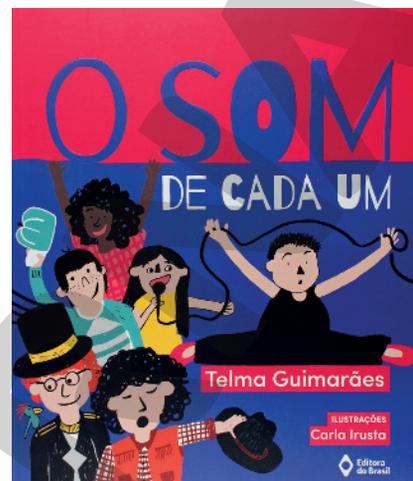
### O som de cada um

O livro *O som de cada um* conta a história de uma turma que está se preparando para um show de talentos na escola.

Donato, que é fã de música sertaneja, sofre provocações de seus colegas, como Luciano, que prefere *rap*. A professora, então, tem uma ideia: ela troca os papéis de todo mundo no show de talentos! Agora, Luciano terá de apresentar uma música sertaneja, e Donato terá de fazer um *rap*.

Leia o *rap* de Donato e a música sertaneja de Luciano.

Telma Guimarães. *O som de cada um*.  
São Paulo: Editora do Brasil, 2020.



REPRODUÇÃO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1998.

#### RAP DO DONATO

Eu gosto mesmo é de música,  
seja ela um *pop rock*,  
*sertafunk* ou sertanejo,  
feliz eu fico se realizo o meu desejo.

O país é muito grande,  
Norte, Sul, Leste e Oeste,  
Cada um com um estilo  
E um som que manifeste!!

ILUSTRAÇÕES: VANESSA PREZOTO

20



#### SERTANEJO DO LUCIANO

Ai preciso de um ombro,  
Que me seja amoroso,  
Eu que sou tão orgulhoso,  
Sempre fui muito vaidoso,  
Estou num mato sem cachorro,  
Com vontade de chorar!!!!

Telma Guimarães. *O som de cada um*.  
São Paulo: Editora do Brasil, 2020.

Depois de ler as letras de música de Donato e Luciano, responda:

1. Você prefere o rap de Donato ou o sertanejo de Luciano? Por quê?

Resposta pessoal.

---



---



---



---

2. Explique a frase: **Amigos podem gostar de gêneros musicais diferentes.**

Resposta pessoal.

---



---



---



---

3. Você tem amigos que gostam de gêneros musicais diferentes do seu favorito? De quais gêneros eles gostam?

Resposta pessoal. Exemplos: “Sim, eu gosto de rock e meus amigos gostam de pop.”; “Não, todos nós gostamos de rap.”.

---



---

4. Faça uma roda de conversa sobre o gênero musical preferido de cada colega e, juntos, descubram: Respostas pessoais.

- Qual é o gênero musical preferido pela turma? Vocês podem fazer uma votação, levantando mãos e contando quem gosta mais ou menos de cada gênero.
- E o menos escolhido?
- Por que a música é importante para cada um de vocês?
- Em que momentos do dia você escuta música?

### Orientações e comentários das atividades

- Estimule os estudantes a explicar quais elementos os fazem gostar mais de um exemplo do que do outro, gostar igualmente dos dois ou não gostar de nenhum. Caso você perceba que alguma resposta apresenta algum tipo de preconceito em relação a um tipo específico de música, convide o estudante a questionar-se sobre os motivos que o levam a pensar dessa maneira. Estimule-o a refletir sobre os elementos que esse gênero musical tem em comum com algum de que ele goste. O objetivo, aqui, é que os estudantes possam desenvolver a capacidade de escutar diferentes gêneros e formar suas opiniões de forma crítica, sem julgamentos prévios.
- Os estudantes devem refletir sobre as diferenças entre os gostos musicais individuais e sobre a importância de aprender a conviver com as diferenças de gostos musicais dos colegas. É comum que amigos tenham gostos diferentes, como Luciano e Donato, e é importante que aprendam a conviver com essas diferenças.
- Incentive os estudantes a compartilhar suas respostas com a turma e a refletir sobre o papel da música em suas vidas cotidianas, seus hábitos musicais e seus gêneros favoritos e menos apreciados.

## Vamos experimentar – Da marchinha ao coco

### Habilidade: (EF15AR14)

Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.

### Roteiro de aula

**Objetivo:** Trabalhar a percepção do acento rítmico em dois gêneros diferentes, associados ao movimento corporal.

**Duração:** 45 min

**Materiais necessários:** Faixas selecionadas pelo professor (ver sugestões) e aparelho de som.

**Observação:** Esta atividade precisa de espaço para uma roda com movimento. Portanto, é recomendável arrumar a sala de aula ou outro espaço da escola com antecedência. Prepare-se escutando as canções com antecedência, observando a escrita dos acentos e praticando os movimentos de marcha e do passo do coco. Uma videoaula ensinando o passo do coco está incluída nas sugestões de *links* desta atividade.

**Desenvolvimento:** Organize a turma em roda e oriente-os a começar um movimento de marcha, mesmo sem música, para entenderem como o corpo se organiza no ritmo. Conte em voz alta “1, 2, 1, 2...”, ao mesmo tempo que movimentar os pés, marcando o acento no tempo 1. Depois, coloque a marchinha para tocar e explore o movimento de marcha na roda, guiando-os para rodar em direções variadas, abrir e fechar a roda etc., conforme a música.

## Vamos experimentar

### Da marchinha ao coco

Estudaremos mais dois ritmos brasileiros: a marchinha e o coco.

Esta fotografia é da dança do coco de roda.



Dança do coco em Pirapora do Bom Jesus (SP). Fotografia de 2019.

A marchinha e o coco têm uma característica em comum: seus compassos são contados em dois tempos. Os ritmos, porém, são bastante diferentes!

A **marchinha** vem de um ritmo trazido de Portugal, chamado marcha popular, inspirado no pulso das marchas militares, tocadas por fanfarras. Quando chegou ao Brasil, foi incorporada às folias de Carnaval. Ela também faz parte do universo das festas juninas, em canções como “Pula a fogueira” e “O balão vai subindo”, por exemplo.

O **coco**, por sua vez, se originou em Pernambuco e se espalhou principalmente pelas regiões Nordeste e Norte. Ele é um ritmo típico da época junina, embora também seja dançado em outras épocas do ano.

Tanto o coco quanto a marchinha são tradicionalmente tocados com instrumentos de percussão e cantados, enquanto as pessoas dançam e acompanham com palmas.

22

### Sugestões de links

- Quadrilhas e marchinhas juninas – Luiz Gonzaga. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1lh2vHHLHX0U>>.
  - Videoaula – Coco – Projeto de Extensão Dança CP (UFMG). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6XU6C4fxjW4>>. Passo do coco a partir do minuto 4’34”.
  - Coco, dendê, trapiá – Goma-Laca. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DQDPFmTqS8>>.
- (Acessos em: 20 jul. 2021.)  
A canção “Taí (Pra você gostar de mim)”, sugerida para a atividade da p. 45, também pode ser usada como exemplo de marchinha.

### Experimente dançando!

- 1 Organizem-se em roda e pratiquem o movimento de marcha com os pés, contando: 1, 2, 1, 2!
- 2 Quando estiver fácil, marchem e dancem acompanhando a marchinha que o professor colocará.
- 3 Voltem para a roda e escutem o **coco**.
- 4 Depois, pratiquem o passo do coco. São **três** batidas. Tendem cruzar o pé à frente no tempo 1, trocando de pé a cada passo.
- 5 Depois, tentem fazer a mesma dança com o coco que o professor colocará para tocar.

6 Agora, responda!

- Você gostou de conhecer o coco e a marchinha? Por quê?

Resposta pessoal.

---

---

---

---

---

---

---

---

- Qual foi sua parte favorita?

Resposta pessoal.

---

---

---

---

---

---

---

---

- Qual dos dois ritmos foi mais fácil de aprender? Por quê?

Resposta pessoal. Professor: o coco tem ritmo e passo um pouco mais complexos, então é

esperado que mais estudantes tenham dificuldade com esse ritmo.

---

---

---

---

---

---

---

---

Na segunda etapa, diga que então vão fazer o mesmo com o coco. Coloque o coco para tocar e, em um primeiro momento, encontre o pulso do coco junto com a turma. Depois, incentive-os a tentar reproduzir o ritmo com palmas ou com os pés. Sem a música, treine com eles o passo do coco, no mesmo ritmo, cruzando um pé à frente no tempo 1 e trazendo-o de volta no tempo três. No próximo tempo 1, o outro pé deve cruzar para a direção oposta. Repita a faixa e deixe que eles experimentem os passos por alguns minutos. Avise-os de que você vai voltar ao início da canção e, então, eles devem fazer o movimento para valer.

**Avaliação:** Peça aos estudantes que respondam às perguntas por escrito e, depois, compartilhem as respostas com a turma toda.

#### Orientações e comentários da atividade

6. Incentive os estudantes a expressarem sua opinião sobre a experiência de conhecer o coco e a marchinha e a justificá-la. Peça que identifiquem os motivos pelos quais gostaram ou não da atividade e digam qual dos momentos da atividade foi o seu favorito, refletindo sobre o processo.

## Capítulo 2 – Música, memória e tradição

### Habilidade: (EF15AR13)

Neste capítulo, será abordada a importância da preservação de tradições, que são passadas de geração em geração, por registro escrito ou oral. Isso será feito por meio de reflexões e da exploração de músicas tradicionais de diferentes lugares e povos, dando continuidade ao trabalho rítmico iniciado no Capítulo 1.

Ao explorar a imagem com os estudantes, use as perguntas propostas para guiar uma conversa e interpretar os elementos representados no mural egípcio – um banquete, músicos tocando, pessoas dançando, uma celebração.

A partir da observação, lembre os estudos feitos sobre música e identidade e incentive-os a fazer ligações entre os dois capítulos: “Será que a música tinha papéis parecidos na vida dos povos antigos em relação aos papéis que ela tem na nossa vida? Qual é a importância de preservar a música e passá-la para outras gerações? Vocês conhecem alguma música que foi transmitida pelos seus pais ou avós? Vocês conhecem alguma música tradicional da sua região?”.

Este convite à reflexão tem o objetivo de auxiliar os estudantes a desenvolverem a escuta crítica, enxergando a arte em sua relação com a sociedade e expandindo o tema “música e identidade” abordado no capítulo anterior. Depois da interpretação da imagem de abertura, leia o texto e faça o exercício de escuta de músicas tradicionais de duas regiões do Brasil.

### CAPÍTULO

# 2

## Música, memória e tradição

O afresco é um tipo de pintura mural feita com cores diluídas em água. Observe este afresco encontrado em uma das tumbas do Antigo Egito.



Afresco da tumba de Nebamun mostrando um banquete. 1370 a.C.  
Pintura em gesso,  
22,5 cm × 34,5 cm.  
Museu Britânico,  
Londres, Reino Unido.

WERNER FORMAN/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES - MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1998.

### O que é essa imagem?

Observe o afresco.

1. O que você acha que as pessoas estão fazendo, na parte de cima?  
*Na parte de cima, as pessoas estão sentadas e parecem assistir a algo, algumas comendo e conversando.*
2. Observe a parte de baixo. O que você acha que as pessoas estão fazendo?  
*Na parte de baixo, vemos pessoas tocando instrumentos e pessoas dançando.*

A música e a dança sempre fizeram parte da vida dos seres humanos. São duas artes presentes em muitas das atividades que as pessoas realizam: música para trabalhar, na religião, para dormir, para festejar.

Desde muito tempo atrás, as festas com música e dança são feitas para comemorar acontecimentos importantes, como as mudanças de estação do ano, as épocas de colheita ou as datas religiosas.

Há festas que existem há muito tempo e que preservamos até hoje, como o Carnaval, o Natal e as Festas Juninas.

Alguns gêneros musicais que escutamos atualmente são tradicionais do Brasil, como o samba, o coco e a marchinha. Conheça músicas tradicionais de algumas regiões do Brasil.



### Região Norte – carimbó

O **carimbó** é típico do estado do Pará, na região Norte. Seu nome vem do tupi, curimbó, que é o nome de um tambor feito de casca de árvore usado nesse gênero musical. Além disso, tem influências das culturas europeias e das culturas de diferentes povos africanos.

Roda de carimbó em Santarém (PA).  
Fotografia de 2019.

A dança do carimbó é feita em pares, com uma fila de homens e uma de mulheres. Os homens, vestindo chapéu de palha e um lenço no pescoço, se aproximam das mulheres, batendo palmas no ritmo da música, convidando-as para dançar. Elas, então, começam a dançar, girando com suas saias rodadas em volta deles e, ao mesmo tempo, formando uma roda de casais.

- Ouça uma música tocada na dança carimbó. O título é “Piolho”.

### Regiões Sudeste e Centro-Oeste – catira ou cateretê

A **catira**, ou **cateretê**, é típica das regiões Sudeste e Centro-Oeste. Assim como o carimbó, tem influências indígenas, africanas e europeias. A viola caipira é seu instrumento principal, e a música é cantada em versos.

Na dança da catira, a percussão é feita pelos catireiros, que acompanham a música batendo palmas e os pés no chão, em cima de um tablado de madeira, fazendo uma espécie de sapateado. Eles usam chapéu de palha ou de feltro, e botas para ajudar a fazer o som.

- Ouça a canção “Viola na catira”.

Grupo dançando catira em Barretos (SP). Fotografia de 2018.



Professor, realize a atividade de escuta das músicas tradicionais carimbó e catira, das regiões Norte, Sudeste e Centro-Oeste.

Carimbó:

- Piolho – Grupo da Pesada (1975). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u636ip3EMdk>>.

Catira:

- Viola na Catira – Oliveira e Olivaldo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9Segzvqwfgs>>.
- (Acessos em: 21 jul. 2021.)

## Os cânticos guaranis

Habilidade: (EF15AR13)

### O que é essa imagem?

Professor, esta seção tem como objetivo apresentar a música tradicional da etnia indígena Guarani, como forma de aprofundar a exploração de músicas tradicionais e suas origens. Muitos elementos das culturas indígenas – como música, histórias e mitos – do Brasil são transmitidos de forma oral, ou seja, passando de pessoa para pessoa. Até recentemente, muitos dos registros escritos e audiovisuais sobre essas culturas as mostravam sob pontos de vista externos a elas, julgando-as como “primitivas”. O objetivo, aqui, é mostrar como até hoje as tradições da etnia Guarani são preservadas por seus membros mesmo que eles vivam em contato com o mundo urbanizado.

Observe com a turma as imagens do povo Guarani, evidenciando elementos como vestimenta, posição e movimentos. Observe que há a mistura de elementos tradicionais indígenas e elementos do mundo urbanizado, como as roupas e os instrumentos que eles utilizam. Embora os instrumentos retratados na imagem da página 27 sejam industrializados, tanto o violão como a rabeca estão presentes na música guarani há muito tempo. Segundo relatos de membros da etnia, eles costumavam fabricar seus instrumentos com cascos de animais, mas agora os compram em lojas. Um aspecto importante dos cânticos guaranis é o religioso, pois a música, para eles, é uma forma de entrar em contato com seus ancestrais e deuses. No entanto, essa música e essa conexão com a espiritualidade são parte do cotidiano, e não necessariamente um ritual especial separado do dia a dia. Explique aos estudantes que os indígenas guaranis usam a música e a dança em diferentes momentos do dia e ocasiões da vida, tanto em atividades cotidianas (como comer e acordar, por exemplo) quanto em cerimônias especiais (como

## Os cânticos guaranis

O povo Guarani é um dos maiores povos indígenas das Américas! No Brasil, são cerca de 51 mil indígenas guaranis, distribuídos por sete estados.



Mulheres e crianças guaranis dançando o Tangará, dança feminina tradicional guarani, em Bertioga (SP). Fotografia de 2019.

### O que é essa imagem?



1. O que você acha que as indígenas guaranis estão fazendo?  
*Resposta pessoal. Elas estão dançando, se preparando para dançar.*
2. Você já participou ou conhece festas de povos indígenas do Brasil? Quais?

*Resposta pessoal.*

A música do povo Guarani é feita com canto, instrumentos de percussão e instrumentos de cordas. Eles usam um violão com cinco cordas e uma rabeca (um “parente” do violino). No violão, cada corda representa um deus do povo guarani: Tupã, Kuaray, Karaí, Jakairá, Tupã Mirim. Para os Guarani, a música é uma maneira de marcar as diferentes atividades do dia a dia e de conversar com os deuses e seus ancestrais: há músicas para rir, para chorar, para lutar, para comer, entre outras atividades.

26

cerimônias de luto ou ritos de passagem, quando as crianças passam para a fase adolescente).

### Orientações e comentários das atividades

2. Estimule os estudantes a compartilharem suas experiências. É possível que alguns estudantes venham de comunidades indígenas e compartilhem dessas tradições. Incentive-os a contar sobre essas experiências, muitas vezes desconhecidas dos outros estudantes, respeitando as origens e o conforto de cada aluno em contar sobre sua comunidade.

- Escute alguns trechos dos cânticos guaranis. Eles foram cantados por crianças de quatro aldeias diferentes, nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro.



Integrantes do coral infanto-juvenil Teko Guarani, do povo Mbyá-Guarani, tocando *mbaraká* (chocalho), violão e *ravé* (violino), na aldeia Kalipety, bairro de Parelheiros, São Paulo (SP). Fotografia de 2017.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

FABIO COLOMBINI

ZAZ

## Música para três momentos do dia

Vamos nos inspirar no povo Guarani e fazer uma música sobre os diferentes momentos do nosso dia: a hora de comer, a hora de ir para a escola e a de brincar.



1. Responda às perguntas a seguir. Elas o ajudarão a escrever sua música.

- a. Qual é o seu nome?

Respostas pessoais.

---



---

27

Para a escuta dos cânticos guaranis:

- Ñande Reko Arandu – Memória Viva Guarani. MCD, 2005. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=MoK\\_Xb2X6GQ&list=OLAK5uy\\_mUvkxy\\_IBwQk\\_WPMiKOekUczb0d\\_YITno](https://www.youtube.com/watch?v=MoK_Xb2X6GQ&list=OLAK5uy_mUvkxy_IBwQk_WPMiKOekUczb0d_YITno)>. Acesso em: 21 jul. 2021.

## ZAZ – Música para três momentos do dia

**Habilidade:** (EF15AR14)

**Roteiro de aula**

**Objetivo:** Introduzir um exercício de composição, abordando hábitos diários, inspirado pelos povos indígenas.

**Duração:** 30 min

**Materiais necessários:** Livro do Estudante e instrumentos de percussão (opcional).

**Desenvolvimento:** Depois de explorar os conteúdos sobre músicas tradicionais do povo Guarani, diga aos estudantes que eles vão compor músicas sobre o dia a dia deles. Leia com eles o roteiro de perguntas e oriente-os a usar as músicas guaranis como inspiração para criar uma melodia e utilizar instrumentos de percussão ou a percussão corporal para marcar o pulso da canção. O objetivo é que eles criem uma letra e depois consigam cantá-la, mesmo que a melodia não seja muito estruturada.

Os estudantes devem utilizar as perguntas como forma de obter as respostas para as lacunas da letra da música, falando sobre três momentos: A hora de estudar, a hora de comer e a hora de brincar. Na hora de montar a letra de música, incentive-os a experimentá-la cantando em voz baixa, para entender como sua canção soará.

**Avaliação:** Peça aos estudantes que apresentem suas canções e, depois, em uma roda de conversa, incentive-os a fazer comentários sobre o processo: Do que eles gostaram? Do que não gostaram? Por quê? Eles tinham respostas parecidas com as dos colegas ou não?

ZAZ

b. O que você gosta de estudar?

\_\_\_\_\_

c. O que você não gosta de estudar?

\_\_\_\_\_

d. Qual é sua comida favorita?

\_\_\_\_\_

e. Escreva o nome de dois amigos com quem você gosta de brincar.

\_\_\_\_\_

f. Qual é a brincadeira de que você mais gosta?

\_\_\_\_\_

2. Complete a letra de música com as suas respostas.

Respostas pessoais.

Meu nome é \_\_\_\_\_, e agora

vou cantar.

Todo dia vou à escola para estudar.

Gosto de \_\_\_\_\_, mas não de

\_\_\_\_\_.

Na hora de comer, vamos nos sentar!

Meu lanche favorito é \_\_\_\_\_.

A hora de que eu mais gosto é a de brincar.

Com meus amigos \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_

gostamos de \_\_\_\_\_.

3. Depois, apresente a música para a turma.



## Movimento mangubeat



O Caranguejo da rua da Aurora, em Recife (PE), é uma homenagem ao movimento mangubeat. Escultura *Carne da minha perna*, obra coletiva de Augusto Ferrer, Eddy Pólo, Jorge Alberto Barbosa e Lúcia Cardoso, 2004-2005. Fotografia de 2018.

O movimento **mangubeat** foi criado em Recife, no estado de Pernambuco, em 1991, não só para preservar a cultura local, mas também renová-la. Um grupo de artistas de Recife fez arte misturando elementos e símbolos tradicionais a elementos contemporâneos.

Na música, surgiram misturas de ritmos tradicionais (como o maracatu, o coco e a ciranda) com gêneros estrangeiros como o *rock* e o *rap*. Os grupos do mangubeat também misturavam estilos nas roupas, usando óculos escuros modernos e camisas estampadas com chapéus de palha tradicionais.

### Chico Science e Nação Zumbi

Foi Chico Science (1966-1997), com Fred Zero Quatro (1965-) e Renato L (1963-), que batizou o movimento de **mangue**, em homenagem ao manguezal, um ecossistema que corre risco de extinção.

A palavra inglesa **beat** significa batida e foi adicionada à palavra mangue depois, por jornalistas que escreviam sobre a arte do movimento mangue. O símbolo do movimento é um caranguejo, animal típico do manguezal.

Chico Science e Nação Zumbi, no Rio de Janeiro (RJ). Fotografia de 1993.



## ZUM! – Movimento mangubeat

**Habilidade: (EF15AR13)**

Professor, esta seção apresenta de maneira breve o movimento artístico mangubeat, originado na cidade de Recife (PE) e conhecido por fazer e incentivar a criação da arte urbana contemporânea misturada a elementos da cultura local tradicional. Trabalhe o conteúdo da seção com base na leitura do texto com os estudantes e convide-os a fazer relações entre os temas trabalhados até o momento (preservar tradições, música e identidade).

Proponha para a turma a seguinte reflexão: “Se usamos as tradições para criar coisas novas, estamos preservando-as ou acabando com elas?”.

O movimento mangubeat é um exemplo de como as tradições podem fazer parte do mundo atual e compor a identidade de uma ou mais pessoas juntamente com outras influências, e ainda serem respeitadas e preservadas.

Você pode pesquisar e trazer à sala de aula vídeos e músicas de artistas do movimento mangubeat como forma de aprofundar o contato dos estudantes com o conteúdo apresentado antes da reflexão.

Junto a Fred Zero Quatro da banda Mundo Livre S/A e ao artista Renato L, Chico Science escreveu o “Manifesto dos caranguejos com cérebro”, usando como símbolo uma antena parabólica na lama, em referência ao manguezal e à urbanização que modificava os cenários naturais ao redor da cidade. Depois, o caranguejo também foi adotado como símbolo do movimento, em homenagem ao título do manifesto. Chico Science e Nação Zumbi tornaram-se um dos grupos mais famosos entre o movimento, e uma das canções mais conhecidas do grupo foi a regravação de “Maracatu atômico”, de Jorge Mautner e Nelson Jacobina, misturando elementos de *rock*, *hip hop* e maracatu.

## Vamos experimentar – O baque virado do maracatu

**Habilidade:** (EF15AR14)

**Roteiro de aula**

**Objetivo:** Levar o estudante a explorar os acentos rítmicos do maracatu.

**Duração:** 30-40 min

**Materiais necessários:** Faixas sugeridas, aparelho de som; instrumentos (opcionais): tambores e agogôs.

**Observação:** Esta prática precisa de espaço para uma roda, portanto, é recomendável preparar a sala com antecedência ou organizar a atividade em outro lugar da escola.

**Desenvolvimento:** Acompanhe a leitura do texto com os estudantes e faça uma escuta preliminar dos exemplos dos dois tipos de maracatu (rural e nação). Depois, escute com os estudantes as faixas sugeridas, que exemplificam a batida do maracatu de baque virado, chamando a atenção deles para os acentos rítmicos. O mais importante é que eles identifiquem as batidas fortes e fracas. Proponha que tentem tocar os ritmos conforme estão ouvindo, com instrumentos (se houver) ou com o próprio corpo, utilizando batidas na perna ou no colo. Depois, organize a turma em roda e explique que primeiro vão tentar perceber somente o som das alfaias. Toque novamente o exemplo da faixa sugerida e ajude-os a reproduzir a batida que descobriram antes – comece pelas alfaias e, depois, repita com o som do agogô. Por último, divida a turma em dois grupos: um deve reproduzir o som das alfaias e o outro, o do agogô. Troquem os grupos depois para que todos consigam experimentar os dois papéis.

## Vamos experimentar

### O baque virado do maracatu

**Maracatu** é o nome dado a uma dança e a um ritmo musical típicos da região Nordeste do Brasil. Não se sabe quando o maracatu surgiu, mas o registro mais antigo sobre ele é de 1711!

Ele tem origem nas músicas trazidas pelos africanos escravizados e nas músicas indígenas. Há dois tipos de maracatu: o maracatu de **baque virado** (ou **nação**), surgido na cidade, e o maracatu de **baque solto**, surgido no interior.

Ouçã trechos dos dois tipos de maracatu.

- Você percebeu a diferença no ritmo das duas músicas?

A fotografia a seguir é de um cortejo de maracatu nação. Observe como as pessoas se vestem e os instrumentos que tocam.



Cortejo de maracatu nação em Olinda (PE). Fotografia de 2018.

Em Pernambuco, o Carnaval de rua acontece ao som dos grupos de maracatu, que passam em cortejo pelas ruas, com músicos e dançarinos usando fantasias. Alguns símbolos e fantasias estão ligados às religiões de matriz africana, que também surgiram da cultura dos povos africanos no Brasil.

30

### Sugestões de links

Para a escuta dos dois tipos de maracatu, sugerimos os seguintes *links*.

Maracatu nação ou de baque virado:

- Cheguei, meu povo – Nação Estrela Brilhante. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=uHm8YAX\\_oFw](https://www.youtube.com/watch?v=uHm8YAX_oFw)>. Acesso em: 21 jul. 2021.

Maracatu rural ou de baque solto:

- Maracatu de baque solto – Estrela Brilhante – Nazaré da Mata-PE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PEsG45YRYwY>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

Um grupo, ou bloco, de maracatu é quase como uma orquestra, com diversos instrumentos de percussão tocados ao mesmo tempo: tambores (como a alfaia e o tarol), chocalhos (como o ganzá e o xequerê ou agbê) e sinos agudos (como o gonguê ou agogô).



Os objetos não estão representados na mesma proporção.

FABIO P. CORAZZA

### 1. Conheça o baque virado do maracatu!

- Escute o baque das alfaias e depois o som do agogô. Tente perceber os **acentos** de cada batida.

### 2. Agora, tentem tocar o baque virado. Organizem-se em roda e escutem o maracatu que o professor colocará para tocar.

- Encontrem o baque das alfaias e toquem junto, com instrumentos ou usando o corpo, batendo as mãos nas coxas ou no peito.
- Depois, encontrem o som do agogô e toquem junto.

### 3. Desafio! Metade da turma fará o baque, e a outra metade, a batida do agogô.

- Depois, troquem os papéis e continuem tocando!

### 4. Agora, responda às questões!

- a. Entre o samba, as marchinhas, o coco e o maracatu, qual você achou mais divertido de tocar? Por quê?

Resposta pessoal. Relembre com os estudantes as outras experiências para que eles pensem

a respeito.

- b. Você acha que o maracatu, assim como os outros gêneros que estudamos, tem a ver com a **identidade** de um lugar ou de um povo? Por quê?

Resposta pessoal. Baseando-se nas reflexões do livro, é possível relacionar o maracatu e os

outros gêneros com a preservação de hábitos culturais (dança, música) ao longo dos anos.

**Avaliação:** Peça aos estudantes que respondam às perguntas, dando suas opiniões. Ao final, converse coletivamente sobre as respostas da turma, ligando o tema de preservação da cultura tradicional ao tema da identidade. Nesse momento, é possível abordar a noção de identidade coletiva e cultural, diferente da identidade individual abordada no capítulo anterior.

### Sugestões de links

Para a escuta da batida das alfaias e do agogô, disponibilizamos dois exemplos:

- Como tocar maracatu na percussão – Jeferson Fontana. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4sVOUx6QTa0>>.
- Linhas de percussão: Maracatu. Glauber Santiago. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gBiZqiS7BJg>>.

(Acessos em: 21 jul. 2021.)

## Artes integradas – Um baile de tradições

**Habilidades:** (EF15AR13),  
(EF15AR14)

O projeto de Artes Integradas desta unidade propõe uma investigação sobre ritmos e danças tradicionais de cada região do Brasil, com a realização, ao final, de um grande baile, em que família e amigos sejam convidados para o evento de apresentação. Em cada tópico, são elencadas danças típicas de cada região do país, incluindo sugestões de músicas como exemplos. Durante a etapa de pesquisa das danças, é recomendável que os estudantes possam assistir a vídeos das danças em questão, disponíveis na internet, e que sejam propostas atividades de ensaio para que eles explorem os movimentos de cada dança. O figurino pode ser adaptado conforme necessário, tendo como referência as fotos das páginas e as possibilidades de cada turma.

Tenha em mente que esse processo pode levar o tempo de duas ou mais aulas para ser trabalhado. Desse modo, a apresentação desses ritmos e danças pode ser proposta de acordo com a necessidade e a programação de aulas.

Ao final, durante a etapa de reflexão, retome com os estudantes os temas trabalhados durante a unidade em uma roda de conversa, incentivando-os a refletirem sobre as questões propostas na atividade de encerramento. Deixe que registrem, por escrito, a resposta da pergunta final.

## Artes integradas

### Um baile de tradições

As diferentes regiões do Brasil – Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul – têm músicas e danças tradicionais. Já aprendemos sobre a catira, das regiões Sudeste e Centro-Oeste, e o carimbó, da região Norte. Aprenda sobre algumas danças e músicas das regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul.

#### Região Nordeste – baião

O **baião** é típico do sertão do Nordeste, e seu nome vem da palavra *baiano*. O baião se tornou popular na década de 1940, com Luiz Gonzaga (1912-1989), o “rei do baião”, e Humberto Teixeira (1915-1979), o “doutor do baião”. As canções geralmente tratam do cotidiano dos sertanejos.



Grupo Folclórico Assum Preto dançando o baião, em Leopoldina (MG). Fotografia de 2011.

A dança do baião é parecida com o forró, uma dança de salão feita em pares. Porém, o baião inclui passos em que os pares são separados e dançam um em volta do outro, fazendo movimentos que remetem ao xaxado, outra dança do sertão nordestino.

- Ouça o baião chamado “Mulher rendeira”.

#### Região Centro-Oeste – siriri

O **siriri**, típico dos estados da região Centro-Oeste, tem influências indígenas e europeias. Instrumentos característicos da região, como a viola de cocho e, na percussão, o mocho ou tamboril, são usados para acompanhar a dança.

32

### Sugestões de links

Para a escuta das músicas tradicionais das regiões, não se esqueça das danças previamente apresentadas (catira e carimbó).

Baião:

- Mulher rendeira – Pé de Cerrado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Zm0GvbgxGLc>>.

A dança do siriri é animada e, assim como no carimbó, as mulheres usam saias rodadas e coloridas para fazer movimentos e para girar. O figurino dos homens também pode contar com chapéu de palha. As palmas são usadas para acompanhar a música, como parte da coreografia.

- Ouça a canção “Rodada de siriri e cururu”, do grupo Acaba.



Grupo Flor do Ribeirinha dançando siriri, em Cuiabá (MT). Fotografia de 2018.

## Região Sul – fandango

O **fandango** é uma dança de influência espanhola que se espalhou pelo Brasil em diferentes regiões.

Na região Sul, o fandango gaúcho e o fandango caiçara se misturaram também às danças trazidas pelos portugueses e pela população nativa. O fandango caiçara do Paraná tem influência das danças dos índios da etnia Carijó e também está presente no litoral sul de São Paulo (região Sudeste).



Apresentação de dança Meia-canha, que é uma dança e um canto do fandango do Rio Grande do Sul, em Santa Maria (RS). Fotografia de 2018.

É uma dança de salão, e a percussão de palmas e pés no ritmo da música acompanha a coreografia. Os instrumentos variam de acordo com o local: viola caipira, rabeca e adufo (um tipo de pandeiro) fazem parte do fandango caiçara, enquanto o gaúcho é tocado pelo acordeão e pelo pandeiro. No fandango gaúcho, homens vestem os trajes típicos da cultura gaúcha (bombacha, colete, camisa, chapéu e lenço no pescoço) e, no caiçara, apenas calça e camisa. As mulheres tipicamente vestem saias longas rodadas e camisas com babado.

- Ouça a música “Marinheiro”, que acompanha a dança fandango.

### Siriri:

- Rodada de siriri e cururu – Grupo ACABA. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=PhTzxD\\_hZKc](https://www.youtube.com/watch?v=PhTzxD_hZKc)>.

### Fandango:

- Marinheiro – Grupo de Fandango de Paranaguá. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Vz\\_0qGrKy-g](https://www.youtube.com/watch?v=Vz_0qGrKy-g)>.

(Acessos em: 21 jul. 2021.)

## Processo de criação – Organizando o baile

Para organizar o baile de tradições, sugerimos as seguintes etapas:

**Pesquisa:** Após realizar a audição das músicas em sala de aula, os estudantes podem realizar essa etapa em casa, em grupos, ou durante o tempo de aula, se houver possibilidade de realizar a pesquisa na escola. Eles devem pesquisar informações e passos da dança escolhida pelo grupo, e combinar como os figurinos serão representados – a ideia é que os estudantes usem recursos disponíveis a eles.

**Ensaio:** Parte do tempo das aulas pode ser dedicado ao ensaio dos grupos e, se for necessário, organize os estudantes para que deem continuidade aos ensaios em casa. Eles devem criar uma coreografia simples, baseada nos passos que pesquisaram de cada dança.

**Apresentação e registro:** Uma aula pode ser dedicada à apresentação das danças aos outros grupos, outras turmas da escola e, se possível, à família. A etapa de registro pode ser realizada em casa, individualmente. O registro pode ser compartilhado em aula como parte do processo de encerramento da unidade.

### PROCESSO DE CRIAÇÃO

#### Organizando o baile

Para dançar no baile, é preciso estar preparado. Vamos lá!

- 1 O professor dividirá a turma em cinco grupos, e cada grupo ficará encarregado da dança de uma região.
- 2 Com a orientação do professor, os grupos utilizarão a internet para pesquisar um pouco mais sobre a sua dança. Assistam a vídeos da sua dança para entender os movimentos.
- 3 Em grupo, ensaiem os movimentos da dança utilizando as músicas.
- 4 No dia do baile, chamem os amigos e a família e apresentem suas danças. Sugiram que dancem com vocês e divirtam-se!

#### Registro

Escreva como foram a organização e a realização do baile.

1. A pesquisa sobre as danças trouxe mais informações sobre elas?

Resposta pessoal.

2. Como se chama a dança que seu grupo ensaiou? De qual região ela é?

Respostas pessoais.

3. O ensaio ajudou o grupo a aprender a dança e as músicas escolhidas?

Resposta pessoal.

4. A apresentação das danças foi divertida e agradou a todos?

Resposta pessoal.

5. Em uma folha de papel branco, faça um desenho da dança que você e seu grupo apresentaram. Capriche no colorido e nos detalhes!



Façam uma roda de conversa sobre as experiências realizadas nesta unidade.

1. O que você aprendeu sobre os gêneros musicais que costuma ouvir?  
*Resposta pessoal.*
2. Complete a frase:
  - Para escrever o pulso, cada batida é representada por uma figura de som \_\_\_\_\_.
3. O que é música tradicional?  
*É a música típica de um povo ou região, passada de geração em geração.*
4. De que forma a música ajuda a proteger e preservar a realidade de um lugar?  
*Resposta pessoal.*
5. Quais são as músicas e as danças tradicionais da região onde você mora?  
*Resposta pessoal.*

Nesta unidade, começamos conversando sobre as festas que gostamos de frequentar e os gêneros musicais que gostamos de ouvir.

Também aprendemos a ler a escrita musical e perceber os acentos de vários ritmos típicos do Brasil.

Depois, discutimos como a música pode ser importante para construir nossa identidade e influenciar nosso estilo de vida, de se vestir e até de falar!

No Capítulo 2, estudamos a importância de registrar e preservar nossos hábitos, nossa música e nossa dança.

Com o movimento mangubeat, aprendemos que às vezes, para preservar a cultura, é preciso inovar.

Por fim, fizemos um grande passeio de escuta pelas músicas tradicionais do Brasil, comemorando tudo em um grande baile.

6. Agora, responda:
  - Por que a música e as festas fazem parte da sua identidade?

*Resposta pessoal.*

---



---



---



---

## Criar e Refletir

### Avaliação de processo

**Habilidades: (EF15AR13), (EF15AR16)**

Professor, esta seção encerra o trabalho realizado ao longo da unidade. Faça uma roda de conversa e retome os temas e gêneros musicais trabalhados, usando as perguntas como guia. O objetivo é que os estudantes possam refletir sobre o que aprenderam e sobre o papel da música na sociedade e em suas vidas cotidianas. Relembre a investigação inicial sobre música e identidade, suas experiências com os gêneros musicais brasileiros, e compare com o que aprenderam ao longo das aulas. Retome o que aprenderam sobre a notação musical e as figuras de som. Relembre o conteúdo do Capítulo 2 sobre música tradicional e música contemporânea, incentivando a reflexão sobre o movimento mangubeat. Por último, relembre o que foi estudado sobre as danças tradicionais de cada região.

A intenção da pergunta final, a ser respondida por escrito, é a de sintetizar os temas levantados – música, identidade e tradição – com relação ao conteúdo explorado sobre as festas e danças tradicionais, pensando em como isso se aplica ao cotidiano dos estudantes. Eles devem escrever um parágrafo sobre o assunto.

### Orientações e comentários das atividades

1. Permita que os estudantes reflitam sobre a relação entre gêneros musicais e identidade, lembrando o conteúdo das primeiras aulas.
4. Permita que os estudantes reflitam sobre a música tradicional e a música contemporânea, lembrando o movimento mangubeat e as inovações que eles trouxeram.
5. Os estudantes poderão basear-se nos gêneros musicais e danças estudados ao longo da unidade.

## Conclusão

Na primeira unidade deste volume, introduzimos o tema das festas por meio da escuta e experimentação com a música, observando diversos contextos, desde os gêneros comerciais mais recentes até os gêneros tradicionais de cada região do país. Ao olhar para cada tipo diferente de música, propusemos reflexões a respeito do papel da música e das festas em nossa sociedade.

Além das atividades de escuta, os estudantes foram estimulados a pôr em prática o trabalho construído durante os anos anteriores acerca dos elementos da linguagem música, como pulso e ritmo, e tiveram uma pequena introdução à notação musical tradicional. A avaliação da apropriação da linguagem musical pode ser feita ao final de cada atividade, observando se o resultado musical é coerente com o desenvolvimento de cada estudante e do coletivo.

A ficha de autoavaliação pode ser utilizada ao final da unidade para avaliar, de modo geral, a percepção dos estudantes sobre o que compreenderam de cada tema abordado no percurso.

## FICHAS DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM SUGERIDAS

### FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO – ESTUDANTE

Todos os itens devem ser previamente combinados e, posteriormente, discutidos com cada estudante.

#### 1º BIMESTRE – UNIDADE 1 FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

Nome: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Bimestre: \_\_\_\_\_

1. Conhecer as preferências musicais das pessoas me ajuda a conhecê-las melhor.

Sim

Às vezes

Não

2. Marque como foi responder às atividades escritas desta unidade:

Fácil

Difícil

3. Quando senti dificuldade, pedi ajuda ao professor.

Sim

Às vezes

Não

4. Reconheci os elementos e as propriedades dos sons nas atividades que realizei.

Sim

Às vezes

Não

5. Realizei as atividades com a linguagem musical de acordo com as orientações que recebi.

Todas

Algumas

Não consegui

6. Troquei ideias com os colegas durante as práticas de grupo e aprendi com eles.

Sim

Às vezes

Não

7. Durante as práticas, consegui brincar com os sons seguindo as orientações que recebi.

Sim

Às vezes

Não

8. Meus familiares e conhecidos participaram das atividades que a escola propôs.

Sim

Às vezes

Não

# FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM

## 1º BIMESTRE – UNIDADE 1

O registro na ficha de acompanhamento poderá ser feito de acordo com a legenda a seguir.

A legenda indica o nível de aprendizagem em relação ao desenvolvimento das habilidades da BNCC para o ano escolar:

**D** – habilidade desenvolvida satisfatoriamente

**PD** – habilidade em processo de desenvolvimento

**ND** – habilidade não desenvolvida minimamente, ficando apenas no nível de conhecimentos prévios

### HABILIDADES

(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.

(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.

ESTUDANTES	(EF15AR13)	(EF15AR14)	(EF15AR16)
1.			
2.			
3.			
4.			
5.			
6.			
7.			
8.			
9.			
10.			
11.			
12.			
13.			
14.			
15.			
16.			
17.			
18.			
19.			
20.			

## UNIDADE 2 - DANÇAR É UMA FESTA!

### Introdução à Unidade 2

Partindo do eixo temático proposto para o 3º ano (A arte é uma festa), começamos a explorar, nesta unidade, alguns aspectos da conexão entre os folguedos tradicionais do Brasil, a expressão corporal em geral e, em particular, a expressão corporal dançada. Nesse sentido, a corporeidade é explorada de modo transversal durante a unidade, seja em atividades claramente ligadas à dança, seja na expressão de narrativas intertextuais com a linguagem das Artes Visuais. Partimos de uma manifestação popular tradicional muito comum no Brasil, a quadrilha junina, e começamos o Capítulo 3 com uma festa tradicional dos povos indígenas do Xingu, o Quarup. A comparação entre as duas festas pode ser uma interessante oportunidade para falar sobre diferentes maneiras de expressão corporal e dançada. Em seguida, investigamos as danças de umbigada e propomos uma pequena pesquisa acerca de festas tradicionais e populares ao redor do mundo. Ao final do Capítulo 3, sugerimos uma improvisação para a exploração do movimento dançado no espaço, com base nas movimentações do jongo, uma das formas mais populares de dança de umbigada. No Capítulo 4, centramos a discussão na festividade do Bumba Meu Boi e suas variações. A ideia principal é mostrar como há, por trás de algumas festas, uma fábula bem estabelecida, que pode ser transformada, recontada e mediatizada por meio das interações entre as linguagens artísticas. Assim, após apresentar o boi maranhense e o de Parintins (AM), sugerimos uma pesquisa na localidade da comunidade escolar, com o objetivo de reconhecer as tradições locais. Para finalizar, unindo os dois capítulos, uma seção de Artes Integradas propõe a criação de um boi de mamão e seus personagens, e o aprofundamento das dinâmicas dançadas exploradas no Capítulo 3, agora levando em consideração a narrativa imagético-corporal criada pela turma.

### Objetivos pedagógicos

- Levar o estudante a conhecer e valorizar diferentes manifestações culturais tradicionais brasileiras e sua relação com a dança;
- Investigar as relações da expressão corporal e do gesto dançado com as danças populares de tradição; pesquisar as origens de festas populares ao redor do mundo;
- Experimentar a relação entre gesto dançado e improviso com base no repertório gestual das danças tradicionais brasileiras;
- Recontar narrativas típicas de festas tradicionais e expressá-las em outras mídias corpóreo-textuais;
- Investigar as danças e festas de tradição do lugar onde se encontra a comunidade escolar, produzindo informação e conhecimento sobre a preservação de tais tradições.

### Competências específicas e como são trabalhadas

- **Competência específica 1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.**

Essa competência é trabalhada de forma transversal na unidade por meio da apresentação e da contextualização de diversas formas de culturas populares tradicionais brasileiras, como a quadrilha, o Quarup, o jongo e o Boi-Bumbá, além de trabalhos sugeridos com elas.

- **Competência específica 2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.**

Essa competência explicita-se no Capítulo 4 com a produção de textos interlinguagens entre dança e artes visuais. Como exemplo, pode citar-se o “auto do boi”, mural ilustrado sobre a narrativa do Boi-Bumbá, ou a seção *Artes integradas*, em que a turma é convidada a produzir um boi e usá-lo em práticas de dança coletiva.

- **Competência específica 3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.**

No Capítulo 3, os estudantes são convidados a pesquisar diferentes festas populares tradicionais ao redor do mundo. No Capítulo 4, há uma pesquisa aprofundada com o objetivo de compreender as tradições populares presentes em sua localidade.

- **Competência específica 4. Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, resignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.**

Essa competência é transversal à unidade e manifesta-se nas dinâmicas de expressão corporal e imagética propostas pelas atividades práticas.

- **Competência específica 5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.**

Ambas as pesquisas propostas (Capítulos 3 e 4) levam em conta a necessidade da mobilização de diferentes recursos tecnológicos.

- **Competência específica 8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.**

Essa competência também é trabalhada de forma transversal. Pode-se citar a construção colaborativa, ao final, de um “boi de mamão” pela turma.

- **Competência específica 9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.**

Essa competência também se desenvolve ao longo de toda a unidade e pode ser verificada nas diferentes dinâmicas propostas a partir das variadas manifestações do patrimônio artístico nacional apresentadas.

## Habilidades e como são trabalhadas

---

- **(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.**

Essa habilidade é desenvolvida ao longo de toda a unidade, por meio das práticas propostas a partir dos exemplos de manifestações culturais populares apresentadas.

- **(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.**

No Capítulo 3, há a improvisação a partir de gestos do jongo e das danças de umbigada. No Capítulo 4, a dinâmica improvisacional dançada é retomada a partir do estudo das diversas formas de Boi-Bumbá.

- **(EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.**

Ao longo de alguns momentos da unidade, mais especificamente nas seções *A arte faz pensar* e *Criar e Refletir*, o estudante é convidado a debater coletivamente – tanto no espaço da sala de aula como junto aos seus familiares, em sua casa – temas, conceitos e práticas criativas a partir de suas experiências e repertório terminológico em dança, de modo a constituir um vocabulário mais aprofundado e comum com seus colegas.

- **(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.**

Esta é uma habilidade trabalhada de modo transversal à unidade. Os exemplos desenvolvidos visam à valorização desse patrimônio. E o trabalho final da seção *Artes integradas* estimula os estudantes a se expressar na criação de narrativas imagético-corporais entre a dança e as artes visuais.

## UNIDADE 2 – DANÇAR É UMA FESTA!

### Abertura

Habilidades: (EF15AR08),  
(EF15AR25)

#### Atividades preparatórias

Comece mostrando a imagem da abertura da unidade e perguntando quais estudantes a reconhecem. A quadrilha é uma dança típica das festas juninas em muitas partes do Brasil, mas suas variações podem torná-la muito diferente entre os diferentes locais. Inicie fazendo a ligação com o cotidiano dos estudantes e mapeando as relações pessoais da turma com a festa junina e com a quadrilha em particular.

## UNIDADE 2

## Dançar é uma festa!



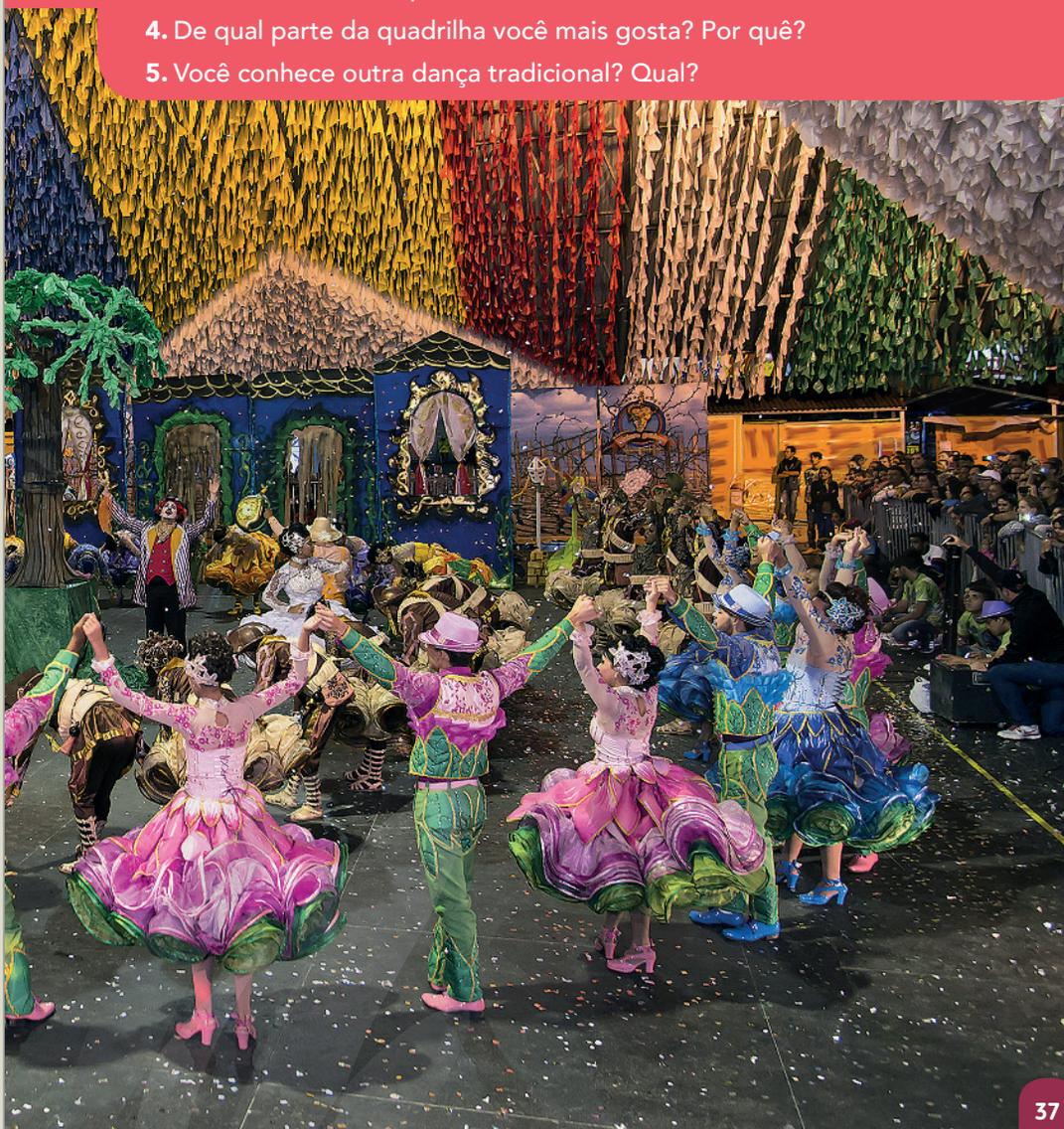
Quadrilha junina Rabo de Palha, de Parauapebas (PA).  
Fotografia de 2015.

Quando chega o mês de junho, as regiões Norte, Sul, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste se preparam para as festas juninas, muito populares no Brasil!

Um dos momentos mais tradicionais de várias festas juninas é a quadrilha. Em muitos lugares, há concursos para ver quem dança melhor!



1. Você costuma ir a festas juninas? Aonde? Respostas pessoais.
2. Você já dançou quadrilha? Como foi a experiência?
3. Em alguns momentos da quadrilha, há cenas que parecem contar uma história. Você sabe que história é essa?
4. De qual parte da quadrilha você mais gosta? Por quê?
5. Você conhece outra dança tradicional? Qual?



### Orientações e comentários das atividades preparatórias

3. Conte que a quadrilha é a encenação de uma história: um casamento.
4. Lembre com a turma dos gestos dançados mais característicos dessa coreografia: a cobra, o buraco, a chuva etc. Pergunte de que gesto cada um mais gosta.
5. Faça um levantamento prévio com a turma das danças e festas populares conhecidas. Tente descobrir se algum estudante participa ativamente de alguma comunidade de dança folclórica ou tradicional.

## Capítulo 3 – Dança e ancestralidade

### Habilidade: (EF15AR25)

Neste capítulo, algumas conexões da dança com a ancestralidade são exploradas por meio de manifestações culturais dançadas/corporais das culturas do Brasil. Para abrir a discussão, tendo em vista que a quadrilha junina (apresentada na abertura da unidade) está geralmente mais próxima da maioria dos estudantes, apresentamos a celebração do Quarup pelos povos do Xingu. Quarup é o nome mais conhecido (há também variantes em outras línguas de povos que o praticam) de uma celebração em homenagem aos mortos e antepassados de origem Kamaiurá, mas hoje em dia é celebrada por muitos dos povos do Xingu. Na festa, há música, dança e jogos. O principal símbolo do Quarup (e que dá nome à festa) são as toras decoradas que representam os antepassados mortos no ano anterior, para quem é realizada a festa. Converse com a turma sobre as diferentes formas de celebrar a vida e as passagens dos antepassados no cotidiano da turma.

### O que é essa imagem?

#### Orientações e comentários das atividades

- Instigue os estudantes a falarem sobre as tradições familiares. É comum que as famílias e comunidades participem de diversas tradições dançadas (samba, capoeira, festa do boi, Carnaval etc.), mas também pode ser que haja formas de celebrar mais particulares (como churrascos, festas de aniversário etc.) Converse sobre todas essas formas e mostre como, em muitas delas, a música e a dança são maneiras de realizar essa celebração.

## CAPÍTULO

# 3

## Dança e ancestralidade

Observe a imagem de uma batalha de huka-huka realizada por indígenas da etnia Kamaiurá.

Huka-huka é uma luta que faz parte do Quarup, uma grande festividade anual dos povos indígenas do Xingu, em homenagem aos mortos. Para ganhar a luta, é preciso tocar a coxa do adversário.



Homens da etnia Kamaiurá se enfrentam na luta do huka-huka, parte do ritual do Quarup, em Gaúcha do Norte (MT). Fotografia de 2016.

### O que é essa imagem?

Respostas pessoais.



- Conte o que você vê na fotografia.
- Como estão pintados os lutadores de huka-huka na fotografia? Que cores chamam mais a atenção? *Os lutadores têm pinturas corporais vermelhas e pretas.*
- Você já ouviu falar do Quarup?
- Que celebrações são motivo de festa na sua família?

Cada comunidade tem o seu jeito de fazer festas. Cada festa pode ter um motivo diferente, por exemplo: festas de aniversário, festas de dias especiais, e mesmo uma festa para homenagear os antepassados que já morreram.

38

### Sugestões de leitura

- Dossiê sobre o povo Kamaiurá**, no portal Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kamaiur%C3%A1#Cosmologia>>. Acesso em: 20 fev. 2021. Dossiê detalhado sobre as tradições do povo Kamaiurá, a quem atribui-se originalmente a festividade do Quarup.
- Dossiê sobre o Parque Indígena do Xingu**, no portal Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xingu>>. Acesso em: 21 fev. 2021. Dossiê organizado com informações acerca das culturas, línguas, distribuição geográfica e história do Parque.



LUCILA ZWIRCKPULSAR IMAGENS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Toras enfeitadas para o Quarup, em Gaúcha do Norte (MT). Fotografia de 2016.

O Quarup é uma grande festa comemorada pelos povos indígenas do Xingu, no Centro-Oeste do Brasil. Nela, as etnias Kamaiurá, Kuikuro, Mehinako, Kalapalo, Matipu, Waurá, Kaiabi e Aweti se encontram para celebrar seus antepassados.

Os antepassados são representados por *kuarups*, isto é, grandes troncos de madeira decorados.

Ao longo da festa, que dura muitos dias, há danças, jogos, comidas, bebidas e música para homenagear os antepassados, ou seja, os *kuarups*.

O Parque Indígena do Xingu é a maior reserva indígena brasileira. Criado em 1961 ao redor do rio Xingu, o parque abriga dezesseis etnias diferentes. Lá vivem os Aweti, Ikpeng, Kalapalo, Kamaiurá, Kawaiwete, Kisêdjê, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nafukuá, Naruvôtu, Tapayuna, Trumai, Waurá, Yawalapiti e Yudjá.

Cada uma dessas etnias tem suas próprias tradições e suas próprias maneiras de celebrar. Imagine quantas festas!

### Sugestões de vídeo

- **Tudo sobre Kuarup**, com a videoblogueira Ysani Kalapalo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KJu-fxpEDhI>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Nesse vídeo, originalmente uma *live* da videoblogueira indígena Ysani Kalapalo, ela trata das festividades do Quarup do ponto de vista dos povos que o criaram e seguem praticando até hoje.

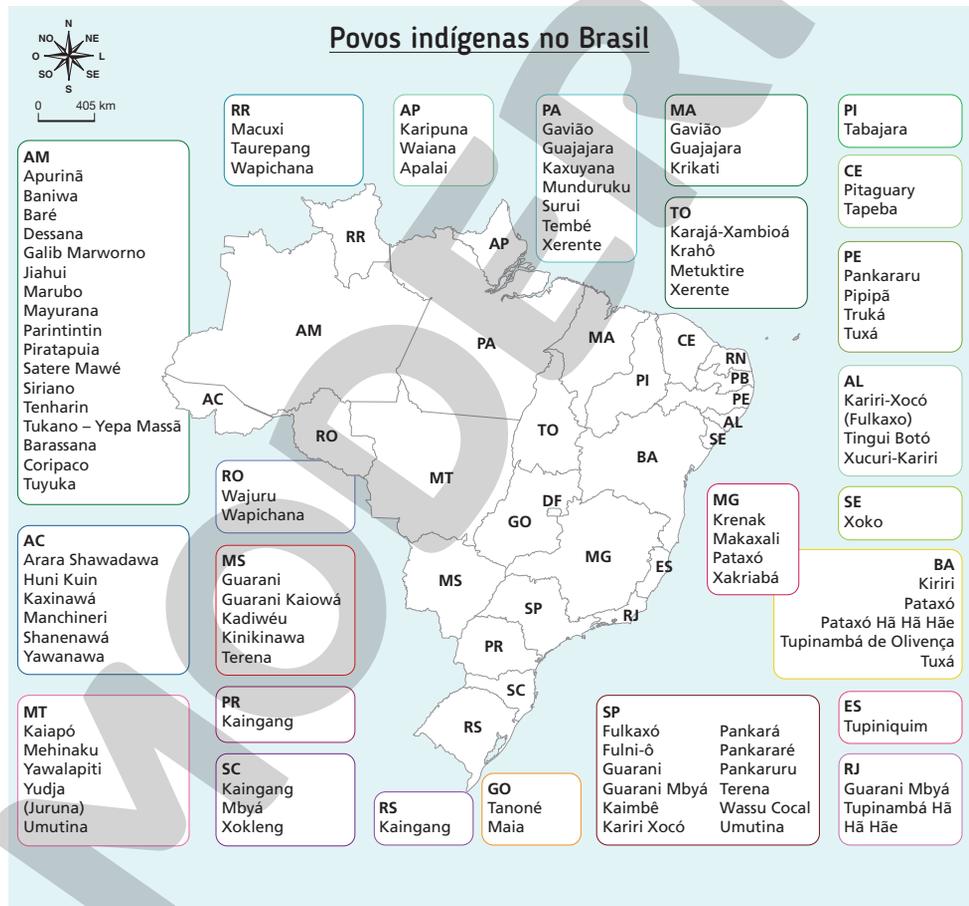
- **Documentário da TV Brasil sobre o Parque Nacional Indígena do Xingu**. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/expedicoes/episodio/parque-nacional-do-xingu>>. Acesso em: 21 fev. 2021. O documentário, filmado em 2014 pela Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), conta um pouco da história e da atualidade do Parque.

**Habilidades: (EF15AR25), (EF03GE02), (EF03GE06)**

Faça uma pesquisa preparatória com a bibliografia sugerida para apresentar o Parque Nacional Indígena do Xingu para a turma. Explore o mapa coletivamente com os estudantes, adicionando informações sobre as culturas dos povos da Reserva. Aproveite para mostrar, ainda, a localização do Parque Nacional Indígena do Xingu no mapa do Brasil.

O objetivo desta atividade é expandir, com os estudantes, a percepção acerca da presença dos povos indígenas do Brasil nas diferentes partes do território nacional. A atividade pode, ainda, ter uma abordagem interdisciplinar com Geografia, em especial com as habilidades EF03GE02 e EF03GE06. Depois de localizar e colorir o Estado onde moram os estudantes (pode ser um ou mais de um, levando em conta regiões fronteiriças), converse sobre a origem de suas famílias. No Brasil, é muito comum que diferentes membros de uma mesma família venham de diferentes partes do país. Peça a cada estudante que leia em voz alta os nomes das etnias presentes nos estados. Por fim, chame a atenção para a grande diversidade de povos que fazem parte do Brasil.

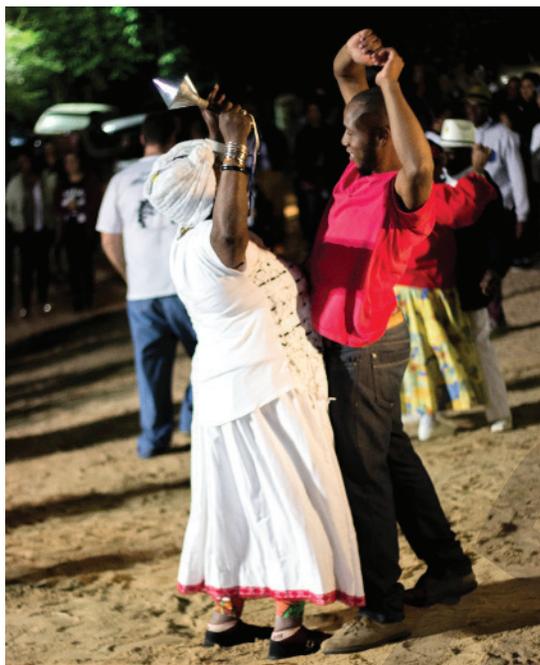
- Agora, observe o mapa do Brasil e veja quantos povos indígenas diferentes há em nosso país! **Respostas pessoais.**
  - a. Localize no mapa e pinte o estado em que você mora.
  - b. Leia para o professor os nomes dos povos indígenas do seu estado.
  - c. Na sua família, alguém vem de outro estado? Escolha uma cor e pinte-o também.
  - d. Leia, para o professor e para a turma, os nomes dos povos desse estado.
  - e. Escolha outras cores e preencha os outros estados, sempre prestando atenção aos nomes dos povos que ali habitam!



Fonte: Funai. *Mapa – Brasil Indígena: História, saberes e ações*, 2015.

## Tradição quilombola – a umbigada

Observe nesta cena as pessoas e o lugar retratados.



Batuque de umbigada. Sítio de Pedro Soledade, em Piracicaba (SP). Fotografia de 2018.

### O que é essa imagem?

1. O que as pessoas parecem estar fazendo?

Dançando, brincando, se divertindo.

2. Como é o lugar em que elas estão?

Um espaço aberto com vegetação e chão sem calçamento.

3. Você acha que a fotografia mostra um momento especial na vida dessas pessoas ou é o que elas fazem todo dia?

As pessoas estão fazendo poses que não são comuns no dia a dia.

## Tradição quilombola – a umbigada

**Habilidades:** (EF15AR08), (EF15AR25)

Dando sequência à exploração de formas dançadas de tradição, são apresentadas as danças de umbigada, que disparam uma proposta de trabalho prático com gestos dançados e a espacialidade. As danças de umbigada são um grupo de danças tradicionais oriundas dos quilombos do sudeste do Brasil e que descendem majoritariamente do *semba* do povo bantu, que foi escravizado e trazido ao Brasil na época da colônia. O batuque de *semba* tem diversas variações e gestos dançados, sendo o mais comum a umbigada – o encostar ou quase – da cintura dos dançarinos no momento culminante da dança. Mais adiante será enfocada uma tradição específica das danças de umbigada, o jongo. Aqui, para abrir, é interessante fazer uma discussão de contextualização maior, conversando com os estudantes sobre a história da escravização africana no Brasil e a resistência dos quilombos.

### Orientações e comentários das atividades

4. Aproveite esta pergunta para explorar um pouco acerca da origem dos quilombos no Brasil, assim como sobre sua atualidade.

### Sugestão de leitura

• **Batuque de umbigada: cultura bantu afro-paulista**, de Antonio Filogenio de Paula Junior. Disponível em: <[https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12947\\_BATUQUE+DE+UMBIGADA+CULTURA+BANTU+AFROPAULISTA](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12947_BATUQUE+DE+UMBIGADA+CULTURA+BANTU+AFROPAULISTA)>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Nesse artigo do pesquisador e batuqueiro Antonio Filogenio de Paula Junior, são apre-

sentadas as origens históricas e as particularidades do batuque de umbigada, uma das modalidades das danças de umbigada.

### Sugestão de vídeo

• **Batuque de Umbigada**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=eZODcnOxUJs&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=eZODcnOxUJs&feature=emb_title)>. Acesso em: 21 fev. 2021. Minidocumentário sobre as origens e os conceitos do batuque de umbigada.

## ZAZ – 1, 2, 3, umbigada!

**Habilidades:** (EF15AR08), (EF15AR11)

### Roteiro de aula

**Objetivo:** Levar o estudante a explorar, por meio do gesto dançado mais típico das danças de umbigada, a movimentação do corpo no espaço e em relação aos colegas.

**Duração:** 20-30 min

**Materiais necessários:** Roupas confortáveis para a realização de movimentos, aparelho de som com caixas (pode ser o telefone celular).

**Observação:** Esta prática requer espaço para que os estudantes possam movimentar-se livremente. Caso não seja possível utilizar a sala de aula, pode ser a quadra de esportes ou outro espaço aberto na escola.

**Desenvolvimento:** Antes da aula, selecione trechos de alguns batuques de umbigada. Prepare os que serão apresentados aos estudantes para a prática. Ao sugerir a prática, peça que formem, primeiro, duplas. Coloque a música selecionada e, com eles, “teste” o movimento da umbigada no tempo forte do tambor. O tempo forte é o gesto da umbigada, enquanto os outros podem ser passos improvisados. Em seguida, peça às duplas que formem duas linhas, uma de frente para a outra. Ao som da música, uma por vez as linhas devem avançar e dar uma umbigada no parceiro no tempo forte do tambor. Quando uma linha avança para dar a umbigada, a outra recua. Ao final, deixe que os estudantes explorem a livre movimentação no espaço, sempre encontrando um parceiro para dar a umbigada no tempo forte.

**Avaliação:** Faça uma roda de conversa com a turma para que troquem impressões sobre a prática. Pergunte como foi a sensação de fazer o gesto da umbigada com diferentes movimentações no espaço. Pergunte: Qual parte pareceu mais fácil? E mais difícil? Qual foi a parte mais divertida?

### 4. Você sabe o que é um quilombo? Explique.

Resposta pessoal.

A **umbigada** é uma dança originária dos quilombos da região Sudeste do Brasil. Os quilombos eram comunidades formadas por pessoas escravizadas que se libertavam e construíam suas próprias comunidades livres.

Houve uma época na história do Brasil em que foram trazidas muitas pessoas escravizadas da África para trabalhar. Entre esses povos escravizados, estavam os bantos.

Uma das danças tradicionais do povo banto era o batuque de *semba*. No Brasil, o *semba* foi se alterando e aos poucos transformou-se em dois tipos de dança.

Nas cidades, virou o samba.

Nas regiões rurais, virou a umbigada.

O nome *umbigada* vem do movimento principal da dança, que é um encontro de *umbigos*! Vamos experimentar?

## ZAZ

### 1, 2, 3, umbigada!

A umbigada se dança batendo umbigo com umbigo!

- 1 Organizem-se em duas fileiras, uma de frente para a outra.
- 2 O professor colocará um batuque de umbigada para tocar.
- 3 Espere a introdução cantada. Quando começar o batuque, uma de cada vez, as fileiras avançam até dar uma umbigada na fileira da frente!
- 4 Depois da umbigada, a fileira parada avança, e assim por diante.
- 5 Ao final, as fileiras se desmancham e todos podem dar umbigadas em quem quiserem!



Depois de dançar a umbigada, sentem-se em roda e conversem:

- Qual foi a sensação de fazer o gesto da umbigada com diferentes movimentações no espaço?
- Qual parte pareceu mais fácil?
- Qual foi a parte mais divertida?

42

### Sugestão de vídeo

**Dona Anicide Toledo – Batuque de umbigada.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b3E8jUfoYb8>>. Acesso em: 21 fev. 2021. Uma das mais tradicionais cantoras e batuqueiras de umbigada do Sudeste do Brasil.

### ZUM! – Inaicya Falcão

**Habilidade:** (EF15AR08)

Apresente aos estudantes o trabalho da dançarina, cantora, professora e pesquisadora Inaicya Falcão (1958-). Inaicya formou-se em dança pela UFBA e fez mestrado em Artes Cênicas na Universidade de Ibadan, na Nigéria, pesquisando a gestualidade presente nas tribos iorubá.



## Inaicyra Falcão

Esta fotografia é de uma dançarina, cantora, coreógrafa e professora brasileira que se chama Inaicyra Falcão (1958-).

Inaicyra nasceu no estado da Bahia, e estudou diversos tipos de dança tradicional no Brasil e na Nigéria.

Ela descobriu que muitos movimentos de danças tradicionais brasileiras têm origem em gestos cotidianos.

Gestos cotidianos são aqueles que fazemos no dia a dia, por exemplo: varrer, escrever, escovar os dentes, comer, espreguiçar-se...



ROBERTO D'ANGELO

Inaicyra Falcão fazendo a coreografia *Ayán*, que é o símbolo do fogo, em Campinas (SP). Fotografia de 1996.



**1.** Escreva, a seguir, três gestos cotidianos que você faz:

Resposta pessoal. Prepare a atividade de escrita dando exemplos práticos de atividades

cotidianas e peça aos estudantes que mostrem alguns gestos com o próprio corpo.



**2.** Compare com os colegas os gestos que você escreveu. Observe quais foram parecidos ou diferentes.

Agora, que tal experimentar transformar esses gestos em dança?

## ZAZ

### A dança dos gestos cotidianos

- 1** Fique em pé com os colegas para fazer os movimentos, mas sem se esbarrarem.
- 2** Primeiro, façam os gestos cotidianos que a maioria da turma listou ou os que foram parecidos, usando o corpo todo no movimento.
- 3** A seguir, o professor colocará uma música e vocês farão os gestos dançando. Mas, atenção: só vale usar os gestos cotidianos!
- 4** Depois de finalizada a atividade, conversem com os colegas e o professor:
  - Como foi transformar os gestos cotidianos em dança?



43

Nessa pesquisa, encontrou semelhanças entre os gestos rituais dessas tribos e os gestos rituais das danças dos orixás presentes no candomblé brasileiro. Assim, Inaicyra desenvolveu um pensamento acerca do que chamou de gestualidade ancestral, uma gestualidade cotidiana que vai sendo transmitida entre gerações e adquirindo aspectos mais formalizados e ritualizados em festejos e danças populares e religiosas. Pode ser interessante conversar com a turma sobre a gestualidade ancestral para criar uma conexão entre as festas e danças populares e o gestual cotidiano da turma.

#### Orientações e comentários das atividades

**2.** Mostre para os estudantes que há gestos cotidianos parecidos (tomar banho, escovar os dentes, acordar etc., por exemplo) e gestos que são realizados cotidianamente, mas que

são individuais. Estimule os estudantes a mostrarem e trocarem gestos cotidianos entre si.

### ZAZ – A dança dos gestos cotidianos

**Habilidade:** (EF15AR11)

**Roteiro de aula**

**Objetivo:** Possibilitar ao estudante explorar a formalização de gestos cotidianos e transformá-los em gestos dançados.

**Duração:** 15-20 min

**Materiais necessários:** Roupas confortáveis para a prática de exercícios físicos. Aparelho de som com caixas (pode ser o aparelho de telefone celular do professor).

#### Sugestão de leitura

- **Entrevista com Inaicyra Falcão, na Ação Educativa.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qMkrXhSXELU&t=349s>>. Acesso em: 21 fev. 2021. Nessa entrevista, a pesquisadora conta sobre sua pesquisa com a corporalidade/gestualidade ancestral.

**Observações:** Trata-se de uma prática de exploração individual, mas que requer espaço. Caso não seja possível usar a sala de aula, procure algum lugar onde possa ocorrer tal movimentação. Para esta atividade, é preciso selecionar previamente as músicas que serão utilizadas. Busque trechos diferentes, com variações de ritmo e de instrumentos.

**Desenvolvimento:** Peça aos estudantes que realizem os gestos cotidianos listados na atividade anterior. Sugira que repitam algumas vezes, ainda sem música. Coloque a música e peça que dançam. Diga que "só vale dançar com o gesto cotidiano". Deixe que explorem as diferentes movimentações corporais a partir da gestualidade cotidiana e dos diferentes estímulos musicais.

**Avaliação:** Converse com a turma brevemente, após a prática, com o objetivo de entender as dificuldades para a realização da proposta.

## A arte faz pensar – Histórias de festas e danças

**Habilidades:** (EF15AR08), (EF15AR12), (EF15AR25)

Apresentamos uma proposta de pesquisa e debate coletivo acerca de diversas festividades ao redor do mundo. Para começar, apresentamos o filme *Viva – A vida é uma festa* (2017), dos estúdios Pixar. O filme se passa no México, durante a festa do Dia dos Mortos (2 de novembro). Nessa festa, de origem asteca, os mexicanos homenageiam suas famílias e seus antepassados, fazendo doces e comidas em forma de caveiras, dançando e cantando em homenagem aos mortos. Trata-se de uma festividade muito alegre, com muita música e muita celebração.

O filme conta a história de Miguel, que acidentalmente entra no mundo dos mortos e precisa encontrar seus antepassados para que o ajudem a voltar ao mundo dos vivos. Se possível, assista ao filme com a turma, numa sessão de cineclube, antes de começar a pesquisa.

### O que é essa imagem?

**Orientações e comentários das atividades**

2. Vemos, na imagem, os dois personagens principais em primeiro plano, tocando seus violões. Os dois estão sobre uma espécie de tapete de flores, tradicional da celebração do Dia do Mortos, no México. Ao fundo, outros personagens que fazem parte da família de finados do menino Miguel.
3. Caso os estudantes não saibam, explique que é um país onde se encontra a cidade em que a história acontece.
4. Uma data que pode ser conhecida pelos estudantes é o Dia de Finados ou Dia dos Mortos.
5. Converse com a turma sobre as festas populares de que costumam participar. Essas, claro, podem variar de acordo com a região do Brasil em que se encontra a turma.

## A arte faz pensar

### Histórias de festas e danças

*Viva – A vida é uma festa* é um filme de animação que trata de uma festa muito tradicional e animada do México: o Dia dos Mortos.

Observe esta imagem do filme.



Imagem de uma cena do filme *Viva – A vida é uma festa*, direção de Lee Unkrich e Adrian Molina. 2017.

### O que é essa imagem?

Respostas pessoais.

1. Você já ouviu falar do Dia dos Mortos, festa tradicional no México?
2. Descreva o que você vê na imagem do filme.
3. O que você sabe sobre o México?
4. Você sabe de datas em que os mortos são homenageados?
5. Que festa popular você costuma celebrar?

### Sugestão de leitura

- *Día de los muertos no México: por que e como é celebrado?* Disponível em: <<https://www.hipercultura.com/dia-de-los-muertos-no-mexico>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

O artigo conta brevemente sobre as origens e tradições da festa mexicana.

*Viva – A vida é uma festa* conta a história de Miguel, um menino que vive na cidade de Santa Cecília, no México. Miguel gosta muito de cantar e tocar violão, mas sua família proíbe a música dentro de casa.

No México, o Dia dos Mortos é uma festa popular que acontece no Dia de Finados, em 2 de novembro. Nessa data, acredita-se que os antepassados que já morreram voltam para festejar com as famílias. Por isso, é comum decorar as mesas com flores, bandeirinhas de papel e caveirinhas de açúcar.

Em uma festa do Dia dos Mortos, Miguel viaja até o mundo dos mortos e encontra todos os seus antepassados. Ele parte em uma aventura para conseguir a bênção de sua família e tornar-se um músico.

Que tal pesquisar algumas festas populares ao redor do mundo?

## Experimente em casa

1. Converse com o professor e os colegas e escolha uma festa popular diferente para pesquisar. Aqui estão algumas sugestões.

- Dia dos Mortos (México)
- Ano-novo Lunar (China, Japão, Coreia do Sul, Vietnã e outros países)
- Holi – Festival das Cores (Índia)
- Festa de Iemanjá (Brasil)
- Dia de São Patrício (Irlanda)
- Inti Raymi (Peru)
- Carnaval (Brasil)



## Experimente em casa

**Habilidades: (EF15AR12), (EF15AR25)**

Aqui, apresentamos a sugestão de uma pesquisa para ser feita em casa, com a ajuda dos familiares, acerca de uma festa tradicional. A lista das festas pode ser ampliada ou, então, diferentes estudantes podem pesquisar diferentes aspectos da mesma festa. Converse com a turma sobre o filme *Viva – A vida é uma festa* e sobre as diversas festividades que fazem parte do cotidiano da turma. Mostre algumas imagens de festas populares de outros contextos com os quais os estudantes não estejam familiarizados e sugira a realização da pesquisa em casa. Divida as festas entre os estudantes. Lembre-se de pedir à turma que sempre acesse a internet com a supervisão de um adulto. Diga que, caso não haja possibilidade de acesso à internet, eles podem utilizar a biblioteca da escola para realizar a pesquisa. Realize, antes da atividade, uma pesquisa prévia de *websites* e vídeos disponíveis com conteúdos acessíveis à faixa etária dos estudantes. A seguir, uma sugestão de cronograma para a realização da pesquisa:

### Roteiro de pesquisa

#### Aula 1 – Preparação

Converse com os estudantes sobre o filme *Viva – A vida é uma festa* e sobre as diferentes festividades que fazem parte do cotidiano da turma. Mostre algumas imagens de festas populares de outros contextos com os quais os estudantes não estejam familiarizados e sugira a realização da pesquisa. Divida os grupos.

#### Aula 2 – Pesquisa na internet

Auxilie a turma com a pesquisa na internet, sugerindo uma lista de referências previamente preparada com conteúdo acessível à faixa etária em questão. Lembre os grupos de salvar o material encontrado ou de fazer anotações sobre as questões mais importantes levantadas. Use as perguntas sugeridas no Livro do Estudante para direcionar as informações que devem ser encontradas.

### Aula 3 – Preparação da apresentação/síntese da pesquisa

Peça aos grupos que elaborem cartazes explicativos sobre a pesquisa que realizaram. Para isso, podem usar o material colhido na internet, mas também fazer desenhos, colagens, pinturas etc.

### Aula 4 – Apresentação e avaliação

Peça a cada grupo que apresente seu cartaz e a sua pesquisa para a turma. Em seguida, converse com todos sobre a realização da pesquisa. Peça a eles que ressaltem os aspectos mais fáceis e mais difíceis, pedindo que avaliem sua participação no trabalho em grupo.

### Vamos experimentar – Dançar o jongo

#### Habilidades: (EF15AR08), (EF15AR11)

Para finalizar o capítulo, sugere-se a expressão por meio da dança do jongo, uma das modalidades já apresentadas da umbigada. O jongo é uma dança de umbigada desenvolvida principalmente nos quilombos do Vale do Paraíba, mas presente em todo o Sudeste do Brasil. Caracteriza-se por um batuque específico de dois tempos fortes e um contratempo, tocados por três tambores de mão, o caxambu (grave), o candongueiro (médio) e o tambu (agudo). De origem ritual, acontece numa brincadeira de roda. A roda segura com palmas os tempos fortes do batuque. Enquanto isso, dois brincantes vão ao centro da roda e dançam o jongo.

Geralmente é marcada por um movimento semelhante ao da umbigada, mas os dançarinos não se encostam. Entre as umbigadas, há espaço para a livre improvisação.

2. Com a ajuda de sua família, procure na internet informações e fotografias sobre a festa escolhida e responda às perguntas abaixo:

a. Quando a festa acontece?

---



---

b. Por que a festa acontece?

---



---



---

c. Quem pode participar?

---



---

d. Quais são as cores principais da festa?

---



---

e. O que acontece nessa festa? Há danças coletivas? E música tradicional?

---



---



---

3. Agora, reúna as fotografias que você achou mais interessantes e monte um cartaz com as principais informações e imagens conseguidas sobre a festa. Desenhe, pinte e decore o cartaz para deixá-lo bonito!

4. Faça uma apresentação para a turma sobre a pesquisa!

### Sugestões de vídeo

- **Dança (Pontão de cultura do jongo).** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BSmWU7bmU-c>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Vídeo de trechos de jongo do filme *Sou de jongo*, do 9º e 10º Encontro de Jongueiros.

- **Jongo da Serrinha.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aSxf99pcZxQ>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Minidocumentário produzido pela Sesc TV sobre o Jongo da Serrinha (RJ), um dos mais tradicionais do Brasil até hoje.

## Vamos experimentar

### Dançar o jongo

A dança de umbigada, que já estudamos, veio do *semba* africano. Outra dança parecida, que também veio da África, é o **jongo**.

No jongo, em vez de duas fileiras, a dança acontece em roda. A música é tocada com três tambores de mão: o caxambu (grave), o candongueiro (médio) e o tambu (agudo).



Movimentação característica do grupo Jongo da Serrinha, no município do Rio de Janeiro (RJ). Fotografia de 2005.



Os tambores usados no jongo precisam de um cuidado especial. O calor do fogo garante a eles uma afinação perfeita! Campinas (SP). Fotografia de 2017

- 1 Assista com os colegas ao vídeo que o professor colocará, com uma dança de jongo. Observem os movimentos dos dançarinos e o ritmo da música.
- 2 Agora, você e os colegas também dançarão. Organizem-se em roda! Duas pessoas por vez dançam o jongo no centro da roda, enquanto o resto da turma marca o ritmo dos tambores com palmas!
- 3 A dupla que está no centro da roda se aproxima de vez em quando e dá uma umbigada. Troquem as duplas de forma que todos dancem.
- 4 Depois de dançar, sentem-se novamente em roda e conversem:
  - Como foi realizar toda a atividade? **Respostas pessoais.**
  - Vocês assistiram ao vídeo e dançaram. De que parte gostaram mais? Por quê?

### Roteiro de aula

**Objetivo:** Explorar a relação do gesto da umbigada com a improvisação gestual numa dinâmica de roda de jongo.

**Duração:** 30-40 min

**Materiais necessários:** Roupas confortáveis para a realização dos movimentos, aparelho de som com caixas de alto-falante (pode ser o aparelho de telefone celular do professor).

**Observações:** Para esta prática, é necessário um espaço amplo para a movimentação da turma. Peça autorização para utilizar a quadra de esportes ou outro lugar aberto da escola.

**Desenvolvimento:** Como preparação, assista ao vídeo sugerido do Pontão de Cultura do Jongo, indicado em **Sugestões de vídeo** a ser trabalhado com os estudantes.

Antes de iniciar a atividade – que consistirá em assistir ao vídeo e, depois, em roda, dançar enquanto ouvem a música –, converse sobre o jongo com a turma, lembrando a prática já explorada das danças de umbigada.

Durante a atividade, peça a todos que explorem a dinâmica da umbigada no tempo forte da música e a improvisação nos outros tempos. Comece a “segurar o tambor” com as palmas e construa uma roda com a turma.

Peça a dois jongueiros que se dirijam ao centro da roda e realizem a dinâmica proposta. Incentive a improvisação entre os movimentos marcados. Deixe que os estudantes se revezem ao ocupar o centro da roda.

**Avaliação:** Em uma roda de conversa com a turma, peça que expressem seus pensamentos sobre a prática: “Com que o jongo se parece? É uma dança ou é um jogo?”. Retome aspectos históricos acerca da tradição do jongo e das danças de umbigada.

• **Aula do Instituto Brincante sobre o tambor do jongo.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0TPA0-t4Mt0>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Nessa aula, é possível entender o ritmo e os diferentes toques dos tambores de mão do jongo.

• **Áudio do Jongo da Serrinha.** Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=OiuJQ\\_T8nAs&t=136s](https://www.youtube.com/watch?v=OiuJQ_T8nAs&t=136s)>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Trilha de áudio com as canções cantadas no Jongo da Serrinha (RJ).

## Capítulo 4 – Dançar histórias

Habilidades: (EF15AR08), (EF15AR12), (EF15AR25)

Neste capítulo, exploraremos algumas festas populares brasileiras por meio da investigação do Bumba Meu Boi, ou Boi-Bumbá. A ideia é apresentar e examinar com os estudantes as estruturas narrativas da festa, que se baseia na lenda de um boi que é morto e, em seguida, ressuscita. A origem do Boi-Bumbá é incerta, mas geralmente admite-se que vem da lenda de um “boi voador”, originária do período de dominação holandesa em Pernambuco (1630-1654). Dali, a lenda teria se transformado em uma festa e ganhado os traços característicos do Boi-Bumbá ao chegar ao Maranhão. Neste capítulo, olharemos algumas diferentes manifestações do Boi-Bumbá com o objetivo de entender a diversidade cultural do Brasil por meio de uma mesma festa. Assim, apresentamos a festividade por meio do boi maranhense e depois sua variante de Parintins, que ganha contornos de disputa carnavalesca entre o Boi Caprichoso e o Boi Garantido. Comece apresentando à turma (caso não conheçam) a fábula do Boi-Bumbá.

### CAPÍTULO

# 4

## Dançar histórias

Observe esta fotografia da festa do Bumba Meu Boi, ou Boi-Bumbá.



Bumba Meu Boi em São Luís (MA). Fotografia de 2013.

### O que é essa imagem?

Respostas pessoais.



1. O que você vê na fotografia?
2. O que está acontecendo parece um momento de festa? Explique sua resposta.
3. Na sua opinião, por que o boi é uma figura importante na cena?
4. Você conhece a história do Bumba Meu Boi?

O **Bumba Meu Boi**, ou **Boi-Bumbá**, é uma festa popular muito famosa na região Norte do Brasil. Nessa festa, além de música, há dança e teatro. A festa do Boi-Bumbá conta uma história.

Mãe Catirina e Pai Francisco eram trabalhadores de uma fazenda. Grávida, Mãe Catirina pede para comer a língua do melhor boi da fazenda. Pai Francisco abate o melhor boi e prepara a língua para sua esposa, que acha uma delícia!

48

### Sugestões de leitura

• **Bumba Meu Boi**, no site da Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=40485>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

A página contém alguns dados gerais acerca das diferentes variações do Boi-Bumbá no Brasil, assim como informações sobre ritmos, instrumentos e danças.

• **Como o Bumba Meu Boi se tornou patrimônio cultural da Unesco**. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/12/12/Como-o-Bumba-meu-boi-se-tornou-patrim%C3%B4nio-da-Unesco>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Artigo do jornalista Natan Novelli que mostra como a festa do Bumba Meu Boi foi considerada patrimônio cultural da Unesco.

O dono da fazenda descobre que seu melhor boi foi morto e manda prender Pai Francisco. Mãe Catirina, desesperada, começa a pedir milagres para todos os santos, orixás e caboclos da floresta.

Como um milagre, o boi é ressuscitado e tudo acaba bem!

A festa do Bumba Meu Boi conta essa história, e os brincantes se vestem de todos os personagens da trama.

### Personagens do Bumba Meu Boi

**Mãe Catirina:** Trabalhadora da fazenda, está grávida e quer comer língua de boi.

**Pai Francisco:** Marido de Mãe Catirina, mata o boi de seu patrão para satisfazer o desejo da esposa. Em seguida, é preso pelo dono da fazenda.

**Dono da fazenda:** Manda prender Pai Francisco quando descobre que ele matou seu boi.

**Vaqueiro:** Capataz do dono da fazenda. É o Vaqueiro quem conta para o fazendeiro que Pai Francisco matou o boi.

**Caboclos e indígenas:** Aliados de Pai Francisco e Mãe Catirina, eles encontram o Pai Francisco amarrado a uma árvore. Têm ligação com os seres mágicos da floresta.

**Boi:** Personagem principal do festejo, é um boneco geralmente construído de papel machê e tecido, e controlado por um brincante. Esse brincante recebe o nome de “tripa”, por ficar embaixo do boi.

### Momentos da história do boi

- Morte do boi.  
(Pai Francisco mata o boi para preparar a língua para Mãe Catirina.)
- Prisão de Pai Francisco.  
(O Vaqueiro descobre e conta para o Dono da fazenda, que prende Pai Francisco.)
- Indígenas e caboclos encontram o Pai Francisco e o libertam.
- Mãe Catirina pede ajuda aos deuses, santos e orixás.
- O boi ressuscita.

#### Dica

- Assista ao programa *Catalendas*, que conta um pouco mais sobre a história do Boi-Bumbá. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lkgcdd5RowU>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

## Boi-Bumbá ou Bumba Meu Boi?

**Habilidades:** (EF15AR08), (EF15AR12), (EF15AR25)

Apresente aos estudantes a variante do Boi celebrada em Parintins (AM). Nessa cidade, desde a década de 1970, a festa do Boi faz parte do Festival Folclórico de Parintins, e tem contornos de disputa carnavalesca. Há dois bois, com suas respectivas torcidas organizadas e agremiações culturais: o Boi Garantido (vermelho) e o Boi Caprichoso (azul). Todo ano, durante o festival, os desfiles mobilizam uma grande parte de Parintins e das cidades vizinhas. Ao final do festival, um dos dois é declarado vencedor.

### O que é essa imagem?

**Orientações e comentários das atividades**

1. e 2. Use as duas perguntas para introduzir a competição entre os bois de Parintins para a turma. Pergunte aos estudantes se as fotografias lembram alguma outra festa popular. Pode haver comparações com as quadrilhas da região Nordeste e com os desfiles de Carnaval do Sudeste, para citar algumas.

## Boi-Bumbá ou Bumba Meu Boi?

Compare as duas imagens da festa do Boi-Bumbá em Parintins (AM).



Saída do Boi Garantido, em Parintins (AM). Fotografia de 2016.



Saída do Boi Caprichoso, em Parintins (AM). Fotografia de 2018.

### O que é essa imagem?

1. Quais são as diferenças entre as duas saídas do boi representadas nas fotografias?

Um dos bois é branco, o outro, preto. Decorações em vermelho em um, no outro, em azul.

2. Quais são as semelhanças?

As duas têm a figura do boi presente, carros alegóricos etc.

50

### Sugestão de leitura

• CAVALCANTI, M. L. V. de C. O boi-bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, vol. VI (suplemento), p. 1019-1046, set. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702000000500012&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000500012&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Artigo da pesquisadora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti sobre as origens históricas do Boi-Bumbá de Parintins.

A festa do boi é chamada de Bumba Meu Boi em alguns lugares. Em outros, é chamada de Boi-Bumbá. A origem e a história são as mesmas, mas o jeito de brincar é muito diferente.

Na cidade de Parintins, no estado do Amazonas, a brincadeira do boi se transforma todo ano em uma verdadeira competição.

Dois Bois-Bumbás desfilam anualmente com seu Pai Francisco, sua Mãe Catirina e todos os personagens da história, mas os dois grupos competem pelo prêmio de melhor desfile.

Um deles é o Boi Garantido, vermelho. O outro, o Boi Caprichoso, que é azul. Cada boi tem até mesmo a sua torcida organizada!

## ZAZ

## O auto do Boi-Bumbá

Que tal transformar a história do boi em um mural para fazer uma exposição?

Você e os colegas, em grupo, elaborarão cartazes para montar um mural contando a história do boi.

Cada grupo será responsável por desenhar uma parte da história em uma cartolina.

- 1 Forme um grupo com mais dois colegas.
- 2 Converse com eles para planejar o cartaz que farão.
- 3 Escolham os materiais que serão utilizados.
- 4 Em uma folha de sulfite, com o grupo, faça um desenho ou esboço da parte da história que contarão.
- 5 A seguir, desenhem o esboço ampliado na cartolina.
  - Lembrem-se: é possível usar muitas técnicas diferentes, como misturar colagem com desenho, pintura e tudo o que for possível! O importante é mostrar a história do Boi-Bumbá para todo mundo.
- 6 Escolha com a turma um lugar para expor a série de cartazes contando a história do boi.
- 7 Depois da exposição, converse com os colegas e o professor:
  - Como foi a construção dos cartazes? Foi fácil ou difícil desenhar no papel e passar para o cartaz? **Respostas coletivas.**
  - O que facilitou o trabalho?



## ZAZ – O auto do Boi-Bumbá

**Habilidades:** (EF15AR08), (EF15AR25)

### Roteiro de aula

**Objetivo:** Transformar a história ouvida em narrativa textual-imagética; exercitar a habilidade de recontar uma história a partir da elaboração de textos próprios.

**Duração:** 50 min

**Materiais necessários:** Cola branca, tintas guache e/ou acrílica, cartolinas ou papel kraft, papel celofane, papel crepom, lápis, lápis de cor, giz de cera, canetas hidrográficas.

**Observações:** Caso necessário, a atividade pode desdobrar-se em mais de uma aula

**Desenvolvimento:** Converse com os estudantes sobre a história do Bumba Meu Boi. Explore as diferentes personagens e proponha a criação de cartazes, que serão expostos em um mural sobre a história a ser produzido pela turma. Divida com a turma os diferentes episódios da narrativa: forme grupos de 3 ou 4 estudantes e ajude-os a escolher quem fica com qual trecho. Cada trecho deve ser transformado em uma parte do “auto”, desenhado em cartolina com mistura de técnicas e criada coletivamente. Deixe que os grupos conversem entre si para elaborar o quadro do auto. Enfatize a necessidade de diálogo e de criação coletiva. Com os cartazes prontos, peça à turma que escolha coletivamente um local na sala de aula ou na escola para expor o “auto do Boi-Bumbá”.

**Avaliação:** Durante o processo de criação, perceba como os estudantes relacionam-se no trabalho de grupo. Esteja atento para mediar possíveis disputas, lembrando sempre que o trabalho é de todos e, portanto, deve expressar as vontades de todos. Depois de exposto o trabalho, converse brevemente com a turma sobre o processo, colhendo suas percepções sobre o desenvolvimento do trabalho coletivo.

## Pesquisa em arte – Danças brasileiras de tradição

Competência específica 3.

**Habilidades:** (EF15AR08), (EF15AR12), (EF15AR25)

Proponha aos estudantes uma pesquisa simples a ser feita na região onde encontra-se a comunidade escolar. Eles devem procurar informações sobre as danças de tradição presentes na comunidade. Antes de começar, procure conhecer as tradições locais e dos mestres ainda vivos que propagam essas tradições, que grupos folclóricos há, como se organizam etc. A ideia é elaborar com os estudantes uma entrevista com pessoas que praticam essas tradições. Pode-se, ainda, pensar em convidar algum representante de tradição ou grupo folclórico para dar uma aula prática para a turma como finalização da pesquisa. Assim, sugerimos o cronograma seguinte.

### Roteiro de pesquisa

#### Aula 1 – Exploração e preparação

Depois de ter trabalhado os diversos aspectos do Boi-Bumbá, faça com a turma um levantamento das danças folclóricas e festas tradicionais de sua região. Quais são? Quem conhece? Há representantes mais velhos? Há mestres vivos? O que se sabe sobre essa tradição/dança? Divida a turma em grupos para a próxima etapa da pesquisa.

#### Aula 2 – Pesquisa na internet

Auxilie os grupos a acessar a internet ou a utilizar a biblioteca da escola para levantar informações sobre o tema escolhido. Faça uma pesquisa prévia sobre *websites* e vídeos disponíveis *on-line* com conteúdo acessível à faixa etária em questão. No caso da pesquisa na biblioteca, converse com o bibliotecário para que ele auxilie na seleção do material para a pesquisa. Assessorie os estudantes sobre como salvar, destacar, imprimir e/ou anotar as informações mais relevantes para fixar a informação obtida.

## Pesquisa em arte

### Danças brasileiras de tradição



Uma brincadeira de Cavalo-marinho em Condado (PE). Fotografia de 2014.

Assim como a do Boi-Bumbá, o Brasil tem muitas outras festas populares. Maracatu, Cavalo-marinho, Carnaval, Folia de Reis, Festa do Divino e Cavallhada são apenas algumas das festas populares de nosso país. Em muitas delas, há danças específicas de tradição, que são passadas de geração em geração.

Agora você conhecerá mais sobre as danças de tradição presentes na região do Brasil em que você mora.

- 1 Para começar, organize com a turma uma lista coletiva das danças que serão estudadas. Quais delas você já conhece? Quais não conhece?
- 2 Escolham uma dança que seja da região do Brasil em que vocês moram. Estudaremos apenas uma dança.
- 3 Dividam-se em grupos. A primeira atividade é encontrar o máximo de informações sobre a dança escolhida.

Com a ajuda do professor, acesse a internet ou consulte livros e revistas sobre o assunto e descubra as respostas às seguintes perguntas:

- a. Qual é a origem dessa dança?
- b. Ela está ligada a alguma festa popular? Qual?
- c. Quem dança?
- d. Como é a dança? Há personagens?
- e. Como os brincantes ou dançarinos se vestem?
- f. Além disso, busquem textos, vídeos e imagens que ajudem a entender melhor a dança escolhida.

- 4** Em seguida, cada grupo deve compartilhar as suas informações com a turma toda!

Agora, vamos conversar com alguém que participa e conhece essa dança. Com a turma e o professor, pensem no que vocês gostariam de saber sobre essa pessoa e a convidem para uma entrevista coletiva. Lembrem-se de anotar ou gravar as respostas!

- 5** Para finalizar, escreva o que você aprendeu com os estudos que realizou.

Resposta pessoal.

---



---



---



---



---



---

- 6** Converse com os colegas: **Respostas coletivas.**

- O que nós sabíamos sobre essa dança antes de fazer a busca por informações?
- Como foi fazer a consulta na internet ou nos livros e revistas?
- Como foi falar com uma pessoa que dança esse tipo de dança?
- O que sabemos sobre essa dança depois da pesquisa?

### Aula 3 – Preparação coletiva para a entrevista

Realize uma conversa com todos os grupos sobre o material levantado *on-line* ou disponível na biblioteca da escola. O que sabemos a mais agora do que sabíamos antes? Como a busca ajudou a aprofundar os nossos conhecimentos? Depois dessa conversa, elabore com a turma um roteiro para a entrevista coletiva com o convidado/representante da tradição estudada. Divida as perguntas entre os estudantes e converse com todos sobre diferentes maneiras de registrar o encontro: gravar em vídeo, em áudio ou anotar as informações.

### Aula 4 – Entrevista + Aula 5 – experimental (se possível)

Para essa aula, há duas alternativas. É possível trazer o convidado à escola ou organizar uma saída da escola com a turma. A segunda opção, mais complexa, deve ser combinada em detalhe com a escola e com os familiares. Trata-se de uma opção interessante caso haja na região um centro cultural ou espaço de criação dedicado à tradição pesquisada. A primeira opção, mais simples, precisa também ser combinada em detalhe com a direção da escola. Pense, com antecedência, se é possível, além da entrevista, que o convidado faça alguma demonstração prática ou conduza uma aula especial com a turma sobre a tradição pesquisada.

### Aula 6 – Apresentação e avaliação

Peça a cada estudante que escreva um pequeno texto sobre o que aprendeu com a pesquisa e com a entrevista. Em seguida, abra uma roda de conversa para que a turma fale sobre a tradição pesquisada. Aproveite e converse sobre as dificuldades do processo de pesquisa, numa rodada de autoavaliação sobre o trabalho em grupo.

## Artes integradas – O nosso Boi de Mamão

**Habilidades:** (EF15AR08),  
(EF15AR12), (EF15AR25)

Para finalizar o trabalho desta unidade, propõe-se a criação de um boi coletivo, feito de caixas de papelão e decorado com tecidos, papéis e tintas. O objetivo é juntar aspectos do movimento dançado a partir do gestual tradicional explorado no Capítulo 3 com a confecção da narrativa visual do boi trabalhada no Capítulo 4. Uma possibilidade, caso haja tempo e interesse, é dividir a turma em grupos e criar todos os personagens do Bumba Meu Boi ou do Boi de Mamão, sua variante do sul do país.

### Roteiro da narrativa visual

**Objetivo:** Explorar o gesto dançado a partir da gestualidade da tradição e a narrativa imagético-pictórica a partir das próprias recontagens coletivas da história do Boi.

**Duração:** 3 aulas.

**Materiais necessários:** 3 caixas de papelão: 1 grande, para ser o corpo do boi; 1 média, para ser o pescoço; 1 caixa de sapato para a cabeça; 2 cartões de rolo de papel higiênico para fazer os chifres (pode ser outro material); tecidos coloridos e/ou papel crepom para fazer a vestimenta do boi; fitas para decorar a vestimenta do boi; guache e/ou tinta acrílica para decorar e pintar a cara do boi.

## Artes integradas

### O nosso Boi de mamão

Como vimos, o Boi-Bumbá é um festejo típico das regiões Norte e Nordeste do Brasil. O Boi de Mamão é um parente do Boi-Bumbá, só que da região Sul do nosso país.



Boi de Mamão de Santa Catarina, 2015.

No estado de Santa Catarina, a história do boi se misturou com as tradições da imigração açoriana e deu origem a outro boi, o **Boi de Mamão**.

### Vamos fazer um Boi de Mamão e dançar com ele?

1. Primeiro, procure e observe algumas imagens do Boi de Mamão.

#### Você precisará de:

- Cola e tesoura de pontas arredondadas.
- Tecidos ou papel crepom colorido, tinta guache ou acrílica, material de decoração, glíter, contas etc. (para fazer a roupa e decorar o boi).

- Três caixas de papelão: uma grande, para o corpo do boi; uma pequena, para o pescoço; e uma caixa de sapato para fazer a cabeça.
- Dois rolos de papel higiênico para fazer os chifres do boi.



Caixa 1: corpo do boi



Caixa 2: pescoço do boi



Caixa 3: cabeça do boi

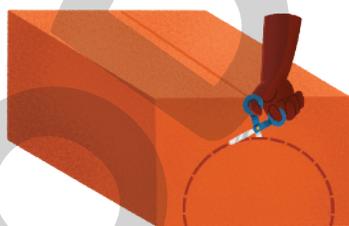
Rolos de papel higiênico: chifres do boi

### Como fazer:

- 1 Pinte as caixas 2 (pequena) e 3 (de sapato) de preto.



- 2 Com uma tesoura de pontas arredondadas, faça uma abertura na caixa 1 (grande), como mostra o desenho.



- 3 Cole a caixa 2 em cima da caixa 1 com a frente alinhada e espere secar.
- 4 Cole a caixa 3 em cima da caixa 2, deixando uma parte para fora (será o focinho do boi).
- 5 Cole os chifres do boi.
- 6 Decore seu boi! Crie, com os tecidos, papel crepom e tinta, uma vestimenta longa e com fitas para seu Boi de Mamão! Não se esqueça de pintar o rosto do boi!

ILUSTRAÇÕES: MARI HEFFNER

### Desenvolvimento

**Aula 1** – Apresente para a turma o Boi de Mamão, a versão catarinense da história do Boi-Bumbá. Planeje com eles a construção do boi. Siga o tutorial apresentado no Livro do Estudante, fazendo toda a parte de recorte e colagem das caixas de papelão.

**Aula 2** – Decore o boi com a turma. Lembrem-se de pintar a cabeça do boi e os chifres. Crie com eles a vestimenta do boi e coloque-a para secar, a fim de usar na próxima aula. Não se esqueça de deixar, na parte dianteira do corpo do boi, uma abertura para que quem o manipula não perca a visão.

**Aula 3** – Crie, com antecedência, uma *playlist* com os variados sotaques dos tambores do Boi. Com o boi pronto, siga as instruções da realização da roda de dança com boi, com um estudante de cada vez revezando-se no papel de “tripa”. É possível também produzir os outros personagens da história e realizar um cortejo pela escola.

**Avaliação:** Faça uma roda de conversa sobre o processo de criação e manipulação do boi. Aproveite para trocar ideias com os estudantes sobre suas percepções gerais acerca das danças e festas tradicionais populares depois da realização do trabalho na unidade.



MARI HEFFNER

## 2. Dançando com o Boi de Mamão.

Bote nosso boi para dançar! O boi é uma brincadeira coletiva, então aqui vão algumas ideias:

### a. Improviso do boi na roda.

- A turma se organiza em roda e cria um ritmo com palmas, instrumentos de percussão e cantigas.
- Uma pessoa será o "tripa", embaixo do boi, controlando o bicho!
- Essa pessoa vai para o centro da roda e faz a sua dança do Boi de Mamão! Em seguida, passa o boi para o próximo, até todos terem brincado com o boi!

### b. Procissão do boi pela escola.

- Aproveitem tecidos, tintas e materiais que sobraram para fazer outros personagens do boi! Pai Francisco, Mãe Catirina, o Vaqueiro etc.
- Combinem com o professor um momento para sair pela escola apresentando sua versão do Boi de Mamão!



### c. Finalizem a atividade conversando sobre como foi cada etapa. **Respostas coletivas.**

- Todos participaram da construção do Boi de Mamão? Gostaram do resultado?
- Dançar com o boi foi divertido?
- Vocês e os colegas que assistiram à procissão se divertiram?



## Criar

Nesta unidade, estudamos festas e danças de tradição.

1. Desenhe o personagem de dança que você achou mais interessante.



2. Conte por que você escolheu esse personagem para desenhar.

## Refletir

1. Em uma roda de conversa, troque ideias com os colegas concluindo o que aprenderam sobre:
  - As quadrilhas das festas juninas.
  - As celebrações dos povos indígenas do Xingu.
  - O trabalho de Inacyra Falcão e os gestos cotidianos.
  - Os festejos populares ao redor do mundo.
  - O jongo, dança tradicional dos quilombos do Sudeste do Brasil.
  - O Boi-Bumbá ou Bumba Meu Boi e suas variações no Brasil.
  - As danças tradicionais da região onde moram.
  - O Boi de Mamão e suas brincadeiras.
2. Finalizem conversando sobre a importância da preservação das danças tradicionais e festas populares do Brasil. *Resposta coletiva.*

## Criar e Refletir

### Avaliação de processo

#### Habilidade: (EF15AR12)

##### Criar

Para finalizar o trabalho com a unidade, peça aos estudantes que façam o desenho proposto. Pergunte o porquê da escolha e converse com cada um sobre o personagem escolhido.

##### Refletir

#### Orientações e comentários das atividades

1. Nesta unidade, as ligações entre as festas de tradição populares brasileiras e os gestos dançados tradicionais de algumas manifestações, em especial os gestos das danças de umbigada, foram explorados. Leia com os estudantes os itens trabalhados e pergunte qual foi a parte mais interessante. Abra, em seguida, uma roda de conversa acerca das aprendizagens realizadas sobre as manifestações da cultura popular brasileira e sua preservação. Converse com a turma acerca da necessidade de manter as tradições de festa.

## Conclusão

Nesta unidade desenvolvemos algumas relações entre a linguagem da dança e algumas das festas de tradição popular brasileiras. O objetivo principal é, além de levar os estudantes a descobrir as inter-relações existentes entre as duas formas de expressão artística, levá-los a experimentar diferentes gestos dançados das tradições coletivas. Assim, partimos de uma manifestação presente em quase todo o país – a festa junina e a dança da quadrilha – para desenvolver gestos e manifestações da dança mais específicos e localizados, como o Quarup ou a umbigada e o jongo, por exemplo. Em seguida, aprofundamos o trabalho debruçando-nos sobre as variações da festa do boi ao redor do Brasil, apresentando uma relação entre a linguagem da dança, a festa e as artes visuais.

Ao final do trabalho com a Unidade 2 é importante guardar um tempo para realizar uma autoavaliação com a turma, sempre lembrando de constatar o respeito em relação às tradições de diferentes partes do Brasil, enfatizando aspectos do multiculturalismo e contrapondo possíveis preconceitos. Por fim, garanta uma avaliação da turma em relação às habilidades apresentadas e reorienta o planejamento de acordo com o trabalho realizado.

## FICHAS DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM SUGERIDAS

### FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO – ESTUDANTE

Todos os itens devem ser previamente combinados e, posteriormente, discutidos com cada estudante.

#### 2º BIMESTRE – UNIDADE 2 FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

Nome: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Bimestre: \_\_\_\_\_

1. As atividades me ajudaram a perceber a importância da dança como forma de expressão dos povos.

 Sim Às vezes Não

2. Posso afirmar que a dança faz parte da cultura de todos os povos.

 Sim Às vezes Não

3. Identifiquei diferenças entre as danças das diversas regiões brasileiras.

 Sim Às vezes Não

4. Agrupei-me de forma organizada com os colegas e assumi as responsabilidades que me couberam.

 Sim Às vezes Não

5. Participei do desenvolvimento de todas as etapas que foram apresentadas nas práticas.

 Sim Em parte Não

6. Gostei das atividades de dança que realizei nesta unidade.

 Sim Algumas Não

7. Meus familiares participaram das atividades que a escola propôs.

 Sim Às vezes Não

# FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM

## 2º BIMESTRE – UNIDADE 2

O registro na ficha de acompanhamento poderá ser feito de acordo com a legenda a seguir.

A legenda indica o nível de aprendizagem em relação ao desenvolvimento das habilidades da BNCC para o ano escolar:

**D** – habilidade desenvolvida satisfatoriamente

**PD** – habilidade em processo de desenvolvimento

**ND** – habilidade não desenvolvida minimamente, ficando apenas no nível de conhecimentos prévios

### HABILIDADES

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.

(EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

ESTUDANTES	(EF15AR08)	(EF15AR11)	(EF15AR12)	(EF15AR25)
1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				
11.				
12.				
13.				
14.				
15.				
16.				
17.				
18.				
19.				
20.				

## UNIDADE 3 – DO POPULAR AO POP

### Introdução à Unidade 3

Ao longo da Educação Básica é importante que os estudantes se percebam como parte de uma coletividade dentro e fora dos muros da escola, reconhecendo as práticas culturais que compõem essa coletividade e identificando as contribuições inerentes da arte para ela. As artes visuais exercem um papel estruturante tanto para a cultura popular como para a estética *pop*, os dois vetores de produção cultural e de transmissão cultural em escala massiva que serão trabalhados na unidade. Apresentam-se diferentes suportes e procedimentos artísticos – da linguagem tridimensional às técnicas reprodutivas, da estamperia à linguagem da instalação – de modo a ampliar o repertório dos estudantes sobre as artes visuais e a expandir a sua consciência sobre os procedimentos de produção de imagens e objetos.

### Objetivos pedagógicos

- Fomentar a compreensão sobre o papel social e simbólico das festas populares, espaços de transmissão e produção de saberes e fazeres;
- Aprimorar a percepção sobre as expressões artísticas e culturais próprias do contexto social e regional dos estudantes;
- Refletir sobre a presença da arte na cultura visual por meio das discussões e da experimentação em torno da estética *pop*;
- Experimentar diferentes procedimentos técnicos das artes visuais, como a moldagem, a modelagem, a reprodução de imagens e a instalação;
- Explorar diferentes espacialidades da escola por meio da experimentação artística;
- Introduzir a noção de patrimônio cultural e revelar a sua importância simbólica para a coletividade e a cidadania.

### Competências específicas e como são trabalhadas

- **Competência específica 1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.**

Nas seções *O que é essa imagem?*, os estudantes são convidados a transpor a leitura da imagem para o repertório imagético do seu entorno cultural. Toda a abordagem sobre a cultura popular presente no Capítulo 5 provoca os estudantes a refletir sobre as práticas culturais do seu entorno social. A seção *ZUM!* apresenta um patrimônio cultural indígena. No Capítulo 5, encontra-se a produção do Mestre Vitalino, cuja linguagem tem sido transmitida por diferentes gerações de artistas ou artesãos.

- **Competência específica 3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.**

A cultura brasileira, em sua diversidade, está presente e representada em ambos os capítulos por artistas como Djanira da Motta e Silva, Mestre Vitalino, Nelson Leirner e Abraham Palatnik. Também está presente na seção *ZUM!*, que apresenta a tradição dos bonecos de Carnaval. Além da cultura brasileira, estão presentes inúmeros artistas internacionais, como o pintor moderno bielorrusso Marc Chagall, os artistas *pop* Andy Warhol, dos Estados Unidos, e Yayoi Kusama, do Japão, e a produção de *pop art* do artista venezuelano de tradição concreta Jesus Rafael Soto.

- **Competência específica 6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.**

O Capítulo 6 é focado na arte *pop* e nos procedimentos que a envolvem, como as técnicas reprodutivas. A arte *pop* é apresentada por meio da sua relação crítica com a indústria cul-

tural, de modo que os estudantes reflitam sobre a presença das imagens no seu repertório cultural mais amplo e sobre como a arte se apropria crítica e criativamente desse repertório.

- **Competência específica 9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.**

Na seção *A arte faz pensar*, introduz-se a concepção de patrimônio por meio do exemplo do patrimônio imaterial indígena bonecas carajá. Além disso, o Capítulo 5 trabalha com as obras do Mestre Vitalino, introduzindo uma tradução da estatuária popular que recentemente tem sido revisitada e reconhecida por sua dimensão artística e autoral. Por fim, a seção *ZUM!* apresenta a tradição dos bonecos de Carnaval, amalgamando as linguagens das artes visuais a um festejo popular central para a cultura brasileira.

## Habilidades e como são trabalhadas

- **(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.**

Esta habilidade é trabalhada por meio da apresentação de imagens produzidas a partir de diferentes técnicas, como a litogravura, na abertura da unidade, a instalação e a serigrafia, no Capítulo 6.

- **(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas culturais locais, regionais e nacionais.**

O volume é concebido de modo a combinar referências de diferentes regiões do Brasil e do mundo. As bonecas da etnia Carajá, patrimônio imaterial indígena, são o tema da seção *A arte faz pensar*. Já a seção *ZUM!* reúne a tradição dos bonecos de Carnaval, presentes em diferentes regiões do país. Os artistas Djanira da Motta e Silva e Mestre Vitalino, respectivamente do Rio de Janeiro e de Pernambuco, representam um amplo escopo das tradições da cultura popular e da arte brasileira. Entre os artistas internacionais, está o bielorusso Marc Chagall (abertura da unidade), o venezuelano Jesus Rafael Soto (seção *Artes integradas*) e os artistas *pop* Andy Warhol, dos Estados Unidos, e Yayoi Kusama, do Japão.

- **(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.**

A habilidade é trabalhada ao longo de toda unidade, com ênfase na linguagem tridimensional, nas técnicas reprodutivas e na dimensão participativa das instalações. São apresentados procedimentos como a modelagem e a moldagem no Capítulo 5 e a impressão e a padronagem no Capítulo 6. Os estudantes são introduzidos à cerâmica (ZAZ do Capítulo 5) e à modelagem (*Vamos experimentar* do Capítulo 5), à estamperia com carimbo (ZAZ do Capítulo 6) e à instalação (*Vamos experimentar* do Capítulo 6). Além disso, na seção *Artes integradas*, os estudantes são convidados a experimentar diferentes concepções sobre o “movimento” nas artes visuais, por meio da exploração de um disco de equilibrista que produz efeitos de ilusão óptica.

- **(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.**

Na seção *Vamos experimentar* do Capítulo 6, os estudantes são convidados a produzir coletivamente uma instalação que ocupará uma área de circulação comum da escola.

- **(EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).**

Por meio da artista Ana das Carrancas, no Capítulo 5, a noção de artista popular, que é um espectro da conexão entre o artista e o artesão, é introduzida aos estudantes.

## UNIDADE 3 – DO POPULAR AO POP

### Abertura

**Habilidade: (EF15AR01)**

Esta unidade apresenta diferentes procedimentos referentes sobretudo à arte tridimensional ou escultórica e às técnicas de reprodução, entre elas a cerâmica, a papietagem, a serigrafia e a estamperia com carimbos. Essas técnicas são apresentadas em diálogo com o universo da cultura popular e da estética *pop*, revelando a presença e contribuição das artes visuais nessas diferentes vertentes da produção cultural.

Dedicado ao imaginário sobre a festa, este volume investiga como as linguagens artísticas estão presentes nas diferentes festividades, populares ou não. Por isso, esta unidade divide-se em dois capítulos bastante diversos entre si. O Capítulo 5 investiga a presença das artes visuais nas expressões culturais populares, chamando a atenção dos estudantes para as práticas culturais da sua região e também para a concepção de patrimônio cultural. O Capítulo 6 desloca-se do universo da cultura popular para a estética *pop*, dialogando com diversos produtos culturais que os estudantes consomem em seus momentos de lazer, por meio de mídias como a televisão e a internet. Trata-se de duas vertentes culturais de alcance massivo por meio das quais a arte se faz presente no cotidiano dos estudantes, sendo uma delas ligada aos saberes e fazeres que são transmitidos de geração em geração, e a outra diretamente associada à lógica reprodutiva e massiva da indústria cultural, com forte presença na cultura visual contemporânea.

## UNIDADE 3

## Do popular ao *pop*



58

A imagem de Marc Chagall que introduz a unidade antecipa a relação que será desenvolvida com a linguagem artística do circo na seção *Artes integradas*, preparando os estudantes para as atividades orientadas para a estética e a lógica do espetáculo circense. A cena apresenta diferentes números do circo: a bailarina, o palhaço, o equilibrista. Em torno dos números circenses que se apresentam, a plateia assiste e aplaude. O circo é uma linguagem muito diversa, que tanto dialoga com expressões culturais regionais como também se associa à lógica do espetáculo que atende à indústria cultural, como é o caso dos grandes circos internacionais.

Esta obra foi pintada pelo artista Marc Chagall (1887-1985). Observe-a.

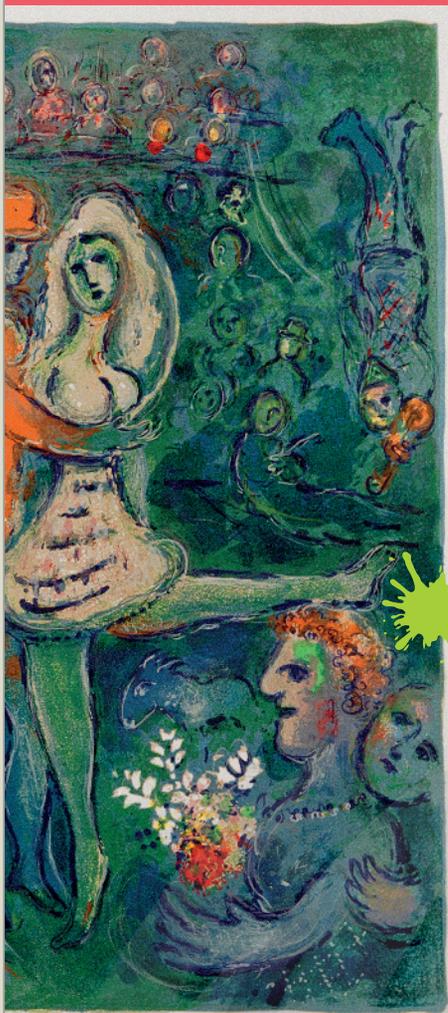
O nome da obra é *O circo*. Além de criar cenas fantásticas, que lembram sonhos, Marc Chagall pintou muitas **cenas de circo**.

**Respostas pessoais.**



1. O que mais chama sua atenção nessa pintura?
2. Quais apresentações artísticas você vê na imagem?
3. Que materiais o artista pode ter usado para fazer essa obra?
4. As apresentações artísticas representadas nessa pintura podem ser vistas em um circo real?

**A imagem apresenta músicos, bailarinas, equilibristas e malabaristas.**



ALBUMFOTODARENA © MARC CHAGALL/AUTVIS, BRASIL, 2021 – COLEÇÃO PARTICULAR

Marc Chagall. *O circo*. 1967.  
Litografia colorida, 51,5 cm × 75,5 cm.  
Coleção particular.

### Orientações e comentários das atividades

1. É possível que os estudantes cite as cores, as figuras e formas, entre outras observações.
3. Diga aos estudantes que essa obra foi feita com a litografia, uma técnica de reprodução de imagem feita com pedra. É um desenho feito em uma pedra especial com um lápis gorduroso. Quando o papel é apertado contra a pedra, ele puxa o desenho, quer dizer, ele absorve a tinta gordurosa, mais ou menos como se a pedra fosse um carimbo.
4. A resposta vai depender da familiaridade dos estudantes com o circo. Todos os números presentes integram a linguagem circense e podem existir em circos reais.

Marc Chagall é um artista moderno da Bielorrússia que fez inúmeras pinturas de cenas circenses. Sua obra reúne um amplo espectro de referências culturais às quais ele alia uma estética onírica, do sonho, e narrativas fantásticas. O circo reúne inúmeros elementos próprios das artes visuais, como as cores e as formas que se integram à cenografia, os adereços e o vestuário e também o aspecto lúdico e performativo dos números artísticos, sobretudo aqueles que envolvem efeitos visuais.

## Capítulo 5 – A cultura popular também é arte!

### Habilidade: (EF15R03)

Este capítulo introduz a noção de cultura popular, estabelecendo conexões entre suas formas de expressão e a linguagem das artes. Os festejos regionais, a estatutária popular e o patrimônio cultural serão apresentados como recursos para que os estudantes identifiquem como a arte está presente nas diversas expressões culturais que integram a identidade cultural nacional, regional e local.

O capítulo é aberto com a pintura da artista Djanira da Motta e Silva (1914-1979), uma artista que por muito tempo esteve à margem da historiografia da arte, mas que tem sido revista pela qualidade técnica da sua pintura, diálogo com os debates artísticos de seu tempo e com a cultura brasileira e, finalmente, por sua história de vida.

### O que é essa imagem?

#### Orientações e comentários das atividades

- Oriente a leitura de modo que os estudantes identifiquem a ação individual e coletiva das personagens e reconheçam os adereços próprios do festejo. De acordo com a orientação entre os planos, as personagens parecem se mover na direção do espectador, o que insinua que a procissão do divino está em movimento.
- Conte aos estudantes que muitos festejos populares se relacionam com tradições religiosas regionais, dando um exemplo da sua região para que eles identifiquem do que se trata.
- Os estudantes devem refletir e revelar o seu repertório sobre os demais festejos populares. Permita que eles compartilhem suas experiências pessoais.

## CAPÍTULO

# 5

## A cultura popular também é arte!

A obra aqui reproduzida foi pintada pela artista Djanira da Motta e Silva (1914-1979) e é um exemplo de um festejo popular: a Festa do Divino Espírito Santo.

Djanira da Motta e Silva.  
*Folia do Divino*. 1962. Óleo sobre tela, 314 cm × 472 cm.  
Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo (SP).



DJANIRA DA MOTTA E SILVA © INSTITUTO PINTURA DJANIRA - PALÁCIO DOS BANDEIRANTES, SÃO PAULO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.060 de 19 de fevereiro de 1998.

### O que é essa imagem?

- Qual é o título da obra e a data em que ela foi feita?  
*O nome da obra é Folia do Divino e ela foi pintada em 1962.*
- Descreva o que você vê na imagem. *Resposta pessoal.*
- O que a cena retratada representa? *A cena representa uma procissão religiosa.*
- Você já assistiu a um festejo popular, como a Festa do Divino Espírito Santo? Já participou de algum? *Resposta pessoal.*

Uma das características da Festa do Divino Espírito Santo é a procissão, para a qual são confeccionadas bandeiras com a imagem do pombo branco. A bandeira pode ser feita com tecidos, fitas, lantejoulas, pintura e bordado.

As artes estão presentes nos festejos populares de muitos modos, como em máscaras, adereços, bandeiras e vestimentas.

60

Comente com os estudantes que Djanira era uma artista que compreendia a sua produção como um recurso para engajar-se política e socialmente, dando destaque aos elementos da cultura popular brasileira. O debate sobre a formação da noção de identidade nacional por meio da arte é característico do Modernismo, tendo como marco pensadores como Mário de Andrade e muitos outros artistas, como Cícero Dias, Tarsila do Amaral, Alfredo Volpi e Vicente do Rego Monteiro. Djanira se inseria artisticamente nesse debate.

Em cada região do país, a Festa do Divino tem características próprias, mas ela sempre acontece no sétimo domingo depois da Páscoa. Utilize o vídeo sugerido para mostrar aos estudantes a festa da região de Alcântara, no Maranhão. Verifique se a festa é realizada na região onde está a sua comunidade escolar.

A artista Djanira da Motta e Silva acreditava que suas obras tinham a missão de **representar a cultura popular brasileira**. Muitas de suas obras mostram brincadeiras e festejos populares, o trabalho no campo, festas religiosas de matriz africana e cristã e até mesmo o circo!

Por meio de desenhos, pinturas, esculturas, fotografias e vídeos, podemos representar algumas formas da cultura popular: os estilos musicais, as danças de roda, os festejos populares e a culinária.

### 1. Que expressão da cultura popular você conhece?

Resposta pessoal. Utilize os exemplos acima para ajudar os estudantes a reconhecer práticas

culturais populares presentes em seu repertório cultural.

### 2. Quais são as festas populares realizadas na região onde você mora?

Resposta pessoal. Ajude os estudantes a elencar opções de resposta com base no contexto da

sua cidade ou região.

### 3. Como as artes visuais estão presentes nessas festas?

Resposta pessoal. Uma vez identificadas essas festas, ajude os estudantes a perceber decorações e

adereços utilizados nessas festas.

No Maranhão, a Festa do Divino conta com a presença de mulheres que tocam os tambores e conduzem o festejo.

Por meio da decoração dos tambores, observamos como as linguagens artísticas, como as artes visuais e a música, se aproximam nos festejos populares.



MARCEL GAUTHEROT/ACERVO DO INSTITUTO MOREIRA SALLES, SÃO PAULO

Tambor do Divino Espírito Santo, no Maranhão. Fotografia de c.1953.

#### Dica

Em 2019, Djanira da Motta e Silva ganhou uma grande exposição da sua obra. Assista à reportagem sobre a exposição *Djanira: a memória de seu povo*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A6nSzwXRwkg>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

#### Sugestão de vídeo

- **Festa do Divino em Alcântara – MA**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=K9wg-kc3T5Y>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

Há mais de 150 anos, a Festa do Divino é comemorada no Maranhão, incorporando elementos do cristianismo e das culturas africanas e indígenas.

A produção dos artistas populares poderia ser chamada apenas de “arte”, sem a diferenciação em relação à produção que integra a coleção dos museus de arte dos grandes centros urbanos. Ao mesmo tempo, nomeá-la como “popular” é também dar destaque ao seu modo de produção e circulação, lembrar que os saberes impressos nessa produção foram transmitidos de geração em geração (ver p. 62-63) e que os temas representados também se relacionam com a tradição oral. Ao trabalhar a arte e a cultura popular com os estudantes, é importante ter em vista essa ambivalência do termo.

É importante atentar-se para os termos a serem utilizados ao discutir tradições da cultura popular. Muitas pessoas se referem a certas camadas da cultura popular como “folclore”. Esse termo caiu em desuso por ser considerado paternalista e por sugerir que as expressões culturais e crenças de povos originários do Brasil são crenças em figuras míticas que dizem respeito ao passado. Ao contrário, a ideia de “cultura popular” contempla a cosmologia e a fé das pessoas, que é atual e se transforma e reafirma dinamicamente no presente. Reflita sobre isso e escolha o termo que melhor se adéqua ao currículo e ao vocabulário da sua região.

#### Dica

Ao apresentar a reportagem sobre a exposição de Djanira da Motta e Silva, comente com os estudantes que muitos artistas populares não foram considerados artistas por muito tempo. Isso tem sido revisto atualmente, ampliando assim o escopo das práticas culturais que são legitimadas como arte no Brasil. Esse é um reconhecimento muito importante que pode, aliás, promover uma maior absorção das expressões culturais pela agenda e pelas coleções das instituições culturais como os museus.

## Um saber transmitido a cada geração

**Habilidades:** (EF15R03), (EF15AR07)

Ana Leopoldina dos Santos, a Ana das Carrancas, ou ainda a “dama do barro”, foi uma escultora popular da cidade de Petrolina (PE). Filha de uma artesã, a quem ajudava na produção de brinquedos de barro e na venda de peças em feiras de arte e artesanato, ela teve desde cedo contato com a linguagem da cerâmica. Mas foi já na vida adulta, depois de ganhar reconhecimento por suas peças utilitárias, que ela começou a produzir as carrancas de cerâmica. Ela percebeu a importância das carrancas de madeira nas embarcações da sua região e construiu a partir disso uma linguagem autoral na cerâmica. Desde sua morte, suas descendentes mantêm viva a tradição de carrancas de cerâmica que ela iniciou e que já obteve reconhecimento nacional e internacional. Antes de morrer, em 2006, a “dama do barro” foi agraciada com o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco.

Além de Ana das Carrancas, outros artistas ou mestres populares, especialistas em diferentes técnicas, podem ser pesquisados, como Antônio Julião, Heitor dos Prazeres, J. Borges, Jadir João Egídio, Mestre Vitalino, Nhô Caboclo, Noemisa Batista dos Santos e Mestre Galdino. Embora esses artistas por muito tempo não tenham circulado nas instituições culturais dos grandes centros urbanos ou não tenham sido reconhecidos pela historiografia da arte, sua qualidade artística é inegável. Embora a arte popular não seja ensinada nas academias e liceus de arte, ela encontra modos próprios de transmissão e ensino, pela oralidade e pelo trabalho direto com os mestres populares. Com efeito, a cultura popular não apenas resulta em objetos e práticas de grande valor estético, mas também em grandes tecnologias sociais para a transmissão de saberes e fazeres.

## Um saber transmitido a cada geração

Observe ao lado esculturas das carrancas da região de Petrolina, em Pernambuco.

Carrancas moldadas pela artista Ana das Carrancas, em Petrolina (PE). Fotografia de 2010.



ACERNO DO CENTRO DE ARTES ANA DAS CARRANCAS, PETROLINA, PE

### O que é essa imagem?

1. O que você vê na imagem? *Carrancas feitas de cerâmica.*
2. Que material a artista usou para fazer essa obra? *As peças foram moldadas com argila.*
3. Por que as figuras têm o pescoço alongado? *Permita que os estudantes exponham suas hipóteses e, depois, explique que as carrancas são esculturas feitas para ficar na proa dos barcos. O pescoço alongado de uma carranca é importante para que a peça seja fixada e acompanhe o formato da proa dos barcos.*

As obras acima foram feitas pela artista pernambucana Ana das Carrancas (1923-2008), também conhecida como “a dama do barro”. Ela começou a trabalhar com argila quando ainda era criança, ajudando sua mãe na produção de brinquedos de cerâmica e na venda em feiras de arte e artesanato. Quando adulta, produzia peças de cerâmica utilitária, como vasos, pratos e vasilhas.

Um dia, ao observar os barcos no rio, ela percebeu que as carrancas de madeira eram comuns e tinham um significado importante nos barcos. As carrancas são essas figuras com um pescoço alongado e um rosto assustador que misturam a forma humana e a de animais. Acreditava-se que as carrancas afastavam os “maus espíritos” das embarcações, protegendo-as. Ana, então, decidiu usar a técnica da cerâmica para produzir carrancas.

Ainda em vida, Ana foi considerada um patrimônio vivo de Pernambuco, pela importância da sua arte, famosa no Brasil e no exterior. Ainda hoje, as descendentes de Ana produzem as carrancas de cerâmica, mantendo o vínculo da família com a linguagem da cerâmica e o estilo de carranca criado pela artista.

Sua história nos ensina um dos pontos mais importantes da **cultura popular: ela é transmitida de geração em geração**. A cultura popular se transforma com o tempo, incorporando novos materiais e modos de fazer. Mas, ainda assim, preserva os valores e as histórias dos nossos ancestrais.

62

### Sugestões de vídeo

- Assista à reportagem sobre Ana das Carrancas, gravada no Centro de Artes Ana das Carrancas, em Petrolina (PE). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3jrB124QNI4>>. Acesso em: 5 abr. 2021.
- Neste documentário, Ana das Carrancas conta um pouco da sua história com a técnica da cerâmica. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b4CmMkPqcLM>>.
- Acesso em: 5 abr. 2021.
- Conheça o procedimento do entalhe em pedra-sabão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=626C1uOsLOC>>. Acesso em: 22 maio 2021.
- Conheça novas tecnologias da arte tridimensional, como a impressão 3D. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hrv0sDACB7M>>. Acesso em: 22 maio 2021.

Para fazer uma peça de cerâmica, deve-se primeiro **modelar** com a argila úmida. Depois de modelada, ela deve descansar por muitos dias, até secar. Quando ela seca, é hora de decidir se a peça será pintada com esmalte ou engobe, que são tintas feitas com o próprio barro. Por fim, ela é queimada em um forno especial ou direto no fogo. Depois de queimar, a peça está pronta!

ZAZ

## Modelagem com argila

Professor, há outras técnicas escultóricas que podem ser apresentadas aos estudantes, como a moldagem (ver p. 67) e o entalhe, que se aplica a materiais como pedra e madeira. Veja a recomendação de vídeo da seção *Dica*.

Que tal modelar uma escultura com argila?

### Você precisará de:

- Argila
- Jornal
- Tesoura de pontas arredondadas
- Fita adesiva para forrar a mesa
- Sacola de plástico
- Palito de dente ou de churrasco
- Copo com água ou borrifador com água

### Como fazer:

- 1 Escolha o que esculpir. Como será a peça?
- 2 Agora, imagine como construirá a peça. Comece construindo uma estrutura para que ela pare em pé. Você pode fazer rolinhos de argila e levantar a peça aos poucos.



- 3 É hora de adicionar os detalhes, cuidando para que a peça não fique pesada demais e se mantenha de pé.
- 4 Com palitos de dente ou de churrasco, faça o detalhamento da peça.
- 5 Deixe a peça secar ou embale-a com o saco plástico para voltar a trabalhar nela em outras ocasiões.

63

## ZAZ – Modelagem com argila

**Habilidade:** (EF15AR04)

**Roteiro de aula**

**Objetivos:** Conhecer a técnica de modelagem com argila; experimentar um processo de criação com a linguagem tridimensional.

**Duração:** 45-50 min

**Materiais necessários:** Para uso coletivo: 10 kg de argila de qualquer cor (suficiente para 25 estudantes), de preferência com chamote, que a deixa mais firme; 1 metro de fio de *nylon*; fita adesiva; tesoura; 1 borrifador de água por grupo. Para uso individual: sacolas plásti-

cas; jornais; ao menos 1 palito de churrasco ou de dente por estudante.

**Observações:** A atividade pode se desdobrar em várias etapas. Nesse caso, utilize as sacolas plásticas para embalar as peças e deixe-as em local sem sol. As carteiras precisarão ser organizadas para que até quatro estudantes se sentem em torno de cada uma.

**Desenvolvimento:** Organize a turma em grupos de até quatro participantes. Forre as mesas com jornal, fixando-o com fita adesiva. Com as duas mãos, tensione o fio de *nylon* para cortar os pedaços de argila. Distribua uma parte de argila para cada estudante e um borrifador para cada grupo. Provoque-os a imaginar a peça que vão modelar para que estabeleçam um objetivo e experimentem tendo em vista esse objetivo. Como demonstração, produza uma cobrinha de argila levante a peça em espiral, como se estivesse circundando um cilindro. Enquanto os estudantes trabalham, caminhe entre as mesas e mapeie as dificuldades. Oriente-os na modelagem das peças. No final, definam se as esculturas estão prontas e podem ficar ao ar livre para secar ou se serão retomadas, o que exige que sejam embaladas para conservar a umidade natural da argila.

**Avaliação:** Os estudantes podem ser avaliados pelo envolvimento com o processo da modelagem, pela interação com o grupo e pela qualidade das soluções escultóricas que experimentarem. Conte a eles alguns fundamentos da técnica da argila: antes de secar, a peça reduzirá de tamanho, pois perderá muita água; depois, a peça finalizada de argila é queimada em um forno especial, o que não se aplica à experiência de moldagem com argila no contexto escolar. Para ir ao forno, a peça deve ser oca – vazia por dentro –, pois, do contrário, explodirá. Mesmo no caso das peças que não são ocas, é muito importante amassar bastante a argila para impedir que ela tenha bolhas de ar que comprometam a queima da peça.

## A arte faz pensar – Patrimônio cultural material e imaterial

### Habilidade: (EF15AR03)

O patrimônio cultural é um dos modos de inscrever a produção artística e cultural no âmbito das políticas públicas. Por meio de órgãos oficiais municipais, estaduais ou federais, diferentes objetos e práticas culturais são reconhecidos por sua importância histórica, social, econômica e artística, firmando uma compreensão de que é papel do Estado preservar, divulgar e estimular as práticas culturais e artísticas que têm importância simbólica para a coletividade.

Ao trabalhar com a noção de patrimônio cultural em sala de aula, é importante levantar exemplos de expressões culturais e artísticas patrimonializadas da sua região para que os estudantes aprendam a partir de sua própria territorialidade e referências. Você pode pesquisar na página do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e também verificar quais são os órgãos responsáveis pela salvaguarda do patrimônio cultural na sua cidade ou região.

As bonecas carajás são um patrimônio cultural indígena. Elas são um patrimônio imaterial, ou seja, que não está circunscrito a um espaço ou materialidade, mas a um modo de fazer que é transmitido de geração em geração. Mobilize essa concepção para aprofundar a discussão sobre a transmissão geracional de saberes discutida anteriormente nesta unidade (ver p. 62).

Ao trabalhar com esse exemplo, é importante ter em vista que, muitas vezes, a cultura indígena é apresentada como algo pertencente a outro tempo. No entanto, existem centenas de povos indígenas vivendo no Brasil, em territórios demarcados ou ainda sem a demarcação, e, em alguns casos, em áreas urbanizadas. Existe muita diversidade entre os indígenas. As culturas indígenas são muito antigas, mas também são vivas e atuais. A preservação da cultura e dos modos de vida

## A arte faz pensar

### Patrimônio cultural material e imaterial

O **patrimônio cultural** é tudo aquilo que tem importância para a história e a cultura de uma cidade, região, país ou para toda a humanidade.

Existem dois tipos de patrimônio cultural.

O **patrimônio material** refere-se a um lugar ou objeto que precisa de cuidados especiais para ser preservado por muitas gerações. É o caso da arquitetura dos edifícios antigos, das obras de arte e dos livros raros.

Um exemplo são as construções da região das Missões Jesuíticas Guaranis, na fronteira entre Brasil e Argentina, no Rio Grande do Sul, que são consideradas um Patrimônio Mundial Cultural da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).



Ruínas da igreja de São Miguel, construída no século 18 no território do atual Rio Grande do Sul. Fotografia de 2019.

O **patrimônio imaterial**, por sua vez, tem relação com um modo de fazer cultura, não propriamente com o objeto que se produz. É o caso das festas e danças populares, da alimentação e de outras práticas culturais tradicionais.

Até mesmo brinquedos tradicionais podem ser um patrimônio imaterial. São considerados assim porque existe um modo correto de serem feitos e contam a história de um povo.

É o caso das bonecas carajás, um patrimônio cultural indígena.

64

dos indígenas não é apenas a garantia de condições dignas de vida para esses povos, mas também está intimamente ligada à preservação da natureza. Por isso, entender como as práticas culturais indígenas se convertem em patrimônio é situar a cultura indígena a partir de sua condição material e atual, contribuindo para dar visibilidade para povos que lutam por acesso pleno a direitos fundamentais.

Elas são brinquedos de cerâmica típicos do povo indígena Carajá ou *Iny*, como eles preferem ser chamados. Essas bonecas têm uma tradição entre as mulheres dessa etnia indígena e são uma importante fonte de renda. Com elas, as crianças brincam e são ensinadas sobre o papel que os adultos exercem no dia a dia da aldeia.

Bonecas carajás em Santarém (PA). Fotografia de 2013.



FABIO COLOMBINI - ACERVO ARARIBA CULTURA INDÍGENA, ALTERDO CHAG, SANTARÉM, PARA

## Experimente em casa

Em sua casa, junto aos seus familiares, converse sobre as duas questões abaixo e registre as respostas resultantes dessa conversa:

1. Você e seus familiares conhecem algum exemplo de patrimônio cultural material ou imaterial da sua região?

**Resposta pessoal.** Devem-se reconhecer festas, sítios históricos e obras de arte de reconhecida

importância no território em que vivem. Se possível, pesquise para trazer exemplos efetivamente patrimonializados.

2. Se você e seus familiares pudessem escolher uma prática artística e cultural para ser preservada como patrimônio, qual seria e por quê?

**Resposta pessoal.** Utilize essa oportunidade para verificar qual é a compreensão dos estudantes

acerca de uma prática cultural de importância simbólica para a coletividade. As bonecas carajás podem

abrir o caminho para que brincadeiras tradicionais do cotidiano das crianças também sejam compreendidas como uma prática cultural.

## Dica

Assista ao vídeo com as mulheres da aldeia Carajá ou *Iny* (*iny* significa “nós”, “nós mesmos”). No vídeo, a maioria das mulheres fala em sua própria língua. Ainda assim, é possível reconhecer todas as etapas da confecção das bonecas: a coleta da argila, a modelagem, a queima e a pintura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J9u0NUkm0wk>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

O contraste entre os dois exemplos – as ruínas de uma igreja das Missões Jesuíticas e as bonecas carajás – traz à tona uma discussão interessante para ser trabalhada em sala de aula: apesar dos séculos de imposição das tradições religiosas e culturais europeias, o que poderia resultar no desaparecimento das tradições dos povos originários dessas terras, muitas tradições culturais indígenas resistiram e se fortalecem atualmente, em parte graças às políticas culturais que reconhecem e difundem suas expressões culturais como patrimônio cultural.

## Experimente em casa

Oriente os estudantes a realizar essa atividade pedindo que se reúnam com algum familiar e releiam todo o texto da seção *A arte faz pensar*. A partir do que leram juntos, devem refletir e responder às questões.

## Dica

A maior parte do vídeo sugerido na seção *Dica* não está em português. Ele apresenta a língua *inyribe*, própria dos carajás ou *inys*. Enquanto assistem, comente sobre as etapas que envolvem a confecção das bonecas, desde a coleta da argila até a pintura das peças finais. Aproveite para conversar com os estudantes sobre a diversidade de línguas que existe no Brasil. Segundo o censo de 2020, ao menos 274 línguas indígenas são faladas entre as mais de 300 etnias indígenas que existem no Brasil.

## Sugestões de vídeo

- Existem outras bonecas tradicionais que se inscrevem em tradições culturais no âmbito do patrimônio. Pesquise sobre as bonecas *abayomi* caso deseje aprofundar esses conteúdos em sala de aula. Conheça a história de como as mulheres do Movimento Negro Unificado reinterpretaram histórias e tradições negras para criar as bonecas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CGGG92EfGJI>>. Acesso em: 1º mar. 2021).
- Visite o *site* do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

## ZUM! – Bonecos de Carnaval

### Habilidade: (EF15AR01)

O Carnaval é uma das tradições populares mais importantes do Brasil, além de representar uma grande economia que impulsiona o trabalho de muitos artistas regionais, sejam eles independentes ou agremiados. No Carnaval, as artes visuais cumprem um papel fundamental, sobretudo por meio da criação de adereços.

A tradição dos bonecos de Carnaval está presente em diversas cidades, como Olinda, em Pernambuco, ou São Luís do Paraitinga, em São Paulo. Ela é um exemplo de aplicação do procedimento da moldagem na criação de objetos artísticos. Em geral, os bonecos são feitos de papel machê, que é o nome que se dá à massa de papel e cola ou ao processo de confecção escultórica com camadas coladas de papel. Esse material é o que garante a leveza para que as peças sejam vestidas e carregadas ao longo dos desfiles e blocos de carnaval. Os cabeções são pintados e acoplados a vestimentas de tecido e com estrutura de metal ou madeira.

Ao trabalhar com esse exemplo, mobilize o repertório dos estudantes sobre o Carnaval e utilize também exemplos do Carnaval da sua cidade ou região para situá-los em relação à festa.

Para exemplificar o que é o processo da modelagem, que depende de uma forma a partir da qual será feita a escultura, fale sobre a produção dos ovos de Páscoa, que tem uma forma de plástico a partir da qual são feitos os ovos de chocolate.



### Bonecos de Carnaval

- O Carnaval é uma festa antiga que tem muita importância na cultura brasileira.
  - O Carnaval do Brasil é famoso no mundo inteiro!
- Observe estas fotografias.



Bonecos gigantes no Carnaval de Olinda (PE). Fotografia de 2017.



Bonecos gigantes de Olinda (PE). Fotografia de 2020.

66

### Sugestão de vídeo

- Existe uma técnica tradicional de fundição de esculturas em metal denominada “cera perdida”, muito utilizada para fazer esculturas ocas, leves e com alto nível de detalhes. A fundição de metais é um exemplo muito importante de moldagem no campo das artes visuais. O vídeo a seguir apresenta a técnica de maneira didática. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cR4PKVcSloo>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

No Carnaval, as pessoas se fantasiam e saem às ruas para dançar, cantar e cair na folia! Por isso, ganham o nome de foliões.

Algumas cidades têm a tradição de produzir bonecos imensos, que desfilam em meio aos foliões. Esses bonecos podem representar personagens importantes para a cultura local, como é o caso do sanfoneiro da fotografia, que representa o artista Luiz Gonzaga, ou podem fazer sátira com temas importantes da atualidade.

Existe um modo correto de fazer o bonecão. Ele tem uma estrutura de metal ou madeira que fica em volta do corpo da pessoa que o carrega em meio à folia. Essa estrutura é envolvida por roupas leves de tecido. Acima das roupas está a cabeça. Essa cabeça é **moldada** com papel e cola e, depois, pintada e decorada.

Quando o papel é molhado na cola, ele fica mais mole e pode ser aplicado sobre um molde para fazer uma escultura. Depois de secar, ele ganha a forma desse molde e se torna uma peça independente.

Que tal experimentar essa técnica de escultura com papel e cola? Veja como fazer isso nas próximas páginas!

#### GLOSSÁRIO

**Moldagem:** A moldagem é o processo de produção de um objeto ou escultura com base em um molde. Primeiro, é feita uma peça original, que pode ser de argila ou gesso. Depois, é feita uma forma que reveste a peça original, que pode ser de gesso, fibra de vidro ou silicone. A partir da forma, é possível reproduzir a peça original, com diversos materiais. Essa técnica é bastante utilizada para a fundição de metais.

#### Dica

- Existem vários modos de trabalhar com moldes, incluindo os que resultam nos bonecos de Carnaval. Esta reportagem apresenta o trabalho da Embaixada de Bonecos Gigantes, no Recife, em Pernambuco, em que os moldes são feitos de argila e os cabeções, de fibra de vidro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cWFXERpcQlg>>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- Conheça a técnica do papel machê, uma massa de modelagem feita de papel e cola que é aplicada sobre saco de lixo com jornal amassado para criar detalhes e relevos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cKvqY2Xx9kY>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

## Vamos experimentar – Balões de papel machê

**Habilidade:** (EF15AR04)

**Roteiro de aula**

**Objetivo:** Produzir um balão com papietagem; realizar procedimentos semelhantes à produção de um molde.

**Duração:** 4 etapas.

**Materiais necessários:**

- Bexigas/balões – ao menos um para cada estudante.
- 20 páginas de jornal ou outro papel de baixa gramatura por estudante para a colagem.
- 1 litro de cola líquida para cada grupo de quatro estudantes, diluída em ½ litro de água.
- 1 pincel achatado por estudante para espalhar a cola.
- 1 tigela de plástico, tipo pote de sorvete, para cada grupo de quatro estudantes.
- Barbante ou lãs coloridas: aproximadamente 1 metro para cada estudante.
- Tintas coloridas.
- Pincéis para pintar.
- Jornal para forrar a mesa e fita adesiva para prender o jornal.
- 1 tesoura por estudante.
- 1 copo plástico.

**Observações:** Para que a peça fique resistente, será preciso fazer ao menos oito camadas de papel com cola.

**Desenvolvimento**

**Etapas 1:** Organize os estudantes em grupos de até quatro participantes para ampliar o espaço de trabalho com a junção das carteiras e para facilitar o compartilhamento de materiais e o suporte mútuo ao longo da atividade. Distribua os jornais e as tesouras. Oriente os estudantes a recortar o jornal em quadrados de tamanho médio, mais ou menos do tamanho da mão deles. Eles deverão cortar uma quantidade suficiente de papel para cobrir a bexiga com no mínimo oito camadas de papietagem.

## Vamos experimentar

### Balões de papel machê

Observe a fotografia da artista Flávia Junqueira (1985-). Ela preencheu um teatro inteiro com bexigas de várias cores!



Flávia Junqueira. Teatro São Pedro, 1917#1. Ampliação fotográfica 150 cm × 163 cm, impressão digital com pigmentos minerais, 2018.

Que tal construirmos balões com a técnica da papietagem? A **papietagem** é uma técnica para fazer esculturas a partir de um molde, usando pedaços de papel e cola.

O professor providenciará o material.

#### Você precisará de:

- Jornal
- Cola líquida diluída em um pouco de água
- Pincel achatado largo para espalhar a cola
- Tigela de plástico
- Barbante ou lãs coloridas
- Pincéis para pintar
- Tesoura de pontas arredondadas
- Bexigas
- Copo descartável
- Tintas acrílicas
- Fita adesiva para forrar a mesa

#### Como fazer:

- 1 Encha uma bexiga e dê um nó bem firme. A bexiga será o seu molde.
- 2 Corte muitos pedaços de jornal, suficientes para fazer várias camadas em torno da bexiga.

68



➔ **Etapas 2:** Distribua as bexigas, a tigela, os pincéis e a cola líquida. Dilua a cola com um pouco de água. Peça que encham a bexiga e deem um nó bem firme na ponta. Certifique-se de que os estudantes se ajudem caso alguns deles tenham dificuldades. Oriente-os a começar a papietagem espalhando aos poucos a cola sobre a bexiga com o pincel e aplicando os pedaços de papel. Deve-se recobrir toda a superfície da bexiga. Conforme as camadas secam, deve-se recobrir a bexiga com novas camadas, totalizando no mínimo oito camadas. A peça deve ser revestida até ficar firme e resistente. Ao concluir a peça, utilize a tesoura para cortar sua base e estourar a bexiga. O copo também deverá ser revestido com a técnica da papietagem. Repita toda a operação aplicada no balão ou bexiga com o copo plástico.

- 3 Dilua um pouco de cola em água.
- 4 Aplique um pouco de cola sobre a bexiga e, aos poucos, aplique os pedaços de jornal, que devem ficar encharcados de cola. Espere secar.



- 5 Faça novas camadas de jornal com cola na bexiga, até formar uma peça dura e resistente.



- 6 Deixe secar.
- 7 Repita a operação com o copo descartável, recobrimo-o por dentro e por fora com camadas de papel umedecido na cola. Essa será a base do seu balão.
- 8 Quando o balão e o copo revestidos de papel estiverem secos, você poderá cortar a parte de baixo da peça com a bexiga, que estourará.



- 9 Pinte o balão e o copo como desejar.

- 10 Quando secarem, corte algumas tiras de barbante ou lã. Essas tiras conectarão a base e o balão. Elas devem ser coladas com cola branca, na parte de dentro do balão e da base.



Pronto! O seu balão pode ser usado para brincar ou decorar.

passar o barbante, que será utilizado para fixá-la no teto.

**Avaliação:** Os estudantes devem compreender que a bexiga é o molde a partir do qual a peça será confeccionada. Eles poderão ser avaliados pelo seu empenho no desenvolvimento da atividade, pela compreensão das etapas sequenciais, pelo desenvolvimento do padrão visual na peça final e pela colaboração com os colegas nas etapas em que ela se faz mais necessária.

**Etapa 3:** Com a ajuda dos estudantes, forre as mesas com jornal, fixando-o com fita adesiva. Distribua as tintas e os pincéis para pintar. Oriente-os a pintar a peça com a tinta acrílica. Utilize o exemplo dos balões de papietagem do Livro do Estudante para ajudar os estudantes a criar padronagens ou estampas para o balão. Quando a pintura estiver concluída, distribua para cada grupo as tesouras, a cola e o barbante ou lã colorida. Ajude os estudantes a cortar quatro pedaços de aproximadamente 15 cm de barbante. Você pode orientá-los a esticar os dedos ao máximo e a considerar a medida da ponta do dedão até a ponta do dedo mínimo. Colem uma ponta do barbante ou lã colorida dentro do balão e a outra ponta na parte interna do copo revestido de papietagem. Espere secar. A peça está pronta. Para pendurá-la, é possível fazer dois buracos no topo para

## Capítulo 6 – Arte *pop*: uma explosão de cores!

**Habilidades:** (EF15AR01), (EF15AR03)

Este capítulo introduz a noção de *pop*, mobilizando uma estética de grande estímulo cromático e visual, muito presente no repertório cultural acessado pelas crianças nos meios televisivos e pela internet. O equilíbrio na relação entre “popular” e “*pop*”, tema dos dois capítulos desta unidade temática, pode contribuir para que os estudantes percebam as diferentes presenças da cultura em suas vidas e os diferentes modos de produção, circulação e vínculo social de cada uma dessas produções culturais.

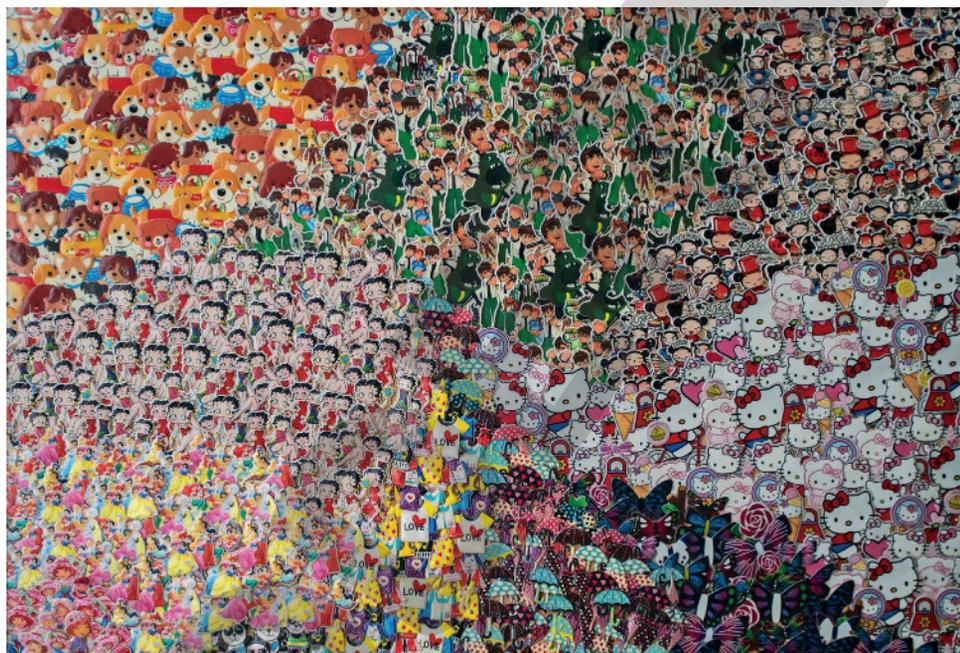
Na imagem apresentada, Nelson Leirner utiliza ícones da indústria cultural intensamente reproduzidos nos produtos e mídias que têm as crianças como público. Há uma economia por trás da reiteração dessas imagens. Por isso, ao repeti-las exaustivamente, o artista sugere que as narrativas em torno de cada uma delas se esvazia em meio a tanta cópia e repetição. Ou seja, essas imagens são mais valorizadas pelo contínuo consumo que incitam do que pelo significado cultural que, em sua singularidade, incitam nas crianças.

CAPÍTULO

6

## Arte *pop*: uma explosão de cores!

Observe a colagem abaixo, que é um exemplo de arte *pop*. Ela foi feita com adesivos de personagens dos desenhos animados.



Nelson Leirner. *Figurativismo abstrato*. 2012. Adesivos sobre madeira, 120 cm × 140 cm × 4 cm. Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro (RJ).

Professor, algumas técnicas artísticas se aproximam mais da linguagem *pop*: quadrinhos, instalações com luz neon, serigrafia, esculturas com materiais e pintura industriais, por exemplo. Destaque que, diferentemente de técnicas manuais como o desenho, a pintura e a cerâmica, ela tem uma

### O que é essa imagem?

Respostas pessoais.



1. Você reconhece alguma das figuras que compõem a imagem? Quais?
2. De onde você conhece essas figuras?
3. Que figuras você usaria para fazer uma colagem como essa?

estética industrial e mais próxima dos veículos como a televisão, as revistas, os *games* e a internet.

70

### O que é essa imagem?

#### Orientações e comentários das atividades

1. Permita que os estudantes se expressem a respeito das suas referências. Lembre-se de que os ícones da indústria cultural se transformam rapidamente, por isso não há problema se não for possível reconhecer essas personagens.
2. Aproveite as respostas para mapear as mídias pelas quais os estudantes acessam desenhos animado. A intenção é que eles percebam quais são os meios pelos quais eles consomem essa produção cultural, como televisão, internet e *games*, por exemplo.
3. Os estudantes devem dialogar sobre as suas preferências.

Apesar de identificarmos muitas das pequenas figuras da colagem, quando olhamos de longe, a imagem parece um grande borrão colorido irreconhecível.

O artista Nelson Leirner (1932-2020) foi um importante artista *pop* brasileiro. Ele fez inúmeras colagens e esculturas usando figuras muito conhecidas, como personagens dos desenhos animados ou a fotografia de cantores famosos.

A **arte pop** usa as imagens da TV, do cinema, da moda, dos quadrinhos e das propagandas. Ela foi criada em uma época em que as pessoas começavam a ter acesso à televisão, há 70 anos.

A arte *pop* é muito vibrante. Suas cores são intensas e suas figuras têm humor. Ela está muito presente no nosso imaginário visual.



Irina Levitskaya. Ilustração digital com estilo de arte *pop*. As cores intensas e vibrantes são características da arte *pop*.



Topilskaya. Ilustração digital com estilo de arte *pop*. A aproximação da arte com a vida cotidiana também pode estar bem presente na arte *pop*.

A linguagem *pop* foi incorporada pelo campo da arte nas décadas de 1950 e 1960, em diálogo com a popularização da televisão e das propagandas. Os artistas perceberam que os regimes de percepção visual se transformavam, dada a grande exposição às imagens televisivadas, e buscaram se inserir nessas transformações. A principal característica da arte *pop* é a crítica ao impacto da indústria cultural, especialmente em relação às mudanças de hábitos culturais que resultaram na chamada “sociedade de consumo”.

No Brasil, a arte *pop* começou a ser produzida na década de 1960. Artistas como Nelson Leirner incorporaram criticamente aos poucos a estética televisiva, o humor e as técnicas reprodutivas como material para a sua produção.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

IRINA LEVITSKAYA/SHUTTERSTOCK

TOPILSKAYA/SHUTTERSTOCK

## Repetir e reproduzir as imagens

### Habilidade: (EF15AR04)

As flores da imagem foram feitas pelo artista *pop* estadunidense Andy Warhol (1928-1987). Ele é muito conhecido por suas serigrafias. A serigrafia é uma técnica de reprodução em que uma imagem é gravada em uma tela de tecido com a qual é possível imprimir sobre papel e tecido. É uma técnica muito utilizada para imagens da publicidade.

A reprodução é um procedimento muito importante em sua obra. Com ela, ele desgasta aos poucos as figuras, de modo que elas percam a sua singularidade. No caso da imagem de pessoas, ele faz uma crítica ao papel dos meios de comunicação no esvaziamento de suas individualidades e subjetividades ao apresentá-las como se fossem produtos, não pessoas.

Embora a repetição possa ter um sentido crítico quando explorada em diálogo com os meios de comunicação, ela é uma importante ferramenta de aprimoramento técnico nas artes visuais. Em particular, esse procedimento é importante também para outros campos que dialogam com as artes visuais, como a moda. A partir da imagem, é possível refletir sobre como os procedimentos das artes visuais contribuem, por exemplo, para a produção de padronagens e estampas em tecido.

### O que é essa imagem?

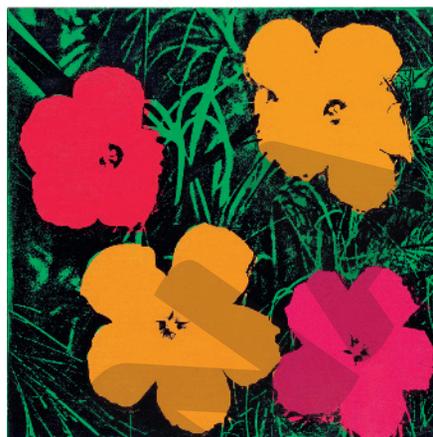
#### Orientações e comentários das atividades

1. A imagem é feita com serigrafia ou *silkscreen*. Trata-se de uma técnica de reprodução na qual uma imagem é gravada em uma tela de tecido. Essa tela é posicionada sobre um papel ou tecido e a tinta serigráfica é espalhada sobre essa tela com um rodo. Utilize o vídeo da seção *Dica* para demonstrar como esse processo é realizado. Provavelmente os estudantes podem responder “pintura” ou outra técnica já trabalhada

## Repetir e reproduzir as imagens

As flores ao lado foram feitas pelo artista estadunidense Andy Warhol, um dos mais reconhecidos artistas da *pop art*.

Andy Warhol. Flores. 1964. Polímero sintético e tintas *silkscreen* sobre tela, 61 cm × 61 cm. Coleção particular.



THE ANDY WARHOL FOUNDATION FOR THE VISUAL ARTS, INC./AUTVIS, BRASIL, 2021 – COLEÇÃO PARTICULAR

### O que é essa imagem?

1. Com quais materiais você acha que o artista fez essa imagem?
2. Como você acha que se faz para copiar ou reproduzir uma imagem?

Respostas pessoais.

Como fazer para ter muitas cópias da mesma imagem?

Os artistas *pop* perceberam que a TV e as propagandas repetiam todos os dias as mesmas informações, porque isso nos fazia lembrar e desejar aquilo que elas mostravam. Eles notaram que a repetição das imagens era uma prática que se tornava comum inclusive nas embalagens e propagandas impressas.

Por isso, eles começaram a usar as chamadas **técnicas de reprodução**, que permitem imprimir a mesma imagem várias vezes.

As flores do artista Andy Warhol foram feitas com a serigrafia, que é uma técnica de reprodução. Para fazer uma serigrafia, é preciso ter uma tela, que é um tipo de **matriz** pela qual são feitas as **impressões**, mais ou menos como um carimbo.

A serigrafia está mais perto de nós do que imaginamos. Ela é muito utilizada, por exemplo, para imprimir estampas em camisetas. **Professor, a noção de matriz é muito importante para as técnicas reprodutivas, como a serigrafia, mas também a gravura. No caso da serigrafia, é uma tela com um chassi de madeira.**

1. Há muitos modos de imprimir uma imagem. Você conhece algum deles?

Resposta pessoal. Os estudantes podem citar tanto uma impressão digital como técnicas

tradicionais, como a serigrafia ou mesmo a impressão digital, que reproduz a imagem a partir de um

arquivo único.

72

anteriormente. Aproveite para introduzir a discussão que será iniciada adiante sobre o que é fazer uma imagem única e o que é fazer uma imagem que pode ser impressa várias vezes. Essa diferença é o fundamento das técnicas de reprodução de imagens.

2. A serigrafia é um exemplo, mas há outras técnicas reprodutivas, como a xilogravura – gravura em madeira – ou a gravura em metal ou mesmo técnicas menos complexas, como o carimbo. A fotografia é também um meio para reproduzir imagens.

2. Se você fosse criar uma estampa com uma figura que se repete lado a lado, que estampa faria?

Resposta pessoal. Utilize essa pergunta para preparar os estudantes para o exercício da seção ZAZ.

### Dica

Que tal conhecer o passo a passo para fazer uma serigrafia? Assista a este vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AVrMPoh86FM>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

### GLOSSÁRIO

**Matriz:** A matriz é uma base única pela qual são impressas várias imagens. Um carimbo, por exemplo, é um tipo de matriz.

**Impressão:** A impressão é uma cópia de uma imagem que é feita por uma matriz. Ao carimbar um papel, imprime-se uma imagem nele.

ZAZ

## Estamparia de carimbos

Que tal criar a nossa própria estampa com um carimbo? O professor ajudará a providenciar e organizar os materiais.

### Você precisará de:

- Base quadrada ou retangular de madeira ou papelão grosso
- EVA
- Tesoura de pontas arredondadas
- Flanela e álcool em gel para limpar os carimbos
- Cola líquida
- Almofadas de carimbo de várias cores
- Lápis grafite ou caneta esferográfica
- Pincel achatado

### Como fazer:

- 1 Com o lápis ou a caneta, desenhe sobre o EVA a figura que quer imprimir. Essa figura não pode ser maior do que a base de madeira ou papelão.
- 2 Recorte a figura. Com o pincel, espalhe a cola na figura e cole-a sobre a base de madeira ou papelão. Deixe secar. Esse será o seu carimbo!
- 3 Pressione com delicadeza o carimbo sobre as almofadas com a tinta de carimbo e imprima sobre o papel.

73

### Dica

Enquanto os estudantes assistem ao vídeo, comente o passo a passo apresentado. Primeiro, o vídeo mostra a preparação da tela, em que um tecido com vários buracos é colado em um chassi de madeira. Essa é a etapa de **gravação** da tela, ou seja, a preparação da matriz a partir da qual a imagem será impressa muitas vezes. Prepara-se uma imagem que será reproduzida em um papel vegetal, que será gravada na tela de serigrafia. No caso do vídeo, é o desenho de um cachorro.

A tela é preparada com um químico especial que é utilizado para gravar a imagem. O papel vegetal com a imagem é colocado sobre a tela, preso para não mudar de lugar, e é exposto à luz solar ou a uma mesa especial de luz que queima a química da tela e grava a imagem. Lava-se a tela para tirar o excesso da química. Nessa etapa, a imagem já está gravada e não vai mais sair da tela. A etapa final é a impressão. A tela deve ser posicionada sobre um papel ou tecido. Com a ajuda de um rodo especial, a espessa tinta serigráfica é puxada de uma ponta a outra da tela, sem interromper o movimento, para que a imagem não tenha falhas. A tela é retirada e a tinta deve secar com a ajuda de um secador ou naturalmente. A serigrafia está pronta!

## ZAZ – Estamparia de carimbos

### Habilidade: (EF15AR04)

Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

**Objetivos:** Confeccionar um carimbo e produzir uma padronagem; introduzir as noções de matriz, impressão e estampa.

**Duração:** 45-50 min

**Materiais necessários:** 1 folha de EVA por grupo; 1 tesoura por estudante; 1 caneta esferográfica por estudante; 1 pote de cola líquida por grupo; papel para teste; ao menos 1 almofada de carimbo por grupo; ao menos 1 base de madeira quadrada ou retangular (MDF ou outra disponível) ou papelão grosso por estudante; 1 flanela e pote de álcool em gel por grupo.

**Observações:** A base de madeira ou papelão deve estar pronta antes da atividade. Dê preferência para a base de madeira. Ela pode ser cortada com auxílio da equipe de manutenção da escola. A base de madeira dará maior firmeza e durabilidade ao

► carimbo e, assim como uma base de papelão, aceita cola branca. No caso da base de papelão, o ideal é usar cola para fixar três ou quatro camadas de papelão para fazer uma base mais grossa e firme. Além disso, caso não encontre almofadas com tinta para carimbo, é possível usar uma esponja e tinta guache ou acrílica diluída em água.

**Desenvolvimento:** Organize os estudantes em grupos de até quatro integrantes de modo a unificar as carteiras e permitir que compartilhem os materiais. Distribua os materiais nos grupos. Cada estudante deve ter ao menos uma base de carimbo. Peça que recortem pedaços de EVA do mesmo tamanho que a base de madeira ou papelão. Com a caneta, eles devem desenhar a figura idealizada para o carimbo sobre o pedaço de EVA. Depois, devem recortar a figura. Com o pincel, oriente-os a espalhar a cola branca por toda a extensão da figura de EVA e colar sobre uma das faces da base de madeira ou papelão. Em seguida, deixe secar. Utilize o papel para teste para imprimir uma amostragem e elaborar a padronagem que será impressa no Livro do Estudante.

Fica a critério do professor distribuir almofadas com tinta para carimbo de várias cores ou apenas uma de uma cor entre os grupos. Caso opte por distribuir várias cores, é importante que os estudantes usem a flanela e o álcool em gel para limpar o carimbo antes de mudar de cor para não sujar as almofadas e perder o referencial cromático de cada uma delas. Após testar o carimbo, elaborar a padronagem e escolher uma ou mais cores que serão utilizadas, é hora de produzir a estampa no Livro do Estudante. Lembre-se de alertá-los sobre o tempo de secagem do carimbo. Se preferir, oriente-os a colocar uma folha ou mais atrás da página que será carimbada para garantir que a tinta não se espalhe para as páginas seguintes do Livro do Estudante.

**Avaliação:** Os estudantes devem compreender as noções de matriz e de impressão. Eles poderão ser avaliados pelo engajamento

ZAZ

Utilize o espaço abaixo para criar um padrão visual para a sua estampa. Exemplo: lado a lado; zigue-zague; de cima para baixo.



Você pode usar essa técnica de estamparia com carimbo para fazer papéis de parede. Também pode substituir as almofadas de carimbo por tinta de tecido para estampar uma peça de roupa!

Para finalizar a atividade, converse com os colegas e o professor:

- Qual foi a matriz usada para fazer as impressões? **Respostas pessoais.**
- As figuras criadas foram variadas? De qual você gostou mais?
- Onde você gostaria de fazer impressões de figuras e quais escolheria?

74

► na atividade, pela variedade de padronagens que criarão em suas estampas e pela interação e colaboração na divisão dos materiais e ao longo da experimentação.

Essa atividade pode se desdobrar em muitas outras. Por exemplo, em um papel de parede – para isso, utilize papéis finos, de baixa gramatura, como o papel jornal ou seda. Ele poderá ser fixado sobre tapumes de madeira ou sobre a parede, utilizando-se a técnica do lambe-lambe. Lembre-se de que a cola diluída deve ser aplicada primeiro sobre a superfície, porque ela faz a tinta do carimbo borrar. No caso da impressão em tecido, é importante atentar-se para a distribuição fina e homogênea da tinta sobre uma base para que o carimbo não fique encharcado e faça a figura perder a sua definição.

## Técnicas da arte

### Instalação

Imagine como seria entrar em uma obra de arte. É isso o que a artista japonesa Yayoi Kusama (1929-) nos convida a fazer com suas obras. Observe a fotografia e leia a legenda.



Instalação *Todo o amor eterno que eu tenho pelas abóboras*, de Yayoi Kusama, em Roma, Itália. Fotografia de 2017.

Obras como essa são chamadas de **instalação**. Para dar a sensação de que o público está em meio de um espaço infinito, a artista revestiu as paredes com espelhos e o teto com painéis de acrílico preto para refletir como espelhos, que fazem o ambiente parecer muito mais amplo.

As abóboras emitem uma luz muito amarelada, como se fossem luminárias. Isso cria um clima especial no ambiente, tornando-o muito diferente.

Uma **instalação** é a transformação de um ambiente em obra de arte, de modo que possamos adentrá-lo. Em geral, as instalações acabam sendo desmontadas. Elas nos convidam a uma experiência que envolve o nosso corpo e as nossas sensações.

#### Dica

Assista ao vídeo de uma instalação interativa da artista sendo transformada pelo público. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-xNzr-fJHQw>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

75

#### Dica

Ao assistir ao vídeo com os estudantes, explique que a câmera ficou ligada por muitos dias, acompanhando passo a passo a transformação realizada pelo público. Para que essa transformação fosse visualizada, foi preciso que os vídeos fossem acelerados, concentrando a experiência de muitos dias de interação em poucos segundos de vídeo.

## Técnicas da arte – Instalação

### Habilidade: (EF15AR01)

Concomitantemente às experimentações dos anos 1960, quando a estética *pop* se firma no campo da arte, surgem novos suportes, como a instalação. Os artistas que faziam instalações buscavam desobjetificar a arte, quer dizer, ir além de produzir imagens ou objetos com valor estético. A ideia era que a arte está mais na experiência que gera no público do que no objeto. Exemplo disso é que as instalações são, em geral, desmontadas depois de um período, sobrevivendo somente nos registros de vídeo e fotografia e na memória do público.

A artista Yayoi Kusama cria instalações com uma estética *pop*. Por isso, as suas obras têm um grande aporte de cores e luzes, com intenso apelo visual e sensorial. Embora tenha se formado a partir de uma matriz artística estadunidense, a artista é japonesa, de onde ela retira inspiração para muitas de suas obras. Na imagem apresentada, por exemplo, ela cria uma plantação artificial de abóboras usando espelhos e luminárias no formato de abóbora.

Ao trabalhar com a noção de instalação, reforce a ideia de que a arte não é apenas um “saber fazer”, mas também um “ter uma experiência”. Um trabalho de arte dessa natureza pode ser feito de modo colaborativo e pode se transformar à medida que as pessoas entram e interagem com a obra. Em outras palavras, é um tipo de obra que depende da interação com o público para existir.

## Vamos experimentar – Uma instalação na sua escola!

**Habilidades:** (EF15AR04), (EF15AR05)

**Roteiro de aula**

**Objetivo:** Elaborar uma instalação na escola; introduzir esse suporte da arte contemporânea ao imaginário dos estudantes sobre as artes visuais; experimentar uma proposta que é produzida coletivamente e que se consolida na interação das pessoas com a obra.

**Duração:** 3 etapas.

**Materiais necessários:** Pelo menos 2 metros de papel autoadesivo colorido por estudante (tentar diversificar as cores); tesoura e lápis grafite para uso individual; CDs e potes de tamanhos variados para usar como base para desenhar os círculos no papel autoadesivo; ambiente ou suporte móvel adequado para receber a adesivagem.

**Observações:** Busque documentar o processo de elaboração da instalação e a transformação do espaço que vai recebê-la. Caso a escola não conte com um corredor, sala ou ambiente que possa receber a instalação, é possível utilizar um mural, porta ou outra superfície móvel ou modular que possa ser deslocada e retirada posteriormente. O importante é que, no final, haja um espaço que possa ser adentrado pelas crianças, e não painéis que somente possam ser vistos frontalmente. A instalação implica a transformação de um espaço tridimensional que possa ser adentrado ou percorrido. Sem esse espaço, portanto, não se trataria de uma instalação, mas de um painel.

**Desenvolvimento**

**Etapa 1:** Apresente a referência da obra de Yayoi Kusama (1929-) para os estudantes e trabalhe o conceito de **instalação** que se encontra no texto anterior. Aproveite para avaliar se compreenderam corretamente em que consiste essa obra e qual foi a intenção da artista ao produzi-la. Visite com os estudantes o espaço onde a instalação será



## Vamos experimentar

### Uma instalação na sua escola!

Como seria fazer uma instalação na sua escola?



HANNAH PETERS/GETTY IMAGES © YAYOI KUSAMA - GALERIA DE ARTE DE QUEENSLAND, AUSTRÁLIA

Yayoi Kusama. *Tapando a sala*. 2002 – atualmente. Colaboração entre Yayoi Kusama e a Galeria de Arte de Queensland. Presente da artista em 2012 para a Fundação da Galeria de Arte de Queensland. Fotografia de 2017.

Na obra *Tapando a sala*, a artista Yayoi Kusama oferece milhares de adesivos coloridos ao público para recobrir uma sala toda branca, deixando-a muito colorida. Que tal experimentarmos fazer uma obra de arte como essa?

#### Você precisará de:

- Folhas de papel autoadesivo colorido
- Tesoura de pontas arredondadas
- Um corredor ou sala com as paredes vazias

#### Como fazer:

- 1 Cada estudante ganhará ao menos uma folha de papel autoadesivo colorido.
- 2 Recorte círculos de vários tamanhos, até não ter mais espaço na folha.
- 3 Descarte a sobra do papel.
- 4 Troque os círculos com os seus amigos, de modo a conseguir várias opções de cor.

Agora, é hora de transformar o espaço! Escolha como você preencherá o espaço, considerando a distribuição pela altura e toda a extensão da instalação!

Vocês terão muitos adesivos coloridos para contribuir para a instalação, por isso podem dividi-los com os colegas da escola para que todos possam participar um pouquinho!

76

→ realizada. Os estudantes deverão imaginar previamente a transformação que esperam ver e fazer acontecer nesse espaço.

**Etapa 2:** Divida os estudantes em grupos de até quatro integrantes, unindo as carteiras para facilitar o compartilhamento dos materiais. Avise que a produção da instalação será feita por todos os elementos de cada grupo. Distribua os lápis e os CDs, tigelas ou outros materiais que serão utilizados como molde. Disponibilize uma única cor de papel autoadesivo por grupo para que, no final, os grupos possam trocar entre si as figuras de diferentes cores. Oriente os estudantes a desenharem com o lápis no verso do papel autoadesivo utilizando os moldes. Eles deverão tentar usar toda a superfície, desenhando uma figura ao lado da outra para evitar o desperdício do material.

Yayoi Kusama. *Tapando a sala*. 2002 – atualmente. Colaboração entre Yayoi Kusama e a Galeria de Arte de Queensland. Presente da artista em 2012 para a Fundação da Galeria de Arte de Queensland. Fotografia de 2017.



JAHN CHIKWENDU/THE WASHINGTON POST/GETTY IMAGES © YAYOI KUSAMA - GALERIA DE ARTE DE QUEENSLAND, AUSTRALIA

1. Depois de realizar a atividade, sente-se em roda com os colegas e o professor e conversem sobre aquilo de que mais gostaram!

2. Agora, responda às perguntas.

a) Qual é a diferença entre uma instalação e as técnicas artísticas que você já conhecia?

Resposta pessoal.

b) Como foi a transformação do espaço ou suporte escolhido para receber a instalação?

Resposta pessoal.

c) Se você pudesse criar outra instalação, como ela seria?

Resposta pessoal.

cores. Os estudantes poderão aplicar os adesivos em duplas, o que facilita a colocação. Esse procedimento poderá durar um ou mais dias. Parte dos adesivos poderá ser disposta para que outros estudantes, funcionários ou professores da escola interajam com a instalação e os apliquem. Documente a preparação da instalação com vídeo, que poderá ser editado com o auxílio de aplicativos para apresentar a transformação do espaço e a interação do grupo, assim como no exemplo do vídeo da artista Yayoi Kusama.

**Avaliação:** Os estudantes deverão ser avaliados pela sua participação na atividade e interação disposta e interessada com o grupo. Eles deverão compreender o conceito de instalação e experimentar a dimensão participativa e colaborativa da arte.

**Orientações e comentários das atividades**

2. a) Ajude os estudantes a lembrarem-se de outras atividades que já tenham sido realizadas nas aulas de artes visuais, como desenhos, pinturas, colagens ou impressões com carimbos e outras técnicas. A resposta deve levar em consideração que a instalação é uma obra de arte na qual podemos entrar, que modifica um ambiente.
- b) Os estudantes devem discutir sobre como o espaço ou suporte foi, aos poucos, sendo preenchido de cores e formas.
- c) Para estimular os estudantes, pergunte como seria fazer uma instalação usando luzes, cheiros ou objetos que pudessem ser tocados.

➔ **Etapa 3:** Uma vez que toda a superfície do papel autoadesivo esteja desenhada com as formas circulares, é hora de recortar. Distribua as tesouras. Quando os estudantes recortarem todas as figuras desenhadas, eles devem descartar a sobra e reservar as figuras recortadas.

**Etapa 4:** Nesta etapa, as figuras serão aplicadas sobre o espaço selecionado para receber a instalação. Acomode os estudantes nesse espaço. Apresente a eles o procedimento de adesivagem ou aplicação do adesivo: retira-se uma parte da película protetora do verso do papel autoadesivo; aplica-se a parte desvelada do adesivo sobre a superfície; na medida em que se retira o restante da película protetora, com a mão espalmada, aplica-se o adesivo, de modo a reduzir o risco de formação de bolhas. Antes de aplicar, oriente os estudantes a trocarem algumas figuras com os colegas para conseguir uma maior quantidade de

## Artes integradas – Arte em movimento!

### Habilidade: (EF15AR01)

A seção apresenta alguns exemplos de movimentos artísticos e de atividades que produzem imagens que dão a sensação de movimento. A ilusão de óptica é um recurso investigado por muitos artistas e aproxima a linguagem das artes visuais do trabalho do ilusionista, ou, ainda, mobiliza a nossa percepção visual para produzir um verdadeiro espetáculo visual. Existem muitos modos de produzir imagens que dão a sensação de movimento. Um desses modos é a arte óptica, também conhecida como *op art*.

## Artes integradas

### Arte em movimento!

Prepare-se para um verdadeiro espetáculo visual se formando diante dos seus olhos!

Jesus Rafael Soto. *Sphère Lutétia*. 1996. Pintura em metal, 600 cm × 600 cm × 600 cm. Basileia, Suíça. Fotografia de 2015.



ERIK THAM/ALAMY/FOTORENA © JESUS RAFAEL SOTO, AUVIS BRASIL, 2021

### O que é essa imagem?



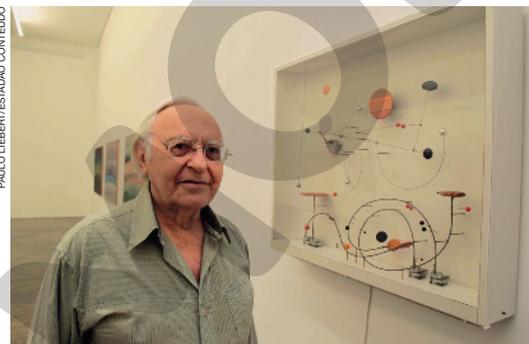
1. O que você vê nessa imagem? **Resposta pessoal. A imagem mostra uma imensa esfera nas cores branca e vermelha.**
2. Como você acha que essa obra de arte foi feita? **A obra foi feita de fios coloridos pendurados, em branco e vermelho e com tamanhos diferentes. Juntos, esses fios criam a sensação de que vemos uma esfera inteira.**

Existem muitos modos de produzir imagens que dão a sensação de movimento.

Há obras feitas especialmente para enganar os nossos olhos, criando a ilusão de que a imagem se movimenta. Ao observar a obra acima, temos a sensação de ver uma esfera de duas cores. Na verdade, ela é feita com fios de tamanhos variados colocados lado a lado para nos dar a impressão de ver uma esfera. À medida que andamos em torno dela, nossa percepção muda.

Há modos de criar imagens artísticas que realmente se movem. É o que faziam os **artistas cinéticos**. A palavra *cinético* está relacionada ao movimento.

PAULO LIEBERT/ESTADÃO CONTEÚDO



Abraham Palatnik ao lado de uma de suas obras, em São Paulo (SP). Fotografia de 2012.

O artista cinético brasileiro Abraham Palatnik (1928-2020) produziu verdadeiras engenhocas, com cores e formas que se movimentam mecanicamente. Suas esculturas executam uma dança contínua. Enquanto se movem, as formas também produzem uma coreografia com as sombras. Observe a imagem e imagine como é o movimento da obra.

78

### Sugestão de vídeo

- Veja o vídeo que apresenta a exposição *Abraham Palatnik: a reinvenção da pintura*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zqDDUmLhS5A>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

## PROCESSO DE CRIAÇÃO

### Pratos do malabarista

Experimente alguns modos de produzir imagens que nos dão a sensação de movimento.

Ao girarem, os pratos do malabarista do circo produzem efeitos que mantêm o nosso olhar vidrado. Que tal produzirmos os nossos discos para equilibrar?

#### Você precisará de:

- Disco antigo de vinil
- Baqueta ou vareta de madeira
- Lápis de cor
- Pincel achatado
- Tinta acrílica
- Cola quente
- Papel
- Tampinha de garrafa PET
- Lápiz de cor (o professor manuseará!)
- CD

#### Como fazer:

- 1 Primeiro, faça um desenho da forma que pintará no seu disco. Com o CD, desenhe um círculo no papel para estudar a forma ideal.



- 2 Esse desenho será a referência para a pintura que você fará no disco de vinil. Com base nele, pinte um dos lados do disco de vinil e deixe secar.



Professor, não se esqueça de orientar os estudantes a forrar as carteiras com jornal e fita adesiva.

- 3 Com a ajuda do professor, fixe a tampinha de garrafa PET com cola quente na parte de baixo do disco.



- 4 Está pronto! Agora é hora de treinar os seus truques de malabarista!



- 5 Converse com os colegas e o professor.

- O que foi mais fácil fazer? O que foi mais difícil?
- Todos colaboraram?
- Como ficou o resultado final?

Vocês podem convidar os familiares para assistir a uma demonstração dos truques feitos com os pratos.

**Observações:** Será preciso dar suporte aos estudantes, aplicando a cola quente no disco de cada um deles individualmente. Faça dois ou três modelos anteriormente para apresentar um exemplo aos estudantes e para que eles entendam a ideia da ilusão óptica antes de definir qual pintura farão em seus próprios discos.

Os estudantes deverão trazer os discos. Para isso, precisarão da autorização e da ajuda dos responsáveis para conseguir o material, que pode ser encontrado em sebos a baixo custo.

#### Desenvolvimento

**Etapa 1:** Apresente aos estudantes dois ou três modelos de discos de vinil pintados para que eles entendam como é a imagem parada e qual efeito vão produzir ao girar o disco. Você pode produzir uma espiral do centro para fora, pintar um círculo do tamanho de um CD encostado à borda do disco ou pintar listras em uma única direção. Distribua o papel, os lápis de cor e os CDs para que os estudantes desenhem um círculo tendo o CD como molde e façam um estudo da pintura que farão sobre o disco.

**Etapa 2:** Organize os estudantes em grupos de até quatro participantes para que dividam os materiais. Forre as mesas com jornal e fita adesiva. Distribua os discos, as tintas e os pincéis. Oriente os estudantes a começarem a pintar tendo como base os desenhos originais, tomando cuidado para não sujar as partes do disco que não serão pintadas.

**Etapa 3:** Distribua as baquetas ou varetas de madeira e as tampas de garrafa PET. Ajude os estudantes, um a um, a fixar a tampa de garrafa PET com cola quente no centro da face do disco que não foi pintada. A parte aberta da tampa deve ficar livre para que a baqueta ou vareta de madeira seja encaixada. Com isso, o disco está pronto.

**Avaliação:** Os estudantes devem ser avaliados pelo empenho na realização da atividade. Eles deverão fixar a noção de "ilusão óptica", isto é, de que uma imagem estática produz um efeito visual que engana os olhos.

### Processo de criação – Pratos do malabarista

**Habilidade:** (EF15AR04)

**Roteiro de aula**

**Objetivo:** Confeccionar um prato de malabares que produza um efeito óptico ao ser girado.

**Duração:** 2 etapas.

**Materiais necessários:** Itens para uso individual: papel para desenhar; 1 CD; lápis de cor; 1 disco de vinil; 1 pincel achatado; tinta acrílica de cor única; 1 baqueta ou vareta de madeira; tampinha de garrafa. Além desses itens, o professor deverá aplicar cola quente peça por peça.



- a. O que você entendeu por cultura popular? Como a cultura popular está presente na sua vida?

Respostas pessoais. Professor, lembre os estudantes de que a cultura popular, particularmente nos festejos populares, conta com as artes visuais na produção dos adereços, vestimentas e decoração.

- b. O que é arte pop? Como a arte *pop* está presente na sua vida?

Respostas pessoais. Professor, lembre-os também de que a estética *pop* está presente na televisão e internet e que ela se utiliza das técnicas e visualidades da arte o tempo todo.

- c. Se você fizesse uma festa para a qual tivesse de produzir vestimentas, adereços ou decoração, como seria essa festa? Quais materiais e técnicas você usaria?

Resposta pessoal.

## Conclusão

Ao longo da unidade, os estudantes foram apresentados a duas vertentes culturais para as quais a arte exerce um papel central: a cultura popular e a estética *pop*. Eles puderam observar como a cultura popular se transforma e se transmite de geração em geração, tendo, por isso, forte conexão com as nossas vivências familiares e com o território em que vivemos. Do mesmo modo, também aprenderam a reconhecer que a arte está presente em diversos meios por meio dos quais eles consomem certa produção cultural, como a TV, os quadrinhos, a internet, os *games*, as propagandas, entre outros.

As ideias de reprodução e repetição, importantes para a arte *pop*, foram também trabalhadas. Por essas duas vias, os estudantes aprenderam que existem muitos modos coletivos de produção e recepção artísticas. Eles foram apresentados também a diferentes técnicas de reprodução de imagens e de produção tridimensional, com forte orientação à experimentação e ao reconhecimento do papel das materialidades no fazer artístico. Por isso, ao retomar os conteúdos da unidade, elabore essa relação entre a experimentação das diversas técnicas e materialidades e a percepção dos estudantes sobre a dimensão cultural e coletiva do fazer artístico.

## FICHAS DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM SUGERIDAS

### FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO – ESTUDANTE

Todos os itens devem ser previamente combinados e, posteriormente, discutidos com cada estudante.

#### 3º BIMESTRE – UNIDADE 3 FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

Nome: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Bimestre: \_\_\_\_\_

1. Observei os elementos presentes nas imagens, de acordo com as orientações que foram dadas.

Sim  Às vezes  Não

2. Os estudos de artes visuais mudaram minha compreensão sobre as brincadeiras e festividades das quais participo.

Sim  Às vezes  Não

3. Realizei as etapas das práticas com empenho e sem dificuldades.

Sim  Às vezes  Não

4. Durante as aulas, aceitei as opiniões e ideias que foram diferentes das minhas.

Sim  Às vezes  Não

5. Compartilhei com meus familiares o que aprendi na escola.

Sim  Às vezes  Não

6. Colaborei com a organização do espaço e dos materiais de trabalho.

Sim  Às vezes  Não

# FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM

## 3º BIMESTRE – UNIDADE 3

O registro na ficha de acompanhamento poderá ser feito de acordo com a legenda a seguir.

A legenda indica o nível de aprendizagem em relação ao desenvolvimento das habilidades da BNCC para o ano escolar:

**D** – habilidade desenvolvida satisfatoriamente

**PD** – habilidade em processo de desenvolvimento

**ND** – habilidade não desenvolvida minimamente, ficando apenas no nível de conhecimentos prévios

### HABILIDADES

(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

(EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).

ESTUDANTES	(EF15AR01)	(EF15AR03)	(EF15AR04)	(EF15AR05)	(EF15AR07)
1.					
2.					
3.					
4.					
5.					
6.					
7.					
8.					
9.					
10.					
11.					
12.					
13.					
14.					
15.					
16.					
17.					
18.					
19.					
20.					

## UNIDADE 4 – NO TEATRO SOMOS MUITOS

### Introdução à Unidade 4

Em diálogo com as perguntas-eixo deste volume (O que é festa? Como a arte está presente nas festas populares e tradicionais? Como as linguagens artísticas se encontram integradas nas festividades e em outras produções culturais?), propõe-se ao estudante que ele reconheça elementos da linguagem teatral a partir do elemento máscara, presente em diversas práticas culturais, tais como festas, tradições, rituais religiosos e também em espaços artísticos, como o teatro e o circo. O elemento da máscara é desdobrado em três perspectivas. A primeira delas (no Capítulo 7) aborda o tema do “tornar-se outro”, ou seja, no teatro pode-se experimentar diversas fisicalidades, vocalidades e figuras, sendo a máscara um dos suportes possíveis para essa experiência de transfiguração. Nesse capítulo, apresentam-se também as relações entre coro e corifeu derivadas de certo uso das máscaras no teatro, instigando o estudante a experimentar práticas coletivas de movimentação e jogo coletivo. Por fim, o Capítulo 8 apresenta as relações entre máscara e humor por meio da clássica figura do palhaço. As práticas propostas a partir do estudo e identificação dessas formas teatrais convidam o estudante a compor criações, jogos e brincadeiras que engajam seu corpo de modo expressivo, fazendo com que o estudante experimente diversas possibilidades expressivas (vocais, textuais, físicas, inter-relacionais), aplicando seu repertório criativo. Por fim, a unidade é finalizada com uma proposta de criação a partir das *Artes integradas*, apresentando alguns aspectos da linguagem do circo.

### Objetivos pedagógicos

- Apresentar ao estudante a linguagem teatral a partir de relações a serem estabelecidas entre suas experiências do cotidiano e elementos da linguagem;
- Relacionar o conhecimento da linguagem teatral a experimentações práticas, de modo a convocar o estudante a aprender brincando;
- Instigar o estudante a reconhecer a fundamental relação e distinção entre o fazer cênico e o do público no acontecimento teatral;
- Propor ao estudante que identifique elementos teatrais presentes em algumas obras, coletivos e tradições do Brasil e do mundo, de modo a traçar paralelos entre os elementos da linguagem e seu cotidiano;
- Criar ocasiões de exercício prático para que o estudante desenvolva a exploração de elementos teatrais em seu próprio corpo (diferentes fisicalidades, exploração vocal e construção de narrativas e criações junto aos seus colegas);
- Propor que reconheçam a presença da imaginação em sua vida e reflitam coletivamente sobre ela. Apresentar aos estudantes a presença da máscara tanto em festividades e ritos como no teatro e no circo de modo a ampliar o seu conhecimento sobre a linguagem teatral;
- Instigá-los a refletir sobre a presença do humor em suas vidas e a conversarem sobre certos usos preconceituosos do humor a partir de algumas referências prévias;
- Apresentar exemplos de *Artes integradas*, de modo a convidar os estudantes a compreender a complexidade das linguagens artísticas em relação;
- Propor a eles que realizem, individual e coletivamente, experimentações práticas de modo a explorar as técnicas de coro e corifeu, assim como explorar elementos presentes na linguagem circense.

### Competências específicas e como são trabalhadas

- **Competência específica 1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.**

Algumas tradições culturais importantes do Brasil e do mundo são apresentadas aos estudantes, sublinhando sua diversidade, tais como o Festima (Festival Internacional de Máscara e de Artes), a presença dos palhaços na tradição popular da Folia de Reis, assim como a seção *ZUM!* do Capítulo 8, em que os estudantes podem conhecer a história e o trabalho de alguns importantes palhaços brasileiros, como Piolin, Benjamin de Oliveira (considerado o primeiro palhaço negro do país) e Xamego (considerada a primeira palhaça mulher do Brasil). Além disso, o trabalho de grupos de teatro brasileiros, como o coletivo Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz, Barracão Teatro e Lume Teatro, aparece ao longo da unidade.

- **Competência específica 2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.**

As artes integradas acontecem ao longo de toda a unidade, ao apresentar manifestações culturais em que as artes visuais, a música e a dança estão presentes. De modo mais evidente, elas são abordadas e exploradas por meio da linguagem do circo.

- **Competência específica 4. Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.**

Ao longo de toda a unidade, o estudante é convidado a experimentar coletivamente os conceitos que estão sendo trabalhados, como nos exercícios práticos de confecção de máscaras e de coro e corifeu (Capítulo 7), assim como as experimentações de criação de um personagem/palhaço e da festa de *emojis* (Capítulo 8).

- **Competência específica 9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.**

A análise e a valorização do patrimônio são abordadas na apresentação das tradições de máscaras do Brasil (Folia de Reis) e da África (Festima, no Burkina Faso).

## Habilidades e como são trabalhadas

---

- **(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.**

A habilidade é trabalhada na apresentação das máscaras no teatro (teatro grego e *commedia dell'arte*) e dos elementos da palhaçaria teatral e circense. Além disso, a seção *A arte faz pensar* propõe um trabalho de leitura, reconto e reflexão a partir da obra *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos.

- **(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.**

A habilidade está presente em práticas ao longo dos capítulos, como Coro e corifeu, Coro das bailarinas e Festa dos *emojis*. Todas essas práticas convidam os estudantes a exercitar a imitação e o faz de conta. Na prática Coro das bailarinas, os estudantes devem criar um improviso a partir de uma música de "O grande circo místico", de Edu Lobo e Chico Buarque.

- **(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.**

A habilidade é trabalhada nas seções *Artes integradas* e *Processos de criação*, em que o estudante é convidado a criar coletivamente uma experimentação artística que integra alguns elementos trabalhados ao longo do volume, como elementos da canção, da narrativa teatral e do trabalho lúdico coral.

- **(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção.**

Está presente ao longo de toda a unidade, por meio da apresentação de artistas e obras nacionais e internacionais, como os palhaços da Folia de Reis, as máscaras africanas do Festima, a máscara do palhaço no teatro e no circo.

## UNIDADE 4 – NO TEATRO SOMOS MUITOS

**Habilidade: (EF15AR18)**

**Atividades preparatórias**

A imagem de abertura da unidade apresenta um momento da apresentação do espetáculo *O amargo santo da purificação*, da Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz, importante coletivo teatral do país sediado na cidade de Porto Alegre. O trabalho com máscaras aparece em algumas obras desse grupo, ganhando destaque nesse espetáculo em particular. Encenada na rua, a obra apresentava um importante debate sobre a sociedade brasileira a partir das relações entre política e violência do Estado. A obra completa pode ser assistida pelo *link*: <<https://www.youtube.com/watch?v=ytBe5HIkNak>> (aceso em: 4 mar. 2021). Você pode assistir a trechos do espetáculo com a turma, destacando a importância das indumentárias utilizadas pelo coletivo, assim como chamando a atenção para a presença das máscaras ao longo da apresentação. Também pode-se destacar a coralidade presente na obra, facilitando a compreensão dos estudantes do conceito e da técnica de coro e corifeu.

UNIDADE

4

No teatro somos muitos



Cena do espetáculo *O amargo santo da purificação*, da Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz, de Porto Alegre (RS). Praça Rui Barbosa, em Campinas (SP). Fotografia de 2010.

Um dos elementos que o teatro e a festa têm em comum é a máscara. A máscara faz parte de diversas formas de teatro. Vestindo uma máscara, podemos nos transformar em vários outros seres!

Observe a imagem deste espetáculo de teatro em uma rua de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul.

**Respostas pessoais.**



1. Você já utilizou uma máscara procurando se transformar em outros seres? Se sim, como e onde foi a experiência?
2. Como você faz quando quer brincar de fazer de conta e se transformar em algum outro ser?
3. Você já assistiu a alguma peça encenada na rua ou em uma praça? Se sim, como era a peça?
4. Conte o que você observa na imagem. Circule todas as máscaras da imagem. Quantas pessoas mascaradas você consegue ver?



PEDRO ISAIAS LUCAS

**Orientações e comentários das atividades preparatórias**

2. Instigue o estudante a enumerar as brincadeiras em que se assume outra identidade: jogos de imitação, uso de fantasias e adereços de algum de seus personagens favoritos, usos de máscaras etc.
3. Instigue os estudantes a identificar as principais diferenças entre o teatro feito em espaço fechado e o teatro de rua. O vídeo da obra *O amargo santo da purificação* pode fazer com que o estudante note a forte presença de elementos musicais e visuais nesse tipo de teatro que se realiza nas ruas.
4. Os estudantes poderão observar a presença de máscaras em vários dos atores que estão na imagem.

## Capítulo 7 – Criar com máscaras

**Habilidades: (EF15AR18), (EF15AR25)**

Neste capítulo, o estudante será convidado a reconhecer um elemento importante do fazer teatral: a máscara. Apresentamos a máscara em dois sentidos: como parte de um rito ou festa, dos aspectos religiosos de determinado grupo social e também como elemento teatral, sendo usada desde a experiência trágica grega até a figura dos palhaços. A abertura do capítulo apresenta o Festima (Festival Internacional de Máscara e de Artes) que acontece bianualmente no Burkina Faso. Diversos participantes provenientes especialmente dos países ao redor do Burkina, tais como Benin, Mali, Nigéria, Togo e Senegal, comparecem ao festival, de modo a apresentar máscaras e indumentárias que representam importantes elementos culturais de suas tradições. Ao apresentar o exemplo aos estudantes, é importante frisar, para além do aspecto estético, o aspecto ritualístico e religioso do uso de diversas dessas máscaras. Além disso, o estudante pode notar que essas máscaras apresentam referências diretas a elementos da natureza, tais como animais e plantas. Tal característica dialoga com o aspecto anímico dessas máscaras, uma vez que se acredita que o portador da máscara pode tornar-se um espírito presente na natureza.

### CAPÍTULO

# 7

## Criar com máscaras

### Máscara e ritual

Existem diversos tipos de máscaras! Elas aparecem em festas, rituais, celebrações e na arte. Máscaras fazem parte de tantas culturas que até existem festivais que reúnem diversos modelos delas.

Um exemplo é o Festival Internacional de Máscara e de Artes (Festima), que acontece a cada dois anos na cidade de Dédougou, no país africano chamado Burkina Faso.



Apresentação de pessoas mascaradas no Festima, em Dédougou, no Burkina Faso. Fotografia de 2016.

### O que é essa imagem?

Respostas pessoais.

1. Observe cada máscara usada pelas pessoas da fotografia. O que elas parecem representar?
2. De que materiais parecem ser feitas as máscaras e as vestimentas dos mascarados?
3. Compare a imagem desta página com a da página seguinte. Qual delas mais lembra elementos e seres que existem na natureza?

Um dos objetivos do festival é o de preservar as tradições culturais, espirituais e religiosas de alguns povos africanos. Alguns desses povos são os dogon, no Mali, o povo bwa, no Burkina Faso e o povo senufo, na Costa do Marfim.

Assim, preservar essas tradições significa também preservar suas máscaras. Em geral, as máscaras desses povos são feitas de madeira mas também podem contar com outros elementos, como pedra, marfim, cobre e até flores e folhagens.

Além disso, para esses povos, as máscaras não são utilizadas apenas como adereços para embelezar quem as usa. Elas desempenham funções religiosas e são utilizadas em rituais.

Para esses povos, utilizar uma máscara significa poder entrar em contato com espíritos da natureza e outros deuses. Usando algumas dessas máscaras, as pessoas podem se transformar em espíritos que curam e até mesmo entrar em contato com seus ancestrais.



Pessoas mascaradas no Festima, em Burkina Faso. Fotografia de 2016.



Mascarado se apresentando no Festima, em Burkina Faso. Fotografia de 2016.

### Dica

- Assista a este vídeo do Festima: *Festima – Les masques de la region de Pilimpikou au Burkina Faso*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=k0HdZoOa7ks&feature=emb\\_title&ab\\_channel=MaskCollective](https://www.youtube.com/watch?v=k0HdZoOa7ks&feature=emb_title&ab_channel=MaskCollective)>. Acesso em: 4 mar. 2021.
- No site do Mafro – Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, você pode observar alguns objetos, máscaras e esculturas da arte africana. Disponível em: <<http://www.mafro.ceao.ufba.br/pt-br/colecao-africana>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

## O que é essa imagem?

### Orientações e comentários das atividades

1. A intenção é que os estudantes se detenham na observação de cada máscara e nos detalhes de suas configurações.
2. Pode-se destacar a presença de madeira, tinta e plantas têxteis (cipó, taboa, palha, embira etc.).
3. Indique aos estudantes que algumas das máscaras apresentam figuras semelhantes a animais e também a elementos presentes na natureza. Instigue-os a relacionar a representação dessas figuras com o aspecto sagrado do uso das máscaras, uma vez que tais figuras referem-se à crença sobre a existência de espíritos que vivem na natureza.

## Máscaras no teatro

### Habilidade: (EF15AR25)

A presença das máscaras no teatro é identificável não somente no teatro grego como também em várias outras práticas teatrais ancestrais ao redor do mundo, como o kathakali, na Índia, e o nô, no Japão. É importante que os estudantes reconheçam que, nas artes cênicas, a máscara adquire um caráter lúdico para além do caráter estético, em geral descompromissado com um sentido espiritual tal como visto nas máscaras tradicionais do Festima. Evidentemente, a máscara na Grécia, e até mesmo nas apresentações contemporâneas de kathakali, tem um aspecto mágico-religioso. Entretanto, tradições como as da *commedia dell'arte* e da palhaçaria apresentam máscaras mais no sentido de formalizar personagens e tipos sociais do que corresponder a determinada religiosidade. Nessa direção, a máscara pode ser usada por qualquer um, consistindo em um elemento lúdico e de jogo. Para sublinhar esse aspecto lúdico do uso da máscara, pode-se assistir com a turma a trechos do espetáculo *Zabobrim – o rei vagabundo*, do Barracão Teatro, junto a outros vídeos em que os artistas da companhia apresentam o caráter lúdico do jogo com as máscaras. Disponível no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=IXStjp8u3OQ>>. Acesso em: 23 maio 2021.

### O que é essa imagem?

#### Orientações e comentários das atividades

1. Pode-se observar junto à turma que as máscaras gregas cobrem o rosto inteiro do intérprete, apresentando três orifícios (boca e olhos), enquanto as máscaras da *commedia dell'arte*, em geral, cobrem apenas metade do rosto do intérprete. Além disso, algumas das máscaras (especialmente as cômicas) referem-se às figuras de alguns animais ou seres mitológicos.

## Máscaras no teatro



Conjunto de máscaras do teatro grego.



Personagens típicas da *commedia dell'arte*. Quase todas utilizavam máscaras, muitas delas imitando feições de animais.

### O que é essa imagem?

#### Respostas pessoais.

1. Observe as máscaras acima. Leia as legendas para saber mais informações sobre essas máscaras.
  - Quais são as semelhanças e diferenças entre as máscaras usadas em cada uma dessas formas de teatro?
2. No grupo de máscaras gregas, circule as máscaras que você acha que pertencem à comédia. Por que você as circulou?

Há mais de dois mil anos se fazia teatro na Grécia e todos os atores usavam máscaras em cena. Muitos eram os motivos para essa regra: em primeiro lugar, eles representavam os deuses sagrados e, como sinal de respeito a eles, deveriam cobrir o próprio rosto quando falavam em nome de um desses deuses. Outro motivo era o fato de que as peças eram apresentadas para muita gente ao mesmo tempo, e as máscaras gregas eram construídas de modo a ampliar o som da voz dos atores.

86

2. Chame a atenção da turma para o caráter expressivo presente nas máscaras. Uma vez que a máscara formaliza uma imagem fixa do rosto, é importante dar muita atenção à expressão que tal rosto apresenta, pois é a partir dessa expressividade que será elaborada a criação da personagem pelo seu intérprete.

No teatro grego havia dois gêneros principais de peças de teatro e cada um deles contava tipos de história diferentes: a **tragédia** e a **comédia**. Por falarem de emoções opostas, cada um desses estilos também precisava de máscaras específicas.

Outra forma de teatro que utiliza máscaras é a *commedia dell'arte*, um tipo de teatro popular, criado na Itália, em que as personagens eram divididas em classes sociais: os patrões e os criados. O Arlequim (também chamado Zanni) era uma das personagens mais famosas, pois, além de ser muito esperto, fazia saltos e piruetas para escapar das confusões em que se metia. Essa foi uma arte tão popular em seu tempo que suas personagens estão presentes até hoje em várias outras manifestações artísticas, como o Carnaval, o circo e o próprio teatro.

O espetáculo *Zaborim – o rei vagabundo*, do grupo Barracão Teatro, de Campinas (SP), apresenta um diálogo entre as máscaras da *commedia dell'arte* e a do palhaço.



Cena do espetáculo *Zaborim – o rei vagabundo*, do Barracão Teatro, em Campinas (SP). Fotografia de 2015.

## Técnicas da arte

### Criando uma máscara

Agora faremos uma máscara!

#### Você precisará de:

- Lâmina/folha de papelão ou papel-cartão
- Lápis, pincel e guache
- Tesoura de pontas arredondadas e cola
- Pequenos objetos de sucata, papel colorido, lantejola, entre outros elementos, para fazer os detalhes como sobrancelhas, cílios, cabelos e outros que quiser criar
- 50 cm de elástico ou barbante

O professor o ajudará na confecção da máscara, auxiliando com os materiais e em algumas das etapas do processo.



MARI HEFFNER

## Técnicas da arte – Criando uma máscara

**Habilidade:** (EF15AR21)

**Roteiro de aula**

**Objetivos:** Propor ao estudante que crie uma máscara, de modo a compreender na prática alguns elementos que a constituem, principalmente a definição do aspecto expressivo dela. Também é um dos objetivos propor ao estudante que exercite a imaginação e o faz de conta ao vestir a máscara e criar uma personagem a partir dela.

**Duração:** 45 min

**Materiais necessários:** As máscaras serão individuais, porém, há materiais que poderão ser compartilhados pelos estudantes no grupo. Por estudante: lâminas de papelão ou papel-cartão – uma peça de 30 cm x 20 cm por estudante; material para prender a máscara no rosto do estudante (barbante, elástico). Para uso em grupo: material de desenho (lápis, caneta, borracha), material para colorir (caneta hidrográfica, tinta guache), material para cortar (tesoura, outros elementos para decorar as máscaras (folhas coloridas, materiais recicláveis, lantejoulas etc.).

**Observações:** Por se tratar de uma atividade que envolve recorte das lâminas de papelão, é importante que o professor acompanhe todas as etapas da confecção da máscara. A atividade pode ser feita em duas etapas para que cada etapa de confecção dure o tempo necessário.

**Desenvolvimento:** Avise os estudantes de que cada um vai confeccionar a própria máscara, mas que serão organizados em grupo para poderem usar alguns materiais de forma colaborativa. Proponha que cada um imagine uma personagem e pense nas emoções e sentimentos dela. As máscaras a serem confeccionadas representarão essa personagem. Organize-os em pequenos grupos (3 ou 4 estudantes). A partir de então, proponha que façam um desenho da máscara a ser criada em uma folha avulsa. Esse desenho será reproduzido no papelão ou papel-cartão. Para essa transposição, é importante que você auxilie os estudantes a dimensionar tanto o tamanho de sua cabeça como a localização da boca e do nariz, de modo a marcar onde serão recortados os orifícios dessas partes. A partir de então, auxilie os estudantes em todas as etapas que envolvem a pintura, o corte e o ajuste da máscara no rosto.

**Avaliação:** Verifique se a turma teve êxito em traduzir a emoção ou sentimento escolhido para o material da máscara. A partir desse diagnóstico, observe se a turma consegue relacionar a expressão escolhida com a criação de uma personagem quando vestem a máscara. Então verifique se a turma compreende as relações entre máscara e jogo, tendo como foco o caráter expressivo desse elemento.

### Como fazer:

- 1 Avalie a medida aproximada de seu rosto. Marque a medida em uma folha de papel. Depois, decida se quer fazer uma máscara do tamanho do seu rosto ou maior.
  - É muito importante que você defina a expressão da sua máscara levando em conta a emoção ou sensação que ela simboliza (alegria, cansaço, tristeza, riso etc.).



Com o lápis, desenhe a máscara que você imaginou em um pedaço de papelão ou papel-cartão. Lembre-se da expressão que você definiu para representar na máscara e dos espaços onde serão feitos os buracos para os olhos e a boca.

- 3 Pinte sua máscara com as cores que quiser e coloque outros elementos para fazer os detalhes que tornem sua máscara interessante.



ILUSTRAÇÕES: MARI HEFFNER



Quando a máscara estiver pronta, com auxílio do professor e com a tesoura de pontas arredondadas, recorte a abertura dos olhos e a boca na máscara. Aproveite e crie um furo do lado direito e outro do

lado esquerdo, por onde você passará o elástico ou o barbante para amarrar a máscara à sua cabeça.

- 5 Passe o elástico ou o barbante pela máscara e ajuste na cabeça. É importante que a máscara não fique nem muito apertada, nem muito solta quando você a colocar.



Quando você colocar sua máscara, apresente o resultado para o restante da turma. Experimente criar uma voz e um comportamento para o seu personagem: como ele anda? Como ele se expressa? Qual é a sua história?

- 7 Não se esqueça de apreciar a criação de seus colegas.
- 8 Agora, avalie como foi realizar o trabalho e como ficou o resultado.



## Coro e corifeu

Em uma encenação teatral, o **coro** representa o coletivo e é realizado por diversas pessoas ao mesmo tempo.

Na Grécia, o teatro surgiu de uma festa que era realizada de tempos em tempos. Nessa festa, havia o coro, ou seja, muitas pessoas que cantavam, dançavam e declamavam textos para os outros participantes.

Com o passar do tempo, o coro no teatro foi se transformando. Em algumas peças, como o espetáculo *Ricardo III*, do grupo Clowns de Shakespeare, os artistas criaram um coro para contar e cantar a história de um rei ambicioso que foi escrita há mais de quatro séculos. Assim, o coro é um elemento fundamental para ajudar a contar essa história para o público de hoje.

No espetáculo musical *Roda viva*, do Teatro Oficina, o coro da peça, vestido com roupas coloridas e com o rosto pintado de branco, narra a trajetória de um músico que fica muito famoso, mas acaba engolido pelo seu sucesso.

Como o coro é composto de diversas pessoas, é importante que exista algum elemento em comum entre elas. Assim, elas geralmente usam o mesmo figurino e, algumas vezes, usam máscaras ou maquiagem no rosto. Com isso, os espectadores podem reconhecer que todas essas pessoas fazem parte do mesmo coletivo.



Artistas do grupo Clowns de Shakespeare, em Natal (RN), encenam o espetáculo *Ricardo III*. Fotografia de 2013.



O **corifeu**, por sua vez, é como chamamos um dos participantes do coro. O corifeu se destaca em alguns momentos e ajuda a organizar o movimento geral do coro.

Coro do espetáculo *Roda viva*, no Teatro Oficina, em São Paulo (SP). Fotografia de 2019.

## Coro e corifeu

### Habilidade: (EF15AR18)

Apresentamos as figuras do coro e do corifeu em diálogo com o uso das máscaras no teatro. A máscara, por seu caráter lúdico, pode ser utilizada por diferentes pessoas e uma mesma máscara pode ser usada por muitos ao mesmo tempo. Essa percepção desconstrói a ideia de que apenas uma pessoa pode representar determinada personagem no acontecimento cênico. Assim, a máscara e o coro são dois elementos da linguagem teatral que dialogam muito. Para reconhecer diversos tipos de coralidade, pode-se assistir junto à turma a trechos dos espetáculos *Ricardo III*, do grupo Clowns de Shakespeare, *O amargo santo da purificação*, da Tribo de Atuadores Ôi Nóis Aqui Traveiz, e *Roda Viva*, do Teatro Oficina.

## Vamos experimentar – Coro e corifeu

**Habilidade:** (EF15AR21)

**Roteiro de aula**

**Objetivos:** Propor ao estudante que reflita e experimente movimentações cênicas corais, exercitando a imaginação e o faz de conta.

**Duração:** 45 min

**Materiais necessários:** Espaço livre de objetos e móveis e equipamento de som.

**Desenvolvimento:** Para a Etapa 1, é importante que você chame a atenção dos estudantes que estiverem realizando a atividade (especialmente do corifeu) para que se movimentem lentamente, de modo que todos possam acompanhar a movimentação. Lembre os estudantes de que não se trata de copiar exatamente o movimento do corifeu, mas, sim, de se aproximar do movimento (peso, velocidade, características etc.), de modo a dar a impressão de um movimento coral para quem o assiste. Uma vez que o jogo estiver mais encaminhado, pode-se propor um aumento na velocidade e intensidade dos movimentos. Na Etapa 2, você pode instigar a turma a experimentar fisicalidades de acordo com as situações propostas. Ofereça alguns estímulos sonoros e musicais para propiciar um maior engajamento da imaginação da turma.

**Avaliação:** Instigue os estudantes a conversar sobre as dificuldades de se movimentar em coro, assim como relatar os momentos mais divertidos vivenciados. Também peça àqueles que assistiram às experimentações que relatem os momentos em que mais tiveram a sensação de observar um movimento coral.

Você pode colocar algum estímulo sonoro para animar a brincadeira.

## Vamos experimentar

### Coro e corifeu

Agora, experimente brincar de coro e de corifeu.

Esta prática tem duas etapas e precisa ser realizada em um espaço livre e amplo, para que todos se movimentem.

#### Etapa 1

- 1 Comecem com uma brincadeira: no espaço livre todos ficam em pé. Um dos participantes fica na frente e todos os outros ficam atrás dele. É importante que os que estejam atrás se distribuam bem, deixando espaço entre si para se movimentarem juntos.
- 2 Quem está na frente (corifeu) iniciará um movimento bem lento. Quem está atrás deve imitar o movimento realizado. Assim, todos os participantes farão coletivamente o mesmo movimento.
- 3 O corifeu pode voltar para junto do coro. Quando isso acontecer, outro participante deve se colocar à frente do coletivo para seguir experimentando os movimentos.



## Etapa 2

A segunda etapa é parecida com a primeira, mas agora vocês devem definir a personagem que representam coletivamente. Algumas sugestões são:

- um coro de macacos;
- um coro de astronautas;
- um coro de moscas;
- um coro de gatos.

**Professor, você pode colocar algum estímulo sonoro para animar a brincadeira.**

- 1 Coletivamente vocês devem seguir percebendo o movimento do corifeu para que todos possam se movimentar ao mesmo tempo e da mesma forma.
- 2 Aos poucos, além do movimento, o corifeu proporá uma voz para essa personagem que vocês estão experimentando coletivamente. O coro deve ficar atento, escutar e imitar essa voz criada pelo corifeu.
- 3 Ao final da prática, converse com a turma e o professor sobre as maiores dificuldades que você teve ao se movimentar coletivamente. Depois, responda às seguintes questões: **Respostas pessoais.**

- Como você se sentiu sendo o corifeu?

---



---



---

- Quais os momentos mais difíceis de se movimentar coletivamente? Por quê?

---



---



---

- Quais os momentos mais divertidos da experiência? Por quê?

---



---



---

## Orientações e comentários das atividades

1. Avalie se o estudante reconhece as diferenças entre liderar o movimento como corifeu e reagir a ele como participante do coro. Como o papel de corifeu é responsável por propor o movimento, é possível que alguns dos estudantes encontrem alguma dificuldade nessa posição. Converse com eles sobre os motivos e diferenças presentes nas diversas posições do jogo.
2. Chame a atenção para o cuidado que o jogador que está na posição de corifeu deve ter em relação às pessoas que estão no coro. O corifeu não deve realizar movimentos rápidos a ponto de os outros jogadores não conseguirem segui-lo. Assim, a atenção no jogo é recíproca. Tanto o coro deve estar atento ao corifeu como quem lidera o movimento deve prestar muita atenção ao coro que o segue.

## Capítulo 8 – A máscara do palhaço

**Habilidades:** (EF15AR18), (EF15AR25)

Neste capítulo, os estudantes serão convidados a reconhecer e apreciar uma das máscaras mais populares, presente em festividades, no teatro e no circo: a máscara do palhaço. De acordo com o *Dicionário do teatro brasileiro*, “O termo palhaço vem do italiano *pagliaccio*. Seus sinônimos são truão e bufão. O nome surgiu não porque o artista aparecesse vestido de palha, mas com um tecido de palha de estopa que lembrava os sacos de carregar e armazenar a palha. O termo foi adotado para designar um tipo cômico do teatro e do circo. A personagem vem caracterizada de maneira grotesca, torpe, tola e ridícula e sua interpretação consiste essencialmente em uma mímica de caráter ostensivamente farsesco” [GUINSBURG, Jacob; FÁRIA, João Roberto; LIMA, Mariangela Alves de. (orgs.) *Dicionário do teatro brasileiro*: temas, formas e conceitos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008. p. 255].

Do mesmo modo como no capítulo anterior, destaca-se a presença de palhaços em manifestações tradicionais, como no caso da Folia de Reis brasileira. Festa sincrética, as Folias são consideradas patrimônio imaterial pelo Iphan. Nessa festividade religiosa, os palhaços intervem de modo a trazer para a celebração o caráter mundano e profano do rito. Após essa apresentação geral sobre palhaços, os palhaços na arte do teatro e do circo serão trabalhados, dando destaque a alguns dos mais importantes palhaços da história do país.

### CAPÍTULO

# 8

## A máscara do palhaço

### Palhaços na festa

Uma das máscaras mais importantes da linguagem teatral é a do palhaço. Assim como você verá neste capítulo, os palhaços estão presentes em diversos lugares: festas, ruas, feiras, teatros e circos.

Uma festa bastante popular no Brasil é a Folia de Reis. Ela acontece principalmente em cidades das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro.



Palhaços de Folia de Reis na cidade de São José dos Campos (SP). Fotografia de 2019.

### O que é essa imagem?

Respostas pessoais.

1. Descreva o que você vê na fotografia.
2. O que mais chamou sua atenção?
3. Você já participou de alguma festa de Folia de Reis?
4. Escreva abaixo três características que você observa nas vestimentas desses palhaços da Folia de Reis.

Podem ser vistas figuras mascaradas. Destacam-se as cores vivas das vestimentas e da própria máscara.

Os estudantes podem destacar as cores fortes das vestimentas, as máscaras com

expressões um tanto assustadoras (dentes protuberantes e afiados, narizes pontiagudos,

expressão de ferocidade ou de escárnio), o fato de que o corpo inteiro do intérprete está vestido e paramentado, os bastões e o pelo colorido nas máscaras.

A Folia de Reis é uma festa que celebra a viagem dos reis magos para ir ao encontro do menino Jesus. Por isso, ela acontece a partir do Natal.

Durante a festa, existe um grande cortejo que percorre as ruas da cidade, contando a história dos reis magos. Nesse trajeto, aparecem também os palhaços

92

### O que é essa imagem?

#### Orientações e comentários das atividades

3. Uma rápida busca virtual (inclusive no *site* do Iphan) resulta em uma série de vídeos dessa festividade. Pode-se assistir a alguns deles com a turma, de modo que possam compreender as etapas e os sentidos dessa celebração.

da Folia. Essas personagens fazem barulho, saltam e chamam a atenção dos participantes. Às vezes elas são engraçadas, às vezes elas dão medo. Esses palhaços usam máscara e cobrem o corpo todo durante a festa. Sua principal função é a de divertir e provocar uma reflexão sobre as más atitudes humanas.

Acredita-se que os palhaços da Folia protegem a festa porque mantêm as forças do mal sob controle.

## Palhaços no teatro



Estupenda – Circo di SóLadies. Espetáculo circense feito por palhaços, em São Francisco Xavier (SP). Fotografia de 2018.

### O que é essa imagem?

Respostas pessoais.



1. O que faz você rir no seu dia a dia?
2. Você gosta de fazer as outras pessoas rirem? Se a resposta for sim, o que você faz para que os outros riam?
3. O que chama mais sua atenção na figura das palhaças da fotografia?

Há muitos séculos os palhaços estão presentes nas sociedades. Primeiro, atuavam nos espaços da rua e da feira. Depois, passaram a atuar também no circo. Nos dias atuais, existem espetáculos de teatro realizados por palhaços.

Os palhaços são extremamente curiosos, parecem crianças muito pequenas que estão descobrindo o mundo. Eles nos fazem rir porque mostram como o mundo é cheio de coisas absurdas e interessantes. Além disso, o palhaço costuma não respeitar regras. Onde é proibido dormir, ele dorme. E onde não se pode fazer barulho, ele faz uma confusão!

93

### Sugestão de site

- **Lume Teatro.** Disponível em: <<http://www.lumeteatro.com.br>>. Acesso em: 4 mar. 2021.

## Palhaços no teatro

### Habilidade: (EF15AR18)

Após a apresentação da presença de palhaços nas festividades tradicionais, convidamos os estudantes a reconhecer e apreciar a existência da tradição de palhaçaria no teatro e no circo. Para isso, apresentamos o trabalho do palhaço Teotônio, criado por Ricardo Puccetti. Experimente assistir a alguns trechos do espetáculo disponíveis no site do Lume Teatro (ver endereço eletrônico na sugestão). Se possível, leve os estudantes a algum circo ou espetáculo de palhaçaria que esteja em cartaz em sua região. Há diversos espetáculos de palhaço que estão disponíveis em plataformas *on-line*. Uma rápida busca em mecanismos de pesquisa virtual pode levar a *links* desses espetáculos ou números.

### O que é essa imagem?

#### Orientações e comentários das atividades

1. Instigue o estudante a lembrar quais são os programas de televisão, filmes, leituras, brincadeiras etc. em que ele se percebe rindo de algo ali presente.
2. É importante que você proponha que o estudante comece a identificar o que faz com que os outros ao seu redor riam. Tal assunto será mais bem abordado ao longo do capítulo, em particular na seção *A arte faz pensar*. Caso o estudante responda que não, pergunte por quê.
3. Há muitas respostas possíveis e todas precisam ser aceitas. Chame a atenção para a presença intensa da cor vermelha no nariz, que formaliza a máscara do palhaço. Além disso, contribui para a formação da máscara a maquiagem branca que ocupa parte da face das intérpretes. Chame a atenção para o fato de os palhaços usarem uma espécie de colete, gravata e chapéu.

## Atividade complementar – Assistindo a um espetáculo de palhaço com a turma

**Habilidade:** (EF15AR18)

**Objetivos:** Propor ao estudante que reconheça e aprecie as formas artísticas da palhaçaria por meio de uma saída para assistir a algum espetáculo de teatro ou de circo que esteja em cartaz na cidade ou região.

**Duração:** Um período.

**Observações:** Para organizar essa saída, é importante estabelecer um diálogo com a direção e a coordenação da escola, de modo a tornar os responsáveis pelos estudantes cientes da atividade, além de programar um meio de transporte que permita às crianças acessarem o lugar onde será realizado o espetáculo.

**Desenvolvimento:** Antes da saída, crie alguns combinados com a turma a respeito do comportamento ao longo de todo o passeio. Além disso, pontue alguns elementos que podem ser observados com maior cuidado, de modo a potencializar os aprendizados em sala de aula, tais como: Como se vestem os palhaços? O que eles fazem que os torna engraçados? Qual é o nome deles?

**Avaliação:** Após a realização da atividade, proponha uma conversa com a turma, pedindo que falem sobre os momentos mais prazerosos do espetáculo assistido. Peça a eles que identifiquem os principais elementos da figura do palhaço, de modo a verificar se seu aprendizado foi potencializado pela ida a um espetáculo de palhaçaria.

MARIANA ROTELI



Teotônio é um palhaço interpretado pelo ator Ricardo Puccetti. No espetáculo *La Scarpetta*, Teotônio faz uma série de números: mágica, equilíbrio, contorcionismo e até acrobacia com ovos!

Ricardo Puccetti, o palhaço Teotônio, em cena no espetáculo *La Scarpetta*, no Lume Teatro, em Campinas (SP). Fotografia de 2015.

### 1. Escreva o que o texto conta sobre os palhaços.

a. Onde os palhaços atuam nos dias de hoje?

Resposta esperada: No circo, no teatro, nas ruas, nas feiras.

b. Por que os palhaços divertem as pessoas?

Resposta possível: Porque fazem coisas absurdas, interessantes.

c. O que faz o palhaço Teotônio ser tão engraçado?

Resposta possível: Ele faz muita confusão em suas apresentações.

ZAZ

## Criando um palhaço

### Etapa 1 - Imaginar como é o palhaço e qual é o nome dele

A primeira coisa a fazer é criar o seu palhaço. Para isso, responda às perguntas seguintes. Respostas pessoais.

1.

Qual é o nome do seu palhaço? Por que você deu esse nome a ele?

2. O que ele mais gosta de comer?

---

3. Do que ele mais tem medo?

---

4. Qual é a piada favorita dele?

---

### Etapa 2 – Vestir a roupa e os adereços do palhaço

1 Depois de ter criado o seu palhaço, pense em como ele gosta de se vestir.

- Lembre-se de que um palhaço gosta de cores e roupas extravagantes e fora do comum.

2 Escolha algumas peças de roupa que mais tenham a ver com seu palhaço e vista-se com elas.

3 Pense em adereços que tenham a ver com o seu palhaço. Você pode colocar esses elementos em alguma parte da roupa que você escolheu ou em alguma parte de seu corpo.

### Etapa 3 – Criar a maquiagem do palhaço

1 Para a maquiagem, você usará: base, *pancake* branco e uma maquiagem artística da cor vermelha, para pintar algumas partes do rosto e fazer o nariz.

2 Com auxílio do professor, pinte algumas partes de seu rosto.

- Lembre-se de que a maquiagem de palhaço destaca algumas áreas do rosto, como o nariz, a sobrancelha e a boca.

3 Quando você estiver maquiado, pode se juntar à turma, apresentar seu palhaço e conhecer as criações dos outros colegas.



4 Agora, converse com os colegas e o professor. **Respostas pessoais.**

- Você criou a ideia do palhaço lembrando-se de um palhaço conhecido ou inventou tudo?
- Em quais outras brincadeiras poderá usar a fantasia que você criou?
- Toda a turma se divertiu da mesma forma? Explique por quê.

**Avaliação:** Converse com a turma a respeito das personagens criadas: Por que os estudantes realizaram as opções por essa personagem e não por outras? Experimente fazer com que a turma reconheça suas escolhas ao longo do processo criativo.

## ZAZ – Criando um palhaço

**Habilidade:** (EF15AR21)

**Roteiro de aula**

**Objetivos:** Propor ao estudante que crie uma máscara de palhaço, de modo a compreender na prática alguns elementos que constituem o jogo cômico, exercitando a imaginação e o faz de conta na criação de uma personagem.

**Duração:** 45 min

**Materiais necessários:** Roupas e adereços, base, *pancake* branco, outras maquiagens artísticas, tinta vermelha.

**Observações:** Para a realização dessa atividade, é importante que você peça auxílio dos funcionários da escola e dos familiares dos estudantes para coletar o máximo possível de peças de roupa usadas, tecidos e outros materiais que possam compor a vestimenta do palhaço. (Verifique em todas as doações de peças se elas estão limpas.) Caso não seja possível reunir esse material, pode-se propor a eliminação da Etapa 2. Também fique atento para as maquiagens a serem utilizadas. Para não causar nenhum risco à pele dos estudantes, deve-se optar por maquiagens artísticas, e não outros tipos de tinta.

**Desenvolvimento:** Instrua o estudante a elaborar a sua personagem-palhaço ao longo da Etapa 1, de modo a responder e refletir a respeito de todas as perguntas indicadas no livro. Na Etapa 2, ajude-os a escolher e vestir por cima de suas roupas próprias algumas das peças de roupa disponíveis que mais combinem com a personagem criada. Por fim, acompanhe o processo da maquiagem dos estudantes de modo a auxiliá-los de acordo com dúvidas e dificuldades. Se houver tempo, proponha um jogo rápido em que cada palhaço se apresente para o restante da turma.

## ZUM! – Palhaças e palhaços brasileiros

### Habilidade: (EF15AR18)

Como modo de expandir as referências da turma a respeito de artistas e obras, apresentamos três importantes palhaços brasileiros: os palhaços Piolin, Benjamin de Oliveira e Xamego, interpretado por uma mulher. Se possível, assista com a turma a trechos de apresentações e entrevistas com essas figuras, encontradas em buscas virtuais. O coletivo Circo di Sóladies, ao longo da pandemia causada pelo coronavírus, criou em seu canal virtual uma série de entrevistas com mulheres palhaças que também podem ser compartilhadas com a turma para reflexão.

Você pode escutar com a turma o samba-enredo referente à vida do palhaço Benjamin de Oliveira. Peça que circulem e escrevam as palavras que não conhecem e, com o auxílio de um dicionário, explique esses termos a eles.

### O rei negro do picadeiro

Olha nós aí de novo  
Pra sambar no picadeiro  
Arma o circo, chama o povo,  
Salgueiro  
Aqui o negro não sai de cartaz  
Se entregar, jamais  
Bravo  
Há esperança entre sinais e trampolins  
E a certeza que milhões de Benjamins  
Estão no palco sob as luzes da ribalta  
Salta, menino.

O vídeo do samba-enredo está disponível no canal de vídeos oficial da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Liesa): <[https://www.youtube.com/watch?v=DbS5tc\\_Bfms](https://www.youtube.com/watch?v=DbS5tc_Bfms)> (acesso em: 24 jul. 2021).

A partir da letra da música, expanda a compreensão do estudante a respeito da biografia do palhaço Benjamin de Oliveira.

A biografia do palhaço brasileiro pode ser escutada no *podcast* Expresso Ilustrada, da *Folha de*



## Palhaças e palhaços brasileiros

Xaveco, Xamego, Zaborim, Birota, Josefina, Rubra... A escolha do nome é muito importante para o palhaço!

Um dos mais destacados palhaços brasileiros, o palhaço Piolin (1897-1973), chamava-se na verdade Abelardo. Como era muito magro, alguns artistas espanhóis chamavam Abelardo de *piolín* (barbante, em espanhol). Piolin foi um palhaço que teve seu talento reconhecido internacionalmente.

O dia 27 de março é considerado o Dia do Circo no Brasil porque celebra a data de nascimento desse grande artista.

Outro importante palhaço brasileiro foi Benjamin de Oliveira (1870-1954). Ele é considerado o primeiro palhaço negro do país. No ano de 2020, Benjamin foi tema do samba-enredo da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, do Rio de Janeiro (RJ).



FOLHAPRESS



ANDERSON BORBENAGNIENS

Acima, o palhaço Piolin. Local e datas desconhecidos. À direita, o ator Ailton Graça interpreta o palhaço Benjamin de Oliveira na preparação do Carnaval da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, no Rio de Janeiro (RJ). Fotografia de 2019.

96

→ S.Paulo, no link: <<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2019/06/expresso-ilustrada-conta-a-historia-do-primeiro-palhaco-negro-a-fazer-sucesso-no-pais.shtml>> (acesso em: 24 jul. 2021).



1. Em sua opinião, por que o nome da palhaça ou do palhaço é importante?
2. Você já viu palhaços ou palhaças se apresentando? Sabe o nome de algum deles?

Respostas pessoais.



Cartaz do documentário *Minha avó era palhaço!*, Brasil. Estreia em 2016.

### Dica

- O documentário *Minha avó era palhaço!* apresenta a história do palhaço Xamego. Esse palhaço era, na verdade, interpretado por uma mulher: Maria Eliza. Na época em que atuou, não havia mulheres como palhaças. Por isso, Maria Eliza decidiu transformar esse cenário criando o palhaço Xamego, e se tornou a primeira palhaça do Brasil. No documentário, essa história é contada pela neta de Maria Eliza, a atriz Mariana Gabriel, que também atua como palhaça!
- Neste vídeo, Mariana Gabriel – a palhaça Birota – é entrevistada pela palhaça Úrsula, do Circo di Sóladies. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=G7nHaZFbYvQ&ab\\_channel=CircodiS%C3%B3Ladies](https://www.youtube.com/watch?v=G7nHaZFbYvQ&ab_channel=CircodiS%C3%B3Ladies)>. Acesso em: 5 mar. 2021.

Professor, você pode assistir com os estudantes ao vídeo da entrevista da palhaça Birota com as artistas do Circo di Sóladies a respeito de sua relação com sua avó, a palhaça Xamego. A história de Xamego pode dar ensejo a uma importante discussão a respeito do papel e do protagonismo feminino no picadeiro e no humor brasileiro. Nascida em uma época em que as mulheres tinham pouco acesso aos espaços da arte e, por isso, transitavam pouco neles, Maria Eliza inspira hoje diversas artistas e serve como símbolo de resistência e luta feminina na arte.

## A arte faz pensar – Humor e preconceito

Os estudos sobre a máscara cômica dos palhaços convidam a turma a refletir sobre o humor e suas modalidades. Nesse momento, é importante debater coletivamente uma questão de ordem das sociedades contemporâneas: a relação entre humor e preconceito. Em sala de aula, um dos temas mais candentes de atenção docente é o *bullying*. *Bullying* é uma forma de agressão (de ordem psicológica, verbal e até mesmo física) que abala os aspectos socioemocionais do indivíduo, podendo acarretar traumas duradouros.

Para criar uma ponte de discussão entre *bullying* e temas referentes às linguagens artísticas, sugerimos que a turma conheça a obra *A terra dos meninos pelados*, livro clássico infantojuvenil escrito por Graciliano Ramos. Propomos especialmente a leitura do primeiro capítulo da obra, em que Raimundo sofre preconceito por parte de seu grupo social por ser diferente, sendo alvo de piadas e zombarias. Experimente ler com calma esse trecho para os estudantes. Peça que circulem todas as palavras que não conhecem, aproveitando para expandir o vocabulário deles. Após ler o trecho, solicite que recontem o que compreenderam da narrativa, de modo a explicitar os acontecimentos descritos nesse capítulo.

### Experimente em casa

Para aproximar os familiares do estudante desse debate, oriente a turma a trabalhar a atividade em casa e a ler com calma o trecho do livro destacado na p. 98 com seus familiares. Peça aos estudantes que circulem todas as palavras que não conhecem, aproveitando para expandir seu vocabulário. Após ler o trecho, solicite que recontem aos familiares o que compreenderam da narrativa, de modo a explicitar os acontecimentos descritos no texto, e que, com o auxílio deles, respondam às perguntas da p. 99.

## A arte faz pensar

### Humor e preconceito

Como vimos anteriormente, por meio do humor podemos perceber as pessoas e o mundo ao nosso redor de novos jeitos. Entretanto, muitas vezes o humor também pode ser utilizado como forma de preconceito.

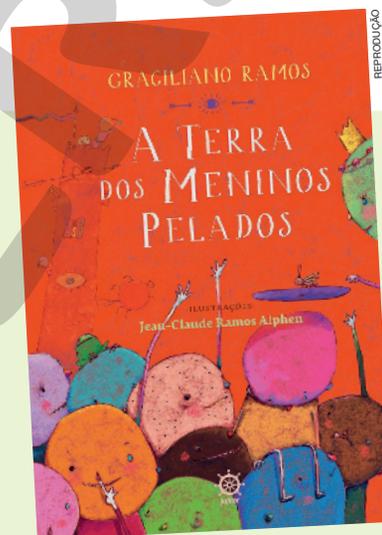
### Experimente em casa

1. Em sua casa, com seus familiares, leia devagar e em voz alta o trecho abaixo do primeiro capítulo do livro *A terra dos meninos pelados*, do escritor brasileiro Graciliano Ramos.

#### Capítulo Um

Havia um menino diferente dos outros meninos. Tinha o olho direito preto, o esquerdo azul e a cabeça pelada. Os vizinhos mangavam dele e gritavam: — Ó pelado! Tanto gritaram que ele se acostumou, achou o apelido certo, deu para se assinar a carvão, nas paredes: Dr. Raimundo Pelado. Era de bom gênio e não se zangava; mas os garotos dos arredores fugiam ao vê-lo, escondiam-se por detrás das árvores da rua, mudavam a voz e perguntavam que fim tinham levado os cabelos dele. Raimundo entristecia e fechava o olho direito. Quando o aperreavam demais, aborrecia-se, fechava o olho esquerdo. E a cara ficava toda escura. Não tendo com quem entender-se, Raimundo Pelado falava só, e os outros pensavam que ele estava malucando. Estava nada! Conversava sozinho e desenhava na calçada coisas maravilhosas do país de Tatipirun, onde não há cabelos e as pessoas têm um olho preto e outro azul.

Graciliano Ramos. *A terra dos meninos pelados*.  
Rio de Janeiro: Galera, 2014.



### Sugestão de leitura

Como sugestão para um debate entre docentes da escola, uma dica de leitura para aprofundar a discussão entre humor e preconceito (mais especificamente o de ordem racial) é o livro indicado a seguir.

- MOREIRA, Adilson. **O que é racismo recreativo**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

Nesta obra, o autor problematiza as ferramentas, particularmente as humorísticas, de representação de pessoas negras pelas produções culturais brasileiras, flagrando elementos que constituem uma ambiência estrutural racista.

2. Com base na leitura desse trecho da história de Raimundo, responda:

a. Qual é a personagem principal?

Um menino chamado Raimundo.

b. Como é a aparência do menino?

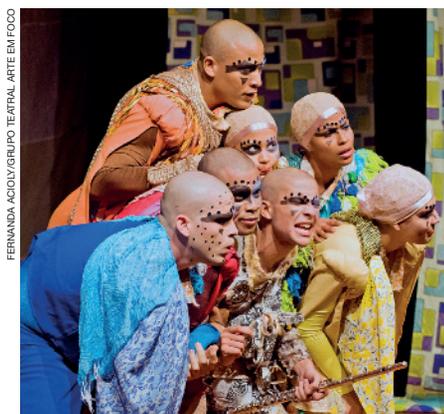
Careca, com um olho azul e outro preto.

c. O que deixava Raimundo triste?

Resposta possível: O fato de os outros meninos zombarem de sua aparência.

d. O que é o país de Tatipirun?

Um lugar imaginário onde a aparência ou ser diferente não é importante; um lugar onde as pessoas têm as mesmas características físicas de Raimundo.



Cena de uma montagem teatral do livro *A terra dos meninos pelados* realizada em Recife (PE) pelo Grupo Teatral Arte em Foco. Fotografia de 2012.

3. Agora, converse com seus familiares a partir destas questões.

Respostas pessoais.

a. Em quais momentos as pessoas se incomodam quando riem delas?

b. Quando as pessoas gostam de provocar riso?

c. Ser parecido ou diferente é motivo para provocar riso? Por quê?

d. Como podemos contribuir para que todos se respeitem?

### Orientações e comentários das atividades

3. a) Procure fazer com que os estudantes reflitam sobre sua experiência, elencando momentos em que se incomodaram ao ser alvo de zombarias. Caso algum deles não queira partilhar publicamente esses episódios, converse com esse estudante em particular.

b) Convoque a turma para a percepção do caráter prazeroso do riso. Assim como rir de outras pessoas pode indicar um gesto violento, também podemos rir junto com os outros, com complacência e prazer. Provavelmente os estudantes têm essa sensação quando realizam experimentos cênicos, brincadeiras coletivas, mímicas etc.

c) A partir de uma conexão direta com a fábula do livro de Graciliano Ramos, pode-se indagar os estudantes por quais motivos rimos ou consideramos estranhas pessoas diferentes.

d) Incentive os estudantes a refletir sobre quais mudanças de comportamento pessoal e coletivo podem ser estabelecidas para a realização de um respeito mútuo em sala de aula. Algumas possibilidades são conversar com os colegas em vez de provocar conflitos, considerar as outras pessoas como semelhantes, por mais diferentes que sejam, e sempre conversar com os professores quando algum tipo de preconceito for percebido.

## Vamos experimentar – Festa dos emojis

Habilidade: (EF15AR21)

Roteiro de aula

**Objetivos:** Por meio de imagens digitais presentes em ferramentas de comunicação textual contemporâneas, propor aos estudantes que exercitem sua imaginação e o faz de conta, de modo a criar personagens para a realização de um jogo coletivo.

**Duração:** 45 min

**Materiais necessários:** Espaço amplo e sem objetos e móveis para a realização do jogo.

**Desenvolvimento:** Comece apresentando à turma as imagens de alguns *emojis* em que são visíveis expressões faciais. Peça a cada estudante que escolha um *emoji* específico ou distribua-os por sorteio. Oriente-os a reconhecer a expressão do *emoji* escolhido, de modo a criar uma transposição dessa expressão para seu rosto. A partir dessa criação, estimule os estudantes a expressar um modo de ser dessa personagem dos *emojis*: caminhar, falar, se comunicar etc. Quando todos tiverem criado suas personagens, proponha que realizem encontros entre si. Você pode colocar para tocar alguma música que estimule o jogo e a interação. Explique a eles que não devem alterar a expressão principal do *emoji* durante essa interação. Proponha que sustentem a personagem criada ao longo de toda a prática.

**Avaliação:** Ao final da prática, converse sobre as descobertas que fizeram em relação às conexões entre expressão facial, expressão corporal e criação de vocalidades. Também avalie se, quando juntos, se respeitaram mutuamente e tiveram interesse na criação dos outros colegas. Chame a atenção da turma para as possíveis conexões que podem ser estabelecidas entre essa prática e o uso de máscaras, uma vez que a ideia do jogo é a de que também fixem uma expressão em seus rostos.

## Vamos experimentar

### Festa dos emojis



Faremos um jogo coletivo baseado em alguns *emojis*. Os *emojis* foram criados no final da década de 1990 no Japão e são utilizados na comunicação por mensagens de texto, seja em celulares, seja nas redes sociais. Eles são representações gráficas que comunicam e ilustram, muitas vezes com humor, algumas sensações em uma conversa, e podem até mesmo substituir palavras.

Existem *emojis* de vários tipos: de expressões faciais, de lugares, de objetos, de animais, de comidas, de símbolos etc. Para essa prática, trabalharemos somente com os *emojis* de expressão facial.

#### Como fazer:

- 1 Escolha um *emoji* que represente alguma expressão facial.
- 2 Tente imitar a expressão do *emoji*, buscando transformar o seu rosto na expressão escolhida.
- 3 Quando você conseguir imitar a expressão do *emoji*, experimente transformar o seu modo de caminhar e de falar com base no estado de espírito representado pelo *emoji* escolhido.
  - É um *emoji* que fala? Ele fala alto ou baixo? Se move rápido ou devagar?
- 4 Após ter definido e treinado sua expressão facial e como o *emoji* se mexe e fala, apresente-se para os colegas.
- 5 Converse com os colegas e o professor. **Respostas pessoais.**
  - Como foi representar os *emojis* com a própria expressão facial, corporal e com sons que eles poderiam emitir?
  - Que *emoji* você escolheu? Por quê?

## Artes integradas

### Respeitável público: a arte do circo!



Cena do espetáculo *China esplêndida*, do Circo da China, em São Paulo (SP). Fotografia de 2019.

#### O que é essa imagem?

Respostas pessoais.

1. Você já foi ao circo? Se sim, quais foram os números circenses que você mais achou interessantes?
2. Quais são as principais habilidades que você pode destacar nos artistas que aparecem na fotografia?
3. Algum circo já esteve na cidade em que você mora? Conte qual foi e como estava armado.

Respeitável público, no circo vocês todos são bem-vindos!

O circo é uma linguagem artística muito antiga e extremamente popular, tendo existido em diversas civilizações do passado. Geralmente realizadas em uma **tenda**, também chamada de **lona**, as apresentações de circo reúnem artistas de especialidades diferentes, como malabaristas, acrobatas, trapezistas, contorcionistas, equilibristas, mágicos, palhaços, entre outros. É da natureza dessa linguagem a **itinerância**: o circo pode ser desmontado e remontado em outra cidade, viajando bastante. Em geral, o espaço do circo é arredondado, em formato de **arena**. O público pode se sentar ao redor do **picadeiro**, que é onde acontecem os números circenses.

## Artes integradas – Respeitável público: a arte do circo!

Habilidade: (EF15AR23)

A proposta da seção *Artes integradas* desta unidade apresenta a linguagem do circo. Nessa linguagem, podemos observar a presença da dança, do teatro, da música e das artes visuais. Trazemos imagens referentes ao circo chinês formado pelo Circo da China, uma vez que a tradição circense na China é extensa. Para o trabalho com essa seção, você pode mapear os circos presentes em sua região e, se possível, agendar uma visita da turma a algum espetáculo.

### O que é essa imagem?

Orientações e comentários das atividades

1. Aproveite a questão para expandir o repertório de imagens do estudante. Você pode assistir a trechos do documentário *Circo é... Circo*, realizado pela TV SESC. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iB93B97GhC0>>. Acesso em: 5 mar. 2021. Nesse documentário, diversos trabalhadores do circo relatam suas trajetórias artísticas e apresentam alguns números circenses.
2. Podem ser destacadas as habilidades de equilíbrio, força física e elasticidade corporal.
3. Os estudantes poderão apresentar várias respostas, como a forma como ele é montado, ser itinerante, apresentar atividades artísticas variadas, a localização do público, entre outras.

## Processo de criação – Cantando e encenando um coro de bailarinas e bailarinos

**Habilidade:** (EF15AR23)

**Roteiro de aula**

**Objetivos:** Propor uma criação coletiva a partir da teatralização de uma música, de modo que o estudante experimente um exercício de criação coral, exercitando a imitação e o faz de conta.

**Duração:** 45 min

**Materiais necessários:** Caixa de som, espaço aberto para que os estudantes possam improvisar livremente.

**Observações:** Essa prática realiza uma proposta integrada entre as linguagens de Teatro, Dança e Música. Pode-se também envolver o professor de Língua Portuguesa para a leitura e a compreensão de texto da música “Ciranda da bailarina”.

**Desenvolvimento:** Faça uma pesquisa na internet em busca do *link* da música “Ciranda da bailarina”. Procure algum equipamento na escola que possa reproduzir a canção para que toda a turma escute. Ouça com a turma a letra da música algumas vezes, de modo que os estudantes possam sanar dúvidas em relação às palavras que não compreendem (escarlatina, creolina etc.). Depois, proponha que cantem juntos, de modo a aprender a letra e a melodia da canção. Separe a turma em dois grandes grupos e retome o exercício do coro e corifeu (p. 89-91). Explique aos estudantes que se trata de um coro de bailarinos e bailarinas que deve corresponder à imagem idealizada da bailarina cantada na canção. Instigue a turma a criar a partir das seguintes questões: Como se move uma bailarina? Como ela mexe seus braços? E seus olhos? E seus pés? Instigue a turma a cantar a canção enquanto joga o jogo coro-corifeu, tornando a improvisação mais complexa.



Acrobatas do Circo da China durante o espetáculo *China esplêndida*, em São Paulo (SP). Fotografia de 2019.

Uma apresentação de circo é composta de **números** que, muitas vezes, não têm ligação entre si, sendo bastante diferente de uma peça de teatro. Esses números, também chamados de **rotina**, são apresentados em uma ordem previamente combinada pelos artistas. Assim, há a rotina dos malabares, dos trapezistas, dos palhaços etc.

Uma das mais fortes tradições do circo está na China.

A fotografia acima é de uma importante companhia circense chinesa em uma apresentação no Brasil. Seus espetáculos exibem diversos elementos da cultura chinesa (máscaras, bonecos, símbolos e canções), efeitos especiais e artistas com diversas habilidades físicas.



- Converse com os colegas e depois escreva as principais diferenças que podem existir entre o teatro e o circo.

**Resposta pessoal.** Os estudantes podem apresentar várias respostas, como a forma em que ele é montado, o fato de ser itinerante, as atividades artísticas variadas, a localização do público, entre outras.

102

➔ **Avaliação:** Após a realização da prática, solicite aos estudantes que foram espectadores que contem para o restante da turma o que viram. Instigue-os a refletir sobre os efeitos do movimento coral na cena e como tais elementos dialogam (ou não) com a letra da canção. Reproduza a letra toda na lousa para ler e cantar com os estudantes enquanto ouvem a música. Você pode, com antecedência, anotar a letra em um cartaz para mostrar no momento da aula.

## PROCESSO DE CRIAÇÃO

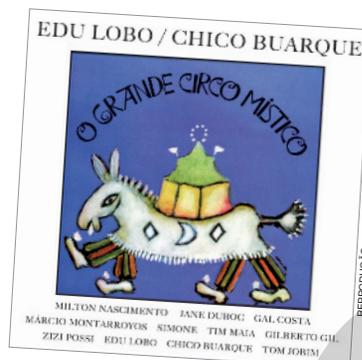
### Cantando e encenando um coro de bailarinas e bailarinos

No ano de 1983 foi lançado um espetáculo musical de teatro brasileiro chamado *O grande circo místico*, que contava a história do amor entre um homem rico e uma acrobata de um circo pequeno.

A mistura entre teatro, circo e música acontecia criando um momento especial para a imaginação dos espectadores.

A fotografia ao lado mostra a capa de um disco com as canções desse espetáculo.

As canções desse circo místico foram escritas por Edu Lobo (1943-) e Chico Buarque (1944-) e se tornaram bastante famosas no país.



- 1 Realizaremos uma atividade baseada em uma das canções do disco – “Ciranda da bailarina”.
  - Escute a canção que o professor colocará e preste atenção na letra, que ele apresentará por escrito.
  - Cantem todos juntos ouvindo a canção e lendo a letra.
  - No caderno, anote as palavras da canção que você não conhece para pesquisar o significado delas depois.
- 2 Agora, jogaremos novamente o jogo coro e corifeu.
  - Durante a música, enquanto todos cantam formando o coro, o corifeu realiza um movimento inventado, que tenha sentido com o dito na canção, para ser seguido pelo restante das pessoas que compõem o coro.
- 3 Converse com os colegas e o professor. **Respostas pessoais.**
  - O que você entendeu da letra da canção?
  - Quem é diferente de todo mundo?
  - Será que na realidade existe alguém como a bailarina?
  - Procurando bem, será que a bailarina nunca teve nada do que está escrito e todo mundo tem?

103

### Ciranda da bailarina

Procurando bem  
 Todo mundo tem pereba  
 Marca de bexiga ou vacina  
 E tem piriri, tem lombriga, tem ameba  
 Só a bailarina que não tem  
 E não tem coceira  
 Berruga nem frieira

Nem falta de maneira  
 Ela não tem

Futucando bem  
 Todo mundo tem piolho  
 Ou tem cheiro de creolina  
 Todo mundo tem um irmão  
 meio zarolho  
 Só a bailarina que não tem  
 Nem unha encardida  
 Nem dente com comida  
 Nem casca de ferida  
 Ela não tem

Não livra ninguém  
 Todo mundo tem remela  
 Quando acorda às seis da  
 matina  
 Teve escarlatina  
 Ou tem febre amarela  
 Só a bailarina que não tem  
 Medo de subir, gente  
 Medo de cair, gente  
 Medo de vertigem  
 Quem não tem

Confessando bem  
 Todo mundo faz pecado  
 Logo assim que a missa  
 termina  
 Todo mundo tem um  
 primeiro namorado  
 Só a bailarina que não tem  
 Sujo atrás da orelha  
 Bigode de groselha  
 Calcinha um pouco velha  
 Ela não tem

O padre também  
 Pode até ficar vermelho  
 Se o vento levanta a batina  
 Reparando bem, todo mun-  
 do tem *pentelho*\*  
 Só a bailarina que não tem  
 Sala sem mobília  
 Goteira na vasilha  
 Problema na família  
 Quem não tem

Procurando bem  
 Todo mundo tem...

\* termo vetado pela  
 censura da época

Edu Lobo e Chico Buarque. *Para o balé O grande circo místico*. 1982.  
 © 1986 – Marola Edições Musicais  
 Ltda. Disponível em: <[http://chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=cirandad\\_82.htm](http://chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=cirandad_82.htm)>.  
 Acesso em: 5 mar. 2021.

## Criar e Refletir

### Avaliação de processo

#### Criar

Para a realização desta criação visual, experimente apresentar ao estudante algumas imagens que possam inspirá-lo.

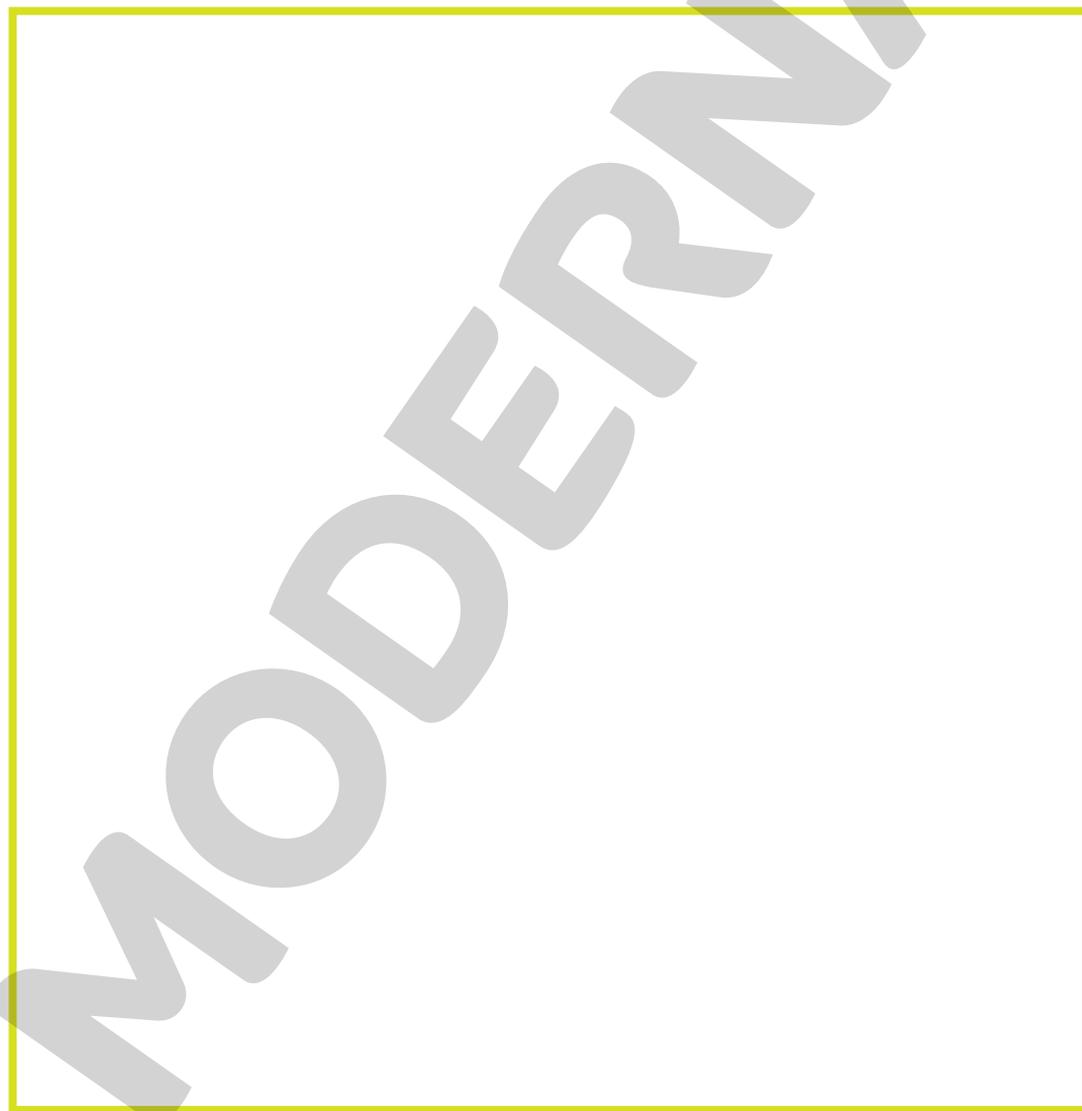
Recomendamos as obras que retratam a cena circense de Georges Seurat (1859-1891), Marc Chagall (1887-1985) e Djanira da Motta e Silva (1914-1979), que podem ser facilmente encontradas em uma busca virtual.



#### Criar

Agora é a sua vez de criar!

No espaço abaixo, imagine um circo e faça um desenho bem criativo e colorido, com o máximo possível de elementos que você acha que existem no circo.



MODERNA

**Refletir**

Professor, nesse momento de avaliação processual, oriente os estudantes a retomar alguns dos principais pontos estudados ao longo da unidade, destacando as atividades práticas realizadas, bem como os exemplos de artistas e obras estudados.

Após essa recapitulação, oriente os estudantes a responderem às questões e, se possível, peça que se reúnam em pequenos grupos para compartilharem suas respostas e aprendizagens.

**Refletir**

-  **1.** Em uma roda de conversa, lembre com os colegas o que vocês aprenderam nesta unidade sobre:
- Os diferentes tipos de máscara usados em festas (Folia de Reis), tradições espirituais (máscaras africanas) e no teatro e no circo.
    - Por que e quando elas são usadas?
  - A presença do coro e do corifeu nas apresentações teatrais e suas funções.
  - O que representam os palhaços para o humor.
  - Como é a linguagem do circo, seus artistas e apresentações.
  - Quando o humor pode levar ao preconceito.

-  **2.** Converse com os colegas e o professor sobre as questões a seguir. Depois, escreva as suas respostas.

- a.** Quais são as principais diferenças entre criar uma personagem de modo individual e de modo coletivo?

Incentive o estudante a estabelecer comparações entre práticas realizadas ao longo do capítulo, em especial a de criação de um palhaço (p. 94-95), a da festa dos emojis (p. 100) e a do coro de bailarinas e bailarinos (p. 103). É importante que o estudante compreenda que, no teatro, é possível que mais de uma pessoa componha a mesma personagem, como observamos ao estudar os conceitos de coro e corifeu.

- b.** O que você descobriu sobre o uso de máscaras no teatro e na vida?

Resposta pessoal. Retome com o estudante o percurso de estudo traçado ao longo da unidade, dando ênfase às experimentações práticas.

## Conclusão

Esta unidade desenvolveu o tema geral do volume – a relação lúdica e o caráter multicultural presente nas linguagens artísticas – por meio de duas abordagens: a importante presença do elemento da máscara na linguagem teatral (bem como em outras manifestações culturais e de ordem religiosa) e a relação entre máscara e humor, por meio da abordagem da figura do palhaço.

A perspectiva enunciada pela unidade de que no teatro somos muitos visou apresentar aos estudantes o caráter coletivo presente nessa linguagem. Essa ideia foi abordada mais especificamente por meio do estudo dos conceitos e da técnica de coro e corifeu, em que os estudantes puderam compreender praticamente a possibilidade da linguagem teatral de tratar uma mesma personagem de modo lúdico e coletivo, sem necessidade de individualizá-la.

De modo transversal, a unidade também discutiu temas contemporâneos, como o multiculturalismo e o respeito à diversidade, propondo uma discussão sobre as relações entre humor e preconceito com base na obra *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos, em diálogo interdisciplinar com Língua Portuguesa. Por fim, ao apresentar a linguagem circense, convidamos os estudantes a reconhecer uma nítida manifestação de Artes integradas, compondo um tipo de espetáculo multifacetado e coletivo.

## FICHAS DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM SUGERIDAS

### FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO – ESTUDANTE

Todos os itens devem ser previamente combinados e, posteriormente, discutidos com cada estudante.

#### 4º BIMESTRE – UNIDADE 4 FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

Nome: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Bimestre: \_\_\_\_\_

1. Sou capaz de distinguir os elementos das artes que fazem parte de uma apresentação teatral.

Sim

Às vezes

Não

2. O que estudei me ajudou a compreender o que é necessário para que aconteça uma encenação teatral.

Sim

Um pouco

Não

3. O que aprendi mudou minhas atitudes quando assisto a uma encenação teatral.

Muito

Pouco

Não mudou

4. Posso afirmar que o teatro muda com o tempo.

Sim

Não

5. Participei das etapas das práticas que foram feitas com o grupo.

Sim

Em parte

Não

6. Partilhei com meus familiares o que aprendi na escola sobre teatro.

Sim

Às vezes

Não

7. Participei das rodas de conversa com minhas ideias e opiniões.

Sim

Às vezes

Não

# FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM

## 4º BIMESTRE – UNIDADE 4

O registro na ficha de acompanhamento poderá ser feito de acordo com a legenda a seguir.

A legenda indica o nível de aprendizagem em relação ao desenvolvimento das habilidades da BNCC para o ano escolar:

**D** – habilidade desenvolvida satisfatoriamente

**PD** – habilidade em processo de desenvolvimento

**ND** – habilidade não desenvolvida minimamente, ficando apenas no nível de conhecimentos prévios

### HABILIDADES

(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

ESTUDANTES	(EF15AR18)	(EF15AR21)	(EF15AR23)	(EF15AR25)
1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				
11.				
12.				
13.				
14.				
15.				
16.				
17.				
18.				
19.				
20.				



## Dança

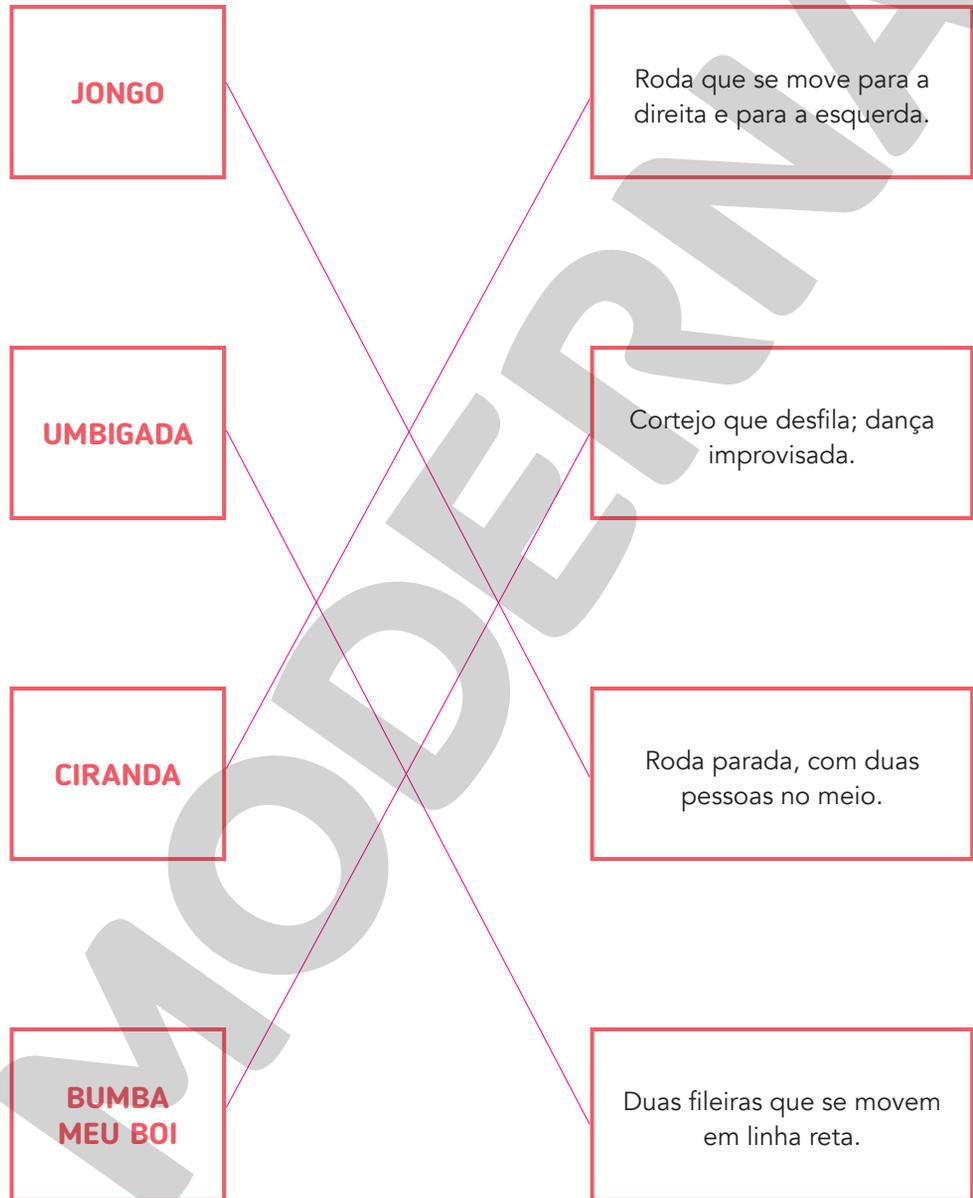
Habilidade: (EF15AR10)

**Interpretação da resposta:** A coluna da esquerda representa modalidades de danças tradicionais já trabalhadas pela turma. A da direita elenca alguns aspectos espaciais e corporais do gesto dançado em cada uma das modalidades. Assim, a resposta estará correta se o estudante corresponder: JONGO → RODA PARADA, COM DUAS PESSOAS NO MEIO; UMBIGADA → DUAS FILEIRAS QUE SE MOVEM EM LINHA RETA; CIRANDA → RODA QUE SE MOVE PARA A DIREITA E PARA A ESQUERDA; BUMBA MEU BOI → CORTEJO QUE DESFILE; DANÇA IMPROVISADA.

**Reorientação para planejamento:** Caso você perceba que a turma tem dificuldade em atribuir os aspectos espaciais e corporais às modalidades de dança, em primeiro lugar, retome fisicamente alguns aspectos corporais das danças trabalhadas. Relembre-os do trabalho feito e recupere as movimentações trabalhadas (umbigada, roda de jongo, ciranda, bumba meu boi). Em seguida, converse com a turma e copie no quadro as duas tabelas, realizando coletivamente o exercício.

## Dança

1. Ligue as danças de acordo com os movimentos que são realizados pelos participantes:



## Artes visuais

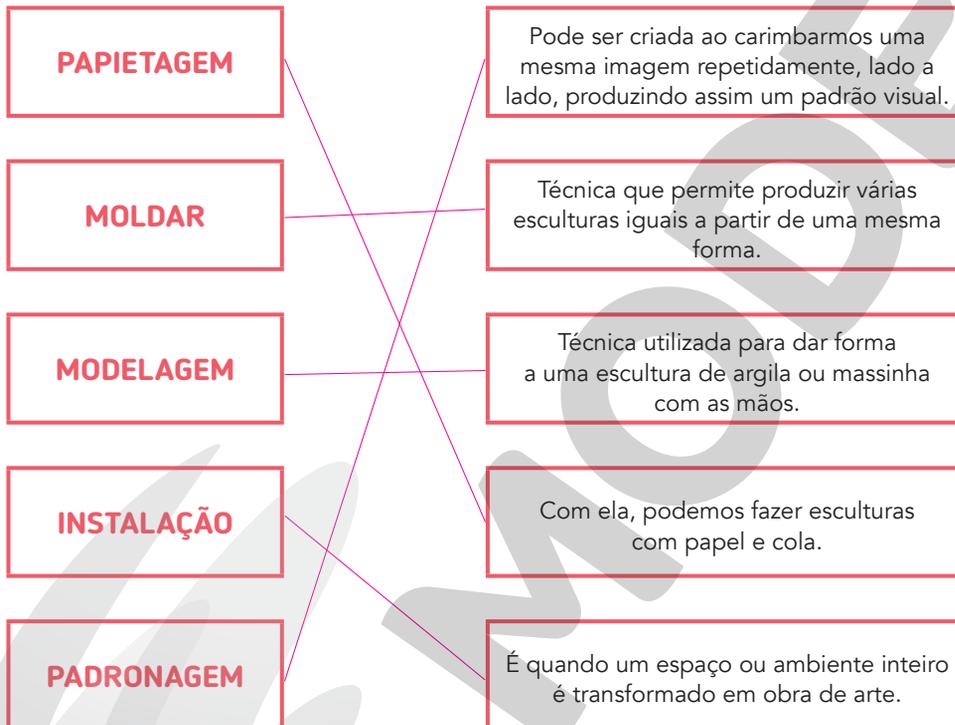
### 1. O que é patrimônio cultural?

- Assinale a alternativa correta:

- a.  São os objetos e os costumes importantes só para a minha família.
- b.  São os exercícios realizados nas aulas de artes.
- c.  São os filmes e os desenhos animados que assisto na televisão.
- d.  São as práticas culturais que têm importância histórica ou artística coletiva para a minha cidade, região ou país.

### 2. As frases a seguir apresentam diferentes formas e técnicas de expressão artística.

- Ligue cada frase ao nome da técnica correspondente.



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

que é uma prática cultural que tenha importância coletiva, o professor poderá retomar alguns exemplos do livro. A artista Djanira da Motta e Silva, por exemplo, representava brincadeiras e festejos populares. A artista Ana das Carrancas começou a fazer carrancas de cerâmica porque observou que as carrancas eram importantes para a cultura da pesca em sua região. As bonecas carajá ou Iny são um brinquedo muito antigo deste povo, que é produzido até hoje para ensinar as tradições às crianças. O professor deverá enfatizar a noção de que o patrimônio cultural é uma prática ou objeto que conta a história de um povo e que ajuda a transmitir de geração em geração o legado dessa história. A grande diferença está no reconhecimento de que essas expressões culturais não são importantes para uma ou outra pessoa, e sim para toda uma comunidade, local, regional ou nacional.

#### Questão 2

**Interpretação da resposta:** A questão retoma alguns dos procedimentos e técnicas trabalhados na unidade de artes visuais. Todos os procedimentos dizem respeito a técnicas de reprodução de imagens ou à linguagem tridimensional nas artes. O professor deve ajudar os estudantes na leitura das frases e ajudá-los a se lembrar das experimentações realizadas nas atividades do volume. Os estudantes devem perceber que a arte não é apenas a expressão das emoções, mas que ela também presume procedimentos e materiais adequados a sua feitura, recordando a sua experiência efetiva com as atividades das artes visuais.

**Reorientação para planejamento:** Caso os estudantes não consigam resolver a questão, o professor deverá considerar que alguma das atividades realizadas não teve os seus procedimentos reiterados, de modo que os estudantes não fixaram as noções pressupostas em cada atividade proposta. Neste caso, o professor poderá voltar às seções do livro, para reler com os estudantes e relembrar os pontos que carecem de compreensão.

## Artes visuais

Habilidades: (EF15R03), (EF15AR04)

### Questão 1

**Interpretação da resposta:** Nesta questão, os estudantes deverão recordar a discussão sobre o que é patrimônio cultural e sobre por que se considera que algumas práticas culturais têm importância coletiva. Para isso, o professor poderá retomar alguns temas trabalhados no capítulo sobre a cultura popular, quais sejam: os festejos populares e a transmissão de algumas práticas artísticas e culturais de geração em geração.

**Reorientação para planejamento:** Caso os estudantes tenham dificuldade de identificar o

## Teatro

Habilidade: (EF15AR21)

### Questão 1

**Interpretação da resposta:** Para a realização dessa atividade, você pode retomar a seção *Processo de criação* da Unidade 4, bem como a seção *Vamos experimentar* dos capítulos 7 e 8, com trabalhos a partir da lógica coro e corifeu. Recapitule as atividades práticas junto aos estudantes, instigando-os a lembrar sobre os elementos mobilizados nas práticas (canções, textos, objetos etc.).

**Reorientação para planejamento:** Um dos objetivos do exercício é avaliar se o estudante reconhece a presença e a articulação de alguns elementos como músicas, textos, imagens etc. na composição do trabalho criativo. Caso o estudante tenha dificuldade em localizar a presença desses elementos, podem-se listar algumas das criações realizadas ao longo do volume e sublinhar a presença desses elementos no processo. Uma atividade propícia a essa revisão é a seção *Processo de criação* do Capítulo 8, no qual, a partir da “Ciranda da bailarina”, os estudantes realizaram uma prática cênica coral.

### Questão 2

**Interpretação da resposta:** A questão aborda elementos estudados ao longo da Unidade 4, como as festividades populares e a presença das máscaras em diversos contextos (rituais, festividades e no teatro e circo). É importante que os estudantes compreendam que a máscara pode possuir diversas características e usos. No caso de uma festa como a Folia, os palhaços participam dos festejos de forma lúdica e, por meio de sua atuação, instauram reflexões coletivas a respeito das ações humanas.

## Teatro

1. Ao longo deste volume, você e seus colegas criaram experimentações teatrais com base em músicas, textos e outros elementos. Escolha uma dessas atividades e responda às questões:
  - a. Qual texto, música ou imagem foi utilizado para a criação?
 

---
  - b. Como o texto, a música ou a imagem influenciou a criação coletiva?
 

---
  - c. Descreva alguns elementos da criação final, destacando seus momentos favoritos do trabalho.
 

---
2. Observe a imagem e leia o texto a seguir.

A Folia de Reis é uma das festas brasileiras mais populares e é considerada Patrimônio Cultural Imaterial pelo Iphan. Em meio aos festejos, há um cortejo em que os brincantes percorrem as ruas da cidade contando a história dos reis magos. Participam também do cortejo os palhaços da folia que, vestidos com máscaras e roupas chamativas, fazem barulho, saltando e chamando a atenção dos outros participantes.



Folia de Reis em Belo Horizonte (MG). Fotografia de 2014.

Com base no que você estudou ao longo deste livro, assinale qual é a função dos palhaços na Folia de Reis.

- a.  Divertir e provocar uma reflexão sobre as más atitudes humanas.
- b.  Perturbar e interromper a festa da Folia.
- c.  Contar histórias para as crianças que participam da festa.
- d.  Entrar em contato com espíritos da natureza e seus ancestrais.

110

**Reorientação de planejamento:** Caso os estudantes tenham dificuldade em responder a essa questão, podem-se revisar os exemplos apresentados ao longo do Capítulo 7 da Unidade 4, em que podem ser observados três possíveis usos das máscaras: o uso ritual, o uso dentro de festejos e o uso no teatro. Sugerimos que os textos do capítulo sejam relidos e, após a releitura, os estudantes experimentem responder à questão outra vez.

## Referências bibliográficas comentadas

### Dança

CAVALCANTI, M. L. V. de C. O boi-bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, vol. VI (suplemento), p. 1019-1046, set. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-5970200000500012&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-5970200000500012&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Artigo da pesquisadora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti sobre as origens históricas do boi-bumbá de Parintins.

JÚNIOR, Antonio Filogenio de Paula. *Batuque de umbigada*: cultura bantu afro-paulista. Disponível em: <[https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12947\\_BATUQUE+DE+UMBIGADA+CULTURA+BANTU+AFROPAULISTA](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12947_BATUQUE+DE+UMBIGADA+CULTURA+BANTU+AFROPAULISTA)>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Nesse artigo do pesquisador e batuqueiro Antonio Filogenio de Paula Júnior, são apresentadas as origens históricas e as particularidades do batuque de umbigada, uma das modalidades das danças de umbigada.

SANTOS, Inaicyr Falcão dos. Entrevista concedida à Ação Educativa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qMkrXhSXELU>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Nessa entrevista, a pesquisadora conta sobre sua pesquisa com a corporalidade/gestualidade ancestral.

VILLAS-BÔAS, André. Xingu [verbetes]. Povos Indígenas no Brasil, dez. 2002. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xingu>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Dossiê organizado pelo indigenista André Villas-Bôas, pela equipe de edição do portal Povos Indígenas no Brasil e pelo Programa Xingu do Instituto Socioambiental (ISA) com informações acerca das culturas, línguas, distribuição geográfica e história do Parque Indígena do Xingu.

### Teatro

ACHCAR, Ana (org.). *Palavra de palhaço*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017.

No livro, a autora organiza testemunhos, depoimentos e histórias de alguns artistas que trabalham como palhaço, com base em algumas questões que norteiam sua investigação a respeito dessa prática no Brasil.

BOLOGNESI, Mário Fernando. *Palhaços*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

O livro elabora uma história da palhaçaria no Brasil, tendo como foco a emergência do circo moderno no país, além de uma constante relação entre as linguagens do circo e do teatro.

FARIA, João Roberto (dir.). *História do Teatro Brasileiro*. Vol. II: Do Modernismo às tendências contemporâneas. São Paulo: Perspectiva/Edições SESCSP, 2013. p. 446-457.

Esse segundo volume da obra oferece uma visão abrangente do teatro desde sua fase modernizante, de meados do século XX, até os dias atuais, sem deixar de fazer um exame crítico e teórico de problemas estéticos e artísticos, vigentes na ordem do dia do teatro que se apresenta ao público brasileiro do século XXI.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Volume composto de verbetes que apresentam elementos clássicos e modernos a respeito da linguagem teatral.

WILLET, Frank. *Arte africana*. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

Esse livro oferece uma introdução ao estudo da arte africana, permitindo ao leitor conhecer importantes balizas sociais que fundamentam a arte do continente, assim como criar associações a respeito da herança africana na arte brasileira.

## Música

ALLUCCI, Renata R. *et al.* (coords.). *A música na escola*. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012.

Material elaborado com o apoio do Ministério da Cultura e da mineradora Vale após a implementação da Lei no 11.769, que voltava a incluir a Música como disciplina na educação básica. O livro reúne diversas reflexões, rodas de conversa e propostas práticas pensando o ensino de música da Educação Infantil ao Ensino Médio. Com recursos valiosos para o professor de arte, está disponível para *download* gratuito no site <<https://amusicanaescola.com.br/>>.

BRITO, Teca Alencar de. *De roda em roda: brincando e cantando o Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2013.

O livro reúne brincadeiras musicais de diversos lugares do país e conta com gravações (disponíveis *on-line*) para uso na aplicação das brincadeiras. As brincadeiras variam entre cantigas de roda, cantos de trabalho e ritmos tradicionais brasileiros.

GUIMARÃES, Telma. *O som de cada um*. São Paulo: Editora do Brasil, 2018.

Nesse livro, uma turma de alunos do Ensino Fundamental precisa organizar um *show* de talentos. Para contornar os preconceitos dos alunos sobre certos gêneros musicais e modalidades, a professora Cleusa propõe que eles apresentem números experimentando com aquilo que não conhecem. O livro provoca uma importante reflexão sobre se abrir para a escuta de novos estilos musicais e sobre o respeito à individualidade de cada um.

LOUREIRO, Maristela; TATIT, Ana. *Festas e danças brasileiras*. São Paulo: Melhoramentos, 2016.

Nesse livro, as autoras apresentam 46 canções, contemplando diversas danças e festas tradicionais do Brasil. Acompanhada de um CD e de um DVD, a obra explora a música e a dança de cada uma dessas tradições.

## Artes visuais

FLORÊNCIO, Sônia R. R. *et al.* Educação patrimonial: inventários participativos. Brasília-DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2016. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio\\_15x21web.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf)>. Acesso em: 30 jul. 2021.

A publicação apresenta diferentes estratégias para que, em cada contexto e localidade, as comunidades possam inventariar, descrever, classificar e definir os patrimônios culturais por meio dos quais se identificam e reconhecem como grupo. Trata-se de uma abordagem aplicada em contexto para trabalhar temas relacionados ao patrimônio sob uma perspectiva pedagógica.

FUNDAÇÃO BIENAL DE ARTE DE SÃO PAULO. "Os sinos conversam entre si": entrevista com Nilson José dos Santos. In: *Primeiros ensaios: publicação educativa da 34ª Bienal de Arte de São Paulo*.

São Paulo: Bienal de São Paulo, 2020, p.141-151. Disponível em: <[https://issuu.com/bienal/docs/publica\\_o\\_educativa?fr=sNmQ4MjE1MDk0NTc](https://issuu.com/bienal/docs/publica_o_educativa?fr=sNmQ4MjE1MDk0NTc)>. Acesso em: 30 jul. 2021.

Nessa entrevista com o mestre sineiro Nilton José dos Santos transparecem vários elementos próprios da cultura popular e dos saberes tradicionais: a oralidade; a transmissão de um saber de geração em geração; a relação artesanal com uma prática artística; a herança de diferentes matrizes culturais e epistemológicas. É um exemplo não apenas de conteúdo, mas também de forma de tratar e documentar saberes próprios do universo da cultura popular, isto é, com a voz e as palavras de seus protagonistas: os mestres populares.

KRAUSS, Rosalind E. *Caminhos da escultura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

A autora, também professora de Teoria da Arte, escreveu esse livro para ensinar escultura aos seus estudantes. No livro, ela sistematiza as transformações que a linguagem escultórica teve ao longo da modernidade artística, desde a descida do pedestal até a adoção de modelos de produção seriada das fábricas no minimalismo. O livro é uma referência fundamental para compreender a escultura não mais como representação tridimensional, mas como ação do corpo sobre a matéria e conversa do objeto com o espaço e o contexto de sua criação ou inserção.

LOPES, Fernanda. *A experiência REX: "Éramos o time do Rei"*. São Paulo: Alameda, 2009.

Rex Group era, além de um espaço de arte, uma zona de difusão de discussões e experiências artísticas influenciadas pela arte *pop* dos anos 1960 e 1970, com todos os elementos da crítica e da ironia em relação às imagens da cultura de massa que caracterizam. Com artistas como Nelson Leirner e outros mais, REX é um registro importante da recepção e das transformações da estética *pop* e também da arte conceitual, com linguagens como a *performance* ou a instalação, no contexto brasileiro de arte contemporânea.



**MODERNA**

# MODERNA



ISBN 978-65-5779-736-5



9 786557 797365